

# Clínica Lacaniana

casos clínicos  
do campo freudiano

Irma

Textos da revista *Ornicar?*  
reunidos por Manuel Barros da Motta

J·Z·E

Jorge Zahar Editor

O Campo Freudiano no Brasil

## CLÍNICA LACANIANA

O conjunto de textos aqui reunidos advém originalmente de uma pluralidade de autores, de línguas e de países. São casos clínicos de psicanalistas da Venezuela, Argentina, Espanha, Estados Unidos, França e Brasil que têm, no entanto, a orientá-los o dispositivo teórico e clínico elaborado pelo Dr. Jacques Lacan.

Foram apresentados nos Encontros Internacionais do Campo Freudiano, que a cada dois anos se realizam na Europa e na América, ou na IRMA (Instância de Reflexão sobre os Matemas da Análise), do Departamento de Psicanálise de Paris VIII, fundado por Lacan. A preocupação fundamental da orientação lacaniana é a *estrutura* e sua transmissão integral, tendo por base e objetivos a distinção inaugurada por Freud entre o campo das neuroses e o das psicoses; a elaboração de uma clínica das psicoses; a restauração de uma clínica da histeria; a investigação dos traços de perversão nas diferentes estruturas clínicas e a função atribuída às entrevistas preliminares para a instalação do significante da transferência.

Estes trabalhos, portanto, possuem pontos de referência, balizas sólidas: os conceitos, os matemas e a álgebra elaborados por Lacan – o sujeito barrado ( $\$$ ), o objeto pequeno *a*, o grande Outro (*A*) –, que introduziu no campo freudiano o espírito científico que falta à Babel a que os pós-freudianos da IPA reduziram o discurso e a clínica de Freud.

Estão inscritos num momento histórico preciso: o que sucede a dissolução da Escola Freudiana de Paris e a criação por Lacan da Escola da Causa Freudiana.

e a instalação da Fundação do Campo Freudiano. Seus membros ou aderentes se propõem "a manter viva a opinião lacaniana", tal como diz J.-A. Miller. O curso de Miller, aliás, que desenvolve de forma sistemática uma concepção não-dogmática do ensino de Jacques Lacan, desempenha também um importante papel na elaboração destes trabalhos.

Podemos dizer que há uma polifonia nestes relatos, não harmonia. Eles se caracterizam pela particularidade do contexto clínico – seja da Venezuela ou dos EUA, da Espanha ou da França –, mas principalmente pelo respeito ao lugar do sujeito na análise, pela importância concedida à palavra dos pacientes e à dimensão dramática da experiência especialmente sensível, fulgurante mesmo, na psicose.

Trata-se de uma articulação estreita entre teoria e clínica: não da obscuridade de uma experiência inefável, intransmissível, nem de uma especulação vazia, nem ainda do discurso dominante do ego adaptado da *free enterprise*. Na escrita de cada caso se conjugam de forma específica a particularidade da experiência, a precisão do campo conceitual e o estilo próprio de cada um.

É um fragmento da *work in progress* do discurso lacaniano que se desdobra revolucionário na sua dimensão teórica, clínica e ética.

Aqui, como nas obras de arte, a verdade tem uma estrutura de ficção.

**Irma**

# **Clínica Lacaniana**

**casos clínicos do campo freudiano**

**Textos da revista *Ornicar?*  
reunidos por Manuel Barros da Motta**

**Prefácio de Jacques-Alain Miller**

**Tradução:  
Luiz Forbes**

**Jorge Zahar Editor**

**Rio de Janeiro**

Tradução autorizada de uma seleção de artigos  
da revista *Ornicar?*, publicada por  
Navarin Editeur, de Paris, França

Copyright © IRMA-Champ Freudien

Copyright © 1989 da edição em língua portuguesa:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua México 31 sobreloja

20031-144 Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (021) 240-0226 / Fax: (021) 262-5123

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação do copyright. (Lei 5.988)

Reimpressão: 1994

Capa: João da França (arte-final)

ISBN: 85-7110-031-4 (JZE, RJ)



## SUMÁRIO

Prefácio, <i>Jacques-Alain Miller</i>	7
---------------------------------------	---

### I. A ENTRADA EM ANÁLISE SOBRE O SIGNIFICANTE DA TRANSFERÊNCIA

1. C.S.T., <i>Jacques-Alain Miller</i>	9
2. “Um tratamento malogrado não se recupera”, <i>Jean-Jacques Gorog</i>	14
3. A questão do silêncio, <i>Danièle Silvestre</i>	20
4. Função das entrevistas preliminares, <i>Herbert Wachsberger</i>	26
5. Tornar-se psicanalizando, <i>Jean-Pierre Klotz</i>	32
6. Ana entre dois significantes, <i>Ronald Portillo</i>	39
7. As três transferências, <i>Dominique Miller</i>	44
8. Um obsessivo, uma psicótica, <i>Luis Solano</i>	51
9. Angústia amordaçante em início de análise, <i>Charles Schreiber</i>	57
10. Sobre o núcleo central do tratamento, <i>Francisco Hugo Freda</i>	63
11. O destino do sintoma, <i>Marie-Hélène Brousse</i>	69

### II. NEUROSE

12. Uma histeria desmelancolizada, <i>Diana Rabinovich</i>	80
13. Pandora: anoréxica, mas não tanto, <i>Stuart Schneiderman</i>	86
14. Limite da função paterna, <i>Michel Silvestre</i>	92
15. O objeto em uma fóbica, <i>Colette Soler</i>	98
16. Quem engana o neurótico?, <i>Graciela Brodsky</i>	103
17. O tratamento de Stéphane, <i>Marc Strauss</i>	108

18. Formas da reação terapêutica negativa, <i>Serge Cottet</i>	116
19. O “Avesoutruz”, <i>Éric Laurent</i>	120
20. “Toque-me, doutor...”, <i>Diana Etinger de Alvarez</i>	126
21. A anoréxica entre desejo e gozo, <i>Augustin Ménard</i>	135
22. A paixão da bebida, <i>Bernard Lecoœur</i>	142
23. O sonho do ser roubado, <i>Antonio Quinet de Andrade</i>	148

### III. PSICOSE

24. Cria corvos - provérbios em uma psicose, <i>Carmen Gallano-Petit</i>	155
25. Um encontro com o real, <i>Susanne Hommel</i>	161
26. A “terceira pessoa”, <i>Claude Léger</i>	167
27. O lapso e o psicótico, <i>Gérard Miller</i>	175
28. JCV: uma psicose sob transferência, <i>Roland Broca e Claude Duprat</i>	180
29. Pierre sem o nome-do-pai, <i>Joseph Attié</i>	197
30. O profeta danado, <i>Didier Crenniter</i>	203
31. A mulher sob transferência, <i>Esthela Solano Suarez</i>	208
32. Construção de um fantasma no tratamento de um psicótico, <i>Marie-Laure Susini</i>	214
33. “Nunca se pensa em tudo”, <i>Alain Grosrichard</i>	220

### IV. PERVERSÃO

34. O homem da caneta Bic, <i>Paul Lemoine</i>	227
35. Um olho muito particular, <i>Roberto Harari</i>	232
36. O enigma de “Bowin”, <i>Gerardo Maeso</i>	239

## PREFÁCIO

Quem é Irma?

Irma se manifesta, desde 1983, em Paris, é psicanalista, reflete sobre a transmissão da psicanálise. Irma se expressa todos os quinze dias, quarta-feira à tarde, perto da Igreja da Trindade, diante de duas ou três centenas de ouvintes.

Por que Irma se chama Irma? Por ser Instância de Reflexão sobre os Matemas da Análise. E também por causa do sonho da injeção de Irma, cuja fórmula conclusiva abre a Freud as portas do inconsciente.

Por que Irma veio à luz? Para satisfazer o desejo de Lacan quando ele decidia a assinatura coletiva para sua revista *Scilicet*. Foi mal compreendido: tratava-se de pegar a semente de Bourbaki.

Sem dúvida, um Bourbaki só é concebível em razão da sutura do sujeito no discurso da ciência; tal denominação, explica Lacan, “não poderia figurar em nosso campo senão para obturar aquilo cuja hiância devemos preservar”. Por isso mesmo, Irma não é Bourbaki (que aliás não é mais exatamente o que era) nem tampouco *Scilicet* (que não chegou lá). Irma não tira o nome dos psicanalistas; em compensação, exige de seus adeptos que cada um se exerça sobre uma problemática comum, dê suas razões, responda e interrogue, utilize e elabore uma formalização, cujos símbolos devidos a Lacan, seus “matemas”, constituem o único exemplo manejável até hoje (não considero como tais os de Bion).

Terão compreendido: trata-se de fazer chegar as Luzes até os mais obscuros recessos da prática do psicanalista. Os matemas não são abstração: não são extraídos da experiência, não a descrevem, eles a estruturam, e é por aí que ela é transmissível. Ela não é toda, claro, fora a prática. Mas declará-la inefável é torná-la impensável.

Irma exerceu-se sucessivamente sobre “Fenômenos e estrutura da transferência” (1983-1984), sobre “Fenômenos e estrutura da demanda e do desejo (1984-1985), sobre “Cálculo da interpretação” (1985-1986), sobre “Momentos do tratamento psicanalítico” (1987) e sobre “Clínica, cf. Michel Silvestre” (1988).

Os trabalhos de Irma gozam de uma larga difusão na França, por serem regularmente publicados na revista do Campo Freudiano, *Ornicar?*, cujo nome também mereceria um bom comentário. Mas é aqui, no Brasil, que eles estão pela primeira vez reunidos em forma de livro.

A idéia não foi minha, mas do Sr. Manoel Barros da Motta, que obteve minha aprovação, como também a de Jorge Zahar, e que selecionou a matéria, isto é, os artigos. Por isso, Irma agradece, e eu também.

JACQUES-ALAIN MILLER  
Paris, 25 de março de 1988

## C.S.T.

C.S.T., dou estas três letras como colofão a ser colocado embaixo de todo ensaio de clínica psicanalítica, por resumirem o que a distingue, sendo *Clínica-Sob-Transferência*.

Na verdade, que é a clínica psicanalítica? É um saber determinado inteiramente pelas condições de sua elaboração, isto é, pela estrutura da experiência analítica – que, há cerca de dez anos, chama-se discurso do analista. Nisso, a clínica psicanalítica, propriamente falando, não pode ser senão o saber da transferência, quer dizer, o saber suposto – que, no curso da experiência, funciona como verdade – tornado transmissível, por outras vias e com outros efeitos que não os da experiência da qual ele se forma. A consequência disso é que a clínica aparece para o analista como antitética ao discurso, pois admite que o saber se destaca do lugar que lhe compete na experiência: explicitar o saber é deixar de o supor.

Não se deve procurar em outro lugar o respaldo da ilusão segundo a qual aí não poderia haver clínica psicanalítica. Já indicamos a verdade a respeito dessa ilusão, que circulou muito tempo na Escola Freudiana, mas, que adianta, se é para rebater a clínica sobre a psicanálise? – quer dizer: a pretexto de não haver psicanálise senão do particular, só admitir clínica na mesma condição. A pergunta se enquadra bem: não haverá outro saber clínico senão a semântica dos sintomas de *um* sujeito? Confirma-se, aliás, cada vez que a dita semântica é transmitida, e especialmente pelas vias da comunicação maciça como as de um congresso, um efeito irresistível de cômico – por trágica quanto, por outro lado, possa ser a vida do sujeito em questão. Proponho explorar uma via diferente.

A clínica psicanalítica, como clínica sob transferência, parece suscetível, como tal, de liberar seqüências típicas. Não é tal clínica que, no ensinamento de Lacan, suporta a teoria do passe? Que é o

momento do passe, senão um efeito clínico próprio ao término da análise? Com efeito, Lacan o colocou a partir do fantasma, e como sua “travessia”. Pode-se, por exemplo, formular do mesmo modo o efeito clínico que conota a entrada em uma análise? Eis a pergunta que me fiz.

A fenomenologia da entrada em análise é muito mais conhecida que a do término da análise, pois é da experiência feita que os incícios são mais freqüentes do que os términos. Falta-lhe porém uma indicação tão segura quanto a travessia do fantasma. O passo inicial do analisando não poderá ser delimitado no plano clínico com precisão equivalente?

Se se empreende fazê-lo retroativamente, a partir do passe, o engajamento mesmo da experiência bem poderia aparecer de imediato como um *quase-passe*. O mais freqüente é que a entrada na análise seja motivada por um abalo da rotina de que se entretém a realidade quotidiana do sujeito; naquele que pensa havê-lo meditado com todo vagar, esse abalo, ela o induz; em todos os casos onde há entrada, há um encontro com o real. Em alguns casos, toma uma forma traumatizante: descoberta pelo sujeito de um gozo para ele desconhecido, seu ou de um parceiro, tropeço de um desejo que excede os limites habituais em que gira o do sujeito, embaraço de uma carreira profissional, irrupção da morte numa existência que não a levava em conta, a entrada em análise invariavelmente indica um golpe desferido na segurança que o sujeito encontra no fantasma, que constitui a matriz de toda significação à qual ele tem acesso normal.

A prosseguir nessa via, poder-se-ia situar o passo do analisando como um passe inaugural – com a diferença de que a instituição do sujeito suposto saber logo cobre entretanto o que ele atesta de destituição subjetiva. Nenhuma travessia, aqui, do fantasma. E ainda que fosse verificado, no só ao-depois de uma análise conduzida até o término do passe, que a entrada em análise se prendia a um golpe desferido no fantasma fundamental, como o analista poderia logo sabê-lo, de imediato, pois este mesmo fantasma, por axioma, só emerge de uma construção em análise?

Ao contrário, os únicos efeitos clínicos típicos que caracterizam a entrada na análise pelos quais se guia o analista concernem não ao fantasma, mas ao sintoma. É somente nesse plano que se deve procurar o termo correspondente ao passe.

Que data se há de pôr nos incios da análise?

Seria um erro basear-se de maneira exclusiva na demanda feita ao analista. Essa iniciativa, certamente, tem para o sujeito valor de ato, tem suas coordenadas simbólicas, e, em todos os casos, um estilo de ultrapassagem. Para um, é um afeto de degradação que conota essa ultrapassagem, para outro, é um modo de pânico – isso, uma ou outra vez, pode tomar no obsessivo um caráter de exigência agressiva, envolver o histérico com uma temática de paixão, de catástrofe ou de intriga. Mas, se Lacan qualifica de “ato analítico” o ato do analista que autoriza a experiência, e não o do analisando que aí se engaja, é que a demanda de análise, por pouco que esteja informada da prática analítica, quero dizer que não seja por exemplo equivalente a uma demanda de relaxação, deve ser situada como consequência de uma transferência já encetada antes. “*No começo da psicanálise*”, diz Lacan, “*está a transferência*”, não a demanda de análise.

O passo de que se trata não se confunde de modo algum com a iniciativa do sujeito de se dirigir ao analista, é anterior, e liga-se ao que chamarei a pré-interpretação pelo sujeito de seus sintomas.

Essa pré-interpretação, que supõe a ereção do sujeito suposto saber, é marcada no plano clínico pelo estilo de contra-senso que tomam para o sujeito tais ou quais pensamentos ou comportamentos seus, até mesmo sua existência inteira. Esse contra-senso, que vale como encontro do real, tem por consequência a inovação feita ao saber suposto. Mas assim também o tropeço prévio sobre um saber suposto pode produzir essa queda no contra-senso, que dá partida a uma sintomatização eventualmente generalizada da existência, de que o analista, no momento em que o tratamento é iniciado, não deixará de constatar a extensão, sem procurar mais do que convenha amplificá-la quando das entrevistas tão mal denominadas *preliminares* – pois na verdade trata-se exatamente de entrevistas *secundárias* em relação a uma transferência já verificada. A virada pela qual o Outro como lugar do significante é erigido pelo paciente como sujeito suposto saber conduz ao que Freud já havia isolado na sua abordagem do caso Dora: uma colocação em forma de sintoma.

O sintoma, na definição que recebe da própria análise, requer a implantação do significante na transferência. A formalização metafórica do sintoma corresponde, no início da análise, à travessia do fantasma que faz a escansão do seu término. Ela prende-se a sua embreagem no discurso analítico, por onde acaba por se acoplar ao sujeito suposto saber, cujo efeito lhe é oferecido mais puro pelo analista. Por isso, o sintoma só então fica plenamente constituído ali.



O paradoxo é que esse momento não é de abertura, de ruptura ou de deiscência, malgrado o que o paciente na ocasião articula – pois, pelo fato de que ele o articula *para* o analista, fecha a sua beância. Portanto, trata-se mais de um fechamento do sintoma.

Essa seqüência, portanto, se deixa reconstruir em três tempos.

O tempo em que o sintoma, como não reconhecido, se identificava com a realidade quotidiana – do que dá testemunho tal obsessivo, ao evocar a regularidade de uma existência dedicada a satisfazer minuciosamente os imperativos da *vox familiae*, como também a histórica ao narrar por miúdo a excitante desordem de suas paixões, que desafiam esses mesmos imperativos – só ao-depois temos de nos haver com isso, quando o sujeito o relata. O sintoma tem aqui estatuto imaginário: identifica-se para o sujeito com a sua própria vida sem solução de continuidade.

Em II, coloca-se a emergência do sintoma como solução de continuidade – quebra onde ao-depois se revelará talvez a incidência da relação ao objeto *a*. Essa emergência impõe, em todo caso, dar ao sintoma um estatuto de real.

É no tempo terceiro que se inscreve a demanda feita ao analista – momento de concluir, suportado pelo sintoma, e que tem por efeito restituir-lhe seu estatuto simbólico, isto é, de mensagem articulada do Outro. A essa “neurose de transferência”, a clínica da psicose dá suas coordenadas mais seguras – digamos que o sujeito vem, na entrada em análise, em oposição simbólica ao sujeito suposto saber em seu lugar no Outro, pela invocação feita a um sujeito suposto saber na realidade, e que pode ser qualquer um. Percebe-se por aí que o início da análise constitui uma conjuntura eminentemente favorável no desencadeamento da psicose.

O sintoma como analítico se constitui por sua captura no discurso do analista, pelo que, tornado demanda, ele se engancha ao Outro. O fechamento do sintoma pelo analista, enquanto, acrescentando-se ao sintoma, ele o complementa com a visão implícita de lhe restituir o sentido, tem portanto por conseqüência a histerização do sujeito, o que quer dizer sua abertura ao desejo do Outro.

Esta se verifica sob as formas de “resistência” que ela provoca no obsessivo, patente quando agressiva, mais sutil ao tomar a forma de obediência, até de extrema complacência, sob a qual o sujeito retém a “parada” de seu desejo; o que ela redobra no histerico libera tentativas de desvario (do Outro), até mesmo angústia, que assinala que o desejo do Outro doravante está revelado na sua função de enigma; em todos os casos, o saber suposto do sentido do sintoma protege o objeto do fantasma, do qual ao mesmo tempo ele mantém o lugar.

Deve-se abrir a rubrica dos fenômenos de franja, dos sintomas transitórios, dos quais se acompanha a embreagem do sintoma; ao mesmo capítulo pertencem os primeiros sonhos, os primeiros lapsos, os primeiros atos falhos que conotam a embreagem do sintoma sobre o sujeito suposto saber e sobre o desejo do Outro.

Um comentário em partida dobrada é sempre concebível aqui, um sobre a vertente do saber, outro sobre a vertente da causa do desejo, mas é só ao-depois que a segunda vertente emerge. O único marco na clínica da análise em início de tratamento é o significativo da transferência (o Menino do lobo, de Robert e Rosine Lefort, oferece no campo da psicose um belo exemplo da metáfora transferencial – *Lobo/Senhora*).

A função do significativo da transferência, vou ilustrá-la, para terminar, com um empréstimo da cristalografia.

Para que um cristal se produza a partir de uma solução dita metaestável, é preciso adicionar-se-lhe um germe cristalino. É a partir da ruptura de equilíbrio induzida por essa singularidade local que se estende uma reação em cadeia, que acaba convertendo em cristal a extensão da solução. Pois bem, digamos assim também que o sintoma cristaliza a partir do significativo da transferência.

Não é este o termo que merece promoção por emparelhar na balança com a travessia do fantasma: *a precipitação do sintoma?*

JACQUES-ALAIN MILLER  
fevereiro de 1982

## “UM TRATAMENTO MALOGRADO NÃO SE RECUPERA”

*Jean-Jacques Gorog*

É uma frase pronunciada por Lacan, a modo de desculpa, que desde então permanece para mim enigmática, a despeito de sua brutal simplicidade. Tiremos a ambigüidade: é o caso de um tratamento, retomado por outro.

Que é um tratamento malogrado? Quando se troca de analista, já estava malogrado o tratamento, a qualquer instante? A vontade é responder: não, evidentemente. Acontece que se pode errar de endereço, e levar muito tempo para percebê-lo (sem análise), ou que seja o irredutível de todo término de tratamento, irredutível não necessariamente realizado pelo analisando (ver o debate Freud-Ferenczi, e *Scilicet*, nº 1, p. 40). Acontece que o analista morre. Os casos figurados são limitados, em suma.

Seja como for, trocar de analista é deixar de supor o saber em alguém, para supô-lo em outro qualquer. Essa dessuposição, se não for ao mesmo tempo dessubjetivação, só pode estar ligada a um malogro. Distingamos logo o malogro do equívoco, o qual, muito pelo contrário, supõe um sujeito ao saber (ver J. Lacan, “La méprise du sujet supposé savoir”, in *Scilicet*, nº 1). Se essa dessuposição está ligada a um malogro, e se esse malogro não se recupera, isso implica que qualquer otimismo já é excessivo quando se toma conta de uma análise “como segundo”.

Se não é raro falar de análise “como segundo”, em compensação não é habitual falar de segunda análise. Tradicionalmente, distingue-se o tratamento das fatias que o decompõem: um tratamento por pessoa. Pode-se dizer a mesma coisa da transferência. Freud no começo assinalava cada fenômeno de transferência, cada movimento, como *uma* transferência. Foi num segundo tempo que ele considerou *a* transferência como regulando o conjunto do tratamento. Considerar a transferência como a estrutura do tratamento de um

analisando, e os analistas que se sucedem como fenômenos... de transferência traz, até certo ponto, dificuldade: parece haver certos malogros que proíbem que outro possa fazer o fenômeno. O real em jogo na transferência, isto é, os próprios efeitos da psicanálise, nos impedem de considerar como um puro engodo a pessoa do analista compromissado nessa questão. A transferência não é repetição pura e simples: o amor é aí autêntico (*Séminaire XI*, p. 113) e implica pelo mesmo lance o efeito de ilusão próprio ao amor (*ibid.*, p. 229).

### *O real da transferência*

Vejamus como Lacan toma a questão num texto antigo, de 1951, intitulado "Intervention sur le transfert" (in *Écrits*, p. 225) e que, como ele diz na introdução, antecipa de muito a continuação. A transferência, entendida como fenômeno, aí vem descrita como ponto de parada na dialética analítica. A interpretação está lá para preencher o vazio desse ponto morto, por um engodo, embuste portanto, mas seu mérito é relançar o processo. Que ela [Dora] continue a ingênuo do lugar ocupado pelo analista (cf. o título do seminário de Lacan: *Les non-dupes errent, Os não-tolos erram*): após a interpretação que não foi feita por Freud (a saber, que ele não tinha as intenções do Sr. K.) ela poderia ter dito: "Freud pensa que eu o tomo pelo Sr. K., e ele está enganado" (é a denegação), não obstante prosseguir "na direção favorável", a saber "o objeto de seu interesse real" representado pela Sra. K.

O real da transferência é o objeto, e se ele está implicado na interpretação não é como enunciado: "não sou quem você pensa", mas no que a enunciação implica: não sou o objeto do seu desejo, entretanto ocupo seu lugar, e você pode prosseguir. Que se passa quando o analista não mantém a distância entre o ideal e o objeto *a* (*Séminaire XI*, p. 243), confundindo-os uma ou outra vez? Para Dora, a coisa é simples: a demora de Freud em compreender faz o tratamento ser interrompido... E se ela tivesse tentado prosseguir-lo com outro? Evidentemente, não se pode considerar como nada se se trata do desejo de Freud (cf. a obra de referência de Serge Cottet, *Freud e o desejo do psicanalista*).

Há todavia um exemplo célebre onde o desejo de Freud se manifesta de tal maneira que ele recomenda ao paciente prosseguir em outro lugar: é o Homem dos lobos. Tendo fixado um término para o tratamento, Freud não podia depois desdizer-se. Que nos diz Ruth

Mack Brunswick desta fatia segunda: só foi discutida a transferência a Freud, para liquidar, sem material novo. O impossível que ela encontra, ligado a esse término imposto, é a impossibilidade do término do tratamento, atestada por três quartos de século da psicanálise...

Ocupar-nos-emos agora, a partir do particular de um caso, do que parece ser uma dificuldade inerente à condução de uma segunda fatia. Trata-se de uma paciente que deseja interromper o tratamento, informa isso a seu analista, embora sua decisão não seja final. Seu analista lhe escreve uma carta que a embaraça suficientemente, quando ela me procura, para que eu aceite livrá-la – da carta, e também do analista. Essa carta tenta fornecer a interpretação que tinha faltado – como se Freud tivesse escrito a Dora: “Você se engana sobre minhas intenções, não sou o Sr. K”. A carta recebida por essa paciente diz assim: “Por que você precisa acreditar que sua mãe não a amou?”. Quando a paciente lhe disse que a mãe não a amava, o analista respondeu que a mãe a tinha amado, e que, em resumo, ela mentia – vocês reconhecem aí a técnica de Kris, com o “homem dos miolos frescos”; o analista afirma ainda que a havia conduzido à análise. Traduzo assim a carta do analista: estou no lugar de sua mãe-que-não-ama-você, é necessário você ter transferência positiva a meu respeito, que me tome numa boa, como diz Lacan, e que me ame, portanto ela deve amar você.

### *O malogro*

Recusar o lugar do significante qualquer na fórmula da transferência pode absolutamente impedir que outro jamais possa vir, ainda que o sujeito tenha a idéia de que o malogro esteja ligado mais ao analista do que à psicanálise, isto é, que a experiência devia ser tentada de novo.

Outro fragmento de análise para ilustrar isso. Uma mulher colocou-se numa situação difícil: ao abandonar o marido e o lar, refugiou-se com os filhos na casa dos pais, sem formação, sem trabalho. Na falta de outra solução, decide retomar os estudos e, por isso, não lhe sobra mais tempo para voltar a me ver. Quinze dias depois, ela volta, disponível e desesperada por ter deixado de seguir seus cursos, pelo fato, declara ela, de ter faltas demais, suficientes para não mais poder validar sua continuação dos estudos.

Sabendo que dez anos antes ela fizera um pouco de análise, interrogo sobre o que determinara a interrupção. Nesse ponto, encontro muita dificuldade para obter resposta: *o malogro é o que lhe cabe sempre*, por que então ligá-lo à velha experiência? Pouco disposto *a priori* a considerar a experiência analítica como quantidade desprezível, muito especialmente no concernente ao malogro (cf. "La méprise du sujet supposé savoir", *op. cit.*), insisto e finalmente fico sabendo: quando ela mudou para uma casa confortável, fez o projeto de iniciar os estudos. Seu analista interveio então: "Por que não aproveitar enfim dessa casa tão desejada, por que você não haveria de ser feliz aí?" A continuação, quase automática quando se promete a felicidade, foi uma tentativa de suicídio e a parada do tratamento. Ela não acredita mais na psicanálise.

É realmente notável que, dez anos depois, essa mesma questão dos estudos se coloque quando de uma nova demanda – não tenho mesmo outra escolha senão devolvê-la a seus queridos estudos, condição necessária para que seu equívoco comigo tenha oportunidade de confirmação. A questão agora assenta no ponto em que as coisas tinham ficado: a realização sexual excluída de fato, ela pode procurar saber, isto é, também saber sobre essa relação sexual inexistente, mas na qual acreditava seu psicanalista. É uma referência freqüente de Lacan, por exemplo quando ele põe na frente, num capítulo consagrado à transferência, a ciência enquanto fundada sobre imagens da relação sexual, o que não o impede, antes pelo contrário, de encontrar o real da não-relação sexual (ver *Séminaire XI*, sobre astronomia chinesa, p. 139).

Mas o próprio Lacan ressalta em "La direction de la cure" a "retomada em segundo" (*Écrits*, p. 609), no capítulo consagrado à terceira heresia da transferência, aquela referida não mais à realidade (Anna Freud) nem ao objeto (Abraham), mas ao que ele chama "introjeção intersubjetiva do analista", isto é, quando a técnica incide sobre a distância ao analista, por ser dual. Num homem obsessivo, analisado segundo tal técnica, Lacan constata a "irrupção de uma enamoração que não era menos desenfreada por ser platônica, e que não se verificou menos irredutível por se ter feito sobre o primeiro ao alcance dos objetos do mesmo sexo no seu círculo de convivência", dando-nos preciosa indicação sobre o que causa esse efeito: "Não convém puxar com força demasiada sobre o motivo da proximidade na relação ao objeto [por falta de que] se induz essa restauração atípica do terceiro da relação por demais negligenciado."

É isso nos permite voltar à afirmação: "Sua mãe ama você". De uma homossexualidade platonicamente ostentada, mas ainda he-

sitante, o efeito é também nítido: ele procede muito naturalmente do que ao impor à paciente uma identificação possível com a mãe (“ela ama você” é a mola necessária disso), o analista também a impõe como objeto de amor (“ela não me ama” exige um “eu a amo, ela, uma mulher”). A paciente confirma no ato a verdade de seu dizer, do que, afinal, o analista queria corrigi-la. Perversão, transitória não sei, irreduzível (este vocábulo em Lacan sobrevém sempre que o desejo pode ser decidido e o objeto irreduzível) no seu objeto, receio eu.

Mas essa irreduzibilidade não decide da possibilidade dessa segunda fatia que se engata necessariamente com o que é da primeira fatia. É uma questão preliminar, isto é, uma questão dependente das entrevistas preliminares, até uma questão que insiste durante toda a duração dessa segunda fatia (ver Ruth Mack Brunswick: o malogro inscrito como transferência a liquidar). Surge agora a alternativa: “a bolsa ou a vida”. Com efeito, dizer que o outro analista é imbecil – e, como Freud, que não sou este outro que ela pensa, mesmo se ela me procura porque sou outro –, não impede que eu seja colocado no mesmo saco. Se o outro analista me chama de mentirosa, diz em substância a paciente, por que você não faria o mesmo, você a quem sou obrigada a trazer esta carta como prova de meu dizer?

### *Dizer a verdade*

O real de sua experiência não tem somente por efeito que essa paciente dessuponha um sujeito ao saber. O sujeito que é outro para o qual a possibilidade de supor um novo sujeito ao saber não está confirmada: assim o efeito de se ter visto tratada de mentirosa em sua análise não cessa com o analista. Desde que a presença da mentira, até mesmo só a sua possibilidade, se faz sentir, surge o impossível, presença do analista, no terror de que o outro a acuse ou, antes, que não suporte seu dizer como mentiroso (*ibid.*, pp. 211-212; a ameaça de que o psicanalista seja enganado por ele): funciona como resposta do real, o que Jacques-Alain Miller desenvolvia recentemente. O sintoma se encontra inarticulado no tratamento. Digo o sintoma, por ser efetivamente o que surge com frequência, como sintoma novo produzido pelo malogro. Felizmente pessimista, acontece que o embuste encerra em si mesmo sua solução, momento dialético: minha paciente me telefona para trocar a data da sessão.

Aceito sem discussão e sem me informar (seguramente não é



um conselho técnico a dar; não se acredita, aliás, que se deve recusar a mudança de data?). Comparecendo a essa sessão, ela me diz que se eu tivesse recusado desmarcar, ela não teria vindo; nem voltaria mais. Porque, afirma ela, seu antigo analista teria certamente recusado. Como compreender isso, se se esquece que ela o largou? Trata-se, portanto, de um experimento não dirigido contra o analista, mas visando, para ela, a possibilidade da psicanálise: se este analista aqui também pensa que eu minto, mesmo, e sobretudo se minto, então não há mais psicanálise possível, pois não posso fazer de outro modo, senão dizer, mentindo.

No mesmo texto que me serve de fio condutor, Lacan relembra a história do caldeirão. A transferência se articula aqui sobre a possibilidade de um significante qualquer, um que aceite a história do caldeirão para demarcar aí o verdadeiro dizer, seja a função do objeto, que autoriza ocasionalmente a engrenagem da palavra. Isso depende de pouca coisa. Por que não interroguei a paciente? O paradoxo é que sabendo o peso que ela lhe conferia, eu não podia senão pensar que era por uma forte razão, mas é verdade que eu desconfiava que essa razão fosse unicamente o prosseguimento de sua análise, e talvez mesmo seu início, a partir desse afastamento daquele que – com ou sem razão – diz que ela mente.

Voltar a esse ponto estrutural da psicanálise necessitava, parece, pôr à prova o que eu supunha tanto quanto ela, mas não do mesmo lugar, um sujeito ao saber: “É no lugar do outro que ele começa a constituir essa mentira verídica, por onde se põe em marcha o que participa do desejo ao nível do inconsciente” (*ibid.*, p. 132).

JEAN-JACQUES GOROG

## A QUESTÃO DO SILÊNCIO

*Danièle Silvestre*

Este título dá margem a uma ambigüidade, pois com efeito a palavra *questão* pode ser entendida tanto como interrogação quanto como problema.

Essa ambigüidade indica que falaremos da demanda subjacente ao silêncio do analisando no tratamento. Convém acrescentar que não pretendo fazer inventário sistemático e completo dos fenômenos que o silêncio pode encobrir. Mas mostrar, por meio de um exemplo clínico, a relação desse silêncio com a estrutura da transferência. É preciso, portanto, tomar esse silêncio, no singular, como fenômeno transferencial.

Freud já havia notado, em seus escritos técnicos, o ponto de junção entre o silêncio e a transferência: “Quase sempre nos acontece verificar o seguinte fato: quando as associações faltam, esse obstáculo pode toda vez ser superado, ao assegurar ao paciente que ele se encontra atualmente sob domínio de uma idéia referente à pessoa do médico ou a alguma coisa a este concernente. Uma vez dada essa explicação, o obstáculo é transposto ou, pelo menos, a ausência de associações se transformou em uma recusa de falar” (“la Dynamique du transfert”, in *la Technique psychanalytique*, p. 52).

Assim, diz Freud, quando o analisando se cala, isso concerne à pessoa do analista. Transformando a ausência de associações em recusa de falar, não se faz senão tornar mais puro o fenômeno transferencial e particularmente o emprego do sujeito suposto saber.

### *A suposição de saber*

Sobre essa vertente de resistência, e mesmo de resistência ao sujeito suposto saber, a interrupção das associações, o silêncio do analisando apresenta-se como o cúmulo da dessuposição de saber. Ele põe obstáculo ao prosseguimento da análise barrando a vida da metonímia significante. A partir daí, o trabalho analítico se detém, por falta de material significante. É o que acontece às vezes nas primeiras entrevistas; sua consequência é impedir a instalação do sujeito suposto saber. Esse silêncio poderia ser posto sob a rubrica: anti-significante da transferência.

Mas o silêncio que se manifesta no tratamento já iniciado, quando houve suposição de saber, parece-me, ao contrário, ser diferente. É bem outra coisa que não o cúmulo da dessuposição de saber, ainda que ponha obstáculo à análise na medida em que impede também o encadeamento das associações. Em compensação, o silêncio a atribuir à dessuposição de saber, o silêncio anti-significante da transferência, poderia ser assim enunciado: “Não há nada a dizer”.

Ao contrário daquele, o silêncio em questão aqui seria antes o cúmulo da suposição de saber. É um silêncio que poderia significar: “Há alguma coisa para não se dizer”, portanto, há saber. É um silêncio que se encontra em ligação direta com o sujeito suposto saber. Pode significar também que há algo impossível de dizer, o que não desmente a suposição de saber. Na literatura analítica, há poucos trabalhos sobre essa questão. Os que tratam desse assunto têm tendência a traduzir o impossível de dizer afirmando que é um impossível de dizer em palavras, em vocábulos, mas que isso se diz de outra maneira, que não com palavras.

Daí o analista ser conduzido a elocubrar sobre a mímica, a se ocupar com a maneira como os analisandos entram ou saem da sala, de que modo olham, qual é a posição deles no divã, etc. Por outras palavras, isso leva a considerar-se que há uma linguagem do corpo, do qual é preciso interpretar os ditos supostos.

É o caso de Masud Khan, por exemplo, no artigo intitulado: “O silêncio como comunicação”; ele considera que é preciso viver esse silêncio com o paciente e que se trata de examinar “cada nuance de seu comportamento corporal e de seu clima interior”. Daí deduzir ele que isso não concerne ao analista, mas que é da afetividade arcaica do paciente que se trata. Construindo a esse respeito toda a história infantil desse paciente, ele invoca Winnicott e a depressão materna para deduzir uma relação primária do paciente com a sua mãe, que afinal não foi suficientemente boa, etc.

Vê-se então que o impossível de dizer... em palavras converte-se no possível de interpretar para o analista, a partir do que ele recolhe no *hic et nunc* da sessão. Para outros, esse silêncio, que com certeza Freud relacionava à pessoa do analista, é amplificado do lado da presença do analista.

Para Sacha Nacht (que tem um livro com o título *Presença do Analista*), o silêncio deve ser dirigido na sessão e não deve ser unicamente considerado como resistência, mas como a manifestação, o afeto do paciente, que significa a “necessidade fundamental de união” com o analista. Daí ele deduz que, se o analista não suporta esse silêncio, é por ter medo dessa comunhão. Aí ainda, o silêncio é tomado como relação não-verbal, um modo de comunicação, que diz alguma coisa do afeto, do sentimento.

Evidentemente, para esses autores, a transferência não é estruturada pelo saber, mas pelo afeto, pelo sentimento. O que explica, aliás, que a contratransferência se tenha tornado completamente central na sua concepção do tratamento.

### *Um fenômeno transferencial*

Eis um exemplo clínico. É o caso de uma moça em análise há dois anos. Para ela, o silêncio é, por mais de uma razão, um fenômeno central, maciço, não somente no tratamento, mas pelo que sei, igualmente na vida, em que isso se apresenta como uma inibição enterrando sua existência e suas relações com os outros de uma maneira geral, e a impedindo particularmente de fazer prova oral no exame. Não obstante, quando ela se apresentou a mim pela primeira vez, não evocou o silêncio como sintoma, apoiando sua demanda de análise nas suas dificuldades com os outros, e assinalando uma falta às vezes total de relação com eles.

Falou, portanto, desse sintoma de forma bem parcimoniosa quando da primeira entrevista, e, quando da segunda, ficou silenciosa um longo momento ao cabo do qual fez-me a seguinte pergunta: “Que é que a senhora quer saber?”

Esta formulação é evidentemente muito marcante por parte de alguém que iniciou, a partir de então, uma análise assinalada por tempos de silêncio absolutamente notáveis. Que é que a senhora quer saber? Essa pergunta implica que haja saber: é uma suposição de saber. Mais precisamente supõe o desejo de saber no analista, e o saber alhures – de sua parte, sem dúvida, mas não unicamente. Di-

gamos que a formulação dessa paciente supõe o saber do Outro. O que verifica a afirmação de Lacan na *Proposição de 9 de outubro de 1977*: “O sujeito suposto saber é o pivô de onde se articula tudo da transferência.”

É, portanto, a partir daí que a análise começou para essa paciente com o *handicap* de início, o seu silêncio.

Esse silêncio tem duas formas: de um lado, conota o fato de que ela situa o saber no Outro, o analista: então é ela que não tem nada a dizer; de outro lado, ele conota o saber que ela guarda e também sela; é então o saber como objeto: há algo de precioso, um segredo, o *agalma*, que ela não está disposta a largar. Isso se apóia evidentemente nos ditos da paciente, que, apesar da importância do silêncio, assim mesmo fala.

Na vertente “nada tenho a dizer, é a senhora que possui o saber”, situam-se com efeito todas as perguntas que ela formula. Lembremos agora o que Jacques-Alain Miller sublinhou em seu curso a propósito da pergunta na análise, dizendo que há pessoas em análise que forcem seu “ser de pergunta” até não fazer mais nenhuma e, às vezes, até o mutismo.

Sua primeira pergunta foi então: “Que é que a senhora quer saber?” Na continuação do tratamento, isso se transformou em “Que é que a senhora sabe?” Para apoiar essa afirmação de que ela situa o saber no analista como Outro, houve um sonho. Sobre uma espécie de balcão de açougue (talho) repousa um corpo, carne, que diz alguma coisa; as palavras são registradas numa caixa. Esse talho de açougue tem uma certa relação com seu patronímico, ela é essa carne, e o analista um aparelho registrador, um gravador. Essa equação *analista = gravador* mostra, aliás, o estilo de suas perguntas: acontece muitas vezes que aquela que ela me dirige subentende todo um contexto, de que ela supõe que eu o pego sem a menor explicação, como se eu fosse de fato um aparelho registrador. Desta vez é para mim que isso parece enigma, adivinhação. Ela pode evocar, à queima-roupa, tal personagem de um sonho que ela relatou semanas antes ou mesmo não relatou, perguntando-me por exemplo se era mesmo seu pai. A dificuldade prende-se evidentemente a que o silêncio do analista, nessas condições, não faz senão sustentar a suposição de saber: ele dá consistência ao Outro e significa que ele tem respostas em reserva. E ela não fica de modo algum desanimada quando tento explicar-lhe que não é assim, que não possuo todo o saber.

Eis, na vertente do saber, como objeto escondido, precioso, um exemplo.

É o caso ainda de uma pergunta que ela me faz quando de uma sessão, após ter ficado longamente silenciosa: “Será que um dia a senhora falará comigo normalmente?” Imagina-se facilmente o efeito de surpresa com uma tal pergunta partindo dela, e como acontece assim mesmo que eu “resisto” – como diriam os psicanalistas que pregam o silêncio, os citados no começo –, naquele dia reagi um pouco vivamente.

Ela volta na semana seguinte dizendo que refletiu e falou para si: “Quando faço uma pergunta é para que a senhora não saiba que eu sei.” Em outras palavras: para esconder alguma coisa, para que a analista pense que ela não sabe, isto é, para ter saber guardado em reserva. É o que me parece poder colocar na rubrica do saber como objeto, com conotação de saber precioso.

Parece-me portanto que se trata, nesse silêncio, de algo estritamente correlato à estrutura da transferência, da qual a noção de resistência à associação livre não pode bastar para uma justificação. É preciso acrescentar que, graças a um sonho, esse silêncio tomou uma dimensão particular no tratamento: a paciente está com a mãe numa plataforma suspensa sobre o vazio e, assim que diz ou se prepara para dizer alguma coisa, a mãe a empurra para o vazio. Ela concorda que a respeito do psicanalista, no tratamento, a situação é inversa: o risco de ser rejeitada é o não falar. Ela me informa, graças a esse sonho, que antes de me procurar ela fizera uma primeira tentativa com um analista, com o qual permaneceu silenciosa e que por isso – é pelo menos sua dedução – não a quis tomar em análise.

A regra fundamental, para ela, é verdadeiramente uma injunção, que vai contra a interdição do sonho. Falar/não falar: aí também o silêncio vai mais no sentido da suposição do saber, da suposição que deve dizer, mas que é perigoso. É a medida do preço atribuído a esse saber, parece-me, que o silêncio assume tanta importância nesse tratamento. É porque então penso que ele tem relação com o saber como objeto.

Esse silêncio tem uma marca particular. Não se trata de uma manifestação extensível a outros tratamentos, como aquele que atesta o desgaste das significações: porque uma significação remete sempre a uma outra, o silêncio pode vir sublinhar o caráter vazio, o tropeçamento sobre o automatismo da metonímia significante. No caso ora exposto, tais momentos de silêncio na sessão podem também se produzir, mas há sobretudo essa particularidade do silêncio que se articula à própria estrutura da transferência.

Numa das conferências de Lacan nas universidades norte-americanas (in *Scilicet*, nº 6/7, p. 45), ele diz que uma análise é “uma partida entre alguém que fala, mas que foi advertido que sua palavra

é importante. Vocês sabem, há pessoas com as quais se trabalha na psicanálise com quem é duro conseguir isso. Há ainda pessoas para quem dizer algumas palavras não é fácil. Chama-se isso *autismo*. É fácil dizer. Mas não é forçosamente isso. São simplesmente pessoas para quem é muito sério o peso das palavras e não estão facilmente dispostas a se incomodar com essas palavras”.

É também sob essa rubrica que situarei esse caso: alguém que leva bem a sério o peso das palavras. O peso das palavras é evidentemente o saber escondido que elas veiculam, e nesse sentido é, com justa razão, que se pode situar essa questão do silêncio na análise em conexão com a questão do saber.

DANIÈLE SILVESTRE



## FUNÇÃO DAS ENTREVISTAS PRELIMINARES

*Herbert Wachsberger*

É no ensino oral, e bem tardiamente, que Lacan chama a atenção para a importância das entrevistas preliminares.<sup>1</sup> Esta denominação afinal destronou aquelas, mais ou menos intercambiáveis, de consulta preliminar, exame inicial, entrevista prévia. De fato, a entrevista não é uma consulta ao cabo da qual o psicanalista emitiria uma opinião, nem um exame no sentido habitual da medicina. Aliás, Lacan, sem a menor referência a uma situação convencional, descrevia esse começo como “um encontro de corpos”, “uma confrontação de corpos”.<sup>2</sup> E “preliminar” vem acentuar o que o otimismo de “prévio” esquece deliberadamente: que há um limiar, um *limen*, a ser transposto.

Ora, esse passo é o da transferência; sem ele, não há análise possível. Essa verificação levou Freud a manter sua distinção entre neuroses de transferência e neuroses narcísicas. Esta separação, apesar de conforme à experiência da psicanálise, é, quando muito, indicativa; não garante de antemão a transferência, nem a exclui.

### *A transferência prévia*

Onde vai então o psicanalista descobrir seus elementos de apreciação? Não nos sintomas, cujo valor de predição é incerto, a despeito

<sup>1</sup> J. Lacan, *le Savoir du psychanalyste*, seminário de 2 de dezembro de 1971 (inédito).

<sup>2</sup> J. Lacan, ... *ou pire*, seminário de 21 de junho de 1974 (inédito).

dos retoques e enriquecimentos da nosologia clássica, à luz da psicanálise. Até mesmo seu valor descritivo é suspeito, visto que as “neoformações”<sup>3</sup> da neurose de transferência modificam a configuração clínica inicial, para substituir nela expressões sintomáticas várias, e variáveis ao sabor do tratamento.

Também não se pode confiar no conteúdo das demandas. As demandas de cura, de formação profissional, de saber, já pouco confiáveis quanto aos motivos por elas confessados, permanecem mudas sobre a transferência.

Convém entretanto dar atenção à exigência formulada por Lacan concernente à escolha de seus pacientes:<sup>4</sup> que eles tenham uma “verdadeira demanda”, ou seja “de que seja livre de um sintoma”. O que justifica ser esta demanda designada como verdadeira, portanto diferente de uma demanda de uma cura pura e simples, não é ter aí reconhecido o sintoma como histérico, obsessivo ou fóbico, mas mais radicalmente como sintoma analítico, isto é, em situação de atestar o sujeito, pelo fato de uma prévia abertura ao Outro. O que importa, então, é ficar o sintoma preso na transferência – que é esta abertura – e isto não se aprecia senão em relação ao sujeito suposto saber.

Ao nível dos fenômenos, a entrada em função do sujeito suposto saber se traduz por uma crença – porém uma crença difusa, subtraída à consciência – em um saber outro, que vem bruscamente reduzir a nada as significações que até então o neurótico dava a seu sintoma. Esse reviramento é verificado na ocasião da revivência de um sintoma antigo, do aparecimento de um sintoma novo, ou qualquer outro desconcertante “descompasso”. O “isto não faz mais sentido”, pelo qual o neurótico exprime sua incompreensão e formula seu apelo, manifesta o saber no Outro e a suposição de um sujeito de que, este saber, ele o possua. Essa atribuição a um sujeito suposto, de um saber que nenhum sujeito já saiba – pois que se trata do saber inconsciente, estabelece a transferência, que se pode dizer transferência de saber.

Não se pode, então, considerar que o simples fato de marcar hora com um analista já seja a indicação de uma transferência, ainda que se lhe dê o nome de “flutuante” como fez Glover<sup>5</sup>, para distingui-la da transferência própria à situação analítica. É a entrada em

<sup>3</sup> S. Freud, *Introduction à la psychanalyse* (1916-1917), Paris, Payot, p. 476.

<sup>4</sup> J. Lacan, “Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines”, *Scilicet*, n<sup>o</sup> 6/7, 1976, p. 32.

<sup>5</sup> E. Glover, *Technique de la psychanalyse* (1955), Paris, P.U.F., 1958, p. 43.

função do sujeito suposto saber que mais exatamente define, parece-me, o que se convencionou chamar a transferência prévia.

O neurótico pode hesitar muito tempo para atender as incitações do sujeito suposto saber, e atrasar outro tanto seu encontro com um analista. Às vezes, o sujeito suposto saber se encarna, para ele, numa figura fora do alcance, mantendo-o numa transferência de longa duração, e que o pode levar a tratamentos iterativos.

Se o sujeito suposto saber é de fato o que pode incitar o neurótico a procurar um analista, ele não os confunde. Ao contrário. Esse sujeito suposto saber, o neurótico toma cuidado para não pô-lo à prova, preocupado em lhe conservar a infalibilidade, e para este fim ele emprega uma estratégia da dissimulação, que é importante reconhecer: retém para si certas informações para evitar ao analista o seu uso indevido; ou, então, dá-lhe logo crédito de pouco saber; criança, ele pode propor a seu analista enigmas complicados para testar sua sagacidade.

Esta crença no Outro como depositário de um saber deve ser expressamente distinguida da queixa a propósito de uma falta de saber concernente a um distúrbio de aparecimento ou agravamento recente. Tal distúrbio, instalado no decurso de uma decepção sentimental, de um conflito conjugal, de uma falha profissional, entrava a atividade, fere o amor-próprio, e o paciente solicita ao analista uma pontinha de saber que lhe falta para dominar a insuficiência que ele reputa passageira. O “eu quisera me conhecer melhor” de sua reivindicação não dá lugar a nenhum sujeito suposto saber.

### *O significante da transferência*

O algoritmo da transferência<sup>6</sup> oferece uma abordagem da estrutura desses fenômenos inaugurais e valoriza a eminente função do significante da transferência.

A suposição de saber vem da implicação, por esse significante, de um outro significante representativo desse saber no Outro. A particularidade de ser afetado da suposição de saber, este segundo significante a reparte com outros, daí porque Lacan o qualificou de qualquer.

<sup>6</sup> J. Lacan, “Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École”, *Scilicet*, n° 1, 1968, p. 19.

O significante da transferência justifica também outro efeito verificável na experiência: o da surpresa, ligada à divisão do sujeito com ele próprio, quando da irrupção desse significante.

Theodor Reike descreveu os seus diferentes modos.<sup>7</sup> A surpresa do paciente a se ouvir dizer, ou seu espanto diante de suas próprias produções psíquicas, podem ir até o pavor, quando ele percebe plenamente a significação desse recalcado. Acrescento que esse efeito de divisão significante pode chegar até a confusão, como no homem dos ratos.

O significante da transferência, verificável por seus efeitos, manifesta-se de diversos modos. É, por exemplo, tal realização gráfica que enche de espanto a criança que acaba de produzi-la. Ou é um traço de comportamento, em que não se havia reparado até então, de tal modo era familiar, e que subitamente soa aos ouvidos do falante como espantosamente destituído de sentido, e marcado por uma alteridade enigmática. Essa falta de sentido do pinçamento significante do sujeito no lugar do Outro é devido à “irrupção” transferencial de um significante qualificável de asemântico,<sup>8</sup> a qual marca a entrada na análise, mas somente no ao-depois de sua verificação: certamente, é necessário aí o analista.

Assim, no exemplo seguinte, em que o significante da transferência se localiza num sonho que surpreendeu fortemente a moça que o relatou por ocasião de uma entrevista: “Vou à sua casa, e encontro minha família toda instalada na sala de espera. E minha mãe lhe diz: ‘O senhor perde seu tempo com minha filha, nada se pode esperar dela’. Em seguida, o senhor me conduz a seu escritório.”

A passagem para o divã, proposta algumas semanas mais tarde, causou viva angústia. A analisanda diz, ao se instalar nele: “Receio, ao me deitar, não ser senão uma coisa.” Depois, dominando sua perturbação, ela se empenha em dar mais amplos desenvolvimentos ao tema de uma ruminação que a ocupa dias inteiros: “É melhor morrer do que ficar viva?” Ela calcula agora que é melhor estar morta, mas não se pode dizê-lo à mãe, e diz que muitas vezes imaginou seus pais, sobretudo a mãe, chorando-a, e dizendo: “Ela era tudo para nós.”

A queixa materna, dirigida a um terceiro, revelava à sonhadora, à maneira de uma interpretação selvagem, um saber por ela própria ignorado, que, ao mesmo tempo, a fazia nascer como sujeito na surpresa: aí está o significante da transferência. Mas a análise em

<sup>7</sup> T. Reike, *le Psychologue surpris* (1935), Paris, Denoël, 1976.

<sup>8</sup> J. Lacan, “L’étourdit”, *Scilicet*, n° 4, 1973, p. 15.

início revelava rapidamente um risco, dissimulado por esse sonho de transferência, e evidenciado pela elaboração fantasmática da primeira sessão: ou seja, a tendência suicida de corporificar essa *coisa* supostamente respondendo ao *nada* da queixa materna.

### *Ato e transferência*

Vê-se que o significante da transferência é o agente da instauração transferencial e de um primeiro advento do sujeito. É por ele que o processo psicanalítico se estabelece, mas sob a condição de que o analista, por seu ato, inscreva no dispositivo da análise a manifestação sintomática centrada no significante que, graças ao efeito que produz, veio fazer-lhe sinal. Mas esse significante – que é um significante do Outro – é correlato, no Outro, a uma falta já evocada no sonho pela insatisfação da queixa materna. Essa falta era confirmada no ao-depois do sonho pelo fantasma por enganá-lo, mesmo sendo à custa da própria vida do sujeito.

Essa brecha no Outro, o analista logo se oferece a mantê-la aberta: quer dizer que o desejo do analista é o operador decisivo para o engatamento do processo analítico.

As entrevistas preliminares pretendem pois assegurar a transferência e sua ancoragem. Eis o que torna evidentemente caduco o tradicional capítulo das indicações e contra-indicações da psicanálise, herdado da medicina.

O esforço de revisão tentado pelos defensores da *ego psychology* para coligir em bases psicanalíticas os critérios adequados a guiá-los no começo de uma análise não é concludente. As noções que resumem esse esforço, “a analisabilidade”, que avalia a capacidade do ego de enfrentar os acasos do tratamento,<sup>9</sup> ou “a acessibilidade”, que afere o potencial transferencial,<sup>10</sup> baseiam-se tanto uma como outra em uma clínica fora da transferência, que, por isso, falha a suas promessas.

<sup>9</sup> H. M. Bachrach, “On the Concept of Analyzability”, in *Psychoanalytic Quarterly*, vol. 52, 1983, pp. 180-203.

<sup>10</sup> E. Glover, “The Indications for Psycho-Analysis” (1953), *On the Early Development of Mind*, Londres, Imago, 1956.

Terminarei com uma pergunta: há contra-indicações à transferência? Que uma psicose possa desencadear-se num paciente cuja estrutura pré-psicótica tinha passado despercebida, como o recorda Lacan em seu terceiro Seminário, convida pelo menos à circunspeção: isso é para que também servem as entrevistas preliminares.

HERBERT WACHSBERGER

## TORNAR-SE PSICANALISANDO

*Jean-Pierre Klotz*

Que é “tornar-se psicanalista”? Abordada na controvérsia, ou quase sempre evitada, essa questão reaparece, com a imprecisão própria ao termo “tornar-se”, na hora do reencontro de todas as crises e divisões irreduzíveis que enriquecem a história psicanalítica. E não é paradoxo de sobremodo que a definição de sua função tenha ficado tão vaga e irresoluta para aqueles mesmos que dela se fazem agentes. Uma das contribuições de Lacan é de lhe ter destacado os fundamentos estruturais ao ligar esse “tornar-se psicanalista” ao término da análise, instituindo o passe que denomina tanto o momento desse término quanto o processo particular, fora do tratamento, destinado a explorá-lo.

No momento em que ele introduz o passe, Lacan introduz igualmente o termo “psicanalisando”, para designar “o que ordinariamente se chama: o psicanalisado, por antecipação”, e desde então caducou qualquer outra denominação.<sup>1</sup> Com isso é caracterizada a entrada no tratamento, o início daquilo cujo término é situado pelo passe. A transferência se instaura pela “graça” do psicanalisando como tal, e a tríade “psicanalisando-transferência-início da análise” dá coordenadas estruturais ao começo.

Mas que é “tornar-se psicanalisando”? Questão menos tradicional que a do “tornar-se psicanalista”, sua dimensão própria não podia surgir quando o paciente era o “psicanalisado”. A entrada no tratamento podia até passar por não problemática em relação ao enigma reiterado de sua saída. Esta outra novação de Lacan, as en-

<sup>1</sup> J. Lacan, “Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l’École, *Scilicet*, nº 1, 1968, p. 18.

trevistas preliminares, dedutíveis da própria estrutura da experiência, atesta que demanda de análise e colocação da transferência não se equivalem. Não é indiferente que tal questão possa ser despertada a partir do texto instaurador do passe. A conjunção do término com a modalidade do início reforma a abordagem da produção do laço analítico (coisa que Lacan, dois anos mais tarde, irá referir ao “discurso do psicanalista”) e da maneira pela qual os dois parceiros presentes em cada tratamento ficam assim determinados em seus respectivos funcionamentos.

Que evocaria a entrada no tratamento fundada em primeiro lugar na demanda? Um sujeito com uma demanda procura um analista com uma queixa, um sofrimento qualificável de sintomático, pois que lhe atribui um sentido escondido, que o analista é suposto saber decifrar, dessa decifração sendo esperado um efeito de alívio. A análise é encetada, bastando que o psicanalista julgue a demanda aceitável. Dizendo de outro modo, segundo essa concepção, o analisando se tornaria tal, pelo fato de sua demanda.

Ora, nem toda demanda desemboca numa análise, esse é um fato da experiência. A descrição acima impele à indistinção da estrutura e do modelo, avatar do ideal de sempre, identificado com o analista. A tendência é então fazer da “analisabilidade” do paciente o critério da possibilidade da entrada na análise, cabendo ao analista julgar com soberania, sem af se incluir. Isso foi estandardizado pela IPA, e foi contra isso que se levantou Lacan desde os primórdios de seu ensino, martelando, por exemplo, que não há resistência a não ser do analista, uma resistência a que ela se produza. Nenhuma exterioridade ao processo que ele é suposto apreciar lhe garante neutralidade de julgamento. É impossível não se ficar só na demanda como fenômeno universalizando-a como tal. A demanda, conceito introduzido por Lacan, deve em cada caso ser estruturada em relação ao desejo, do qual ela é modalização particular, sem reabsorção possível de uma coisa na outra. O paciente é o demandador, mas sua mutação para psicanalizando não ocorre sem o psicanalista estar presente, o qual se especifica pelo desejo do analista, que não é qualquer desejo especial, irredutível àquilo de que se encarna o sujeito da demanda.

Lacan escreve pois que “no começo da psicanálise é a transferência” cuja estrutura tem por eixo o sujeito-suposto-saber.<sup>2</sup> Tal é o efeito de significação produzido pelo encadeamento significativo induzido pela atuação da associação livre no tratamento. Mas o que se

<sup>2</sup> *Id.*, p. 18.



revela de transferência como fenômeno, e que foi chamado por Freud “amor de transferência”, pode tomar aspectos diversos, cada vez estruturalmente surpreendentes. Esse tempo de amor de transferência exige todavia ser referido à estrutura, e por vias outras que não ao do reflexo (óptico). O sujeito-suposto-saber e o amor de transferência não se recobrem um ao outro, como tampouco a superfície não envolve a profundidade. É para estabelecer a demarcação de seus lugares respectivos que a confrontação ao caso clínico desempenha sua função: como a transferência pode ser produzida na partida, na intimidade de um início de tratamento?

### *Apresentação do sintoma*

Vejamos como Blanche, moça de trinta e cinco anos, tornou-se psicanalisanda. Este caso tem a vantagem de pôr a descoberto os lineamentos da entrada no tratamento, não se tendo apresentado de início como uma demanda de análise. Esta sobreveio quase de surpresa, após um período de entrevistas qualificáveis, só ao-depois, de preliminares. Essa entrada em análise efetuou-se em três tempos. Intitulo o primeiro tempo “apresentação do sintoma”.

Blanche veio procurar-me, enviada a alguém que lhe tinha sido apresentado como “competente” para cuidar das perturbações das quais ela sofria. Como se formulavam? Em três palavras, bem inesperadas para designar o que se chama sintoma: “Eu sou virgem”. Vale dizer que não era o fato em si mesmo que constituía o problema, pois que evidentemente ele existia há muito tempo, mas o que ele acabara por representar para o sujeito. Tudo começara depois de um estado qualificado de “delirante agudo”, de irrupção recente e brutal sem antecedentes equivalentes. As circunstâncias desencadeadoras continuavam obscuras, parecendo ligadas por uma falha numa amizade muito idealizada e poética, tal como ela costumava manter. Aquele estado dissipou-se rapidamente, deixando-a atormentada por uma interrogação angustiante, sobre o que poderia lhe ter acontecido. Foi aí que sua virgindade se impôs a ela como uma tara. Não tendo sido até então confessada a ninguém, ela passou a ser insuportável, enquanto antes tinha sido apenas incômoda. A cada encontro com um homem, ela temia que ele se apercebesse disso, perspectiva que a cobria de tanta vergonha que ela tergiversava ao máximo antes de pôr-se em fuga *in extremis*. Sociável, rodeada de amigos numerosos, exercendo sua profissão com sucesso em contato

com o público, e, apesar das condições árduas, de ora em diante lhe acontecia sentir-se traída por sua aparência exterior assim que uma tensão despontava em sua presença. Sua virgindade “era visível em seu rosto”, presentificação do olhar do Outro deixando-a desamparada.

Por outro lado, sua vida era dominada por um compromisso político muito militante, onde ela encontrara seu desabrochamento. Ainda mais, ela tinha o sentimento de pagar uma dívida com respeito a seu pai – operário, doente crônico, esposo e proletário oprimido sem revolta – e de cumprir seu dever, tendo feito estudos, embora suas origens de classe em nada a predispuessem a tanto. Ora, a sintomatização de sua virgindade era concomitante de desafeição certa para qualquer militância. Ela continuava solidária a seu compromisso, mas de uma maneira unicamente passiva, o que contribuía para aumentar sua vergonha.

Em suma, a emergência do sintoma coincidia com o enfraquecimento de uma identificação essencial em referência ao pai. O encontro da falha em um outro a havia recolocado em questão, provocando a angústia em face do desejo do Outro, transformada em apelo ao Outro, indo procurar o “competente”.

Sua demanda era no sentido de livrá-la de seu sofrimento identificado com sua virgindade, e exprimia-se por um “como fazer para deixar de ser virgem”, esbarrando repetitivamente em um impossível, malgrado seus esforços e tentativas diversas. De fato, era antes um “como fazer para não mais sofrer por ser virgem?” que se devia perceber então. Pois a virgindade também era o que lhe restava para significar seu ser. O contexto mostrava que o saber suposto àquele a quem ela dirigia sua demanda sobre os meios de conseguir transpor esse cabo devia ficar na ordem da suposição, ou seja, não ter efeitos de realização nela, se esta realização significava a perda da marca identificável, em que seu sintoma se tinha convertido. Ocasão esta de verificar uma das definições de sintoma deixada por Lacan, isto é, “a verdade que resiste ao saber”, pois que ela com isso foi provocada a falar muito, a contar sonhos e lembranças da infância, cada qual mais evocador que os outros, e isso, durante meses.

### *A demanda de análise*

O segundo tempo corresponde à “demanda de análise” propriamente dita. Blanche chegou a evocar pouco a pouco a eventualidade de

empreender um tratamento psicanalítico, por ter descoberto de passagem que o “competente” que ela encontrara era suscetível de lhe oferecer essa possibilidade. Sua virgindade saiu do primeiro plano de seus propósitos em benefício de vergonhas mais difusas. Um belo dia, ela anunciou, com detalhes para confirmação, entretanto, que “tinha acontecido”, ela não era mais virgem. Isso porém não pareceu ter valor de acontecimento extraordinário que seria de esperar. Pouco depois, ela tomou a decisão de contratar a análise, não sem resmungar algum tempo ante as obrigações ligadas ao acordo.

O terceiro tempo é o dia da entrada estabelecida no tratamento. Algumas semanas depois, houve uma série de perturbações, produzidas em pouco tempo. Ela enviou uma carta de demissão à organização política onde militava, como se fosse contra seu gosto, e surpresa pela brutalidade de seu ato. Confessou simultaneamente haver mentido ao dizer que perdera a virgindade. Abundantes provas de presença do amor de transferência se patentearam, e a precipitação de um novo episódio “delirante” invadiu a cena, inquietando fortemente seu círculo familiar. Mas o estabelecimento da transferência, a inclusão efetiva do analista no sintoma tiveram o efeito de limitá-lo, de mostrar que não se tratava de um delírio (e que muito provavelmente tinha sido igual, quando do primeiro episódio), mas de um terror louco, com efeitos de despersonalização, ligado à perda de um reparo identificador. O manejo da transferência pôde dessa vez dar o impulso para o encadeamento de associação livre. Foi mesmo a partir daí que o tratamento teve uma partida efetiva. É de notar que desde a confissão da mentira sobre o destino de sua virgindade quase nada se comentou sobre isso, no que Blanche disse no seu tratamento.

As escansões deste começo têm o interesse de mostrar no que demandar uma análise e tornar-se psicanalisando não se equivalem. A suposição de saber, contida na competência previamente atribuída, aparecia como não subjetivada no primeiro tempo, não valia como atribuição desse suposto saber a um sujeito. Havia a demanda, indistinta daquela dirigida a um médico, mas nenhum sujeito era desdobrado em sua divisão entre os dois parceiros potenciais. Havia o sujeito, de um lado, e o analista em posição de Outro do saber, do outro lado, mas não havia sujeito em análise. O estranho aqui decorre da apresentação particularmente demonstrativa, encetada no segundo tempo e fechada no terceiro, da pegada do sintoma com inclusão do analista no lugar do sujeito-suposto-saber pela própria operação da paciente, tornando-se, com isso, psicanalisanda. Na posição de Outro, mas enganado, o psicanalista encontra-se produzido como revertendo sua pergunta ao sujeito: a transferência está então

em condições de funcionar. A distinção do tempo da demanda e do tempo da transferência está aí desenvolvida em perspectiva. O analista se encontra requisitado a funcionar, de surpresa, e o que lhe permite suportar o que lhe calhou depende do prazo de seu próprio percurso analítico, ponto de abertura ética mais do que ponto de chegada. O primeiro tempo, o do apelo à competência, era aquele em que ele estava em posição de oferta para a transferência, condição necessária, porém insuficiente, para que esta se estabeleça, não lhe permitindo prever, mas dando-lhe a possibilidade de suportar, no sentido de ser suporte. Da oferta ao estabelecimento concluído da transferência se interpõe um tempo lógico, o segundo tempo aqui isolado, caracterizado pelo fato de que o sujeito não sabe que está em via de subjetivar sua demanda, e que o competente se torna capaz de funcionar como analista no momento em que é enganado. E não basta tampouco que o Outro se barre, mas ainda convém que S ( $\text{A}$ ) seja produzido na falha do sujeito da demanda para que os dois parceiros se convertam respectivamente em psicanalizando e psicanalista. Este segundo tempo é aquele em que o ato analítico toma impulso. Mas só o tempo seguinte, o terceiro, permitirá mostrá-lo, no ao-depois, efeito e tempo radical “para constituir a psicanálise como experiência original”.<sup>3</sup>

### *O significante da transferência*

Será possível, neste estabelecimento transferencial distinto da demanda do sujeito, estruturar o caso servindo-se do que Lacan chama “o significante da transferência”? Seguindo a estrutura por ele escrita, o sujeito-suposto-saber é o efeito de significação produzido pelo encadeamento desse significante com o significante dito “qualquer”, que o analista presentifica, aqui figurando precisamente a “competência” (que particulariza, mas não singulariza, não é o Competente absoluto, mas competente entre outros, aquele dos competentes que foi designado a Blanche por outro particular). Esse próprio efeito de significação se transfere ao analista, que é desde então o seu depositário, de onde ele se redescobre incluído no sintoma e objeto de amor na transferência.

<sup>3</sup> *Id.*, p. 17.

Parece que aqui é a virgindade que veicula esse significante da transferência. Significante paterno, como disse dá testemunho seu advento de sintoma, ele é também o respondente da angústia ligada ao desejo do Outro, e se mantém algum tempo com e contra tudo. Depois a subjetivação do sintoma acarreta a produção da falta no Outro, ao mesmo tempo que a elaboração da transferência faz com que o buraco dessa falta se encontre tapado pelo amor, isto é, a transferência então está efetivamente no lugar. Poder-se-ia adiantar que o segundo tempo, aquele onde aquilo passa de um lado para o outro, tempo da alegada perda da virgindade, mostra, sempre no a-depois, que uma vez esse significante transferido, e desaparecido do discurso de Blanche, a análise se engata por chegar a equivaler ao buraco do Outro. Ao anunciar ter perdido a virgindade, ela não mentia, por ser uma certa maneira de fazê-la funcionar como sintoma. No que a mentira diz eletivamente a verdade do sujeito, disfarçando-a no lugar certo.

A importância dessas distinções do modo de entrada no tratamento vem antes de tudo porque elas comandam a continuação. Analisar em nome do S ( $\mathcal{A}$ ) não é analisar em nome do Pai. Isso implica não somente a tomada em consideração do sintoma, mas também do fantasma, não somente do desejo, mas também do gozo que ele vem batizar. É o que não se aborda do início, mas do término da análise. O tema será aqui deixado “virgem” disso, mas não poderia ex-sistir de outro lugar senão desse significante.

JEAN-PIERRE KLOTZ

## ANA ENTRE DOIS SIGNIFICANTES

*Ronald Portillo*

Antes de emprender um tratamento, Freud costumava fazer o que ele chamava “período de ensaio” – “ensaio” que fazia as vezes do que, após Lacan, chamamos hoje “entrevistas preliminares”.

“No começo da psicanálise é a transferência.”<sup>1</sup> As entrevistas preliminares recobrem esse tempo particular que começa com a demanda de análise, e termina com a entrada em análise propriamente dita, esta coordenada com a instalação da transferência.

O início da análise é indissociável da articulação da transferência ao saber. Em “O início do tratamento”,<sup>2</sup> observa Freud que a produção da transferência é o prévio necessário ao tratamento psicanalítico. Ele recomenda igualmente: o analista deverá abster-se de comunicar ao paciente qualquer saber sobre seu sintoma antes que a transferência seja “operante”. Suspende, portanto, o saber do analista até a instauração de uma transferência colocada a serviço do tratamento.

Os laços assim apontados por Freud entre saber e transferência serão estabelecidos pela formulação lacaniana que faz do sujeito-suposto-saber o eixo da transferência. Do fato de que o paciente suponha no analista um saber que é concernente a si, surge este efeito: o amor de transferência, sobre o qual se construirá a resistência do paciente ao tratamento analítico.

O caso de Ana mostra como essa resistência opera nas entrevistas preliminares, e quanto ela dificulta o acesso do sujeito ao discurso analítico.

<sup>1</sup> J. Lacan, “Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École”, *Scilicet*, nº 1, p. 14.

<sup>2</sup> S. Freud, “Le début du traitement”, *la Technique Psychanalytique*, P.U.F., pp. 99-100.

*Ana*

“Quero deixar de ser tão intelectual.” Tal é o desejo com o qual Ana apresenta-se pela primeira vez ao analista. Desde o início das entrevistas, evidencia-se que o sentido que ela dá à palavra “intelectual” concerne a uma determinada relação com o saber, ao qual ela teve acesso quando adolescente ainda, quando não encontrou resposta ao enigma de seu sexo e de seu ser, tendo então procurado resolvê-lo nos estudos e nos livros, onde ela julga depositado esse saber.

Pelo fato mesmo de sua profissão, esta jovem docente de literatura irá por muito tempo se esforçar, por assim dizer, para me instruir. “Eis-me ainda com o meu curso”, diz ela, enunciado que ilustra claramente esse período. Múltiplas dissertações sobre vida, morte, religião, etc., vão assim se desenvolver durante uma série de sessões, onde não surge nenhuma formação do inconsciente, nenhuma manifestação de sua falta-em-ser.

O interesse que manifesto por um dos escritos poéticos de Ana, onde se trata do pai, marca uma virada nas entrevistas. Ela começa a interrogar-se sobre o pai, a queixar-se do modo indelicado com que a mãe se dirige a ele, e acaba por abordar sua própria vida amorosa.

Ana havia tido dois amores infelizes, ambos marcados do traço “intelectual” atribuído ao parceiro: a um por falta, ao outro por excesso. No fim de uma sessão em que ela se interroga sobre suas relações com seus objetos de amor, solicita-me um atestado certificando que ela é intelectualmente normal. Para dar consistência a essa solicitação, menciona os atestados já concedidos por um psicólogo, e depois um psiquiatra, com os quais ela seguira tratamento. Mais tarde ela irá revelar que, pouco depois de obtidos os certificados de “normalidade intelectual”, em cada caso ela interrompera o tratamento.

Na sessão seguinte, uma associação revela o fato de não ser ela considerada normal, tanto pela família como pelos amigos, por ter recusado casar com um jovem engenheiro, ao qual era ligada afetivamente.

Quais são os pontos essenciais a destacar desse fragmento de análise?

### *A transferência como fechamento*

A resistência que se opõe à revelação do sujeito e cria obstáculo ao tratamento analítico reside na transferência. Já nos seus primeiros trabalhos sobre a questão, Freud observa a dupla vertente da transferência, motor e obstáculo no tratamento, estes dois aspectos correspondendo aos momentos de abertura e fechamento, que definem, em Lacan, o inconsciente como pulsação.

A resistência é um efeito da transferência que se sustenta com o amor, momento de fechamento do inconsciente que manifesta a alienação do sujeito ao campo do Outro. E toda demanda é demanda de amor:<sup>3</sup> a demanda de atestação de Ana se inscreve nesse paradigma, como tentativa de obter do analista uma garantia de amor, operação narcísica que traz à luz o estatuto imaginário da transferência, o aspecto estático que ela apresenta no tratamento.

Essa exigência de uma garantia de amor implícita na demanda de Ana permite concluir *a posteriori* que aquilo em que se apoiava sua resistência a entrar no dispositivo analítico era mesmo o amor de transferência. Por outro lado, a resistência era reforçada pela relação ao saber que tinha mantido até então. A própria suposição de um saber imputado ao analista entravava, por causa do amor, o estabelecimento de uma transferência “operante” que permitisse a entrada em análise.

Durante longo período, Ana comparecia às entrevistas para fazer exibição de um saber, isto é, para estabelecer comigo uma relação dual a fim de convencer-me de que ela é amável. Jogo especular em que o saber aparece como operador, e que integra a polaridade narcísica: amar=ser amado. Pelo fato do amor de transferência, a sessão virava, para Ana, relação de troca de saber. Exibindo seu saber, ela oferecia seu amor, esperando receber, em contrapartida, uma atestação de amor, isto é, um saber que confirma sua intelectualidade como normal. Assim Ana colocava o analista em posição de ideal, lugar mesmo de onde ela gostava de ser vista, a função do ideal do eu vindo em lugar do analista. Desde então o acesso do sujeito (\$) ao ideal do eu I(A) se estabelecia em curto-circuito, pela via da relação especular, tal como no nível inferior do grafo.<sup>4</sup>

A entrada em análise não podendo se efetuar senão pela passagem do discurso histórico ao discurso analítico – o que verifica o

<sup>3</sup> J. Lacan, “La signification du phallus”, *Écrits*, Seuil, p. 691.

<sup>4</sup> J. Lacan, “Subversion du sujet et dialectique du désir”, *op. cit.*, Seuil, p. 808.



esquema dos quatro discursos desenvolvidos por Lacan<sup>5</sup> –, o amor de transferência opunha, para Ana, uma barreira a essa passagem. Sua resistência a colocar-se em posição de produzir os significantes que a determinam a fixava no discurso histórico. Instalada no lugar do mestre, em posição de agente, ela demandava à análise que produzisse para ela um saber que ateste sua verdade enquanto sujeito. O apego à posição do mestre, como a produção de saber solicitada à análise, são aqui reforçados pelo amor de transferência que impede o sujeito de se deslocar para a posição de trabalho requerida pelo discurso analítico.

Diante dessa resistência do amor de transferência, a única saída possível é que o analista, contrariamente ao sujeito que pode ocupar diversos lugares no discurso, venha a ocupar a posição de objeto *a*. No curso da análise, como também durante as entrevistas preliminares, o ato analítico está sempre do lado do analista se ele se põe em posição de causar o desejo, única estratégia possível para contornar a armadilha do amor dito de transferência.

No caso de Ana, o aparecimento do significante da transferência provoca um movimento de balança onde se jogam as duas vertentes da transferência: de uma parte, o momento culminante de sua resistência a transpor o limiar de entrada no discurso analítico; de outra parte, o momento de abertura ao desejo do Outro.

### *A transferência como abertura*

O “normal” da solicitação de atestação designa o significante que representa Ana na relação transferencial. É o desejo do analista que opera a virada pela qual ela sai do engodo do amor para entrar na via do desejo. Assim o significante da transferência surge retro-ativamente, a partir do desejo do Outro: tempo fundamental em que seu sintoma se faz pergunta.

Fica desde então manifesto que “o desejo é o desejo do Outro”.<sup>6</sup> Não responder ao que Ana demanda equivale a dissipar sua ilusão de amor para lhe devolver sua demanda controversa em pergunta: “Sou normal?”, pergunta onde se formula um “Quem sou?” que a interroga sobre sua essência de sujeito, sobre seu desejo. A

<sup>5</sup> J. Lacan, “Radiophonie”, *Scilicet*, n° 2/3, p. 99.

<sup>6</sup> J. Lacan, “Subversion du sujet et dialectique du désir”, *op. cit.*, p. 814.

escansão, marcada pelo silêncio do analista, aparece de repente como enigma do desejo do Outro, enigma pelo qual Ana vai tentar se situar perguntando-me o que ela deve fazer em seu tratamento. Articula-se aqui o “*Che vuoi?*”, “Que queres?”, do qual a transferência faz um “Que quer ele de mim?”

O amor de transferência vinha disfarçar a ligação do desejo do analista ao da paciente, e a recusa de conceder-lhe uma garantia de amor introduz Ana na dialética do desejo, esta via marcando a vertente da abertura da transferência ao discurso analítico. Assim o significante da transferência revela o contrário do que Ana havia proposto logo no começo, sobre o modo de querer, como a razão de sua demanda de análise, colocando-se no equívoco, no mal-entendido, na dimensão do “enganar-se” cujo valor de verdade é verificável por trás de uma certa mentira. A dupla face de toda asserção mostra-se aqui na oposição entre querer e desejar. O que Ana desejava lhe aparecia sob a forma do que ela não queria: “ser intelectual”. Histeria, onde a problemática do desejo é exemplar, e que se inscreve na série inaugurada pela bela açougueira do *Traumdeutung* de Freud.

O querer, diz Lacan, não é homogêneo ao desejo; constitui mesmo sua negação. Assim o querer do enunciado inicial de Ana supunha um desconhecimento de seu desejo, desconhecimento ignorado por ela, mas que era bem o indício da “clara alienação que deixa ao sujeito o favor de esbarrar na questão de sua essência”.<sup>7</sup>

O significante da transferência, na medida em que marca no sujeito as efrações do desejo, o introduz à causa do desejo. E o que empurra atrás desse desejo não é senão o objeto *a* – suporte da amarração do sujeito à transferência colocada a serviço do tratamento analítico.

Do lado do analista, o significante da transferência é o que inaugura o imperativo de seu ato: produzir a *Spaltung*, a divisão do sujeito, causando o desejo. Ana entra em análise no momento em que o significante “normal” vem evocar para ela sua divisão como sujeito. Operando do lugar do objeto *a* para produzir essa divisão, o analista mostra que seu desejo é o impulsor último e verdadeiro da passagem do sujeito ao discurso analítico.

RONALD PORTILLO

Tradução do espanhol: *Sol Aparicio*

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 815.

## AS TRÊS TRANSFERÊNCIAS

*Dominique Miller*

Ele vinha a meu consultório, já fazia seis meses, três vezes por semana, e ficava calado.

Seu sintoma? O que ele chamava inibição da fala. Toda vez que se encontrava em presença de uma pessoa que ele considerava “brilhante”, “cult”, “conhecida”, quase sempre outro homem, a angústia o petrificava. Sua demanda de análise assentava assim sobre esse sintoma maciço, do qual não ignorava nenhuma das manifestações, e que havia determinado grande parte de sua existência. Enfermeiro, escolhera uma especialidade onde pensava não precisar atender a doentes conscientes, mas somente a anestesiados. Quando se deu conta de seu engano, abandonou esse projeto e mudou para outra especialidade, que tampouco não suporta, e que abandona igualmente por não ter aí encontrado, dessa vez, senão doentes que não falam. É num movimento idêntico que ele largará seu primeiro analista, não suportando seu silêncio. Não o do analista: o seu.

### *Transferência anônima*

Esse paciente não cessava de bifurcar. Cada um de seus novos itinerários, cada uma de suas novas orientações, eram determinadas por um encontro – o encontro que ocorria com uma pessoa cujo saber ele admirava e que o fascinava: ficava desconcertado, boquiaberto. Ele me situa desde a primeira vista nesta série onde seu amor do saber é causa de uma transferência que o faz cair no mutismo. Que tenha havido transferência desde o início desse tratamento que ele decide empreender comigo, sua constância em comparecer, como seu

silêncio, o atestam. Mas essa transferência em nada é analítica. É semelhante àquela que se manifesta em muitas relações duais, do doente com o médico, do paciente com o psicoterapeuta, do estudante com o professor, – por que não? – do leitor com o escritor. Uma transferência que chamarei *anônima*.

O sujeito não espera o analista para apresentar seu sintoma. Muitas vezes, aliás, não é para ele que o sujeito o apresenta. E, quando afinal vai procurá-lo, quantas iniciativas já terá tentado – e, às vezes, quantas outras irá ainda tentar? A demanda de análise repousa sobre um mal-entendido, o que reside na confusão entre o sujeito suposto saber e o que sabe. Para “pegar” a sua diferença, é sem dúvida preciso restringir o uso que se faz desse conceito de sujeito suposto saber. Que saber encontra o sujeito do sintoma? O do mestre. Ao passo que a demanda de análise, essa, vai desembocar na aspiração a um outro saber: o do inconsciente. O Outro da demanda de análise é uma massa compacta, uma acumulação de saberes, uma Enciclopédia, uma biblioteca, uma Faculdade. O sujeito apela a um saber objetivo, a uma capacidade próxima do saber médico, que se reduzirá à soma de conhecimentos que o torna possível. Ele se posiciona assim em relação a um lugar determinado, circunscrito. O primeiro encontro com o analista não implica de supetão esse efeito de suspensão do saber, que pode em seguida se estabelecer bem rapidamente – é o que se passa quase sempre – mas que é distinto dele. Para esse novo analisando, não há então outro sujeito a quem recorrer senão este Outro que detém a resposta.

A colocação do sujeito suposto saber não é tão questionável quanto a sua própria realização. Esse termo de realização faz eco ao que Lacan desenvolve no Seminário XI, dá “atuação da realidade do inconsciente” na transferência. Trata-se de operar uma divisão entre o que aparece como uma primeira versão da transferência, fase de alienação significante e de intensa ativação imaginária, e outra versão cujo nó é a questão do desejo atualizada pela própria presença do analista. Já vimos, a transferência opera quando realiza o vazio, pela presença do analista. É nesse ponto que ele leva o sujeito a se fazer a pergunta de seu desejo, isto é, a do Outro.

*Che vuoi?* Florence me diz: “Não tenho certeza que você seja uma boa analista, porque você não faz interpretações. Por mim, pensava que as suas interpretações iam me pôr a nu... Mas por que é preciso que eu pense na psicanálise como uma empresa de nudez (*sic*)?” O que na origem é uma demanda de curar permanece, pelo fato mesmo da enunciação do analisando, uma mensagem feita ao Outro, mas uma pura demanda porque atualiza de maneira fugitiva e

progressiva a estrutura vazia do desejo. Poder-se-ia concentrar aí toda a função da transferência.

Um último exemplo mostrará simplesmente a coincidência entre a colocação da transferência, propriamente dita, e a pergunta, para o sujeito, de seu desejo.

“Ela foi minha boa estrela”. Assim me fala Olivier daquela que lhe fez possível a “passagem à análise” como ele mesmo diz. Eu não ignorava sua existência, pois a relação analítica refletia as flutuações dessa relação amorosa, que determinava atrasos e ausências às sessões. Esta pessoa, diz ele, lhe serviu. Ela lhe ensinou a ser um homem, depois de o ter trazido à análise. Feitas essas duas coisas, ele acabou com ela. “Você doravante é minha última estrela, a que conhece a fórmula. Mas não vou descobrir meu cadáver atrás da cortina?” Por fim, ele me dirá mais tarde sua convicção: quero, eu analista, separá-lo da mãe a quem penso que ele continua ligado demais.

Essa conjuntura particular de realização da transferência dobra o seu algoritmo com este significante. “estrela” como significante qualquer e situa o analista como o significado, o sujeito, aquele que deseja. O equívoco aí se demonstra de maneira exemplar, equívoco esse resultante de ser o desejo do Outro o engodo do desejo do sujeito.

Lacan, com o conceito de sujeito suposto saber, permanece absolutamente fiel à sua conceituação do sujeito. O sujeito suposto saber, tanto como o sujeito, não pode ser agarrado. Ele foge por trás das identificações. É o analista ou o analisando? Não podemos pegá-lo, como tampouco pegamos o próprio desejo. Um e outro escapam ao significante. Pois o que escapa, então, é uma resposta, a do seu próprio gozo.

Esta situação está no cerne do fenômeno chamado por Lacan, nos *Écrits*, “o pensamento mágico” sustentado por “uma fé ingênua (concedida) no poder do analista”.

É sem dúvida paradoxal que, ao formular uma demanda de análise, o sujeito venha apelar a um saber absoluto, para evitar fazer de fato sua pergunta e assim cobrir a verdade com uma tela: que se trata de um sujeito privado do saber que se dirige a um Outro detentor de todas as cartas, para se entregar entre suas mãos. Mas não é essa denegação o que faz a dimensão mesma do inconsciente? E é de admirar que ela se imponha assim na demanda de análise?

Nesse movimento em que o sujeito procura ocultar um saber, ele se designa. Isso basta para sublinhar que nessa fase da demanda de análise, um sujeito, evidentemente, está em questão, mas um sujeito às voltas com “miragens imaginárias” que fundamentam suas

certezas. Nesse sentido, a demanda de análise, ela também, faz parte das miragens... Se um tratamento pode fazer o projeto de desfazer essas miragens para colocar o sujeito numa perspectiva outra em relação ao inconsciente, se por isso o silêncio do analista é a única resposta que possa favorecer um deslocamento nesse dispositivo de recalque, é tanto mais verdadeiro que o saber, tido como certeza, admite o risco de ser feita definitivamente uma cortina separando toda suposição de um outro saber. E, com efeito, não é esse o risco que admite toda demanda? Que ela não dê resultado.

O paciente em questão aqui ficou muito tempo na demanda de análise, porque estava parado à sua espera não um saber sobre seu sintoma, que somente o sujeito suposto pode de fato suportar, mas seu sintoma em estado bruto, que reduzia em si mesmo todo o saber. Era marcante verificar por exemplo a que ponto faltava qualquer efeito de retorno de seu dizer sobre ele. O que ele contava ficava lá, sem efeito de significação. Tudo se passava como se ele estivesse, na sessão, na sincronia do discurso, não na diacronia. Seu silêncio era apenas a manifestação disso. Ele podia estar fechado num carro durante a hora da sessão, sem que isso lhe fizesse sentido, ele que se queixara na sessão precedente de seu sentimento de “enclausuramento afetivo”. Dele se poderia dizer que era inconseqüente com o saber, que o saber não tinha seguimento, mesmo se ele acreditasse mais nele do que ele contava. Não há dúvida de que, quase sempre, esse tempo não seja demarcável no tratamento tão facilmente quanto com esse paciente, que, ele, aí se desdobra. Mas, ainda que ele se reduza a uma única sessão, a primeira, ele merece ser isolado – fenômeno de transferência/não transferência – para que seja designada justamente a manobra a ser operada pelo analista, de mutação da transferência anônima para transferência analítica, quer dizer, a colocação do sujeito suposto saber – isto é, simplesmente o sujeito do inconsciente.

A passagem para a análise não se compreende portanto senão a partir dessa plataforma da transferência anônima. Mas a colocação do sujeito suposto saber, em que o que é sintoma em espera se converte em saber em espera não é senão o primeiro tempo. Ele exige com efeito um segundo tempo, quando se realiza o sujeito suposto saber, tempo, dessa vez, de mutação de um saber em um outro.

## *Transferência da significação*

Tudo saber não é tomado na sua significação. Quando se mergulha no que se toma como evidência freudiana, talvez seja necessário um esforço para se lembrar disso. Na *Proposição de 9 de outubro*, Lacan sublinha que a suposição do saber em jogo na psicanálise supõe justamente um saber tomado na sua significação. Quando a questão do sintoma, a questão de sua cura, se desloca para a da sua significação, o saber que até então participava do discurso do mestre e do discurso da Universidade se torna saber suposto do discurso analítico.

É na medida em que o sintoma constitui enigma para o sujeito que um saber, em nome do inconsciente, está em suspenso. É aí que se coloca o que é preciso chamar precisamente o sujeito suposto saber, tanto saber inconsciente do analisando quanto saber do Outro, a quem se dirige a demanda. Em que se reconhece essa colocação? Ela se demarca nos efeitos de significação que fazem para o analisando uma revelação. E esses efeitos de significação não são estranhos a que os sintomas cedam em sua intensidade, o que ocorre às vezes bem depressa, no início de uma análise.

Se se considera então, sobre um vector, primeiro o sintoma bruto, depois o saber sobre o sintoma, não haverá efeito de retroação, de significação do saber sobre o sintoma, a não ser que o sujeito suposto saber eleve esse saber ao valor de um enigma, de uma pergunta feita ao sujeito. Essa retroação faz do sujeito da demanda o sujeito suposto saber. Esse primeiro tempo de passagem à análise é o da abertura do inconsciente, o da rememoração e da repetição em ato na análise, todas as formas de saber inconsciente que pertencem à Outra cena e cujo conteúdo crucial é a questão do sintoma.

Assim, Maria que vem se queixar de sua impossibilidade de fazer escolhas, começa sua análise sem saber qual analista adotar, e prossegue indecisa, se não deve escolher entre o marido e o analista. Essas tergiversações formam o mais claro do conteúdo das sessões. Assim também, Isabel que começou a gaguejar na adolescência, e teme que isso se reproduza, não cessa de estabelecer conexões entre o significante “voz” e os eventos de sua história. Ver, escolher sua via, a voz da consciência paterna, sua segunda voz, são estes os elementos principais. Não é preciso dizer que a via férrea da RER, que ela deve tomar para vir ver-me, não está fora dessas associações. Ou ainda Florence, que me procura por causa de suas ânsias de vômito. Esse sintoma enche toda a sua existência, e se verifica ligado, no curso da análise, a diversos eventos reais de sua história, um dos

quais aparece como verdadeiro reservatório de recalques. A rememoração não está somente ligada a esse sintoma, mas também à repetição na análise de eventos precisos que atingem esse sintoma. Ela chega, numa ocasião sem hora marcada, e não suportando minha ausência, depois de ter esperado diante da porta fechada, vai embora. Na sessão seguinte ela me diz que abortou nesse dia. De fato, ela deixara um lenço bem sujo sobre o capacho, diante dessa porta que justamente não se abriu para ela.

Sublinhar que esse tempo de abertura do inconsciente, esse tempo de rememoração, da repetição, é necessário à colocação da transferência, não basta para designar o que faz a estrutura mesma da transferência. Lacan insiste muito particularmente nesse fato no Seminário XI, onde faz da transferência – estritamente – um tempo de fechamento do inconsciente. Por isso, chamarei o terceiro tempo da passagem à análise, o da transferência analítica.

### *Transferência analítica*

Tanto a primeira fase parece ter duração infinita quanto a segunda se reduz ao tempo de um *flash*. A primeira é rica de conteúdo, de imaginarização, mesmo se isso se concentre em torno de um material único, o do sintoma. A segunda limita-se, quase sempre, a uma frase, um fantasma, à que chega o sujeito após ter atravessado uma zona de silêncio, desnudada do estribilho significante. Essa pausa é como uma retenção.

“Tenho a impressão de não ter mais nada a dizer”. “Digo sempre a mesma coisa”. “Pergunto-me porque continuo a vir aqui”. É o tempo de perguntas, que segue o das respostas da primeira fase.

Acredita-se efetivamente que um tratamento psicanalítico principia por perguntas e que prossegue, na verdade termina, pelas respostas que se encontram. Bem antes, ele começa ao contrário com respostas, que às vezes até se atropelam, para levar a esse tempo das perguntas que nada mais permite evitar. Essa fase representa um momento paradoxal em que o sujeito suposto saber é o mais invocado, quando já o sujeito, ele, mais duvida do saber. O saber é vazio. O sujeito suposto saber, como diz Lacan, é “inessencial”. É entretanto o momento crucial em que a transferência está em seu apogeu. Pois então se coloca para o sujeito a pergunta do que ele é, atravessando até as perguntas que ele se faz, por exemplo, sobre o analista: “Sou analisável? E você é uma boa analista?” “Se você não é com-



petente”, dizia-me René, “sou ridículo”. Vê-se no que essa etapa do tratamento, em que o saber é o mais incerto e a transferência mais operante, se opõe àquela da demanda de análise em que o saber é pelo contrário absolutamente seguro.

É preciso entender essa fase como a revelação de um outro saber: não é o retorno do recalçado, um saber que se iria colher na história; é um saber que se constrói com toques delicados, e desenha o contorno da relação do sujeito ao objeto. É aliás notável verificar com quantas reticências e com que sentimento de estranheza o paciente chega mais ou menos bem a se entregar a esse saber.

Assim parece-me necessário concluir que essa segunda fase se abre sobre um outro saber, um saber mais próximo do objeto do que do significante, e que a transferência analítica é o lugar onde se coloca para o sujeito a questão do gozo. Não é, aliás, o que supõe a passagem da escritura da transferência sob a forma de algoritmo àquela da primeira parte do discurso analítico, isto é,  $\frac{a}{S_2}$ ?

DOMINIQUE MILLER

## UM OBSESSIVO, UMA PSICÓTICA

*Luis Solano*

“Para mim, uma psicanálise é impossível, não tenho dinheiro, estou chegando aos cinqüenta, não posso mais mudar, e meu mal-estar é devido ao álcool.”

Esse que assim nos falou no curso de nosso primeiro encontro, vamos chamá-lo de J. R. Durante nove meses o tivemos em entrevistas preliminares. Eis o que ele diz de seu mal-estar: “um alarme que dispara, isso pega meu corpo todo, fico com vertigem e caio”. Ele nos fala, portanto, da angústia.

*In-tragável*

Há bem uns quinze anos, socorrido por especialistas e outros professores, J. R. vem construindo certezas quanto à causa de seus tropeços. Inelutavelmente, ela é sempre a mesma, mais ou menos complicada pelo saber recebido do outro interpelado: “é o fumo e o álcool”.

As respostas por ele recebidas do sujeito suposto saber do discurso médico não mais preenchem a falta de seu saber. Seu sintoma e a angústia correlata são efeitos de verdade que permanecem opacos à subjetividade. Os outros do saber sempre lhe responderam no sentido da moral: “você precisa ter força de vontade, pois se insistir nisso caminha para a morte”. Eles queriam o seu bem. J. R. nos diz: “eles estão enganados, por que me dizer para parar de beber? vontade não me falta, aliás é esse o meu trunfo... eles não querem reconhecer que bebo porque gosto”.

Não se trata, portanto, de vontade, mas do que, para além do princípio do prazer, foi articulado por Freud, enquanto gozo, sempre ruinoso, puro desperdício de vida, fuga para a morte.

É por isso que a resposta à pergunta de J. R. depende da ética da psicanálise.

No decorrer dessas preliminares, J. R. evoca, não sem perplexidade, como é o mundo fantasmático onde ele se sustenta como herói desde a infância. Com efeito, ele passara, durante as suas identificações, de um herói do faroeste, o melhor, mais forte, sempre vencedor, àquele cujo destino ele pensava recriar, desde os vinte anos, com dor e sem glória: Hamlet.

Eis como ele fala: “Para a pergunta de Hamlet, ser ou não ser, tenho uma resposta muito pessoal, visto que já me penso morto, estou impossibilitado de ocupar o lugar de vivo que devia ter neste mundo. Sou um perfeito segundo, vivo porque sou ... um outro que decide como primeiro”. J. R. achou, portanto, uma modalidade de arranjar sua questão sobre a ex-sistência. Conhecemos bem esse truque do obsessivo, que consiste em voltar ao jogo fazendo-se de morto, para não arriscar seu falo imaginário. Toda a sua vontade será dedicada a isso.

Com efeito, ele comparece regularmente nas horas marcadas, sua disposição em se submeter à palmatória do outro no que ele supõe ser a disciplina da análise teria podido autorizar o Dr. Eitingon, da Policlínica de Berlim, a encurtar o tempo padrão das sessões em meia hora. Ele não pensa mais que lhe seja impossível uma psicanálise, mas se interroga sobre o aspecto utilitário de tal iniciativa. Estamos, portanto, em presença de um sujeito na alienação significativa. Ele trabalha. Não obstante, seu esforço consiste em sustentar um grande Outro suposto não-desejante. Tal como Sísifo, J. R. está condenado a superar o peso de um tal impossível: cada piscadela deste Outro desejante é a queda, e é preciso recomeçar.

Apresento aqui as duas últimas entrevistas preliminares:

– “Por que estes incômodos, por que esta angústia? Preciso parar de beber, preciso absolutamente”. Repito: “absolutamente” e abro-lhe a porta. Antes de partir, na soleira da porta, ele repete: “absolutamente?” na interrogativa.

Minha própria pergunta concernia então a essa rocha de certeza, no seu estatuto de resposta: como operar para fazê-la pergunta? Eu poderia ter dito: “porque você precisa parar?”, mas arriscava abrir o flanco ao equívoco que terá deixado ouvir um incentivo ao gozo. O corte, portanto, veio indicar este *mente* do absoluto do imperativo.

Vejamus seus efeitos na última entrevista preliminar:

– “Não entendo o que o senhor queria me dizer. Todos os professores por mim consultados me pediam para deixar de beber, e o senhor então? Compreendo o que o senhor disse, mas o que o senhor

queria me dizer? Estou perplexo, como que suspenso. Quando me despedi, na última vez, não sabia mais a quantas andava”.

Aí, escandimos o fim das entrevistas ditas preliminares, indicando ao analisando que ele se deitaria no divã já na próxima sessão. Ele respondeu: “Confio no senhor”.

Em psicanálise, a confiança não é necessária ao sucesso do tratamento, dizia Freud.<sup>1</sup> É, portanto, em outro lugar que se situa o eixo do tratamento, neste “que você quer dizer?” onde Lacan nos ensinou a reconhecer a presentificação do que é enigmático no desejo do Outro. Nesse ponto se produz a segunda operação de causação do sujeito, a saber, a separação em que se vê levado a situar no desejo do Outro o valor do que ele é, como sujeito da alienação.<sup>2</sup>

É por essa operação que aparece a transferência, da qual o ensino de Lacan permite demarcar o significante – no caso de J. R. o significante da transferência é: “in-tragável” – que representa o sujeito para outro significante. Esse sujeito não estando senão representado, nós o supomos ao saber do qual ele consiste. Suposição que se refere, na miragem operada pela transferência, a este outro significante, qualquer – tal como Lacan o escreve no que da transferência faz matema.<sup>3</sup>

Pela pergunta concernente à opacidade do desejo do Outro, termina-se a dupla volta de causação do sujeito. Pela operação do *a* separador, o sujeito pode achar o índice do desejo do Outro, e o índice de sua própria divisão. Para J. R., trata-se, evidentemente, de um percurso a fazer. Quisemos pois apontar o que há com a prova do desejo, num sujeito que “não se basta com o Outro prévio”.

Mas como é, quando estivermos ocupados com o sujeito tal como se presentifica nas psicoses, enquanto sujeito do gozo? Que é a entrada em análise do psicótico? Trataremos, a partir de um fragmento de caso, de colocar as questões, até as diferentes dificuldades, inerentes à especificidade dessa estrutura.

<sup>1</sup> S. Freud, “Le début du traitement”, *la Technique psychanalytique*, P.U.F., pp. 80-104.

<sup>2</sup> J.-A. Miller, “Du symptôme au fantasme, et retour”, curso do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII, ano 1982-1983, sessão de 16 de março de 1983.

<sup>3</sup> J. Lacan, “Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l’École”, *Sciñcet*, n° 1, pp. 14-30.

### *Mudar de pai*

– “Estou doente porque não amo meu pai”. Esta que assim anuncia o que a fez procurar-me, vou chamá-la de Sylviane. Acaba de sair de uma clínica psiquiátrica, onde, pela segunda vez, foi tratada por um surto delirante. Disso, ela só evocará a persistência de alucinações psíquicas (“ouço vozes, queria eu ter uma cabeça silenciosa”) e o sentimento de ser observada e perseguida na rua.

De seu sofrimento, ela dirá: “Quando faço amor, não tenho prazer, o psiquiatra e o sexólogo que fui ver chamam isso de frigidez”. E de seu pai, antigo militar, violento e autoritário: “Nunca lhe perdorei por ter sempre batido em minha mãe. Não posso respeitá-lo nem amá-lo. Nunca foi um pai para mim. O que ele fez à minha mãe, não posso justificar. Mas... minha mãe ficou com ele, nunca disse nada. Talvez ela gostasse disso...”

Sylviane não estava na primeira interrogação sobre sua ausência de prazer. Mas sempre, do lugar onde ela fazia a pergunta, só recebia como resposta a passagem ao ato do outro do saber interpelado, psiquiatra e sexólogo confundidos. Ela só achava aí a perversão polimorfa do macho.

No decurso de uma entrevista, ela nos faz a pergunta: “Quando vamos fazer amor, doutor?” “De jeito nenhum”. Mais tarde, ela vai pedir a análise: “Por que o senhor não me faz deitar? Este divã... o senhor não se serve dele? Entretanto, li que a psicanálise se faz sobre um divã. Penso que eu ficaria mais descontraída, falaria mais facilmente. O senhor faz, mesmo assim, uma presença. Então, vou deitar-me, doutor?” – “Você passará para o divã no momento oportuno”.

Numa entrevista ulterior, ela recusa sentar-se, avança sobre o analista e, pondo a mão em seu braço, lhe diz: “Beije-me, doutor, por que não quer? É muito bom, os outros doutores me beijavam, porque não o senhor?” – “De jeito nenhum”, foi a mesma resposta, seguida da interrupção da entrevista. – “Não lhe pagarei, aliás o seu dinheiro eu joguei na lata do lixo”, diz ela. – “Você me deve a sessão de hoje, e vai pagá-la da próxima vez”.

Antes de continuar, uma explicação: desde o início eu a recebia com guia de convênio, assim só lhe competia pagar 20% do preço das sessões.

– “Por que não fazemos amor, doutor? não há mal. Eu queria deitar-me. Tenho muitos problemas no escritório, meus patrões não sabem mais o que inventar para me dar trabalho. Não quero fazer o que me mandam fazer”. E, no momento do pagamento, ela diz:

“Não posso pagar-lhe a sessão de segunda-feira, seu dinheiro ficou na lata de lixo”. Faça-lhe saber que doravante ficaria a seu cargo o preço da sessão, eu não assinaria mais nenhuma folha, e da próxima vez ela deveria saldar o atrasado.

Logo no começo da entrevista seguinte, peço-lhe que ponha o dinheiro de duas sessões sobre a mesa. Ela o faz. Depois de sentada, ela dirige o olhar para o lugar onde está o dinheiro e diz: “Se é assim, já me vou”. (Poupamos ao leitor a passagem onde prevalece o cômico, pelo fato mesmo desse \$ por nós encarnado.)

Sylviane queria pela psicanálise mudar de pai, já que o seu não era um para ela e, sobretudo, pouco ou nada merecedor de seu respeito. Ora, Lacan, em *RSI* nos lembrava que “um pai não tem direito ao respeito quando não já ao amor, senão se o dito amor, o dito respeito, é perversamente orientado, isto é, faz de uma mulher objeto *a* que causa seu desejo”.<sup>4</sup> E sabemos que a mãe de Sylviane, em seu discurso, aparece como objeto do gozo do pai.

Sylviane oferece-se ao Outro, enquanto Outro, do gozo, enquanto pai gozante. Este outro que goza, ela o faz ex-sistir, como mais-gozar. Para ela, a análise é uma passagem ao ato em direção ao real, de onde ela sai da cena, encarnando um resíduo. Por aí, um consentimento ao gozo do Outro vai se realizar; ignoramos, em seu caso, qual fantasma viria a ser realizado por essa via.

Pelo viés do dinheiro, tentamos abalar sua certeza: a que sustentava que nossos encontros eram encontros amorosos a realizar-se no cumprimento de um ato. Nossa resposta: “De jeito nenhum”, se revelou impotente para confrontar sua questão do impossível da não-relação sexual, até no sentido da castração (S (A)).

### *Uma função de despertar*

As entrevistas preliminares permitem pois uma confrontação de corpos<sup>5</sup> mas, claro, não no sentido do corpo-a-corpo. Lacan nos ensina que “há corpo quando um organismo incorpora o órgão da linguagem e é portanto do Outro que o corpo toma sua consistência imaginária. O corpo é uma resposta imaginária ao que do simbólico faz

<sup>4</sup> *Id.*, *RSI*, sessão de 21 de janeiro de 1975, *Ornicar?*, nº 3.

<sup>5</sup> *Id.*.... *ou pire*, sessão de 21 de junho de 1972 (seminário inédito).

buraco no real. Nesse sentido, um corpo, enquanto acontecimento, é um sintoma”.<sup>6</sup>

O sintoma é a manifestação clínica demarcável quando das entrevistas preliminares. O analista vai interrogá-lo, não ao nível da significação – não fará “uma” de Sócrates –, vai interrogar o gozo, o fora de sentido, isto é, o real do sintoma. Para chegar af, Lacan inventou um operador lógico, a saber, o desejo do analista – para o qual Jacques-Alain Miller propôs a definição do desejo de despertar.<sup>7</sup>

O prévio à análise, com efeito, é o despertar, e é, pensamos nós, o alcance mesmo do enunciado lacaniano: “Não há entrada possível na psicanálise sem as entrevistas preliminares”.<sup>8</sup>

Despertar o que destoa no sintoma, além do efeito puramente semântico. Não há acordar senão pelo gozo, ou seja, o fora de sentido do sintoma. Despertar que consiste em levar o sintoma enquanto resposta do real a fazer-se pergunta, pergunta sobre *a*-causa.

O sentido, considerado como o que responde do lado do imaginário aos efeitos do simbólico, adormece. Esse dispositivo prévio permitiria pois uma operação de deslastre do sentido que responde a partir do imaginário, para fazer ressoar o sentido do lado do “gozamento” por onde o sintoma pode ser reduzido à sua materialidade de cadeia, onde se equivoca o ab-sentido do real. Mas para poder dar conta disso a partir da estrutura, é necessário que o analista esteja em posição de parecer o objeto causa do desejo, no lugar do agente num discurso que não seria de presença, laço social que se instaura na relação analítica.

A questão fica problemática quando se trata de uma estrutura psicótica, a saber, quando estamos em presença desta modalidade particular que Lacan definiu como sujeito do gozo. Talvez se trate então de achar o que faz função de barreira ao gozo invasor. Assim nos encontraríamos ao oposto do que se passa no que concerne ao neurótico – isto é, que convém temperar o gozo e tornar possível a “reunião” do ser que permite dormir.

LUIS SOLANO

<sup>6</sup> *Id.*, “Joyce le symptôme”, *Actes du V<sup>e</sup> symposium James Joyce*, Paris, 16/20 de junho de 1975, Ed. do CNRS, p. 197.

<sup>7</sup> J.-A. Miller, “Réveil”, *Ornicar?*, n<sup>o</sup> 20/21, pp. 49-53.

<sup>8</sup> J. Lacan, “Le savoir du psychanalyste”, *Entretiens de Sainte-Anne*, seção de 2 de dezembro de 1971 (inédito).

## ANGÚSTIA AMORDAÇANTE EM INÍCIO DE ANÁLISE

Charles Schreiber

Falar do início deste tratamento, que está em andamento há dezesseis meses, apresenta uma dificuldade: um recuo insuficiente reduz a pouco o ao-depois necessário a qualquer construção do analista. Em todo caso, vou me esforçar para destacar suas premissas num resumo onde serão acentuados alguns pontos que, espero, poderão fazer demarcações. No caso presente, esta dificuldade se duplica com outra: a demanda de análise era motivada por uma crise de angústia que atingiu seu *culmen*.

A paciente me foi enviada por uma psicóloga que já diversas vezes a admitira ao hospital. De tão longe que ela recorde, essa moça de dezoito anos me diz ter sido sempre angustiada, e ter tido sempre medo da doença. Queixava-se sem cessar, aos pais, de dores localizadas diversamente em múltiplas zonas corporais, e numerosas consultas em hospital pontuaram sua infância e sua adolescência. Nenhuma lesão orgânica, porém, foi descoberta, o que valeu a suas queixas ironia e pouco caso por parte de seu ambiente familiar.

Pouco a pouco, ela enumera a assombrosa série de acidentes, mortes e doenças que atingiram os ascendentes paternos e maternos. Até os pais não escaparam do que o senso comum poderia aqui evocar como “fatalidade” ou “destino” de uma família: a mãe é hospitalizada, quando a filhinha tem quatro anos e meio, e submetida a uma operação cirúrgica que requer longa convalescença. O pai também passa uma temporada em hospital, por doença dos olhos, quando ela está com sete anos.

Este curto resumo biográfico apresenta interesse por acentuar o caráter particular da relação ao corpo, para cada um dos membros da constelação familiar, e por mostrar a prevalência do elemento significativo “doença” no discurso parental. “Em minha casa, isto não falava muito”, diz ela. Sem dúvida, essa série de avatares corporais



nas duas linhagens veio em contrapartida da pobreza no linguajar – falta de simbolização, ou, ainda, avatares da função paterna.

Duas frases parecem caracterizar para ela a relação de seus pais. A mãe é “silenciosa e submissa ao marido”, e o pai tem “sempre a palavra que ofende”. Dupla censura, portanto, cada vertente porém distinguindo-se pelo tom com que é formulada: paixão para um, ressentimento para o outro”. O pai, além do mais, cometeu um ato de desonestidade – “É um trapaceiro”, diz ela – num de seus raros acessos ao mundo do trabalho, ato de desonestidade que lhe custou três meses de prisão. Depois de cumprida a pena, ele cessa toda atividade profissional, e torna-se “pai doméstico”, entregando à mulher o encargo financeiro do lar. “Entretanto”, diz ela, “ele tinha estudado para engenheiro de som no cinema”. É pois com esse “medo da doença” sobre fundo de angústia que a moça vem se queixar deste algo que se meteu no caminho, deste sintoma “sintomático do real”, para retomar uma formulação de Jacques Lacan.<sup>1</sup>

Entretanto, o grão de areia que motiva sua iniciativa é o fim de uma primeira relação amorosa começada seis meses antes. Seu parceiro, tendo fracassado na única relação sexual que eles mantiveram, a abandona logo depois sem uma palavra – abandono que provoca nela uma irreprimível angústia. O malogro dessa relação é o que a vai interpelar durante os primeiros meses de sua análise, será assunto de quase todas as sessões. Mas esse tema alterna com as queixas referentes a seus sofrimentos corporais, e o medo de ter uma doença.

Esse moço, ela insiste no fato de que ele falava muito com ela, às vezes, noites inteiras – sobre ele, certamente, mas ela gostava de escutá-lo, achava-o sensível, inteligente, culto. Em suma, ele que era “tudo” dirigia-se a ela que “não era nada”, e derrubando o muro de silêncio no qual ela tinha vivido, lhe permitia escapar da solidão. Em outras palavras, na dimensão do amor narcísico e da dialética do desejo, uma acomodação tentava estabelecer-se, pelo viés do simbólico, entre o empobrecimento do eu e a superestimação da imagem do outro. Ela, parece, havia encontrado um objeto de amor que lhe “falava”, segundo seu fantasma.

Notemos aqui a dimensão do olhar, e a da voz, pois na sua análise, ela irá se queixar em diferentes ocasiões do silêncio do analista, assim como da impossibilidade de suportar de não o ver olhando para ela.

<sup>1</sup> J. Lacan, “La troisième”, intervenção no Congresso de Roma, 1974 (texto inédito).

## Fobia

Vamos agora ao que talvez permita formular um diagnóstico. Uma das raras lembranças de sua infância, evocada durante uma das primeiras sessões, e da qual só recentemente ela falou, vai servir-me de ponto de apoio: no caminho que conduz à casa de convalescença onde a mãe repousa – recordemos que nossa jovem paciente tem então quatro anos e meio – ela anda, o pai e um tio materno segurando-a na mão. *De repente*, surge um cão que lhe passa entre as pernas.

A evocação dessa cena – mais próxima de um fantasma do que de uma recordação, parece – me interroga. Quando aparece um cão na análise, “é sempre um cão que morde”.<sup>2</sup> Que a dimensão da mordida seja aqui elidida nos leva, por hipótese, a acionar nesse ponto a mola impulsora da metonímia original do desejo, por esta associação: “cão que passa entre as pernas”, com a seqüência recalçada: “que morde” ficaria sendo: “medo da doença”. Assim, “ao objeto de angústia é substituído um significante que faz medo”,<sup>3</sup> na medida em que a relação assinalada de perigo protege contra a angústia. O significante “doença” marcaria o mecanismo fóbico, pois seria ele “o significante para todo serviço, para remediar a falta do Outro”.<sup>4</sup> A hipótese de uma fobia infantil implica para essa moça “abandonada pelas carências de seu ambiente simbólico”<sup>5</sup> invocar um pai – aqui, um pai “engenheiro de som” –, mas cuja *palavra ofende* e cuja ironia a seu respeito, diversas vezes evocada no tratamento, provoca essa lesão narcísica de que seu corpo padece: ela está doente pela palavra paterna, e pela linguagem, da qual ela é, de maneira prevalente, afetada.

É portanto em relação ao enigma do que ela é no desejo do pai que pode ser feita a junção com a ruptura do moço, e a angústia que se seguiu. O interesse que ele lhe confere, fazendo dela o lugar de sua fala, valoriza momentaneamente a imagem que ela faz de si mesma. Ele parece amá-la pelo que ela é, isto é, ela pode ser, enquanto objeto, o que falta para ele: ela é a sua falta. A dialética da falta que se situa assim no registro do amor – “dar o que não se tem”<sup>6</sup> – permite-lhe constituir-se como objeto para o desejo do ou-

<sup>2</sup> *Id.*, la Relation d’object (1956-1957); Seminário inédito.

<sup>3</sup> *Id.*, *D’un autre à l’Autre*, Sessão de 7 de maio de 1969; Seminário inédito.

<sup>4</sup> *Id.*, “La direction de la cure”, *Écrits*, Seuil, Paris, 1966, p. 610.

<sup>5</sup> *Id.*, L’instance de la lettre dans l’inconscient”, *op. cit.*, p. 519.

<sup>6</sup> *Id.*, “La direction de la cure”, *op. cit.*, p. 618.

tro, na qualidade de duplo narcísico, mas mais radicalmente para o Outro que está além, como lugar do significante.

Quanto ao fiasco da relação sexual, a experiência mostra que uma mulher pode perfeitamente aceitar tais ofensas técnicas. “O amor enquanto idealização do desejo”<sup>7</sup> faz uma acomodação. Do mesmo modo, a decepção amorosa pode provocar em uma mulher a dor, a tristeza, a cólera ou o ódio, mas não forçosamente a angústia. Ora, quando o moço a larga e desaparece da cena, a moça não sabe mais, subitamente, o que ela é como objeto; mais radicalmente, ela nem sabe mais se poderá reencontrar-se: ei-la devolvida ao enigma de seu ser e de sua existência. Daí sua angústia, e sua demanda de análise, com o suporte único do significante sintomático “doença” como *Ersatz* de metáfora paterna.

Mas a fobia não é a angústia. Que esta angústia se situa no seu corpo, que ela seja “o sentimento que surge dessa desconfiança que lhe vem de se reduzir a seu corpo”<sup>8</sup> é de fato o testemunho que dá essa paciente ao desenhar no espaço, com as duas mãos, os contornos de seu envoltório corporal “que pode inchar sem limite”, designando assim o lugar do seu sofrimento; ou ainda, ao falar de sua opressão constante, sua dificuldade em respirar, como se lhe faltasse o fôlego necessário para enunciar sua palavra.

Por outro lado, sem desenvolver aqui todas as particularidades de sua queixa, adiantamos que ela tem “dificuldade em dizer”. Achar a palavra conveniente é impossível. Nunca é a boa. Apenas pronunciada já está sob suspeita. “Não, não é isso”. Ela então se engaja numa busca extenuante para encontrar a palavra conveniente, esforçando-se por apreender com a linguagem o que – parece – é ressentido como uma “certeza horrível”,<sup>9</sup> um fora de dúvida, ao qual ela se confronta – esse real do objeto angustiante. Se, portanto, para ela o significante é enganador, inadequado, a angústia, pelo contrário, “de todos os afetos é o que não engana”.<sup>10</sup> E, se a certeza é sempre ligada ao real, é que esse real – objeto *a* de Lacan – é o que, impossível de dizer, volta sempre ao mesmo lugar que o sistema significante não pode senão delimitar.

<sup>7</sup> *Id.*, *l'Angoisse* (1962-1963); Seminário inédito.

<sup>8</sup> *Id.*, “La troisième”, intervenção no Congresso de Roma, 1974 (texto inédito).

<sup>9</sup> *Id.*, *l'Angoisse* (1962-1963); Seminário inédito.

<sup>10</sup> *Id.*, *ibid.*

### *A angústia sempre já ali*

Se a onda de angústia inaugural ficou atenuada com as entrevistas preliminares, a angústia propriamente dita, aquela que sempre já está ali não cedeu entretanto. O que pode fazer reecer, a qualquer momento, que ela atue – por exemplo, passagem ao ato – isto é, que ela saia da análise. Alguns de seus dizeres dão a entender: “partir para o estrangeiro”, “largar todo mundo”, “não voltar mais às sessões, pois que falar não adianta nada”, ou ainda não poder mais suportar o olhar dos outros no metrô quando vem ver-me.

Entretanto, alguma coisa mudou: sua angústia agora é culminante no momento em que ela vem a suas sessões, e fica atenuada quando ela vai embora, e às vezes cede durante um dia todo – o que me parece marcar uma das especificidades da “angústia como estrutura temporal”.<sup>11</sup>

Que se tenha operado transferência de angústia, nada tem de misterioso, na medida em que “a angústia, em nossa experiência, é uma angústia que nos responde, que provocamos, e com a qual temos, dependendo do caso, uma relação determinante”.<sup>12</sup> A angústia que se manifesta agora em sessão seria portanto bem particularmente ligada ao encontro do sujeito com o analista. Dessa ligação, podemos fazer um nó, o da transferência, e designar doravante essa angústia como “angústia de transferência”.

Assim se presentifica atualmente o que sempre foi sua questão, a da angústia “diante da sensação do desejo do Outro”,<sup>13</sup> este Outro que o analista pode, nesse tempo de tratamento, chegar a encarnar, e diante do qual “ela não sabe o que ela é como objeto *a*”.

Que a angústia venha ao primeiro plano desde a fase inicial do tratamento, não é a dificuldade menor desse caso. Na medida em que ela está no mesmo lugar que o fantasma, que lhe dá a moldura, a angústia que sobrevém na análise assinala uma emergência – a do objeto *a* do fantasma. Mas é mais geralmente sobre a vertente da fase de separação, num tempo terminal da análise, que vem se colocar para o sujeito a pergunta do desejo do Outro, sob a forma do *Che vuoi?* Antes ele teria precisado passar pela vertente da alienação significante, seja pelos desfiles da demanda, única via permitindo ao sujeito, em um primeiro tempo, reencontrar os significantes recalca-

<sup>11</sup> *Id.*, *ibid.*

<sup>12</sup> *Id.*, *L'identification*, sessão de 4 de abril de 1962; Seminário inédito.

<sup>13</sup> *Id.*, *ibid.*

dos de sua história aos quais ficou engatado o gozo de seu sintoma. Não é o que se produziu para essa paciente para quem formulamos a hipótese da fobia, cuja particularidade é estar logo bem próximo do fantasma, dele porém se prevenindo.

Para concluir, adiantarei uma segunda hipótese: o fantasma em questão nessa jovem paciente estaria articulado em torno da fórmula: “uma criança foi machucada”, marcando a batida do significante sobre o corpo do sujeito? Interrogação que o prosseguimento do tratamento virá talvez esclarecer.

CHARLES SCHREIBER

## SOBRE O NÚCLEO CENTRAL DO TRATAMENTO

*Francisco Hugo Freda*

O início do tratamento figura como um momento fundamental na obra de Freud, que dá indicações precisas sobre a maneira como ele deve ser entendido. No seguimento, esse momento sofreu constante degradação até se transformar, com Menninger por exemplo, em simples contrato “comercial”. As entrevistas preliminares ao tratamento se converteram em procedimento formal limitado a algumas sessões, onde se estabelece geralmente o “contrato analítico”. A literatura pós-freudiana não contribui com nenhuma novidade. E quantas vezes esse momento fica reduzido a uma história clínica ou à anamnese psiquiátrica. A sua manipulação proposta por Lacan é radicalmente diferente. Se ela evoca, em certos pontos de sua obra, a necessidade de manter as entrevistas preliminares, já lhe ocorreu indicar muito precisamente pelo menos uma das razões dessa exigência.

Em 24 de novembro de 1975, perante os estudantes da Yale University, nos Estados Unidos,<sup>1</sup> à pergunta: “Como o senhor escolhe seus pacientes, e como articular essa escolha com sua teoria?” Lacan responde: “Eu enfatizo a demanda. Efetivamente é necessário que alguma coisa impulse. E não pode ser: conhecer-se melhor; quando alguém me faz essa demanda, desconverso.”

Detenhamo-nos um pouco nessa resposta. Dela se deduz que não se pretende aí estabelecer um contrato ou obter informações. Em verdade, as entrevistas preliminares devem permitir ao analista apreciar a admissibilidade da demanda de análise, e tomar, em consequência, uma decisão. A indicação de Lacan é aqui negativa: não

<sup>1</sup> J. Lacan, “Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines”, *Scilicet*, nº 6/7, Seuil, Paris, 1976.

aceitar encetar o tratamento se o único desejo do paciente é conhecer-se melhor. Em outras palavras: quem deseja conhecer-se melhor não requer análise, uma introspeção refletida pode bastar. Que um paciente manifeste que seu pensamento ou seu sistema de pensamento não basta para compreender, já é um primeiro sintoma. Mas faz-se ainda necessário um outro – qualquer – para que se admita sua demanda. Se um sintoma é a condição necessária para começar uma análise, nem por isso é suficiente: falta um ato.

A pergunta é então: a partir de que e em que momento produzirá o analista o ato que permitirá a entrada em análise? Pergunta à qual os analistas puderam responder: quando estiver estabelecido o contrato que liga as duas partes. E então apelar à “boa consciência” (a do paciente) que deve fazer acordo e liga com uma outra consciência, tão boa quanto (a do analista) para se empenhar na luta contra o sintoma. Esta maneira de resolver o problema causa, no mesmo lance, uma nova patologia, onde o respeito ou o desrespeito do contrato dá a medida do bom funcionamento do compromisso entre os dois parceiros. Não estamos longe do comportamentalismo.

Não seria inútil estudar mais a fundo o desenvolvimento e as modificações do uso das entrevistas preliminares, que manifestamente se empobreceram desde Freud. Em sua obra, não está ausente a idéia de contrato, mas uma leitura pertinente permite ver que o emprego dos termos: tempo, dinheiro, número de sessões etc., longe de ser uma sistematização prática, é o fruto de um trabalho prévio. Qual é esse trabalho?

Em sua *Introduction à la psychanalyse*,<sup>2</sup> Freud escreve: “O médico deverá descobrir pouco a pouco o crescimento e a constituição de transferência desde o início”, e mais adiante: “O analista é o núcleo central da nova neurose.” Essas duas proposições introduzem uma distinção – entre um personagem, de uma parte, e de outra parte, um lugar – que permite situar o analista “núcleo central” como o significante em torno do qual se forma a nova neurose. O analista torna-se criação do paciente, exatamente como a análise é criação de Freud. Por quê? Porque desde que Freud introduz o analista como núcleo central de uma nova neurose, inventa, no mesmo lance, a psicanálise. O psicanalista é uma criação da psicanálise na medida em que o objeto dito analista vai ocupar um lugar a partir do qual os sintomas vão tomar um novo sentido.

A psicanálise como teoria é assim a resposta de Freud à posição que Breuer não ocupou. O ato de Freud consiste em fazer do

<sup>2</sup> Petite bibliothèque Payot, Paris, 1984.

analista o objeto do tratamento, pura construção do paciente, que vai introduzi-lo à psicanálise.

Talvez se possa dizer que as entrevistas preliminares permitem saber onde está o analista do paciente. É a partir dessa localização que o ato de introduzir o paciente no dispositivo toma o valor de interpretação – a qual vai marcar a passagem do analista como receptáculo de todos os significados ao analista como significante do tratamento, movimento em que se aliena o personagem para fazer aparecer sua posição de analista no tratamento. Freud observa: trata-se de uma estratégia que visa ligar o paciente ao tratamento e ao médico, sabendo que este não tem interesse senão em função do lugar que ele deve ocupar.

A análise de uma série de momentos, no interior das entrevistas preliminares, vai nos permitir determinar a impossibilidade de começar um tratamento.

### *Da telepatia à análise*

A Srta. T. apresenta-se de supetão, ao telefone, como alguém que conheço, mas não chego a situá-la. Quando ela vem pela primeira vez, eu a reconheço por já a ter visto na assistência de meu curso noturno. Não tendo tido nenhum outro contato com ela, desconheço sua atividade profissional. No começo, ela diz que vem procurar-me a fim de falar de seu interesse pela telepatia.

Desse tema, que constitui o motivo de sua chamada, ela não tornará a falar. Ela aborda outros assuntos, e minha atenção é despertada porque todas as suas frases começam com um “como o senhor sabe”. É sobre esta locução que dou fim à primeira entrevista. Proponho-lhe uma segunda, e fico com a impressão de ser objeto do pensamento de alguém. Essa primeira interpretação, que evidentemente não confiei à senhorita T., será confirmada na seqüência.

No decorrer da segunda entrevista, ela não volta à demanda inicial, mas manifesta um interesse particular pela psicanálise, que ela define como meio muito eficaz para conhecer as pessoas. Diz já ter feito uma curta experiência analítica. Os analistas, segundo ela, dividem-se em duas categorias: os primeiros, honestos, e pouco numerosos; os segundos, charlatães, são legião. Seu trabalho a põe regularmente em contato com analistas, porém ela tem com eles relações difíceis.



As sessões seguintes revelam alguns fatos de sua vida. Mãe solteira, há muito tempo, não tem relação privilegiada com nenhum homem. Ela se define como mulher muito comedida e não pratica, como as outras, atos sexuais com o primeiro a chegar. Descreve a mãe como pessoa muito autoritária, e quase não comenta o pai. Cada vez que refere um evento de sua vida, é sem nenhuma precisão. Se lhe peço detalhes, manifesta profundo desagrado, pretende já ter falado disso, e pontua incansavelmente com sua fórmula: “Como o senhor sabe”.

Um fato retém particularmente minha atenção: ela evoca uma irmã a quem não conheceu, morta durante a guerra, enterrada em país estrangeiro. “Minha mãe sempre me falava dela, queria repatriar o cadáver. Comparava-me à minha irmã; eu era o objeto que representava para minha mãe a minha irmã falecida.”

Aparece então um fantasma: toda vez que a mãe lhe falava da irmã, ela a imaginava viva e a esperava. A partir desse momento a Srta. T. manifesta uma viva resistência. Deseja interromper as entrevistas. Passaram-se alguns meses desde sua primeira visita.

À medida que as recordações aparecem, a Srta. T. tem o sentimento marcado de profunda certeza que os seus colegas de trabalho sabem que ela vem ver-me pela razão de eu falar dela fora das sessões, especialmente com um analista. Essa posição de certeza torna ineficaz, mesmo impossível, qualquer intervenção de minha parte. Direi que sem ser verdadeiramente delirante, essa certeza torna-se quase um “delfrio na transferência”.

No decorrer de uma sessão, ela sugere que há um fato de sua vida do qual não deseja falar. Após longo silêncio, avisa que assim mesmo vai falar dele. Diz: “Ele não sabia o que estava fazendo; a partir de determinado momento, eu não aceitava mais; a partir desse momento ele começa a me chantagear: não me levaria mais na bicicleta se eu dissesse qualquer coisa a meus pais”. Quando solicito fatos precisos, ela conta sobre as apalpações que seu irmão lhe praticava. Na sessão seguinte, ela se admira: leu numa revista semanal um artigo sobre relações sexuais entre irmão e irmã. Ela supõe que eu já lera antes; acrescenta que em sua vida quotidiana são freqüentes sonhos, lapsos, esquecimentos, o que para ela significa que algo não está certo.

Assinalemos ainda dois momentos importantes dessas entrevistas: – Um dia, ela diz: “Já disse tudo, não sei o que se pode dizer numa análise”, depois questiona: “Mas o que dizem, os pacientes, em análise?”

Não tendo comparecido a algumas sessões, ela volta para afirmar que agora tem certeza de que falo dela aos outros analistas.

Nada faz pensar, por enquanto, que seja possível uma análise. As entrevistas preliminares já têm duração de seis meses, e esta série de momentos nos vai ajudar a delimitar sua função.

### *Análise em série*

A Srta. T. não formula uma demanda de análise. Se ela mantém um ritmo regular de sessões, ainda não se encontrou sintoma algum que lhe permita articular tal demanda. Situação particularmente estranha, pois ela conhece perfeitamente o modo de funcionamento da análise. E eu fico sempre confrontado com esta pergunta: a análise poderá começar?

Duas questões vão agora orientar meu propósito: Qual é a função das entrevistas preliminares? Qual é o lugar do analista?

Meu cuidado fundamental foi destacar um sintoma e eventualmente articular em torno dele uma ou mais interpretações. O sintoma da Srta. T. é a própria interpretação, cuja forma mais desenvolvida é seu suposto interesse pela telepatia. Evidentemente, com ela a interpretação é uma história familiar, da qual ela própria dá os pontos de articulação: objeto de interpretação para a mãe, por sua vez ela interpreta a propósito da sua irmã morta. Constrói-se então entre mãe e filha uma linha imaginária, onde o objeto de interpretação é uma morte. É justamente essa morte que se vai presentificar nas sessões. Eu sou esse morto, quando, desde o início, faço para mim mesmo esta interpretação da transferência: “Sou o objeto da interpretação da paciente”.

A lembrança da relação incestuosa com o irmão é outro momento de importância, mas não sabemos exatamente como se produziu, qual foi a participação da moça, qual o fantasma ou o desejo infantil que a acompanha. Em compensação, ela faz a interpretação: fala dos problemas do irmão, a relação que ele mantinha com os pais, as razões que poderiam levá-lo a agir dessa maneira. Se é possível que essa série de elementos tenha interesse para a continuação do tratamento, a mãe ou o irmão não são, por enquanto, senão lugares onde as significações se articulam sem produzir efeito significante. O sentido dos eventos não se entende senão pelo fato de sua evocação, mas sobre qual cena é possível essa evocação? Sobre a da certeza, certeza que falo dela, que os outros sabem que ela vem verme, certeza quanto à mãe, ao irmão.

Podemos falar de um sujeito da certeza? Em caso afirmativo,

como operar sobre ele? Dá-nos a certeza uma indicação diagnóstica, o que é uma das funções das entrevistas preliminares? Essa relação com a certeza é obviamente o que faz com que, até o momento, a análise seja impossível. Mas ao considerar atentamente o caso, pode-se discernir uma evolução dessa posição, que vai da telepatia como fórmula meditada de sua posição à proposição: “O analista fala de mim”.

Primeiro esboço de transferência, portanto primeira criação transferencial, mas não ainda propriamente analítica, pois em sua relação à certeza, o analista se encarna. Ele é um corpo, um significado. Observemos entretanto que ao mesmo tempo que se produz esse deslizamento, surge uma pergunta que pode desenhar as bordas de outra transferência, em direção à análise. Sua pergunta: “Que dizem os pacientes em uma análise?” manifesta com efeito uma primeira forma de dúvida. Será preciso esperar que esta pergunta se desenvolva e torne-se: “*Por que uma análise?, porque onde se colocará seu sintoma e seu analista.*”

Nessas entrevistas preliminares, trata-se portanto de dialetizar a certeza, de efetuar uma passagem em que o analista, como produto do trajeto, irá se tornar o objeto que resta como objeto da separação. Esse agente da separação, dele fala Freud nestes termos: “Toda libido e toda resistência à libido encontram-se concentradas na única atitude a respeito do médico, e, nessa ocasião, produz-se inevitavelmente uma separação entre os sintomas e a libido, aqueles aparecendo despojados desta. Em lugar da doença propriamente dita, temos a transferência artificialmente provocada, ou, se preferem, a doença da transferência: no lugar dos objetos tão variados quanto irrealis da libido, não temos senão um só objeto, ainda que igualmente fantasmático: a pessoa do médico.”

Se é preciso produzir essa separação pela via significante, o caminho depende da lógica: o ato psicanalítico se efetua pela passagem de um conjunto (sintoma-libido) a uma classe onde um  $x$  oriente. O  $x$  é um produto: o analista que, imaginarizado como externo, introduz o paciente à psicanálise. O  $x$  como sintoma novo deverá desaparecer, mas na condição de ter ocupado o lugar que lhe cabe. Lugar que se funda numa ética, e não num simples contrato comercial de boa consciência.

Digamos, para concluir com Lacan, que se um analista advier para a Srta. T., ele desaparecerá: daquele que tudo sabe, ele se tornará resto puro – *a*.

FRANCISCO HUGO FREDA

Tradução do espanhol: *Delia Esquibel*

## O DESTINO DO SINTOMA

*Marie-Hélène Brousse*

No caso de que se vai cuidar, é paradoxal falar de entrevistas preliminares porque estas entrevistas, preliminares à entrada em análise propriamente dita, já são entretanto tomadas no tratamento. Todos os psicanalistas viram nessas entrevistas do início com um paciente um momento de avaliação; alguns o exigem a partir da noção de analisabilidade numa ótica predizível, e daí tiram uma pergunta técnica: quem é posto no divã? J. Lacan, ao insistir sobre a estrutura do sujeito e a disjunção neurose/psicose em particular, contribui por outro lado para restituir a esse momento toda a sua importância clínica, isto é, toda a sua incidência sobre a direção do tratamento. Mas, ao afirmar ainda, em 1971: não há entrada possível na psicanálise sem entrevistas preliminares, ele vai mais longe e não remete somente às considerações técnicas ou a uma invocação elementar à prudência terapêutica: ele visa a estrutura mesma do dispositivo analítico no aparecimento de uma demanda que seja uma demanda de análise. Esta demanda propriamente falando nunca é inaugural, ainda quando pretenda sê-lo intitulando-se demanda de se tornar analista; a demanda daquele que é preciso agora chamar paciente é antes de tudo demanda de alívio e parte de uma queixa. A queixa o traz ao horizonte das terapias, seja qual for, mas não o conduz à análise: pode-se mesmo ir mais longe e mostrar que entre a demanda de alívio – por legítima que seja, e, nesse sentido, devendo ser levada em conta pelo analista – e a demanda de análise, há uma antinomia que se poderia enunciar assim: “Alivie-me, mas sobretudo não toque em nada, não toque em meu ser de sujeito, isto é, em meu fantasma”.

Um de nossos desafios será então o de mostrar que o dispositivo analítico, já presente nas entrevistas preliminares, opera uma mutação da demanda, a qual não é possível senão a partir da colocação desse operador que é a transferência. Como Jacques-Alain Mil-

ler<sup>1</sup> o enunciou, a clínica psicanalítica é uma clínica sob transferência. Nosso estudo das entrevistas preliminares deveria pois permitir mostrar em que “no começo da psicanálise é a transferência”.<sup>2</sup> Nosso segundo desafio consistirá em pôr em evidência a “ordenação subjetiva” de um caso, termo utilizado por Lacan em “Kant avec Sade”<sup>3</sup> lembrado por Jacques-Alain Miller num seminário consagrado a esse texto.<sup>4</sup> Assim designamos o que um psicanalista está na obrigação de destacar da abundância do material fornecido na experiência analítica. Essa ordenação resulta portanto da hipótese do inconsciente. Nosso empenho será de traçar as grandes linhas da ordem do sujeito construído a partir de uma sucessão temporal demarcável nessas entrevistas preliminares, sucessão menos cronológica do que lógica.

### *Espasmodia?*

A Senhorita X. me chegou com um sentimento de extrema urgência; sentimento entretanto discutível, pois ela podia vir ver-me pelo fato justamente de não estar tão mal quanto tinha sido o caso, três meses antes. Havia se declarado então, numa volta de férias, um episódio dramático que a deixara arrasada, e cuja causa ela tentara primeiro descobrir numa tomada de haxixe, num encontro social aliás incomum; com alguns amigos, ao findar a reunião, ela fumara e de repente se sentira assaltada por um estado inominável, por ela descrito como tetanização de todo o corpo, seguida de um tombo, e já no chão, de um grito: “Vou morrer, vocês não vêem que estou morrendo?” Esta primeira crise se tinha repetido depois várias vezes, e desde então ela vivia na perpétua angústia de vê-la surgir de novo, e pois na necessidade, a todo instante, de prevenir uma queda eventual. Foi procurar num serviço médico especializado na droga uma resposta que não obteve, pois o médico lhe garantiu que ela “não tinha nem um grão de droga no organismo”, e, sem dúvida, era outra

<sup>1</sup> Jornadas de Outono da Escola da Causa Freudiana, 1983.

<sup>2</sup> J. Lacan, “Proposition sur le psychanalyste de l'École”, *Scilicet* n° 1, Seuil, Paris, 1968, p. 18.

<sup>3</sup> *Id.*, “Kant avec Sade”, *Écrits*, Seuil.

<sup>4</sup> Seminário de DEA, Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII, 1982-1983.

coisa. Ela se esforçou para pôr um nome no que lhe acontecera, ainda lhe acontecia, e o achou num livro intitulado: *Você é espasmofílico?*, cujo conteúdo parecia aliás permitir a cada leitor responder – sim, e foi o que ela fez. Senhora desse saber, procurou a acupuntura para um tratamento ao cabo do qual o especialista lhe disse que o resto não era de sua competência.

Quando superada, pelo recurso a esse saber de empréstimo, a angústia absoluta que a envolvera, a urgência que a impelia ao meu gabinete era portanto a de um sintoma construído por ela, durante esses três meses, achando-lhe o nome. Essa primeira construção do sintoma fora do dispositivo analítico manifesta de imediato a relação do sintoma ao significante e torna assim possível, pelo seu engatamento na ordem simbólica, a demanda que ela vem formular: demanda não de psicanálise, mas de psicoterapia, concebida como assistência, a um só tempo esperada e detestada na medida em que ela aí via a marca de seu desfalecimento. Quanto à psicanálise, parecia-lhe inquietante, e de natureza a transformar, dizia ela, o “seu ser”. A sua demanda de psicoterapia respondi pela proposta de entrevistas, explicando minha posição de analista. Nesse caso, a questão do diagnóstico, ou, se quiserem, da “avaliação” não era central, porque a somatização, assim como a estrutura bem depressa delimitada de seu desejo, não deixavam dúvida sobre o fato de se tratar de histeria. Surgiu então com maior evidência, nessas condições, a função das entrevistas preliminares adiantadas por Lacan.

Durante um mês e meio, à razão de duas sessões por semana, a espasmofilia ocupou o prosclênio. A paciente testou esse sintoma construído em outro lugar, procurando saber se ele se mantinha no seio do novo dispositivo no qual ela se aventurava. Mas essa constituição significativa do sintoma que a havia conduzido à psicanálise era também o que dela a afastava. O saber já ali condensado com efeito lhe permitia referir-se a uma doença, entidade medicamente constituída, cuja causa podia ser orgânica ou genética; doença banal, em suma, hereditária além do mais, que excluía o sujeito em sua divisão. Contra isso, podia ser a psicanálise outra coisa senão impotente? A pergunta feita ao analista era então: “Que pode o senhor fazer por mim, pois sofro de uma doença que tem um nome e um lugar no livro?” O sujeito do inconsciente logo aparecido nesse mal-estar absoluto, que a subjugava já há três meses, achava jeito de desaparecer num apagamento que parecia permitir aí o discurso da ciência. Parecido nesse ponto em sua estrutura à denegação, esse sintoma trazia à luz o inconsciente ao mesmo tempo que o fazia esvaecer. As sessões pareciam boletins de meteorologia: “Hoje, vai bem. Ontem estava mal...” O trabalho consistiu, nessa primeira se-

mana de entrevistas, em prosseguir a elaboração do sintoma dessa vez no quadro da situação analítica, isto é, sob transferência: a pergunta da paciente se organizou como demanda de produção de saber: “O que provoca minhas crises de espasmofilia?”, pergunta à qual ela foi levada a responder ela própria: “Nada. Elas são imprevisíveis”.

Esta resposta não podia surgir e ser aceita senão na medida em que, contrariamente ao livro que dizia tudo sobre a espasmofilia, o analista não ostentava um saber preexistente ao próprio sintoma. Recusando responder, ele permitia o aparecimento de um novo saber, contanto que, agora, a paciente seja dele separada. As entrevistas foram então centradas sobre o que era, no discurso da Srta. X., no seio da articulação significativa, a espasmofilia: o sintoma era efetivamente então o único indicador desse saber em jogo.

### *Cair*

A primeira associação se fez do espasmo aos choros, caracterizando a relação amorosa maior de sua vida – que durara cinco anos e terminara um ano antes de manifestar-se sua primeira crise. Desse amigo, ela dissera para si mesma, no seu primeiro encontro: “Será este, e nenhum outro”. A relação deles tinha contribuído para sua transformação, ela tão forte, com quem os outros vinham se abrir e tinha por função “colar os pedaços”, numa mulher que chorava à-toa, cujo mal-estar, longe de abrandar pelo milagre do amor, se tinha amplificado ao ponto dela sentir-se mal, deprimida e dependente, desde que tinha conseguido fazer desse ser único o seu companheiro. Ela contou como conseguira, depois de longo período de “camaradagem”, tornar-se sua amante: amante de quem ele tinha vergonha, no início dessa relação dos dois, de ser visto, entrando em casa dela de noite, e recusando toda manifestação pública de intimidade entre eles.

Se a espasmofilia remetia à ruptura com esse homem como possível ponto de origem, ela própria já estava chorando no início da relação amorosa. No amor, uma mudança de posição tinha se intrometido, que a ruptura somente havia patenteadado.

Três elementos da cadeia associativa fizeram aparecer em que o sintoma tinha sido uma *resposta* a essa mudança de posição. O primeiro se apresentou como uma recordação de infância relativa à mãe, evocada a partir de uma hereditariedade provável: “Minha mãe

também é espasmoflica”. Ela lembrou-se então dos acessos de cólera da mãe, aos berros, como momentos insuportáveis: “Os vizinhos a chamavam ‘mulher da matraca’ porque ela tinha o costume de nos perseguir, tamanco na mão. Às vezes, eu chegava à janela, abria-a, e ameaçava jogar-me no vazio, se ela não parasse”. O segundo foi obtido pela descoberta que ela fazia de espasmoflicos em torno dela, entre suas amigas. Uma delas, particularmente, esvaziava seus armários quando das crises. Então quando me admirei de que ela tivesse identificado seu próprio sintoma, quando nada de comparável se passava em suas crises, ela achou de responder que se essa amiga voltava sua ira contra os móveis era para escapar à compulsão que lhe vinha nesses momentos, de se atirar pela janela. Um encontro com um amante perdido muitos anos antes ofereceu a terceira ocorrência do que se constituiu como uma série: ele acabara de perder a mulher. Esta, pensando abrir a porta do banheiro, tinha aberto a porta que dava direto sobre uma escada muito íngreme, e precipitara-se no vazio, numa queda mortal: a paciente teve de súbito a idéia de que ele bem podia ter dado um empurrão.

Ao cabo desse mês e meio de entrevistas, ela partiu em férias. O surgimento do significante da transferência, de que emito aqui a hipótese que se trata de “cair”, teve como efeito que, quando da primeira sessão após sua volta, ela me anunciou que afinal aprendera a esquiar, coisa que há muitos anos tentava em vão: “isto só foi possível porque aceitei *cair*”, diz ela. Entrar nessa suposição de saber tinha o mérito de aceitar cair sob o golpe dessa divisão que ela consagrava. Acrescentou então que não era espasmoflica. De fato, as crises de tetania tinham desaparecido, pelo seu lado espetacular.

### *O gozo da mãe*

Abre-se agora uma segunda fase dessas entrevistas preliminares, durante a qual a Srta. X. cuidou de procurar outro nome para o sintoma do qual sofria: foi “a angústia de ser roída pelo ex-amigo” ou a “de estar presa numa espera de sua volta que a levava à aniquilação”. Este segundo período começou com a elaboração da posição onde a havia colocado sua relação com o amigo; posição de falta em ser. Até então, o pai tinha aparecido no seu dizer como marco absoluto: ela era o orgulho dele, seguira os estudos segundo o desejo dele e com a sua ajuda vigilante, e como ele, tinha paixão pela música. Ela combinara os dois numa vocação precoce e de certeza absoluta, tor-



nando-se professora de violoncelo: “Meu instrumento é a minha coluna vertebral”, dissera ela quando da primeira entrevista. Esse encontro com um homem, entretanto, a tinha feito cair. Desde então, ela se sentia desfalecer.

Ele, qualificado por ela de “objeto precioso”, perfeitamente belo, auto-satisfeito em suas atividades, para nada precisava dela: ela evocava a falta de seu desejo por ela, o que a deixava única desejante. Ela tinha o sentimento que ele não a via, no sentido próprio do termo: “Ele me esbarrava sempre, como se não me visse, ele passava por cima de mim”. Sua relação com ele era feita de espera e de lamentação: nisso ela reproduzia a pantomima materna feita para o pai: “Não quero ficar como minha mãe, sempre quis ser diferente dela, incapaz de reagir”. Já nos primeiros meses de sua ligação, ela tinha “caído” grávida, e o aborto ao qual ela se decidira a tinha também reconduzido a uma identificação com a mãe, sempre ocupada com o desejo de abortar. Também, um torpor a tinha invadido, que a levava para esse lado. A mãe veio então ao primeiro plano das entrevistas. Realmente, a paciente já tinha falado de sua depressão constante já há dez anos; mas esta depressão pareceu então conectada mais precisamente à sua saída de casa, para o começo dos estudos. Ela precisou então os sintomas maternos: a mãe não podia mais dirigir o carro, e a cada partida em férias era o inferno. Por outro lado, sempre soube que a mãe morria de medo a ponto de nunca se deitar sem olhar embaixo da cama e fechar à chave a porta do quarto, quer o pai estivesse lá ou não.

Nesse mesmo tempo, ela ficou com medo de dirigir o automóvel, e num desvio de uma associação surgiu inocentemente um sintoma muito antigo, não percebido como tal, e não sendo objeto de queixa alguma: uma severa fobia de cobras que lhe fazia achar insuportáveis até as representações do animal. Ela indicou que não era nem a picada nem o veneno que faziam da serpente um objeto fóbico, mas porque era de uma forma própria a se introduzir em toda parte, isto é, passar debaixo das portas. Justamente ela tinha encontrado recentemente uma cobra-de-vidro sobre o patamar da entrada da casa, ficando depois obrigada a múltiplas precauções, inquieta com o interstício existente entre a porta e a soleira. Na infância, lembra-se a paciente, não tinha medo de nada. Sabendo disso, a mãe a aproveitava, pedindo-lhe sempre que a acompanhasse ao celeiro para estender a roupa, pois era incapaz de ir lá sozinha.

Na seqüência das sessões, o papel de apoio que ela exercia para a mãe ainda mais se afirmou: “Sem dúvida, eu também tinha medo naquele celeiro, e em outros lugares, mas tinha ainda mais medo do medo de minha mãe”. A porta do quarto, fechada sempre à cha-

ve, tinha sido bem compreendida pelas crianças – que a isso se tinham habituado – como “Vocês podem morrer, contanto que eu me salve”, que confirmava a afirmação materna de não ter querido nenhum dos filhos. A descoberta de sua posição particular na fratria em relação à mãe foi uma surpresa para ela. Percebeu isso depois de um telefonema no qual a mãe lhe disse que estava passando mal, desde o último fim de semana, quando ela tinha ido vê-los. À sua tentativa de banalizar o caso, dizendo à mãe: “Você tem vivido para os filhos; quando partimos, você sente-se vazia”, veio a réplica: “Não, só você; só quando você vai é que eu fico assim. Você é tudo para mim”. Foi para ela um ponto insuportável.

Ela associa as poucas lembranças seguintes: quando uma de suas tias paternas morreu em acidente de automóvel, ela foi a primeira a sabê-lo pela mãe, em segredo por alguns dias. Também, um ano mais tarde, foi a única a ser perguntada pela mãe se desejava ver o avô no leito de morte. A única enfim, para quem a mãe, quando o pai tinha sido operado de quisto canceroso na perna, tinha evocado a coragem que ela, filha, precisaria ter para substituir o pai, caso ele morresse: segredo absoluto, pois, quinze anos depois, o pai ainda ignorava a natureza cancerosa daquele quisto. Essas confidências faziam dela a parceira da mãe, mais do que o pai de quem a própria mãe havia dito: “Se você pensa que sinto prazer quando seu pai trepa em mim”; parceira de um gozo de morte ao qual a serpente tentava impor um limite, fazendo as vezes, como Lacan mostra, como significante para todo serviço, do falo em falência – dar um nome ao inominável desse gozo materno, detrás da porta – significante que lembra, pelo seu poder de deslizar sob todas as portas, alguma coisa de “lamela” de que fala Lacan na “Position de l’inconscient”: Para af meter os dedos, o mais valente teria base para pensar com cuidado, temor que entre os dedos ela se escorregue para ir se alojar aonde?”<sup>5</sup> Nada pode deter este “ser mortífero”, órgão do incorpóreo no ser sexuado, nada senão esse “cristal significante da fobia” que o espeta. O “Sê tudo para mim” dirigido a seu amigo, escolhido por sua beleza, último baluarte diante do horror da castração, que entretanto ele faz ver, numa de suas características maiores: “Ele tem olhar morto”, faz surgir em eco o “Você é tudo para mim” que a mãe lhe dirige – a ela só – que devia ter compreendido há muito tempo que “não precisava lhe pedir nada” para ser amada por ela.

<sup>5</sup> Jacques Lacan, *Écrits*, p. 846.

Ela teve então um pesadelo: “Na adega, minha mãe matava a golpes de matraca as cobrinhas que eu lhe apontava”: fez-se uma trajetória, do celeiro à adega, da mãe apavorada, que ela deve salvar arriscando a própria vida, à mãe apavorante, da qual ela não se livra senão fazendo-se agente de um desejo cujo objeto é a morte do próprio sujeito. A pergunta da paciente: como não ficar presa a serviço do gozo da mãe? Se desdobra a partir dessa posição: aí pode se esclarecer o que marcara e marcava ainda a relação com seu amigo: a importância da outra mulher. Ela sempre quis a mais absoluta franqueza de sua parte, e exigia para sua infidelidade mulheres que valessem a pena, isto é, mulheres que ela pudesse venerar; após a separação, algumas aventuras homossexuais tinham intensificado sua angústia. Sua fascinação diante do par ideal que seria constituído por seu amigo e uma mulher a mergulhava num estado de decadência, de perda dela mesma que, enquanto organizava seu desejo, a devolvia a um além do falo onde reinava a pulsão como pulsão de morte.

Este sonho foi a primeira interpretação do tratamento, e marcou o fim das entrevistas preliminares. Atingindo esse ponto, a Srta. X. anunciou que chegara o momento de se colocar no divã. Assim ela fez, na sessão seguinte. Se foi o término das entrevistas, não foi o início da análise, que já começara. Nas “desventuras do desejo nos limites do gozo”, tinha-se entregado um “saber de um lugar que difere de toda tomada do sujeito”.

### *Angústia e depressão*

É portanto possível construir a sucessão temporal que dá conta desse surgimento do sujeito, no mesmo tempo da produção desse “saber, suposto presente, dos significantes no inconsciente”<sup>6</sup>

*Tempo 1.* Na primeira crise de tetania, aparecem a queda e a angústia da queda. Formulamos a hipótese de ser o tempo do trauma, irrupção de um real, que faz literalmente perder o pé a Srta. X., já abalada em sua relação amorosa. Essa experiência, de gozo, tem estrutura comparável à da passagem ao ato: o sujeito está aí ameaçado

<sup>6</sup> *Id.*, “Proposition sur la psychanalyse de l’École”, *op. cit.*, p. 20.

de desaparecer, no fracasso do fantasma em manter o gozo nos limites do desejo.

*Tempo 2.* Construção, fora do dispositivo analítico, de um primeiro sintoma, a espasmofilia, organizado a partir do discurso da ciência, isto é, na sutura do sujeito do inconsciente. Esse primeiro sintoma tem estrutura de resposta à irrupção de um real traumático e ao aparecimento do sujeito do inconsciente no modo de sua evanescência.

Esses tempos 1 e 2 são as condições, não a causa, de demanda de psicoterapia.

*Tempo 3.* O sintoma se contrói sob transferência. No dispositivo do discurso analítico, que, em vez de suturar o sujeito, mantém aberta a hiância do inconsciente, o sintoma pode manifestar sua divisão ao próprio sujeito. É então que aparece, através das associações sobre a espasmofilia e a tetania, o significante da transferência. O sintoma passa da forma de resposta que ele tinha fora do dispositivo analítico no tempo 2 à forma de pergunta. Ele presentifica a do sujeito, e pode então conduzir à análise na medida em que seu sofrimento assume significação, por referência ao saber de um Outro, que a confere para ele. Um primeiro trajeto se efetua, da demanda de ajuda e de alívio à demanda de saber. A colocação da transferência torna analisável o sintoma. Ele converte-se para a Srta. X. num enigma, numa mensagem cujo sentido, se bem que escondido dela, começa a existir, decifrável pelo Outro. Tal como esse escravo do qual fala Lacan, que carregava na testa a ordem de sua condenação sem sabê-lo, a paciente pouco a pouco adivinha que algo está escrito, que funciona como apelo ao saber. É o surgimento do inconsciente freudiano.

*Tempo 4.* Ela mesma o ignorava, mas a Srta. X. entrou no dispositivo analítico – sem por isso estar em análise –; ela passou de uma transferência demandante a uma transferência produtora de saber, com este ‘Não sou espasmofílica’. Outros elementos, antes excluídos, são reconduzidos e ordenados na cadeia associativa; assim a fobia das serpentes, despercebida como sintoma até então, ou ainda a ausência de qualquer doença ou cansaço que caracterizavam, no dizer da própria Srta. X., a relação que ela mantinha com seu corpo desde a primeira infância até sua ligação amorosa. Ela não podia nem “cair doente”, nem “cair de cansada”, nem mesmo ter medo. A angústia e a depressão são os novos nomes de seu sintoma, sob transferência. Desse ponto de vista, a colocação desta tem no come-

ço um efeito de sedação, depois paradoxalmente, de agravamento dos sintomas. As entrevistas preliminares efetivamente permitiram o desaparecimento da espasmofilia e a atenuação das crises de tetania, que tinham trazido a Srta. X. à psicoterapia, mas terminam ao aparecerem manifestações múltiplas que até então estavam fora de significação e agora adquiriam uma, transferencial.

Este “não sou espasmofílica”, enunciado após um “aceitei cair”, torna verdadeiramente possível a passagem à análise, isto é, o nó da vertente significante da transferência, permitindo o trabalho a partir de sua própria divisão significada ao sujeito com a transferência sobre a vertente do amor que se dirige ao saber. A presença do analista é então efetivamente levada em conta e autoriza o “cair” se transformar em “querer ficar no divã”. Encetar uma análise é por certo entrar no mundo regrado da associação livre como sujeito da alienação. Nisso, as entrevistas preliminares não estão em ruptura com a própria análise: as associações significantes produzem um deslocamento do saber, e metem o sujeito no trabalho. Mas estão em ruptura no concernente a esse ponto que permite o ordenamento subjetivo a partir da cadeia significante: ponto de separação, destacado pelo amor de transferência, que faz emergir o objeto em lugar do analista; aceitar cair é aceitar ser desapossada, como conseqüência de falar, do objeto que o analista por sua presença pode encarnar. Repete-se no dispositivo analítico essa *tuchè* que acontecera com a Srta. X. no amor: encontro da barra sobre ela e também da cessão do objeto do qual ela está separada, que ulteriormente, no decurso da análise, ela irá resumir pelo seu traço fundamental “a fixidez de seu ser-lá”.

Esse início de tratamento leva também, seguindo o trabalho de Jacques-Alain Miller,<sup>7</sup> a refletir na ligação entre sintoma e fantasma. Faremos a seguinte hipótese: no início das entrevistas, o significante da transferência fica preso em três vinhetas que remetem ao desdobramento, na vida e no dizer da Srta. X., das figuras de seu fantasma, como estrutura que dá ao sujeito o modo de constituição de seu objeto ou de seus objetos. Como tal, ele organiza seu desejo, isto é, permite e limita esse desejo. Do seu fantasma, ela é perfeitamente cortada, o que Freud já indica em “Uma criança é batida”. Nossa hipótese se apóia na estrutura mesma destas três vinhetas: o quadro da janela ou da porta é af prevaiente; a barra sobre o sujeito (golpe de matraca ou impulso matador) af aparece correlata ao surgimento do

<sup>7</sup> Jacques-Alain Miller, “Du symptôme au fantasme, et retour”, curso do ano 1982-1983, Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII.

objeto como numa passagem ao ato: momento de separação, em que, numa queda, o sujeito se faz ele mesmo todo inteiro objeto do gozo do Outro, este Outro animado de um desejo de morte. O episódio da grande crise de tetania, no tempo 1, sem dúvida ganhou seu impacto angustiante por ter funcionado como travessia selvagem do fantasma. A parte final dessas entrevistas evoca, no carinho das confidências maternas, o além do princípio de prazer, o gozo em função do qual o fantasma foi elaborado, num descaso materno do qual a Srta. X. não pode ser senão o resto, ou, como é interpretado no seu sonho, o agente. Da posição fálica onde ela estava, o mau encontro amoroso a desalojou para trazê-la de volta a esse abandono originário. De largar (abandonar) a cair se amarra, com a suspensão da resposta do fantasma, a questão do sintoma, como tentativa de sair do impasse no qual se encontra engajado o seu desejo.

MARIE-HÉLÈNE BROUSSE

## UMA HISTERIA DESMELANCOLIZADA

*Diana Rabinovich*

### *O referente latente*

Magdalena está em análise faz cinco anos, quando comete uma tentativa de suicídio – passagem ao ato que interrompe seu tratamento, de orientação kleiniana.

Um ano depois, quando começa comigo uma nova análise, ela se apresenta como uma histérica, se posso dizer, “melancolizada”: autenticar no sujeito tudo que é da ordem do imaginário, diz Lacan em seu Seminário sobre *As psicoses*, é fazer da análise a antecâmara da loucura. Isso o caso de Magdalena infelizmente ilustra, de maneira muito exata.

O interesse dessa segunda análise reside nas perguntas que ela propõe sobre a função do fantasma na estrutura neurótica, e mais precisamente sobre a função do objeto do fantasma no tratamento. Lacan admite que esse objeto constitui o referente latente do início do tratamento: penso que é o desconhecimento desse referente que explica a passagem ao ato que interrompeu de maneira tão estrondosa a primeira análise. O objeto deve ser situado no fantasma fundamental de cada sujeito: sua concepção do fantasma define a posição original e singular de Lacan no campo analítico. Sublinhamos que o fantasma como tal não deve ser confundido com a floresta de fantasias imaginárias pelas quais ele caminha. Lacan precisa também que não há fórmula do fantasma própria a cada tipo de neurose: ele é atípico a respeito da estrutura – essa concepção evita o extravio nas vias elucubradas por Abraham.

Tais tentativas de suicídio são freqüentes em nossa prática. Muitas vezes recebem o nome de “suicídios amorosos” e são consideradas geralmente como chantagem ou simulação banal.

A contribuição dos analistas para essa questão é até agora totalmente insatisfatória. Estrutura narcísica, fixação oral, histeria de defesa contra a psicose: eis alguns termos constituindo uma colagem diagnóstica, cuja imprecisão recobre a impotência do psicanalista para dar conta desses casos quando assume o lugar do mestre, como sempre protegido e denunciado pela histerica.

### *O filho, agora impossível*

Magdalena pertence a uma família tradicional da Venezuela. Tendo ficado órfã na puberdade, foi educada pela família do seu pai. Muito jovem, casa-se com Juan; o casal parece feliz, se bem que não haja praticamente relações sexuais, por causa da frigidez de Magdalena. Os dois decidem tacitamente não ter filhos. Juan é figura destacada no mundo intelectual e político; porém, fora da tribuna política, é indeciso e timorato.

Aos quarenta anos de idade, Magdalena, já começando a se declarar insatisfeita com seu parceiro, sofre uma afecção ginecológica que implica a necessidade de intervenção cirúrgica. Voltando a si, após a operação, recebe do cirurgião a notícia de lhe ter sido praticada a histerectomia, em caráter preventivo, pela razão de que, em sua idade, não seria recomendável ter filhos. Para Magdalena é a inesperada irrupção do real: é impossível agora um filho.

Num segundo tempo, meses mais tarde, ela tenta com um *acting out* reestruturar o efeito de forçamento desse real. Põe-se, em relação ao marido, em situação de amante desvalorizada, amargurada e despeitada: fica na posição de  $(-\varphi)$  e, doravante, apresenta-se como mulher inútil, tola, feia, e por aí vai. Pela primeira vez, Magdalena tem ciúme de Juan. Passa a considerar rival Beatriz, uma moça que até então o casal tratava como filha adotiva. Magdalena nada mais tem, salvo seu amor por Juan; Beatriz, esta, tem tudo: mocidade, beleza, inteligência... Juntos, Juan e Beatriz poderiam obrar maravilhas e formar um par fecundo – deslocamento do filho-*agalma* guardado agora por Beatriz: Juan não tem outra coisa a fazer senão amá-la. Verdadeira transferência selvagem que decide Magdalena a empreender sua primeira análise.



### *O homossexual*

O desejo histórico é definido por Lacan como desejo de um desejo insatisfeito, exemplificado na demanda de filho ou no *Penisneid* que constitui o ponto de barragem encontrado por Freud na sua prática. Esse impasse é que recobre o impossível da relação sexual e o objeto de sua suplência. Através de Beatriz, Magdalena interroga sobre sua feminilidade: como se representa A mulher além do falo? Essa pergunta, ela a faz identificando-se ao homem – definido como *homossexual* (com dois m) por Lacan, em *Encore*. Nessa posição, ela se indaga o que é toda-mulher, acreditando que pelo menos um homem detém esse poder sobre o sexo – e eis deslanchado o mito de Don Juan.

Sua entrada em análise constitui um terceiro tempo, durante o qual – fato notável – fica totalmente omitida qualquer referência a seu frustrado desejo de filho: não existe o real impossível, nem tampouco a castração. Existe só o imaginário filha-irmã, Beatriz, alvo de seu ciúme – o que constitui simples deslocamento do luto histórico pelos pais. Primeiro Magdalena aceita que sua intimidade seja invadida por Beatriz e outras amigas, como pura retorsão de sua agressividade inconsciente. Seu sadismo inconsciente lhe impede traçar limites: ela deve elaborar o luto, organizar sua vida, fazer-se respeitar. Tudo está concentrado no *hic et nunc* da transferência imaginária com o analista-seio-penis. Magdalena obedece à demanda “reparadora” de seu analista, e a intriga torna-se drama.

Ela proíbe a Beatriz entrar na sua casa, expulsa os amigos e, diante da soma de interdições e tentações que Magdalena lhe impõe, seu tímido esposo se transforma numa espécie de Don Juan, animado pelo desejo de sua mulher. Finalmente, ele declara-se apaixonado por Beatriz, e quer sucessivamente separar-se da mulher e manter “relações abertas”. A situação fica cada vez mais complicada, e os dois decidem fazer uma consulta como casal.

“Sou uma merda”

Nessa única entrevista, Juan insiste sobre seu desejo de manter relações abertas; o terapeuta considera que as condições para uma terapia de casal não estão presentes, na medida em que não há laços que a justifiquem. Magdalena irá contar-me, depois, que, ouvindo tais

palavras, sentiu um abismo abrir-se sob seus pés: daí por diante, nada mais tem sentido para ela. Voltando para casa, telefona ao terapeuta para perguntar se ela ouviu bem. Esse lhe confirma as palavras; logo Magdalena passa ao ato, tentando o suicídio.

A passagem ao ato, observa Lacan, corresponde à escolha do “eu não penso”. Produz-se aí um desaparecimento do sujeito, identificado ao objeto *a* caído do campo do Outro, onde não há mais lugar para o seu ser.

Num quarto tempo, seis anos de uma segunda análise permitirão precisar retrospectivamente as razões desse desfecho.

Magdalena vem me consultar, dizendo que ela é merda, não serve para nada. A impaciência poderia então nos empurrar para o sentido literal de “merda”, e fazer-nos crer que se trata do objeto anal. O desenrolar do tratamento demonstra que não é o caso. Se Magdalena é uma “merda” é no sentido do resíduo: sua posição de resíduo constitui, com efeito, o traço central – resíduo de análise, resíduo de casal. Sabemos que essa posição é a do sujeito no fantasma masoquista, cujo objeto é a voz – esta voz que faz lei para Magdalena, pondo-a a serviço do Outro ao qual ela se oferece como uma coisa que obedece, como um cão, às ordens.

O referente latente que o manejo imprudente da relação de objeto na primeira análise, penso eu, desprezou, é precisamente a voz: é assim que, ao lhe dizerem que ela é demais na cena, ela obedece, apagando-se, pela passagem do ato.

### *A voz no fantasma masoquista*

O desaparecimento progressivo de seus sintomas é acompanhado do aparecimento da mesma fórmula que a une à voz enquanto objeto. A negação, observa Lacan, marca a presença da enunciação no enunciado. Magdalena repete sem cessar: “Não sirvo para nada”. *Servir*, em espanhol, como em francês (e também em português) tem dois sentidos: ser útil, ser capaz de desempenhar certas tarefas; e, igualmente, prestar seus serviços, ser utilizado como servidor. O primeiro sentido ligado à negação nos extravia no campo da identificação imaginária, na imaginarização do ego, do ( $-\phi$ ), limite em que se encerra a teoria do tratamento centrada sobre o narcisismo. O segundo sentido nos coloca em outro eixo: o do axioma de seu fantasma, on-

de: “Eu sirvo” constitui a resposta de Magdalena a uma ordem: “Serve!”, não-formulada e inaudível; Magdalena responde a essa voz imperativa por um “Amém! que tua vontade seja feita!” Há, portanto, duas versões; uma ao nível do enunciado egóico, no qual a negação define a impotência egóica; a outra no plano da enunciação inconsciente, é uma resposta à voz: “Sou servidora, eis o meu ser, ocupo na passagem ao ato a posição do resíduo que sou: caio como uma merda”.

O referente latente é, portanto, aqui, a voz; a deflação narcísica mascarava somente a submissão de Magdalena a essa voz. O conversador brilhante que era seu esposo não sabia que, ao conversar, ele literalizava de maneira imaginária a causa do desejo sustentado durante quase vinte anos por um casamento que só poderia ser considerado como desprovido de sexualidade por um ponto de vista convencional. Magdalena caiu como aconteceu com a voz, e, na interrupção de sua primeira análise, foi a ela, e não ao analista, que coube cair como objeto *a*. Tal interrupção não somente é o contrário do término da análise tal como Lacan descreve, mas é também a caricatura dramática do término do tratamento kleiniano. Para Klein, um término de análise assim corresponde ao luto do objeto idealizado; o trabalho do luto permite elaborar a culpabilidade ligada aos ataques agressivos contra o objeto ideal encarnado pelo analista, e permite a reintegração do objeto reparado sob o signo de Eros.

Essa ideologia da reparação deixa o analista intacto como sujeito-suposto-saber. O paciente carrega como uma cruz esse objeto kleiniano que deverá guardar eternamente. Mas o objeto *a*, ele, não se introjeta: reaparece no real da passagem ao ato. Por ter tomado o referente latente em sua densidade imaginária, por ter naturalizado o objeto do desejo, a primeira análise funcionou como contrademanda obsessiva: a paciente obedeceu e recolocou no real o resíduo sob a máscara da merda.

Sabemos que o objeto em jogo no masoquismo, a voz, está em relação com o superego além de sua dimensão imaginária, “obsceno e feroz” na medida em que constitui para o sujeito a causa de seu desejo: “a própria voz da consciência” é certamente uma voz. Se a demanda reparadora teve efeitos tão nocivos para Magdalena, é precisamente por não haver reconhecido o fato de que o superego não é somente imaginário, mas que pelo contrário ele se relaciona à voz do Outro, cujo desejo faz lei. Essa voz que sustenta o pai no altar do qual a histórica se oferece em sacrifício.

No caso de Magdalena, ficou verificado ser indispensável articular o fantasma masoquista à estrutura histórica para analisar a “melancolização” suposta da paciente.

Após esse longo e difícil percurso, Magdalena atravessou o luto do objeto: ela está lá onde o objeto do fantasma permite operar a separação, lá onde aponta o término da análise.

DIANA RABINOVICH

Traduzido do espanhol pela *autora* e por *J.-M. Ribettes*

**PANDORA: ANORÉXICA, MAS NÃO TANTO***Stuart Schneiderman*

Há pouco mais de um ano, fui procurado por uma francesa de vinte e três anos que disse estar afetada de anorexia, já há muitos anos, embora sua aparência física – peso praticamente normal para a estatura – não pareça confirmar sua queixa. Ela insiste em dizer isso, para que eu não cometa engano. Efetivamente, alguns meses antes, consultou uma terapeuta que lhe garantiu não ser possível ela sofrer de anorexia, pois seu peso era normal. Minha paciente – vamos chamá-la de Pandora – rapidamente desistiu dessa terapeuta, pois, a seu ver, quem confia na evidência dos sentidos à custa da verdade da palavra não vale grande coisa.

*A palavra eloqüente*

Pandora escolheu-me para atender sua demanda de análise por achar que eu falava bem francês. Ela me ouviu pronunciar em francês uma conferência em Nova York, e me achou muito eloqüente. A eloqüência é o que ela busca nos homens; aliás, é só isso que ela busca. Em suas relações com as pessoas, ela gosta sobretudo de escutar, e o máximo da escuta é receber a palavra bem articulada de um homem. Vive há três anos com um homem eloqüente – um ator – mas este está em via de deixá-la por outra: por isso procurou-me.

Com esses dois traços, podemos esboçar um quadro clínico. A anoréxica, mas nem tanto assim, consegue nutrir-se sem comer. Aos quinze anos de idade, ela teve episódio de anorexia pura – espécie de greve de fome. Saiu disso para a bulimia. Nunca teve regras normais. Pelo fato de não serem satisfatórias para ela nem a anorexia

nem a bulimia, ela encontrou uma espécie de meio-termo: todos os dias enche a boca de comida, mastiga até ficar uma papa – depois cospe tudo na lata de lixo. Ela chama isso de “masca-cospe”: é um sintoma não muito comum, mas que já encontrei em outras pessoas. Ela se nutre, portanto, de sucos que lhe passam na garganta, mesmo não querendo. Esse rito individual deve permanecer secreto, e sua imagem corporal não revela o que ela chama de sua obsessão.

Ela recusa, portanto, mostrar um corpo de anoréxica ao olhar médico. Conhece muito bem a fascinação mórbida dos médicos ante um corpo que parece pedir-lhes intervenção urgente – pouco lhes importa a demanda articulada. Portanto, Pandora guarda seu segredo, revelando-o unicamente a homens suscetíveis de oferecer-lhe em troca uma palavra eloqüente. O que é certo é que ela goza em ouvi-los, e que isso constitui sua vida erótica. Não ficou mais pobre por isso. Ela se sente satisfeita com isso.

### *A outra mulher*

O problema é que seu amigo não se sente satisfeito: há um ano, ela se esquivava cada vez mais da relação sexual. Segue um caminho bem próximo do misticismo. Mas compreendeu bem que não basta para seu amante, e, portanto, quando ele enceta uma ligação com outra mulher, ela concorda: seu amante continua sendo um homem de verdade, e além do mais continua vivendo com ela. Assim ela fez um arranjo que lhe convém plenamente.

A outra mulher tem outra idéia. Não aceita sua função – ser boa só para copular. Ela quer que o homem more com ela – por amor. Pandora então busca no analista uma última oportunidade, antes de perder seu homem: e, em caso de malogro, ela terá ao menos um substituto, um regra-três. Um analista preenche perfeitamente as exigências desse lugar, e um analista laciano além do mais deve entender de misticismo.

O que a faço observar é que em relação a esse arranjo do homem com outra mulher – ligação aprovada por ela –, ela cometeu um erro de cálculo: não viu que essa mulher pode desejar outra coisa além de sua dose quotidiana de falo.

Pandora é o objeto causa do desejo de um homem que deve dirigir seu desejo de homem para outra mulher. Sua estrutura é portanto histórica: é difícil não estabelecermos um paralelo com o caso de Dora que faz tudo para o pai impotente se ligue a outra mulher

que seja suscetível de acolher o desejo causado por Dora. Alma irmã de Dora, nossa Pandora manifesta o maior interesse por tudo que se refere a gravidez.

De minha parte, já na primeira sessão, faço o seguinte raciocínio: quando alguém declarando ter obsessão de comida afirma que as coisas ficarão melhor se eu não teimar em curar esse sintoma, devo reconhecer que se trata certamente de outra coisa que não a oralidade, certamente de outra coisa que nada tem a ver com barriga boa ou ruim.

### *A palavra sem voz*

Pandora tem isso de comum com outras anoréxicas: quando fala, mal utiliza a voz, quase sempre não encontra nada para dizer (dizer coisa vazia?) e ela fica angustiada diante do vácuo da escuta analítica. Vê-se obrigada a encher os ouvidos do analista com palavras.

Arrisco a fórmula seguinte: o rito de mascar e cuspir representa uma alegoria da palavra, de uma palavra que pode ser emitida sem voz, sem ser vocalizada. Como Dora, Pandora interessa-se vivamente pela fumaça dos homens. Não devemos reconhecer aí o laço entre os ritos concernentes ao tabaco, o roubo do fogo, e a questão de comer cru e o assado, o objeto da demanda e o objeto do desejo?

Digamos que para Pandora houve simbolização, mas não verbalização. Isso se manifesta numa cena contada por ela após vários meses de análise. Quando tinha mais ou menos cinco anos, ela, sua irmã e seu pai foram abandonados pela mãe que foi buscar sua alma numa comunidade de religiosas. Nas semanas que precederam essa partida, a mãe passava o tempo preparando para as filhas uma grande bolsa – do tipo saco de Papai Noel – repleta de brinquedos com bonitas embalagens. Um dia, chega um carro à casa, a mãe diz às crianças que é hora de abrirem os seus presentes. As filhas se precipitam com avidez sobre os pacotes enquanto a mãe parte no carro. Ela não dissera uma palavra sobre sua partida. Três anos depois, ela volta para retomar contato com as filhas e divorciar-se do pai.

Pandora viveu a cena da seguinte maneira: estava se regalando com os brinquedos novos, no auge da felicidade, quando subitamente percebeu que toda essa encenação tinha sido armada para distrair as crianças. Ela se deu conta, pela enorme quantidade de presentes, da enormidade que lhe foi retirada. Para coroar a cena, o pai não disse uma palavra sequer sobre a ausência da mãe, é o que ela me conta.

Por sua parte, Pandora jamais falou disso. Houve de certo modo simbolização da ausência da mãe sem verbalização. A impotência do pai manifestou-se pela incapacidade de falar de um evento capital para a família. E já que o pai não falava disso, a filha tampouco podia falar.

### *O gozo da voz*

A palavra *lhe* foi efetivamente interdita, mas o que sobretudo foi interdito, foi o gozo da palavra. Como disse Lacan: “Ali onde isso fala, isso goza... Mas, quando isso não fala, isso goza de outro modo – pelo ouvido. O instrumento desse gozo é a voz do Outro. Não é por nada que Santo Agostinho dizia que a Virgem se tinha impregnado pelo ouvido.”

A partida da mãe, por não ter sido designada como tal, não era uma partida. Todos os presentes viraram nada, e a filha que sobre eles se lançara com mais vivacidade, tornar-se-á anoréxica. Segundo a fórmula de Lacan, ela comerá esse nada.

Tudo o que poderia uma mãe oferecer como bem – incluindo um seio que seria bom – nada vale ante a ausência do único dom que valeria alguma coisa: o dom da palavra, aguardado, porém não recebido do pai.

Isso não quer dizer que o pai não tenha dado nada à filha. Em vez de oferecer uma palavra significante que teria estruturado a ausência da mãe – permitindo assim à filha retomar por sua conta essa palavra – o pai fala de outra coisa. Ele não é mudo. Mas, já que não fala do que deve falar, ele não diz nada, apenas exerce a sua voz. Esta voz penetra a filha e ela goza disso. Ela se tornará guardiã da voz do pai, no sentido em que Freud diz que, se o homem roubou o fogo, são as mulheres que o guardam.

No início de sua análise, Pandora fala com uma vozinha, uma voz baixa, por vezes quase um cochicho. Quando chega a emitir outra voz, mais parece a voz de um homem. E eventualmente chega a falar com uma voz que seria a sua. Experimenta então um gozo que *lhe* é estranho. Haverá portanto sessões em que ela fala bem, alternando com sessões em que não tem nada a dizer. De minha parte, estímulo essa paciente a falar de tal maneira que eu a possa ouvir.

Estaríamos errados se pensássemos que o rito de mascar-cuspir *lhe* traz uma satisfação qualquer. Realmente, ela procura um gozo que seria ligado à sua boca, mas jamais o encontra. O rito pára



quando ela não agüenta mais. Não agüentar mais não quer dizer que se está satisfeito.

O rito enquanto sintoma não é um rito obsessivo. Com efeito, segue o contorno das boas maneiras na mesa, os ritos normais da preparação da alimentação. Se mais ou menos a mesma coisa se passa aqui todas as vezes, nada obriga a que isso se passe sempre da mesma maneira.

Enquanto sintoma, o rito realiza um desejo – é traço unário, no sentido em que Freud fala do sujeito do segundo tipo de identificação. Quando Lacan diz que a anoréxica come nada, isso nos diz que ela procura criar uma falta em seu corpo-em-corpo – ou, para dizer as coisas de outro modo, ela não pode comer senão o nada, pois é só isso que lhe falta.

A anoréxica procura um analista eloqüente por uma razão: a demanda dela é ser cumulada, mas não da mesma maneira que ela foi quando o ouviu falar em público. Quer ser cumulada com uma voz que a ela só visaria, uma voz que seja ouvida só por ela, uma voz que faria dela *A* mulher. Não existe essa voz, tanto como não existe a mulher. Mas no início da análise, o analista forçosamente tem de falar – e quanto mais a paciente demanda outra voz, mais o analista evidentemente, ficará silencioso. Seu discurso acabará por se manter sem palavra.

### *Da boca para o ouvido*

Após alguns meses, Pandora começa a ressentir uma frustração, que ela diz ser uma frustração sexual. Para uma mulher que jamais teve apetite sexual, isso questiona sua sexualidade.

Ela já me revelara que tinha tido contatos sexuais com primos, quando andava pelos seus cinco anos. Os primos eram mais velhos, um com quatorze, outro com dezesseis anos. Ela se fazia tocar por eles, e chegou a masturbá-los. Havia um de quem ela gostava imensamente, e ela contou-me que, depois de tê-lo masturbado pela primeira vez, ele se afogou num acidente de barco. Af deve se ter inscrito – pela contigüidade de eventos – uma relação entre sexualidade e morte. Se ela tocar o sexo de um homem, ele morrerá. Então, não quer ser tocada pelo sexo de um homem – não por causa dela, mas por causa dele. Ela está portanto em posição de se sacrificar pelo homem que escolheu.

Nos Estados Unidos, quando se fala de um caso, é de rigor falar de mudança de comportamento. Em Paris, isso se faz bem menos – e por boas razões. Aqui, entretanto, já que estamos num hotel americano (o Sheraton), num encontro internacional, vou dizer-lhes como as coisas se modificaram. Para começar, o rito sintomático continua, sem que Pandora creia entretanto que seu problema tem alguma coisa com isso. Assim, ela consegue comer razoavelmente perto da normalidade. Segundo, as regras aparecem regularmente já há alguns meses – coisa que nunca sucedeu em sua vida. Terceiro, ela se desprende do homem que a deixou sem entrar em episódio depressivo grave – é a transferência que a sustenta. Enfim, ela trabalha, e trabalha bem. E, ainda, leva a vida com muita inteligência – ela é bem desembaraçada.

Para dizer tudo, não são resultados no sentido analítico do termo. São efeitos de transferência. Mas é melhor não os desconsiderar só por isso. Num caso como este de Pandora – e com casos de anorexia ainda mais graves – é preciso que isso aconteça. De outro modo, o analista se verá obrigado a entregar o corpo de sua paciente aos bons cuidados dos médicos – o que será lido como confissão de impotência. Pelo contrário, procuramos conduzir a paciente a apreender o impossível da relação sexual, mesmo quando isso passa da boca para o ouvido.

STUART SCHNEIDERMAN

## LIMITE DA FUNÇÃO PATERNA

*Michel Silvestre*

### *Malogro ou terminação da análise*

O analista deve se acostumar à idéia de que estabelece sua experiência a partir do que ele não acerta. Seus malogros, com efeito, o obrigam a interrogar seu ato, ali onde foi malsucedido ou fracassou. Em matéria de psicanálise, como definir o sucesso, senão como ausência de insucesso? Curiosa experiência cujo ensinamento nunca ocorre senão tarde demais, só ao-depois.

A metáfora freudiana do leão que não sabia saltar senão uma vez deve ser estendida ao conjunto do tratamento. Só o conjunto do tratamento assegura o analista de ter visado certo. Terminar um tratamento é tornar irrevogável um ato, que até esse minuto ainda poderia ser retificado. Quando o analisando parte, ele desaparece para o analista – desfaz-se no real. Se se pode dizer que o analisando decide por vontade própria entrar em análise, já a decisão de seu término compete inteiramente ao analista, que lhe deve suportar o encargo, até mesmo o desencargo. Por isso o ato analítico é avaliado pelo término – e também pela finalidade – que lhe dá o analista.

Quando a terminação é prematura, o malogro que ela pontua revela ao analista as demarcações que lhe escaparam, as trapaças que não soube negociar e os erros que não soube prevenir.

Freud, nesse assunto, não dá margem à esperança, pois descobre na castração o rochedo onde naufraga toda análise. Se Lacan postula a transposição dessa barreira, resta-nos mostrar que essa transposição é possível. É um dos critérios a serem exigidos de uma clínica lacaniana.

Ficarei aquém dessa visada, podendo tão-somente propor pelo questionamento de um malogro as soluções possíveis por onde eu teria podido – quem sabe – alcançar sucesso.

### *A inconformada*

Quando Rachel me procura pedindo tomá-la em análise, apresenta-se como uma inconformada: inconformada às dificuldades mais cotidianas da existência cujas contrariedades lhe parecem malevolências de um destino especialmente voltado contra ela; inconformada com as coações da vida conjugal onde só vê exigências por parte do marido que entravam sua autonomia; inconformada com os encargos da sua função materna cuja preocupação é sempre angústia insuportável; inconformada, enfim, com as obrigações de sua profissão, onde só vê exploração, e até escravidão.

A sexualidade é, para começar, um dever, senão uma tarefa maçante, se bem que ela saiba que não é, de modo nenhum, frígida. O dever conjugal é sempre objeto de negociações, às quais ela cede, não sem contrapartida. Do desejo, ela não duvida, é a demanda nele implicada que lhe é insuportável. Tanto a sua como a dos outros.

Rachel é inconformada. “Reivindicadora” não a descreve. A reivindicação é uma queixa que tem por objeto as leis reguladoras da partilha de bens, ela não contesta a existência dessas leis, mas somente sua aplicação.

Ora, Rachel não se queixa de nenhum dano em particular, de nenhum prejuízo do qual fosse vítima.

Ela sofre é de violência, uma violência da qual ela é antes o juguete do que uma simples vítima. Uma violência que surge e a invade em toda confrontação com o semelhante. Violência recíproca, que ela sofre duplamente, por não poder exercê-la contra o outro, e que exacerba sua rebelião até o desespero. Daí resulta um sofrimento difuso, uma queixa depressiva que dá o tom à sua existência e à sua palavra: porque minha vida é tão difícil, tão dolorosa? Que segredo possui o outro para usufruir uma felicidade que me escapa radicalmente?

Esse sofrimento não existiu sempre. Apareceu aos doze, treze anos, na ocasião da puberdade. Com efeito, a adolescência de Rachel resume-se estritamente ao confronto cotidiano com o pai, conflito sem descanso, de uma intensidade que a espanta ao ser evocado por ela. O pai é para ela o único agente, o representante exclusivo dessas coações que desde então a torturam.

Ela própria fica desconcertada com essa constatação, já que nada no pai justifica promovê-lo a responsável pela desgraça dela. Nenhum traço particular de caráter: nem fraqueza excessiva, nem autoridade desastrada, nem indiferença desanimadora.

Esse combate cessa brusca e tragicamente quando, no decurso de uma dessas discussões, o pai de Rachel morre brutalmente de um acidente cardíaco agudo.

Esse evento, surgindo em tão dramático contexto, pareceu-me determinante – determinante de uma significação que a meu ver deveria centrar a conduta do tratamento – significação de um confronto deixado em suspenso, em que a ausência dolorosa de uma palavra resolutive separa Rachel do reconhecimento da lei edípiana e do desejo por ela regulado.

### *A menina alegre*

Um luto deve ser feito, a partir do qual o pai, enfim morto, lhe permitiria suportar essa lei e a castração que ela implica.

Pois, além dessa adolescência conflituosa, na infância a paisagem muda. Rachel faz surgir, com efeito, uma menina bem esperta, atenta às alegrias e aos prazeres e a evocação dos jogos sexuais pelos quais ela manifesta curiosidade e entusiasmo de prosélito – essa evocação a enche de consternação dolorosa.

Ela redescobre até a lembrança de um período em que ela se presta com complacência às carícias de um empregado da loja da mãe. Assim, aceita, solicita mesmo essas apalpações precisas, regularmente concluídas pela ejaculação – oferecida a seu olhar – do parceiro. Esse sainete se repete, segundo suas lembranças desenterradas aos poucos, durante quase um ano. A relação é interrompida pela partida do empregado. Acrescentemos um elemento essencial: quase sempre a mãe está por perto, vigiando o movimento da loja.

De fato, a recordação dessa infância bem cheia do que é preciso chamar: gozo sexual, essa recordação invade Rachel com uma nostalgia insustentável que a reconduz irresistivelmente ao amor que ela vota à mãe. A ponto que, a respeito desse objeto materno, o empregado lá não é, estritamente, senão o agente, o executante, e até o oficiante da mãe.

Rachel está presa entre duas faces, duas vertentes aparentemente contraditórias de sua história. A primeira, de oposição ao pai, onde rejeita a lei que ele encarna, único acesso, entretanto, ao desejo fálico. A segunda, de efusão sexual, onde domina o amor da mãe, onde o que é visado é um gozo que, de imediato, se lhe impõe como mítico e inigualável.

De um lado, pode-se dizer, o desejo, do outro – se me permitem essa esquematização – do outro, o gozo.

De fato, um pai, e, desde logo, o pai sedutor da histérica, desperta o desejo, justamente porque se mostra sempre insuficiente, insatisfatório, abatido mesmo. Inversamente, uma mãe complacente estabelece necessariamente o sujeito na nostalgia de um gozo que nunca terá equivalente.

### *A transferência*

É nesse ponto que Rachel me aguarda: ela me chama aí, imperativamente, exigindo de mim o que imagina ter obtido da mãe.

Entretanto, parece-me necessário evitar essa solicitação e conduzir o tratamento mais conforme à outra vertente, à outra versão de sua história.

Doravante, a análise se desenvolve seguindo uma sucessão regular de episódios onde sua expectativa inevitavelmente desengana-da acarreta seu furor, que cede num sonho que nos lembra, a ela e a mim, que ela me ama. Sonhos de efusão nos quais um parceiro – a mãe, ou eu, revezando-nos nessa função – a traz às vezes até o orgasmo.

Insisto, entretanto, em trazer à discussão um pai que impede de gozar tranqüilamente. Um pai evocador de um falo que sublinha mais o que o sujeito perde ao realizar seu gozo do que o que ele ganha ao imaginá-lo apenas. Insisto em decepcionar Rachel e fazê-la insatisfeita. Dito de outro modo: incorro em seu ódio, mas, no fundo, refletindo, eu o mereço.

A transferência se destaca cada vez menos da repetição que ela anima; pelo contrário, torna-se inteira essa repetição que se manifesta como ódio ao falo mesmo, e acessoriamente – é o caso de dizê-lo – por aquele que o suporta.

A transferência negativa, diz Lacan, é a verdade da transferência. Com Rachel, estou servido.

Para ela, isso lhe serve também, aliás. Aparentemente, e ao mesmo tempo que, comigo vai mal, para o resto, vai talvez melhor; ela pode até concordar com isso quando o seu ódio nos dá alguma trégua.

A ponto que no decurso de um episódio particularmente violento, perto das férias, ela decide não voltar mais, interrompendo assim sua análise.

### *O luto do pai*

Como irei eu mesmo, para vocês, concluir este relato do tratamento de Rachel?

Duas constatações – contraditórias – podem ser estabelecidas.

De uma parte, apesar das ciladas, dificuldades, confrontos, sob a pressão de uma interpretação virada sempre numa só direção, poder-se-ia dizer que Rachel pôde, pela análise, reconstruir um pai imaginário sob medida, a partir do qual o luto do pai real se operou. Por isso mesmo, um relativo reconhecimento do pai morto lhe permite um acesso, precário sem dúvida, à castração. Disso dá testemunho o apaziguamento de sua relação com os seus familiares. Provavelmente, esse acesso à castração fica marcado com uma viva hostilidade a respeito do portador do atributo fálico. *Penisneid*, por conseguinte, isto é – por que não? – sucesso freudiano.

Vocês presumem bem que, se falo de sucesso freudiano, é para lhe opor o que julgo ser um malogro no sentido lacaniano. Se, ainda uma vez, me permitem este esquematismo.

Malogro primeiro no manejo da transferência sem cessar reconduzida à repetição, portanto atravancada de imaginário. Essa confusão resulta da superposição entre, de uma parte, a encenação pela qual Rachel espera recuperar seu gozo, e, de outra parte, o combate em que ela se esquivava ao desejo do Outro.

Segue-se que nada do fantasma foi analisado que resolveria o conflito fálico – onde se refugia o sujeito Rachel. Com efeito, construir um pai não equivale a construir o objeto de seu fantasma para dele se separar.

Ao contrário, Rachel permanece ligada a esse pai – não porque não aceita sua morte (a isso, a análise a conduziu) – mas porque, mais radicalmente, ele vem no lugar do Outro que a deixa cair no ponto em que ela imagina gozar dele. Que o pai se projete aqui numa perspectiva materna apenas significa que o falo não é o tudo do gozo.

### *Limite do gozo*

Se a castração acomoda o desejo à lei, não faz senão dividir o gozo. Era ingenuidade de minha parte pensar regular tudo somente com o que é regulado pelo falo.

A castração divide o gozo para produzir um resto ao qual Rachel permanece ligada. Sem dúvida, pode-se demarcar esse resto no olhar materno cobrindo com sua onipresença cúmplice tanto as atividades sexuais de Rachel como suas lutas com o pai.

Fantasma não entabulado, portanto sobre o qual a análise produz uma prótese fálica que a conduz a não achar senão um instrumento para sempre inadequado para seu gozo.

Uma palavra, para terminar, sobre o diagnóstico.

A retomar esse tratamento, vários anos depois de seu inacabamento, parece-me que se deve decidir pelo lado da neurose obsessiva. A problemática prevalente do gozo, erigida em mito individual e sobre o qual Rachel se esforça por constituir um Outro à sua medida, argumenta nesse sentido.

Do mesmo modo que nunca se poderia engodar uma histérica com um pai de fancaria, mesmo que ele fosse analista.

O pai não convém ao gozo senão pelo mito, como símbolo só lhe marca o limite.

MICHEL SILVESTRE



## O OBJETO EM UMA FÓBICA

*Colette Soler*

É conhecida a tese de Lacan sobre o sintoma fóbico: o objeto fóbico, como “significante para todo serviço para obviar a falta do Outro”, escora a função paterna, sustenta a metáfora.

Assim como o sintoma fóbico restaura o pai, quero, a propósito de uma neurose fóbica em uma mulher, mostrar que, aqui também, o fantasma evoca o pai.

Tal fórmula supõe imediatamente uma questão, a de especificidade do fantasma conforme as escrituras. Lacan afirmou sempre que as formações imaginárias não são específicas. Isso equivale a dizer que não se pode sobre esse plano definir tipos de fantasmas como se definem tipos de sintomas. Entretanto, é claro que o fantasma não se reduz ao registro imaginário, na medida em que o objeto aí é real, voltando sempre ao mesmo lugar, e que um lugar é definido pelo simbólico. A pergunta é então: o sintoma traz uma especificação ao fantasma?

### *O perfil desvirilizador*

Sem desenvolver tudo o que alicerça o diagnóstico, a função do sintoma, no caso dessa mulher, é particularmente patente. Os objetos fóbicos, lábeis no decorrer do tempo, formam todos, não obstante, série: são os projéteis castradores. O sintoma restaura aqui o pai na sua função separadora sob sua forma mais límpida, quase sem transposição. Que há de mais simples, com efeito, para servir de “arma no posto avançado fóbico contra a ameaça de desaparecimento do desejo”, que há de mais simples que escolher por objeto a própria

arma? E, mais ainda, uma arma que foi tomada quando tinha entre três e quatro anos ao pai num momento de desfalecimento deste: era um jovem policial rodoviário aparelhado com sua moto e suas pistolas. Não é evidentemente o pai castrado que o sintoma erige no imaginário, é, ao contrário, um pai não-castrado, e mesmo castrador.

Foi a esse pai aí que ela se identificou ao nível do eu. Sempre “projetada para diante” – é o seu termo – ela própria se converteu em projétil, em particular por uma sutil estratégia do projeto que não irei descrever aqui. É essa identificação que sustenta o eu autônomo, dinâmico e conquistador, com o qual ela reveste contrafobicamente sua angústia.

### *A angústia de abandono*

A paciente se aplicou em revezar no imaginário o pelo-menos-um que escaparia à castração. Nisso, ela adquiriu bens, sob a forma de cultura, riqueza e também dos dois filhos que queria e que teve. Nesse contexto, o desejo masculino é, para ela, ao mesmo tempo ameaça e até insulto.

Não foi o sintoma que a levou à análise, mas, antes, sua insuficiência para conter a angústia e sobretudo uma depressão, que assinalava o abalo da identificação narcísica que acabo de evocar e que questionava seu trabalho.

No momento em que chega, ela mesma formula sua dificuldade em termos de angústia e abandono. A angústia, aqui, conduz diretamente ao fantasma. Vou me servir dela como o fio de Ariadne. Extraio de seis anos de análise quatro seqüências prototípicas dos momentos de angústia onde se vê, desde as entrevistas preliminares, aparecer, como em cena, um objeto que é o próprio contrário do projétil: o objeto amorfo, que não se move por si, salvo em caso de queda.

### *Como um pacote*

Após duas sessões, a tensão de expectativa de minha resposta à sua demanda de análise traz, com a angústia, esta pergunta: “Mas o que

a senhora quer de mim?” seguida, depois de um silêncio, desta frase que a deixa pasmada: “Sou um pacote em depósito”.

Na continuação, uma lembrança ressurgiu dessa frase. Depois de um acidente que o deixou imobilizado, o pai ficou dois meses sem pronunciar uma palavra; disseram dela, nessa época: “Você estava como um pacote”. Provavelmente, ela já começava a fazer-se amorfa – haverá outras variantes na seqüência, até a morte.

Por outro lado, um sonho repetiu-se na análise por meses, até anos – cada vez menos freqüente, é verdade, até desaparecer finalmente. O sonho era simples: o marido a larga, sem uma palavra, ou então com um certo tom, o que a deixa sem voz; fica de tal modo angustiada que perde o fôlego e acorda.

Ela também tinha uma crise de angústia, grave, repetitiva e muitas vezes descrita. A menor discussão com o marido pode provocar essa crise de angústia, bastando que ele a encerre saindo sem dizer nada. Ela se encontra então num fora-de-tempo: o tempo, diz ela, parou, toda invocação está suspensa, sente perder o fôlego. Duas idéias então lhe aparecem: é preciso ela deitar-se no chão; e esta outra: ela deveria subir ao cimo da torre do prédio onde morava e atirar-se de tal modo que, no momento em que o marido saísse da garagem, ela caísse a seus pés “como um pacote”, diz ela, sem dar por isso.

Será o preço a pagar para que Aquiles alcance a tartaruga? Em todo caso, projétil ou pacote, é o *fort /da* dela. Tal como Empédocles, evocado por Lacan precisamente a propósito da operação de separação, ela se esforça por uma espécie de báscula sacrificial, imaginariamente à custa de sua vida encontrar o desejo do grande Outro barrado, desejo aqui representado pelo pacote, pacote-presente se posso assim dizer, em que ela se torna pelo sacrifício de suas virtudes projéteis. Entretanto, a pôr em jogo assim “a falta que produziria no Outro por seu próprio desaparecimento, (...) o que o sujeito preenche não é a falha que encontra no Outro, mas a perda constituinte de uma de suas partes.” Qual é então, para ela, essa parte “à mercê do Outro” da qual a angústia revela a queda, e que até então se revestia contrafobicamente com a autonomia do eu?

### *Uma voz*

A análise constrói progressivamente a resposta, que porém já estava lá. É para ela uma voz (não a voz, mas uma voz). No sonho, ou nas

crises de angústia, o que está em jogo não é tanto que o marido a abandone ou esteja ausente. Ela vai atestá-lo de todas as maneiras possíveis. O traço pertinente é o do silêncio, ou do sem-uma-palavra, ou com um certo tom. Eis, na transferência, o seu *leitmotiv*. É preciso notar, por outro lado, que a relação privilegiada a esse homem se amarrou não no instante de um olhar, mas sobre uma entonação. É tão pouco questão de abandono que ela suporta bastante bem a ausência, por pouco que lhe seja obtida essa inflexão.

As crises de angústia se declaram quando ela está descompletada dessa entonação, que é evocada ao mesmo tempo como indescritível e fora de dúvida. Não é nem timbre nem palavra, nem música nem mensagem, antes uma mensagem de mensagem, um apelo portanto. O fantasma é mesmo aqui um fantasma de neurótico a escrever ( \$ ◇ D), S barrado punção D grande. É de notar aqui: essa voz se opõe a uma outra, àquela que se basta e que ordena, a voz superegógica portanto, que não diz a falta do Outro, mas sua vontade.

Mostrarei agora que na maneira como essa voz-entonação volta sempre ao mesmo lugar, há como que um vestígio do pai.

Em primeiro lugar, noto erros de data revelando que a paciente data o início de sua vida não a partir do nascimento, mas do momento em que o pai saiu de seu mutismo.

### *Um tom*

Em segundo lugar, há um relato da mãe que, em contraste, destaca-se no contexto feito no estilo odioso e arrebatado com que o pai costumava rebaixar sua mulher, feito também por não dissimular, essa mulher constantemente anulada, sua indiferença sexual a respeito do marido. Nesse contexto, a memória da paciente contém um relato da mãe evocando seu encontro com esse homem que fazia então centenas de quilômetros na moto para vir de dia ou de noite, às vezes apenas por alguns instantes, a fim não de vê-la, mas... de falar-lhe. E a mãe acrescentava com nostalgia: “então era um outro tom”.

Que metonímia sustentava as palavras desse homem? Era como para Bel Ami, a ostra que se evocava de ouvido que ele se aplicava em encantar? Mistério. Nesse relato, fica (s)celado – selado no sentido de fixado, celado no sentido de escondido – o mais-de-gozar do pai e portanto o que soube encantar a mãe. Mas o encanto que operou deixou como um sinal, um resto: o tom. A esse respeito, esse objeto do qual a angústia revela a queda fica como suporte do desejo

do Outro, no duplo sentido do *de*: ele se torna para a paciente o emblema sensível do “representante da representação na condição absoluta”.

O importante nesse relato-ficção é que o pai, mesmo um pai outro, é evocado, ou melhor, invocado numa relação com o desejo opaco da mãe. A cena fixa a conjunção possível do significante paterno com o objeto causa do desejo da mãe. É como um indício de metáfora.

### *O fantasma, desejo do Outro*

É, digamos, uma cena primitiva não-traumática, onde o Nome-do-Pai copula, sob a forma do *per-son*, pelo ouvido, com o desejo do Outro. Assim o fantasma, como desejo do Outro, é ele próprio comemoração – esta palavra quer literalmente dizer: recordar a lembrança de uma pessoa – comemoração do pai, aquela da metáfora. Vê-se bem aqui que o fantasma traz uma resposta, no imaginário, à opacidade do desejo do Outro; ( $\$ \diamond a$ ), a fórmula lacaniana do fantasma, *S* barrado punção *a* pequeno, especifica a barra do grande Outro barrado.

Nesse sentido, se o fantasma não deixa de veicular angústia, é também remédio para uma angústia outra. É particularmente marcante na neurose fóbica que uma angústia esconde outra. Ou, antes, a angústia de castração manifesta na relação ao objeto fóbico e escondida no fantasma, essa angústia recobre outro risco, o que Lacan formula com uma expressão tomada de Schreber: deixar de lado. Aí, sem dúvida, seria preciso situar a outra voz, a do superego que não deixaria como alternativa ao sujeito senão o gozo masoquista, ou, mais radicalmente, o ato de Empédocles. É contra isso que o fantasma se precavê aqui, comemorando o pai: pelo que, não se sai do campo da neurose.

COLETTE SOLER

## QUEM ENGANA O NEURÓTICO?

*Graciela Brodsky*

Para começar, peço desculpa por não poder apresentar um desses apaixonantes casos, plenos de ensinamento teórico e clínico. Pelo contrário, irei expor um caso, de todos os pontos de vista, trivial. Se o escolhi apesar de tudo, é por oferecer a possibilidade de uma dupla reflexão. Em primeiro lugar, ele permite ilustrar o efeito devastador das intervenções qualificadas por Lacan como “sistemas obsessivos de sugestão” e, em segundo lugar, oferece-me ocasião de repensar minha posição de analista frente a um paciente que interrompeu o tratamento ao cabo de sete meses.

No meio psicanalítico venezuelano, dominado, na Universidade, por uma psicologia do comportamento influenciada por Skinner, e, na Associação psicanalítica, pela teoria kleiniana, acontece-nos muito freqüentemente receber pacientes que já conhecem os laboratórios de modificação do comportamento, sessões de grito primário, *Gestalt*-terapias ou terapias bioenergéticas, até mesmo psicanálises kleinianas, incessantemente. Eles apresentam então uma constelação de sintomas tão particular que evoca alguma colagem composta dos sedimentos de cada uma dessas psicoterapias.

Chega-se a cismar como seria tal ou qual pessoa antes de empreender o primeiro tratamento. Assim, encontram-se melancólicos que após algumas sessões de análise se revelam histéricos, perversos que são apenas obsessivos, e obsessivos que foram fóbicos. Todas as vezes fica-se espantado com a leviandade ou inocência com que falam os psicoterapeutas, ignorantes do poder do instrumento que manejam alegremente.

Já há algum tempo cuidei de uma mulher jovem, com vinte e seis anos, cuja história ilustrava bem claramente o que acabo de dizer: nesse caso específico, a paciente tinha seguido seis anos de terapia de grupo antes de vir consultar-me.

Aos dezenove anos de idade, essa moça deixa, pela primeira vez, os pais para morar com uma tia a fim de estudar na Universidade. Ela entra em depressão (são suas palavras), chora, não quer sair de casa, sente-se angustiada, tem medo da solidão, dos desconhecidos, da obscuridade, das baratas; é tomada de pânico à idéia de passar nos exames, hesita em prosseguir seus estudos. Consulta então um psiquiatra que, segundo ela, faz psicanálise freudiana de grupo e rapidamente pronuncia a sentença: “Você, o que tem é um problema de ambivalência”. Ele suprime os calmantes que ela tomava, dizendo-lhe ser isso uma “conduta infantil”, e lhe dá o conselho de prosseguir nos mesmos estudos, pois suas dúvidas não eram objetivas, porém provenientes de sua ambivalência. Ele prescreveu uma terapia de grupo, assim descrita pela paciente: “Vou lá duas ou três vezes por semana. O doutor projeta diapositivos ilustrando diferentes situações: ciúme, inveja, agressividade. O grupo comenta em seguida o que sentiu na projeção, e o doutor interpreta os comportamentos neuróticos de cada um”.

Como é fácil imaginar, a paciente aprendeu muito ao longo desses seis anos: por exemplo, que ela tem “um tipo de comportamento agressivo contra o pai”, que sua tendência é reproduzir “um estereótipo familiar”, consistindo em deixar correr as coisas e não tomar decisão, que ela mostrava comportamentos regressivos como comer demais e fumar. Sobretudo, ficou sabendo que não tinha vontade, não dominava suas emoções e por esse motivo não podia enfrentar corretamente a realidade.

Poderão objetar-me neste passo que tomei ao pé da letra o que certamente não é senão uma versão deformada pela paciente das interpretações do terapeuta – que aliás não conheço, e de cujas boas intenções não tenho motivo para duvidar. Não ponho em dúvida o que disse o terapeuta, nem o que ouviu a paciente. A resposta de Freud aos que o acusavam de “ignorar a realidade” do sonho, contentando-se com um relato indiscutivelmente deformado, é suficientemente clara e posso invocá-la em meu favor.

Trata-se ao contrário de detectar o efeito de certas práticas psicoterápicas a despeito de suas boas intenções, efeito que me permitirei qualificar de enganador porque não é senão o do discurso do mestre. Isso obriga à reflexão. Se o discurso do mestre engendra mesmo um efeito de submissão, ele comporta implicitamente na sua própria formulação, como escreveu Lacan, sua impossibilidade. O terapeuta-mestre fracassa, porque o desejo, ineducável, insiste. E o psicoterapeuta enganador é enganado, pois é o único a crer na verdade do que diz. O paciente, mesmo submisso, espera, esmagado sob o peso de seu desejo.

Isso é particularmente evidente no caso dessa paciente que após seis anos de reeducação emocional, longe de enfrentar corretamente a realidade (coisa esperada pelo terapeuta), não conseguiu senão substituir os sintomas, fóbicos sem dúvida, de seus dezenove anos por outros, aparentemente obsessivos. É tão verdade que, ao consultar-me, a paciente se queixa de um problema de ambivalência (lembramos as palavras do terapeuta seis anos antes).

No momento em que vem me ver, ela tem um pretendente que verdadeiramente não tem sua aprovação total. Não sabe o que fazer: casar rapidamente ou romper, e esperar outro; porém ela quer tomar uma decisão rápida porque o pretendente não vai esperar muito tempo.

A interpretação dada pelo terapeuta é, com certeza, que ela rejeita inconscientemente os homens; por isso é que descobre tantos defeitos no pretendente. “São ciladas do inconsciente”, diz-lhe o terapeuta. Assim informada, ela decidiu não cair nessa, e conservar o noivo, se bem que, no começo, em verdade ele não lhe agradava, pois é feio, gordo, calvo... Mas tem uma posição muito boa, e, no meio em que vive a moça, não é fácil encontrar candidatos tão bons. Além disso, todos lhe dizem que é uma escolha excelente e – evidentemente, seu terapeuta lhe mostrou que ela rejeitava esse homem por causa dos conflitos dela. Entretanto, não se sente segura, não sabe se deve ou não casar. Decide renunciar ao grupo, cuja resposta ela já conhece, e pedir-me ajuda para ver com clareza.

Após várias entrevistas preliminares, e muita hesitação de minha parte, concordo com sua demanda. O que me decide é uma pergunta só que, parece-me, visa não o ato, mas o ser. Há alguma coisa, uma coisa só, que ela não compreende e para a qual felizmente não obteve resposta nem do grupo nem do terapeuta.

Sucede que, ultimamente, o noivo mudou. Depois das evasivas do começo, ele está ficando desagradável, ele se afasta, e ela receia perdê-lo. “Por que será que eu procuro, pois não sei mesmo se ele me interessa?” É esta pergunta que decidi escutar.

No decurso dos sete meses do meu atendimento inúmeras vezes precisei escutar suas queixas sobre sua indecisão e os argumentos sobre sua ambivalência. A única função a meu alcance, parecia-me evidente, era esperar. Era preciso usar minha passividade, e resistir à demanda para que o movimento do desejo – abafado pelo excesso de respostas – pudesse se desdobrar de novo. Era preciso, pois, deixá-la falar, ainda que o seu dizer fosse composto só de perguntas deste gênero: “Que acha você disso? Devo chamá-lo? Qual é a sua opinião? Por que ele faz isso comigo?”

Quando um dia lhe respondi: “E você, que é que você quer?”



obtive uma primeira resposta significativa: “Que importa o que se quer? Posso querer casar-me com um pobre coitado, e ser desgraçada toda a minha vida”.

Não parecia isso uma pista capaz de conduzir-me – para além de sua questão sobre a conveniência de seu casamento – a seu desejo de cometer uma inconveniência, sobretudo depois de dissipada a ilusão de um casamento conveniente, tendo o noivo imposto a condição de separação de bens?

É provável, sobretudo, levando-se em conta o fato de se terem os acontecimentos precipitado a partir desse momento. Na sessão seguinte ela chega já se queixando de uma recaída, de fazer coisas que não fazia há anos. Passou os últimos dias, diz ela, a imaginar-se vivendo um romance de amor. Olhava a televisão, depois se deitava para imaginar sua história. Fazia isso na adolescência: lia Corin Tellado e, depois, sonhava. Não fazia mais isso por saber que era ruim para ela viver num mundo irreal. “Mas”, acrescenta, “é como se pouco me importasse sabê-lo. Sinto-me pior cada dia”.

Essa censura ocupa todas as sessões seguintes até avisar-me que, por razões econômicas, vai interromper momentaneamente sua análise. Não mais a revê.

É tudo. Anunciei um caso trivial, e convirão que este é um deles, mas apresenta o interesse de mostrar claramente o efeito de doutrinação e de sugestão, ao mesmo que o fracasso na reeducação do desejo, de certas práticas psicoterápicas extremamente espalhadas em nosso meio.

Não obstante, seria fácil demais explicar este caso referindo-se unicamente às conseqüências da primeira psicoterapia. Eu concordara com a demanda de análise formulada pela paciente, o que implicava de minha parte uma aposta a seu favor. Foi ela quem interrompeu a análise: portanto eu devia poder falar sobre isso. Eu devia ao menos poder responder à pergunta: por que ela a abandonou no preciso momento em que, segundo penso, ela a iniciava?

É certo que com o deslocamento de sentido entre: “me convém”, e a “inconveniência”, alguma coisa no tocante ao desejo se formulara, um além do princípio do prazer surgira, alterando o equilíbrio homeostático mantido pela dúvida, agindo como sintoma. Mas bastará isso para dar conta da escapadela que não pude evitar?

O analista deve ter a coragem de ocupar sua posição num lugar impossível e de saber agir a partir daí. No caso que estou expondo, alguma coisa se malogrou. Não sei se tenho a resposta certa, mas adianto isto: quando a paciente declarou que passa o tempo a sonhar, que sabia que isso era ruim, mas que pouco lhe importava, respondi dizendo: “Alegro-me com isso”.

Está aí! eu também, eu tinha querido o melhor que houvesse, para ela. Eu também, eu queria o seu bem, mas o bem – evidentemente – dos que não têm medo do desejo. Não fui tentada a lhe recomendar o famoso “remédio” freudiano?

Por que – já que eu conseguira manter secreto o meu desejo, de modo que o significante “pobre coitado” pudesse surgir, primeiro indício de um objeto ainda imaginário – me apressei de dar uma resposta, precipitando assim a conclusão e trocando minha posição pela da paciente? Pois é evidente que, por minha intervenção, coloquei-me em posição de demanda diante dela.

Lacan diz: “o desejante não pode dizer nada de si mesmo se não se abolindo como desejante, porque, a partir do momento em que diz, ele passa ao registro da demanda”.

Não é fácil ocupar o lugar do morto. Dessa vez, eu não pude. Falei em nome de meu desejo de tratar, quis ser levada em conta, e consegui, porque a paciente deu como razão da interrupção da análise a necessidade de dinheiro para sair de férias com o noivo. Ela apenas estava respondendo à minha demanda. Para eu continuar a alegrar-me, ela me oferecia uma “vitória do amor”.

Não é somente a partir de sua posição de agente do discurso do mestre que o terapeuta, cego quanto a seu desejo, tenta domesticar o desejo do outro: falando a partir do lugar do mestre, o terapeuta nada quer saber da castração.

Há uma posição sutil que o analista tende a ocupar: a de agente do discurso da histérica. Creio que foi meu caso. Minha intervenção não era nem uma interpretação nem uma hesitação, mas um lapso. Como a histérica, falei sem saber o que eu dizia: falei do lugar do \$, esquecendo que o desejo do analista nunca é o \$ do analista.

Querendo escapar do mestre, produzi um saber sobre “como a vida vale a pena de ser vivida”, tão opressivo quanto a escravidão da ambivalência.

A paciente, interrompendo a análise, sancionou a resistência de seu desejo à minha demanda.

## O TRATAMENTO DE STÉPHANE

Marc Strauss

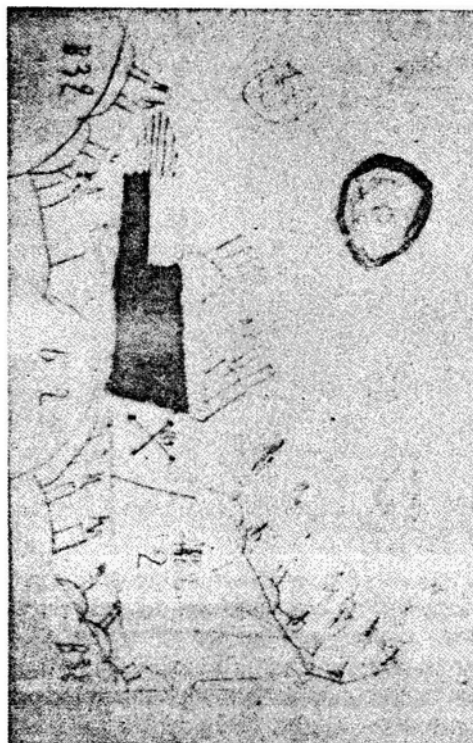
Uma psicanálise com uma criança, mais particularmente a maneira pela qual termina, eis as questões sobre as quais incide minha contribuição, na forma do resumo de um tratamento, mantido durante um ano e meio, à razão de uma sessão hebdomadária, com um menino de oito anos, Stéphane.

Stéphane foi trazido para consulta pela mãe. Ela pediu para me falar antes. Assim, recebi-a sem o filho.

Essa mulher jovem, de vinte e cinco anos, explicou-me ser divorciada há quatro anos e que, nos dois primeiros anos após o divórcio, a vida não lhe corria bem, então agarrava-se ao filho único, laço afetivo que lhe restava. Após esses dois anos, começou uma ligação com um amigo, o padrinho de Stéphane, ele também em via de divorciar-se. Agora ela se sentia bem, e fazia com esse homem projetos para um futuro tranqüilo. Stéphane, parecia-lhe, é quem tinha contribuído para essa história. Com efeito, ele oscilava em seu comportamento entre períodos de brutalidade, de raiva destruidora, e períodos de calma, de mutismo com oposição, tanto em casa como na escola. A mãe explica: “Sente-se que lhe falta a presença de um homem, o contato com a mulher é duro”. Ela também me diz que Stéphane só reviu o pai três ou quatro vezes, logo após o divórcio.

Recebo em seguida Stéphane que parece ao mesmo tempo encantado de falar, e profundamente inibido, assustado.

Ele faz um primeiro desenho [I], com régua, com aplicação, a própria meticulosidade. Como verifico que o barco não tem nome, ele acrescenta: *Micheline*. Pelo viés desse nome, eu o interrogo de supetão sobre o fato de não ter ele e a mãe o mesmo nome de família. Ele responde que muitas vezes já lhe perguntaram sobre isso, mas, diz ele, nunca teve coragem de falar à mãe sobre o assunto. Di-

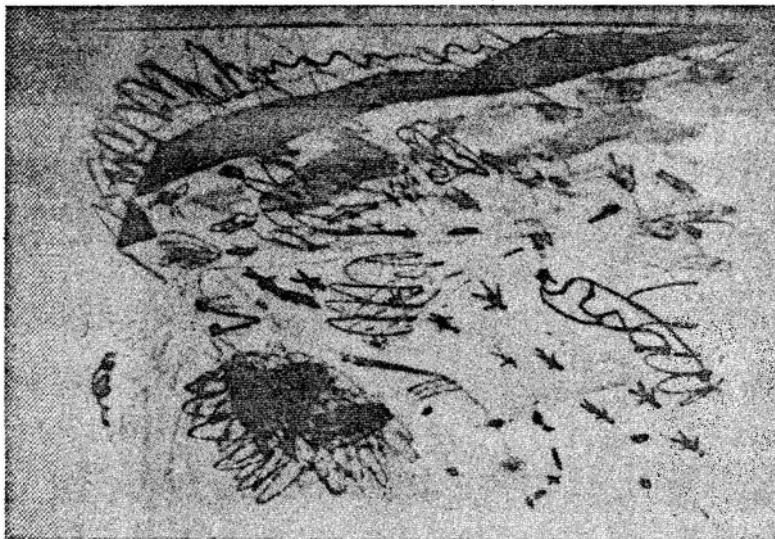


I

go-lhe então que eu talvez pudesse ajudá-lo a formular essas perguntas, e proponho que ele volte a ver-me, o que ele aceita.

Sigamos agora o tratamento mesmo, que divido em quatro fases.

Na primeira, a das *preliminares*, vemos progressivamente aparecer, através de seu discurso e através de seus desenhos, um mundo de extrema violência, um mundo totalmente desregrado. Tal como essa sessão de guerra submarina entre um grande tubarão branco, montes de peixes, homens-rã, baleia, barcaças, submarinos [II]: “O grande tubarão branco chega, ele lhe corta a barbatana, pega-o pelo rabo; um homem lhe enfia o arpão na barriga. Ele corta a coisa deles. Estão todos ensangüentados. O narval tem um grande troço na frente, ele entra dentro dele, fazendo um bruto furo”. No fim da história, quase todos morreram, fica flutuando na superfície do mar uma mistura de água, petróleo, sangue, espinhas de peixe, peles e pedaços de cadáveres.



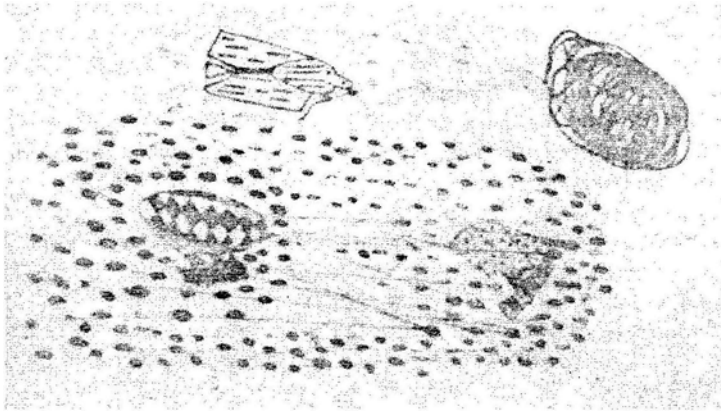
II

Será essencialmente questão, com a ajuda de Goldorak, de invasores, guerras, mortes, grandes bolas negras, tesouros roubados. Este período preliminar se conclui quando ele indaga, depois de várias sessões assim, para que servem as notas que tomo, os desenhos que ele me traz, e as pastas que estão na mesa: a transferência começa, a análise também.

A *segunda fase*, genérica, é aquela, através do desenvolvimento da transferência, da colocação, pela ordem de aparecimento, da metáfora paterna, da identidade sexual e da relação com os outros. A metáfora paterna é trazida por histórias em que reis e suas famílias lutam por tesouros fabulosos. Quando lhe pergunto qual é o seu tesouro, responde que ele não tem grande coisa, e escreve na folha diante de si: *Há um perigo fora*.

Na seqüência, ele fica muito agitado nas sessões, joga os lápis e a massa de modelar para o fundo da sala. Faço aí uma primeira interpretação – destacarei três nesse tratamento; claro, falei quase sempre, mas parece-me haver três momentos com valor interpretativo. A primeira, então mais no nível estrito da significação, visa introduzir a referência ao pai: digo-lhe que ele teme pelo que pensa ser seu tesouro, a mãe, desde que o pai foi embora. Ele se acalma e ri.

Na continuação, em resposta, ele conta a história de um submarino [III] atacado por uma grande bola negra, da qual não se sabe



## III

o conteúdo, perigosa em todo caso, e que é preciso tocar num determinado ponto, um só, para que a bola se abra. Na sessão seguinte, revela-se que essa bola grande contém um dinossauro que cospe fogo. Ele explica: “É preciso muitos homens para apagar o fogo do dinossauro”. Ele continua: “O dinossauro na bola teve bebês. Havia um papai e uma mamãe dinossauros”. Morrem muitos homens, mas a história não acabou, ele avisa. Com efeito, na sessão seguinte, ele diz que toda a história do dinossauro era um sonho, aquele que fazia no submarino um homem ferido, ferido ao defender uma rainha sem marido e sem filhos.

Em seguida, em uma nova história, um invasor pega a Lua para ele só, esconde-se aí, e a faz explodir. Nesse momento, faço a segunda interpretação, apoiando-me sobre o significativo Lua, onde lhe indico seu desejo de ser o único a possuir a mãe. Ele se põe então a escrever nomes próprios, querendo que eu os adivinhe. São os nomes de seus heróis, suas imagens ideais: *Goldorak* – *John Wayne* – *Mulher Maravilha* – etc. Esses nomes, ele os risca com traços fortes dizendo: “Morreu tudo”.

Na sessão seguinte, ele recomeça o jogo, desta vez com seu próprio nome de família, que ele não apaga, e diz, de maneira jubilosa: “É você, não, sou eu – você, você morreu”. Ele precisará de um certo tempo para se acalmar após esse golpe de audácia, de fato o tempo de poder dizer-me que vai me matar porque roubei dele um milhão de dólares.

Na continuação, depois ele comenta outro desenho: “É uma bola que salta e se esmaga contra as outras. Isso faz uma bola grande com um buraco que se fecha”. Depois disso, fala sobre como se fazem os bebês: “Os bebês é a mamãe que faz, com um papai. Há uma sementinha”. Ele pergunta: “Será que dói? O papai põe a semente não sei como”. Enfim, muito técnico, ele me pergunta: “Será preciso dar pontapés para isso funcionar?” E engata: “Na mamãe dá para ver, isso faz uma bola... eu, me operaram de apendicite, me tiraram não sei o quê... talvez tirem de todos... em todo caso, minha barriga não cresceu”.

Depois da inscrição da metáfora paterna e de sua demarcação do lado dos meninos, falta-lhe acomodar seu modo de se comportar com os outros. Isso será feito após período de agitação, quando ele pode exprimir o ciúme que sente diante do fato que não me ocupo só dele, mas também de outro menino que lhe aconteceu encontrar na sala de espera e por acaso tem o mesmo prenome seu.

Essa colocação nos exigiu um pouco mais que seis meses. Ele me interroga então sobre suas razões para vir ver-me. Explica que foi a mãe quem o trouxe no começo porque ele não falava e era bruto, mas agora vai tudo bem. Contento-me em responder que ele mesmo pode decidir vir me ver se tiver vontade, mesmo tudo indo bem. Ele decide continuar vir, e me lembra a primeira pergunta que lhe fiz: “Sabe, a propósito de meu nome e o de mamãe é porque meus pais se divorciaram. Não se entendiam mais. Tenho o nome de papai, mamãe retomou o nome de solteira, mas talvez ela vá mudar de novo de nome, se casar com meu padrinho”. Aí, pega um pouco da massa de modelar bem comum, a achata um pouco, e dá para mim, dizendo: “Isto é para você” e vai embora.

Assim se conclui a segunda fase do tratamento, fase de colocação, extremamente apertada, articulada em seu processo dialético.

Na terceira fase, a do tempo para compreender, sempre através da utilização transferencial, todos os elementos anunciados até aí vão se repetir, combinar, jogar uns em relação aos outros. Essa fase dura quase um ano, mas só me parece essencial retomar aqui o fim. Com efeito, ela termina quando, depois de imitar um bebê, ele imita o macaco, e me manda adivinhar o que é. Lembro-lhe que ele já tinha pedido para eu adivinhar nomes por ele escritos e depois riscados. Aí, ele anda pelo consultório, resmungando, coçando-se, imitando os macacos, com muita perfeição. Contento-me – é a terceira intervenção minha marcando uma virada – em dizer-lhe que a grande diferença entre macacos e homens é que os macacos não falam.

A partir daí, vamos precisar de quatro sessões para concluir. Esta quarta e última fase será feita em torno do mesmo tema: uma

busca perigosa durante a qual – e não sem trabalho – o homem triunfa.

As duas primeiras dessas quatro sessões são consagradas a caças ao tesouro, no decorrer das quais os exploradores precisam superar obstáculos. O tesouro e os obstáculos são colocados primeiro por um velho morto, depois por um criador, que é feito prisioneiro. Os obstáculos são vencidos e neutralizados com auxílio de um anel mágico, de que o chefe dispõe. Morrem muitos homens, entre eles o chefe, que é substituído por um subchefe, e o tesouro é trazido ao acampamento. A propósito do anel, ele repete que é um anel mágico, depois espanta-se: “Só as mulheres usam anel”; em seguida, como por acaso, olha minha aliança e exclama: “Mas você também tem um!” Respondo que, de fato, eu tenho. Ele diz: “Sim, é uma aliança, quer dizer que você é casado”.

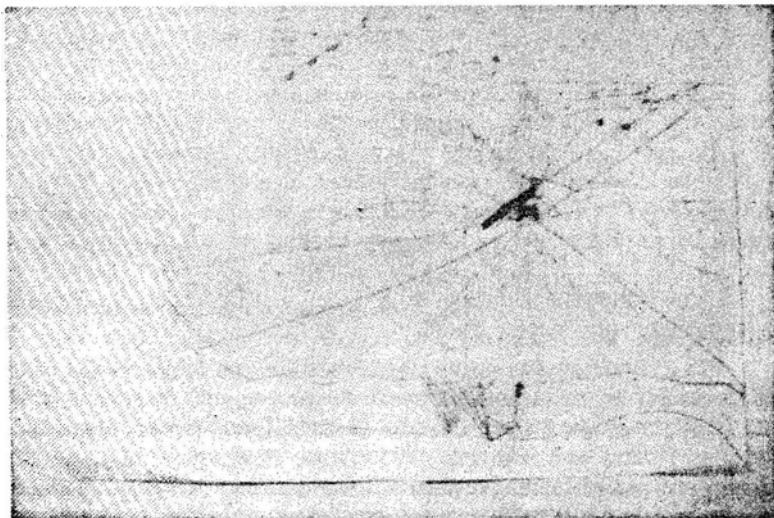
Na terceira sessão desta série final, ele me anuncia que vai falar da morte. É mais uma maneira de me poupar, é um aviso: isso não quer dizer que esse vai ser o assunto da conversa, ao nível do conteúdo manifesto. De fato, ele conta, desenhando um navio, a história de um homem que dá volta ao mundo por mar. É perigoso, há obstáculos, indígenas, tempestades, mas ele acaba vencendo esse mar perigoso. E, já bem no fim, no momento de ir embora, ele cola num canto do desenho umas pastilhazinhas da massa de modelar dizendo: “Isto é para você, há embaixo alguma coisa escrita”. Eu, um tanto atrasado em relação a ele, descolo as pastilhas e, claro, vocês adivinharam, nada há escrito embaixo.

Assim chegamos à sessão que será a última, em que ele faz um desenho dizendo que é sobre um explorador que deve lutar contra um obstáculo. Pergunto se esse explorador procura um tesouro; ele me responde que não, é um explorador que explora, eis tudo! Pergunto-lhe então se ele mesmo gostaria de ser explorador; diz-me com indiferença que não, significando assim que minha pergunta é fora de propósito; manifestamente, não estamos mais no modo condicional das imagens ideais. Esse explorador encontra em seu caminho um obstáculo, gás que o encosta na parede, e quase o mata, sufocado. Graças à sua pistola de raios, ele circunda a nuvem de gás e a fixa. Quando acaba seu desenho, acrescenta no centro da nuvem um tiquinho da pasta de modelar dizendo: “Isso é para você, vá lá! É assim mesmo”. Não diz mais nada. Daí, avisa-me que não tem mais vontade de vir ver-me, que gostaria de parar. Fei o término do tratamento, do qual sentimos a dimensão de acabamento em relação a todos os temas evocados desde o início.

Ora, esse último desenho parece-me assombroso: por que não



tomar o risco de ler aí a formalização, a representação da estrutura do sujeito?



IV

Proponho a seguinte leitura: vemos um homenzinho explorador, pura função exploratória, a um tempo segurando e pendurado a um troço que faz limite entre seu caminho e a cilada hostil que ele conseguiu enquadrar, segurando também na outra mão a pistola que lhe permite uma pega sobre esse mundo primeiro ameaçador e sufocante, depois bem organizado por seu instrumento, percorrido por essas traves e cadeias, e centrado por um ponto, onde ele acrescenta um elemento heterogêneo, esse tanto de massa de modelar, de que ele só diz que é para mim. Por que não chamar esse mundo o simbólico, com seu buraco de real onde ele coloca o objeto  $a$ ; ali, o sujeito lacaniano apenso ao simbólico com seu instrumento fálico, que faz limite; simbólico do imaginário, ideal do ego. E na outra mão seu ( $\varphi$ ), falo imaginário, pistola cujos raios recobrem, fazem trama com o simbólico. Nesse desenho, não há somente questão – como alguém me sugeriu – de uma separação da qual é de se perguntar o que a apoiaria entre um dentro e um fora perfeitamente distintos, mas, antes, de uma topologia, que nos mostra o entrelaçamento das instâncias, umas em relação às outras, que mostra também o lugar do sujeito na estrutura. Que isso seja antes da puberdade, não muda nada no que está aí inscrito de sua relação ao Outro, portanto, também o Outro do outro sexo. O sujeito na estrutura é esse

homenzinho apenso ao significante, essa variável ligação que tem – é um imperativo – seu caminho a percorrer, sua rota a seguir num mundo cujos elementos estruturais estão colocados, mas que nem por isso é um mundo pacificado, para terminar perdendo-se no Outro, chegar a ser Outro enfim; provavelmente por isso ele me avisava na sessão precedente que me falaria também da morte.

Vocês notam, no desenrolar desse tratamento, o fraco conhecimento que possuo da história do menino e de sua família. Contentei-me em receber o que esse menino – de oito anos, é verdade – trazia, sem ter de procurar informações em outra parte, com a mãe, por exemplo.

Enfim, notam outra coisa muito simples a guiar a minha ação: de um lado, a metáfora paterna, a referência fálica; do outro, o objeto. Certamente, eu poderia ter interpretado o esmigalhamento de seu mundo do início a partir de objetos pré-genitais, mas parece-me que, na ocorrência, a metáfora paterna desempenhou a função que Lacan atribui a seu estágio do espelho: uma função de vassourinha, que permite reabsorver a eflorescência do imaginário.

Esse fio, a metáfora paterna, que me permitiu, parece-me, não me extraviar demais, permitiu a esse menino – que evidentemente não era psicótico – chamar a si o seu tratamento. Pois seu tratamento, foi ele que o conduziu. Eu, direi que eu estava lá.

MARC STRAUSS

## FORMAS DA REAÇÃO TERAPÊUTICA NEGATIVA

*Serge Cottet*

Um paciente, que nunca diz grande coisa, põe-se a protestar com veemência se me acontece aventurar uma palavra qualquer: “Não gosto que falem nas minhas coisas”. Calo-me, portanto, recolhido assim a meu lugar, e advertido do perigo de tomar o seu: transferência negativa.

Mais vale a transferência negativa do que nenhuma transferência: seria o grau zero, a estabilidade absoluta. Às vezes, tem-se o sentimento de atingir esse limite quando o sintoma não foi encetado. É a reação terapêutica negativa. Poder-se-ia pensar que é o fracasso completo da análise. No entanto, a expressão escolhida por Freud pode ser interpretada no sentido de uma certa positividade: assim, em Kant, o conceito de grandeza negativa substitui o velho conceito escolástico de privação, por exemplo; desse ponto de vista, a dor é um prazer afetado do sinal negativo; a doença, uma oposição à saúde e não simples privação desta. Deve-se tomar nesse sentido a reação terapêutica negativa como má vontade, desejo de não ficar curado.

Essas duas formas, aliás, não afetam necessariamente a estrutura da transferência: a primeira faz um talho na confiança ao analista, a tal ponto que o paciente ou vai embora ou recusa a cura “para não carregar o fardo da gratidão”, diz Freud. É o desejo de curar suposto ao analista que é assim desafiado. Mas a recusa do “tratamento moral” não traz a abolição do significante da transferência.

No outro caso, o paciente mantém sua queixa o maior tempo possível ou repete seu sintoma para se assegurar de um Outro saber de que ele é excluído. Aí, reside a razão estrutural que não permite julgar do valor de uma análise sobre uma base terapêutica: continua-se doente, porém a análise determina um novo ponto de vista sobre a doença: desprezá-la, por exemplo. Num outro sentido, pode-se tomar

o sintoma como uma bússola para se orientar e não se inquietar por sua agravação no decurso do tratamento. Era para Freud o sinal de um progresso, uma reação positiva à psicanálise através da não-cura: “No curso da análise cresce, com efeito, não só a coragem do doente, mas por assim dizer também a da doença”.

A psicanálise agrava o sintoma, pois permite-lhe expressões mais claras: a angústia transparece sob a metáfora, decifrada aos poucos. Quando uma construção está certa, observa Freud, o sintoma cresce, testemunho de uma resistência não à análise, mas à interpretação.

Admitamos que a estrutura se desnuda: até aí, os benefícios da doença misturavam as cartas, confundindo perdas e ganhos. Pelo contrário, no término da análise, é razoável admitir que a doença não traz mais nenhum benefício. É um progresso que é realizado quando um analisando compreende que uma análise não é feita para acrescentar uma perfeição suplementar à sua presunção. “Isso não me traz nada”, dizem os pacientes já encaminhados, do que eles aí têm a perder, nessa via.

É a doença que traz alguma coisa que se pode negociar numa relação ao Outro; já se sabia isso no século XVII como testemunha um certo Dominique Raymond no seu tratado das doenças que é perigoso curar. Charcot vai lembrar-se disso em sua tese de agregação sobre *A expectativa em medicina: curar é privar-se de uma certa linguagem, isto não tem só vantagens... Scilicet: podes saber o sentido de teu sintoma: eis o único saber.*

Freud por muito tempo acreditou que se abandonava um sintoma, uma vez perdidos os seus benefícios. Foi para ele um golpe violento constatar que os sintomas nem sempre entram num cálculo de prazeres; em outras palavras, pode-se conservar um sintoma que não aproveita a ninguém: a pulsão de morte constitui esse limite do sentido do sintoma; o sujeito não quer curar-se quando a própria cura é considerada pelo ego como um novo perigo.

Claro, é uma constatação que limita fortemente o zelo terapêutico de Freud, porém há mais: é que o tratamento analítico, notava Lacan, protege contra doenças mais graves, notadamente somáticas e não se pode descuidar este lado seguro-doença da neurose, tendo em conta o seu caráter artificial que lhe confere a transferência...

Se estando em análise fica-se menos doente, é uma boa razão para continuar em análise... e não é a única. Não curar-se, para poder ficar... É uma reação positiva à psicanálise, o avesso da transferência negativa: tem-se análise por muito tempo, numa boa.

Haveria um gozo próprio ao fato de ficar em análise? Um gozo próprio ao blabláblá que nenhuma interpretação pode trinchar co-

nhece-se um dos modos da reação terapêutica negativa que Freud opõe à viscosidade da libido, isto é, à fixação: quando o paciente não engata mais num significante do que em outro, pois lhes dá, a todos, atenção de igual nível; a interpretação não é quente nem fria, é indiferente, tudo escorrega como água sobre as penas do pato; há pessoas que não dão valor algum às palavras, que as apreciam, mas que não são absolutamente afetadas pelo significante; aquelas por exemplo que estão sempre de acordo com seu analista. “O que eu vos digo, é como se eu estivesse tocando flauta”, dizia Lacan a seus pacientes que davam prova de total indiferença à significação fálica. Tirar as conseqüências do que se diz toma tempo, durante o qual se continua ali: “Quem veio com flauta, volta com tambor”, como diz a tradutora de Freud (*Análise terminável e análise interminável*).

Mas a reação terapêutica negativa não se esclarece só pela correlação à língua: o amor das palavras é inesgotável, todo significante por definição escondendo um outro; submeter-se à associação livre torna-se a resistência comum à psicanálise. Ora, se todo o gozo do sujeito está ligado aí, com a repetição das sessões, deslizamos para uma prática do tratamento como sublimação, até pura satisfação metonímica. Um mais-de-gozar especialmente devido à psicanálise como tal.

Há pacientes nos quais é a própria sessão que se torna causa do desejo e não o psicanalista, que, de repente, seria antes o seu objeto: é uma distorção em relação ao dispositivo formal no qual o analista causa o desejo; que a sessão como mais-de-gozar faça corte sem interpretação, não é das menores astúcias do inconsciente; é a infinitização do tratamento; não se fica curado, por medo de perder isso. Freud falou disso em 1918, num momento em que se começava a achar o tempo muito longo nas análises; ele chama a atenção para o fato de que, na neurose obsessiva, é o próprio tratamento que se torna sintoma: a compulsão; daí ele tira argumento para um certo ativismo do analista.

Assim uma analisanda particularmente convicta da inexistência da relação sexual passeia sua frigidez de um analista a outro. Sempre pronta a abandonar alguma coisa, um amante, um analista, um trabalho; ela fez da privação o modo de existência mais adequado a seu fantasma sexual: está crucificada; um homem pode abusar dela a seu talante. Mas além dessa imagem castrada, confirmada pela invocação ao pai, uma variante intervém que por assim dizer dobra a parada: o homem a priva de alimento e se empanurra à farta, preferindo no fundo esse gozo ao outro mais incerto e que o falozinho morto que ela busca encarnar não poderia preencher. Nem ele, nem ela, aliás.

A pessoa, a quem a análise satisfaz acima de tudo, é um caso bastante conforme ao que diz Freud da psicopatologia de histeria, notadamente o que ele chama “distúrbio do pensamento provocado por afetos”: tal abalo a conduziu não a uma hipersexualização da transferência como se lê nas revistas, mas a uma total indiferença ao gozo; o amor da associação livre daí resultante está bem feito para evidenciar um gozo da privação; a interpretação nesse caso aí não faz senão encher a boca uma vez mais para o seu desejo de ficar sempre com um pouco de fome, ou seja, sua anorexia “quanto ao mental”.

SERGE COTTET

## O “AVESOUTRUZ”\*

*Éric Laurent*

Uma mulher jovem, cerca de quarenta anos, a Sra. D., procura-me uma noite num estado de grande nervosismo. Foi invadida pelo que chama de “obsessões”: tem medo de cuspir sangue, ela que só tem um pulmão em razão das seqüelas de um antigo pleuris. Mas o pior é o medo de ser envenenada. Por isso, é muito difícil para ela almoçar fora de casa, sobretudo na companhia de homens. Mas, em casa, ela não pode mais comer porque seu apartamento é impróprio para qualquer uso.

Com efeito, como ela não joga fora nada, seu apartamento está agora totalmente atravancado – subsiste apenas um espaço onde ela pode dormir; mas, é dizer demais, pois ela não dorme mais – pelo menos à noite: sem cessar, precisa levantar-se para verificar se a porta está bem fechada, se nenhum ladrão pode penetrar no apartamento, se nenhum homem se introduziu, ou introduziu sua chave na preciosa fechadura. Essa sensibilidade paranóide ao envenenamento e a preocupação, a fascinação pela fechadura, impressionam pela sua associação.

Mas o mais surpreendente é essa mulher jovem declarar-me que está na terceira análise. De fato, há quase vinte anos, não cessa de freqüentar psicanalistas. Dessas freqüentações, não tenho outra prova senão o seu dizer, e a posição de onde as posso ler é estritamente determinada pelo lugar de terceiro, que me faz botar os óculos verdes de Dupin.

\* *Atruiche*, em francês, é *autruche*, com um *i* intercalado; *avesoutruz*, em português, é *avestruz*, aberto ao meio, introduzindo-se *ou* para juntar as partes separadas. (N. do T.)

### *As duas primeiras análises*

Ela encontra seu primeiro analista assim que se casou. O casamento tinha produzido nela um efeito curioso: ela esgotava o marido com suas provocações e dele não suportava, literalmente, senão uma coisa: fazer amor. O marido, tendo uma obra a prosseguir, além de se prestar ao força-à-impotência de sua mulher, apelou para um psiquiatra, que aconselhou a análise. A Sra. D. para lá se dirigiu.

Em meio a dificuldades várias, oscilando do mutismo ao escândalo, realizou-se a análise. As exigências sexuais da analisanda afinal encontraram uma saída à altura. Ela se divorciou, continuando em excelentes termos com o marido, e arranhou um amante. Mais exatamente – solução mais original – arranhou dois. Um, rico, garantia sua manutenção, mas ela especifica, não a cumulava sexualmente; o outro, pobre e delinqüente, foi, diz ela, seu único professor nas artes do amor. O amante pobre podia, a qualquer momento, quando ela o acolhia, furtar os presentes do amante rico – o que ela aguardava, e receava, num estado de inquietação angustiante. Em suma, o equilíbrio foi encontrado – é a felicidade. Ela obtém do amante rico um apartamento para si, e sobretudo com um banheiro, como queria: suntuoso, é um triunfo.

A primeira análise vai parar aí, parece, após um período de dez anos, numa espécie de quietação, com o consentimento do analista que, entretanto, propõe à paciente voltar se atravessasse período particularmente angustiante. O caso acontece quando o amante pobre desaparece, na ocasião em que fica pronto o banheiro. À véspera de embarcar para uma viagem, a Sra. D. recebe um último telefonema. Ao voltar, nenhuma notícia.

Ela tem então a sensação de ter adquirido tudo aquilo em vão. Direi que ela tem, como a Dora de Freud, a sensação, decerto, de ter as jóias, mas a retirada de quem cuidava da caixa de jóias torna caduco esse banheiro, maravilhoso escrínio, e a faz confrontar de novo, de maneira aguda, a significação fálica.

O Sr. K., seu primeiro analista, declinou sua demanda de retomar a análise e a recomenda a uma colega: "Você agora precisa de uma mulher", é o que ele diz: A Sra. K., a quem ele a mandou, está convencida, e ao mesmo tempo admirada, que após tanto tempo a análise esteja por ser feita. Ela portanto se empenha ativamente nisso, fixando a paciente a uma identificação (familiar).

A Sra. D. guardou, com efeito, de sua infância e adolescência, a seguinte história: o pai mantinha com uma vizinha jovem uma ligação que envenenou a vida da mãe; esta não conseguiu acabar com



isso senão ameaçando de maneira muito convincente o marido e a amante de atirar-lhes vitríolo para cegá-los. A interpretação chave da Sra. K., ao ver da Sra. D., é esta: “Você se identificou com a *amiguinha* de seu pai”.

É em seguida ao falecimento da avó – personagem de grande importância para ela – que ela vem ver-me: a segunda análise estando bloqueada, ela não podia mais voltar com a Sra. K. Uma experiência subjetiva crucial acontece no enterro. No momento do fechamento do caixão, ela não reconhece a avó – sem dúvida, a única mulher que a conheceu bem na infância, a única mulher de quem ela guarda lembranças realmente agradáveis.

Assim, quando a vejo, ela encheu o seu apartamento como uma lata de lixo. Ela vigia a chegada de um homem nas latrinas, não pode separar-se das chaves que a embaraçam. Queixa-se só disso: a psicanálise a envelheceu prematuramente, pela angústia da qual não consegue livrar-se – o que lhe causou rugas. O real mesmo do envelhecimento passou para a neurose de transferência.

A pergunta que se faz com óculos verdes é esta: por que afinal as interpretações do Sr. e da Sra. K., perfeitamente corretas (e até acompanhadas da vacilação da neutralidade nos momentos necessários), não conseguiram produzir outra coisa senão uma neurose de transferência formidável de pureza?

### *Lixo no aguardo*

Ela então me toma sem cessar como testemunha dos estragos cometidos pela psicanálise nela, que foi noutro tempo uma verdadeira beleza.

Traz, em abono, fotografias, cartas de adoradores desvairados. Não descanso enquanto ela não me deixa uma, ao passo que ela não queria dar-me nenhum dos nomes, de sua história – por exemplo, o do marido, e não queria deixar nada que seja vestígio. Se não descanso até ela largar comigo esses testemunhos de admiradores, é que se trata menos de interpretar do que de ocupar um lugar: o da lata de lixo com as cartas em espera.

Aliás, obtida uma carta, outras seguiram-se, verificando-se a equação *letter/litter*. \* Ela me escreverá cartas – relatos de sonhos –

\* Jogo de palavras em inglês: carta-lixo. (N. do T.)

sobre pedaços de papel para aquarela, que deporá nas minhas mãos. Esta série forma o essencial da interpretação que ela pode fornecer do momento agudo que ela atravessa.

Vou dividi-los em duas rubricas essenciais. Primeiro, a da castração. Eis o primeiro sonho: "Chegava um carro. Meu pai, creio, estava deitado atrás. Assustada, eu dizia: – *Que é que ele tem?* Alguém respondia, e aí era a voz de meu pai. – *Ele nunca foi operado.* Não havia ninguém ao volante do carro".

Esse sonho do pai deitado opõe-se ponto por ponto a um segundo que põe em cena uma mulher: "Eu parava, de carro, diante de uma estalagem. Eu tinha dois sacos de viagem. Eu os largava no carro, e entrava para perguntar se havia um quarto para aquela noite. As pessoas estavam sentadas, comendo, em torno de uma mesa redonda. Uma mulher levanta-se e pergunta se é para duas pessoas. Com certeza, mas eu não ousava dizer que era para mim por causa do veneno. Então como deixar os sacos no carro e que eu precisava absolutamente guardar?"

Aí, a operação consiste em deixar os sacos, bolsas. Aliás, ela vai evocar um sonho em que efetivamente o marido tem bolsas que sangram, na palma das mãos. A mãe se levanta e se interpõe entre um quarto e ela. A mãe pode partilhar da refeição dos homens, ela não. O sangue e a angústia do envenenamento se ligam à angústia da castração.

A outra vertente se amarra em torno da dívida impossível de pagar, entre o pai e ela. Ela sonha: "Eu estava no meu quarto, estava para descer. Estava com uma raiva furiosa diante de meus pais. Eu lhes dizia que, se eu morresse, faria um testamento para eles não herdarem o meu apartamento". O dinheiro, já que não se situa num circuito de dívida, reduz-se estritamente a merda. Ela nota isso: "meus dentes caíam num potezinho de merda".

Essa dívida impossível de pagar traz esse outro sonho: "Eu tinha pegado o trem. Ele parava na estação. Eu não tinha pressa de descer" – é o contrário do sonho em que ela se apressa a descer para insultar os pais – ela está num vagão e não quer descer; o marido, furioso, lhe diz para pegar as coisas e se apressar: "Eu já não achava o vagão. Não estava certa que era aquele. Não achava mais nada meu". Ela que está atravancada além de qualquer limite em seu apartamento não acha mais nada dela! "O trem começava a andar. Tarde demais. Para onde iam? No fim de alguns minutos eu percebia que isso não era realmente um trem: éramos dois, o que conduzia, e eu. Perguntei-lhe se era possível trazer-me de volta. Como aquilo ia se transformando, nós estávamos numa espécie de coisa que parecia

patins de gelo. Eu tinha um vestido ultracurto”. Esse vestido revelava seu sexo, e era sexo de homem. “Acordei gozando”, concluiu.

### *Raiva feminina*

Durante o tempo em que interpreta seus sonhos, ela volta para os homens. No curso de três ligações sucessivas, aproximadas, sobrevêm preocupações referentes a eventuais perdas de sangue nas relações sexuais: essas preocupações tomam cada vez mais lugar, até que se fecha a fase de abertura da transferência.

Um belo dia ela me declara que não consegui senão fazê-la mais doente do que antes, como todos os psicanalistas que ela procurou, e agora ela precisa consultar uma psicanalista, uma mulher. Aliás, ela reativou uma antiga ligação com uma mulher. Ela não quer ter mais nada com os homens, todos homens sem princípios, como eu – ela está propriamente tomada de uma raiva feminina. O Dr. Lacan nota algures: “Sabe-se que as damas detestam que se discutam princípios, pois seus encantos devem muito aos mistérios do significante”.

A essa ameaça de ruptura do banimento fálico quando ela se volta para as mulheres, eu lhe dou o aviso: vou aumentar consideravelmente o preço que ela me paga em cada sessão – o que provocou no fim dessa sessão uma crise de raiva narcísica que nos Estados Unidos seria suficiente para qualificar essa analisanda de *borderline*. Tanto mais que, a partir desse dia, começa um período perturbado com diversos caprichos, durante o qual ela percorre uma série de médicos para fazê-los testemunhar a respeito de uma doença da pele ou irritação ocular, pelo emprego desordenado de produtos de maquiagem levando a uma irritação efetiva.

Reiterando cada vez suas acusações, censurando-me por tê-la feito adoecer, ela telefona antes de cada uma de suas consultas marcadas com um médico para dizer-me a que ponto vai o seu desespero e como é grande minha culpa. Em suma, ela me instala como causa de seu desejo. Ela volta a me ver, conservando sempre os óculos escuros, efetivamente identificada com a amante do pai, cegada e finalmente castigada.

Munida desses mesmos óculos, ela vai ver a Sra. K., para pedir satisfações de sua interpretação central. O que ela vai mostrar a todos os médicos é sua castração ( $-\phi$ ), enquanto ela é tapada pelo objeto olhar. Ela que aspirava à fascinação de sua beleza toma o

mundo como testemunha do irreparável dano que se estabeleceu no imaginário. Ao mesmo tempo, no coração desse período, ela formula o que unicamente poderia tudo reparar: precisa encontrar outro amante, mais rico ainda, e eventualmente mais impotente, que viria oferecer-lhe o apartamento maior ainda, que lhe permitiria dispor do que ela possui.

O que é pois esse *Wunsch*? Como Dora, ela lembra que não são as jóias que a interessam, mas a caixa de jóias. Podendo assim transformar em merda tudo o que lhe dão, tal como um Midas invertido, ela mantém o mistério da caixa de jóias, terra prometida de um gozo enigmático que viria apagar sua falta: mantendo do mesmo modo a exigência do apartamento e passeando o drama de sua beleza emurchecente sob os olhos dos homens médicos, impotentes para preservá-la da catástrofe.

Após uma ruptura, esse período se conclui por um retorno em que ela vem, acalmada, declarar-me seu amor de transferência. Foi preciso para isso que ela fosse ver um médium, como a mãe ia ver médiuns mulheres para tentar reconquistar a afeição de seu marido. Paro aqui; a continuação é outra história.

Que podemos concluir do efeito das duas análises, do Sr. e da Sra. K.? O Sr. K. obtém uma acalmção insistindo na divisão histórica da vida amorosa, entre o marido ou o amante titular – o importante sendo encarnar o escravo que mantém a Sra. D. – e o único professor das artes amorosas – o mantenedor do órgão. A Sra. K., quanto a ela, põe em jogo a identificação da paciente com o objeto de desejo do pai. Mas, se a análise então tropeça, é sobre o ponto real em que a Sra. D. não reconhece a avó morta, essa avó que a reconheceu quando pequena. Ponto de barragem impossível em que a identificação com uma mulher como objeto de desejo não se fez. O envio da analisanda a uma mulher, a quem é atribuído mais conhecimento nessas matérias, não facilitou, parece, as coisas, acentuando o caráter imaginário dos fenômenos, a vertente “linguagem do corpo”, o apodrecimento dos órgãos.

Haverá outra política para a Sra. D. que não seja a do *avesoutruz* que consiste em ir exibir a um analista o ponto no qual ela ficou com um outro no concernente à castração? Poderá ela se desfazer dos óculos escuros, que ela prefere à castração?

Talvez o analista tenha informação no próximo número.

## “TOQUE-ME, DOUTOR...”

*Diana Etlinger de Alvarez*

Deborah tem 60 anos. Quando veio consultar-me, há 5 anos, ela se perguntava se eu aceitaria analisá-la. Ela supunha que devido à sua idade, e pelo que tinha ouvido dizer, talvez uma psicoterapia fosse mais indicada. Disse-lhe que eu ainda não sabia, mas que logo se decidiria isso. E, de fato, como se vai ver, ela começou uma análise. Sua idade nunca foi obstáculo.

Deborah é uma mulher agradável, inteligente, bonita. Ligeiramente suscetível, e algo enfatuada. Mas, acima de tudo, quer saber.

Ela veio ver-me naquele dado momento, impelida pela urgência de um problema que precisava resolver em curto prazo, ligado a terrores fóbicos que lhe impediam certas atividades.

Tinha ainda outras razões para entrar em análise. A despeito de sua idade, queixava-se de não ter ainda conseguido viver em boa harmonia com a mãe. Mas o que a fazia sofrer mais ainda era sua própria frieza. Ela não pode se mostrar afetuosa, nunca foi, é-lhe impossível beijar, acarinhar, ou simplesmente chegar junto do marido, dos filhos, e, claro, da mãe.

*Carência fálica*

Quando casou, há 35 anos, estava apaixonada. O marido é o único homem que ela jamais conheceu. Segundo seus próprios termos, ela estabeleceu com ele uma estranha relação. A frieza, a ausência de amor e uma amarga rivalidade constituem o essencial dessa relação. Isso é devido, diz ela, aos sofrimentos que ele lhe infligiu durante longos anos, por suas numerosas infidelidades, freqüentes desde

quando as filhas eram pequenas. Ela recusou ter outros filhos, enquanto ele os queria; em conseqüência, ela teve numerosos abortos que ele desaprovava. Mas, ainda que ela explique tudo isso pela infidelidade, é certo que ela não consegue convencer-se de ser esta a verdadeira razão. Atualmente, e já há 15 anos, não há outras mulheres na vida do marido, sem que isso seja devido a declínio da virilidade. Deborah, porém, não esquece sua má conduta nem a humilhação que sofreu e que ainda mantém.

Entretanto, há um ponto que Deborah não pode explicar pela tese da infidelidade, é sua tendência a denegrir o marido sempre que pode. Faz isso num tom calmo, mas extremamente ofensivo, a golpe de frases precisas e mordazes. Manifestamente, ela tem espírito picante. Habitualmente, embora seu furor não irrompa imediatamente, ele reage "como um louco", diz ela, e ela o despreza. Mas Deborah diz que, desde algum tempo, e mais de uma vez, ela percebeu que algo de fundamental falta *nela*: para ela, é impossível admirar o marido. Ela lhe reconhece qualidades de homem de bem que outros não possuem. Ela o respeita, por ser no plano profissional honesto e responsável. Há, entretanto, um traço que ela lhe censura e não o perdoa: sua inaptidão para ganhar muito dinheiro. "Para ele, o dinheiro não tem importância", diz ela com certa amargura. Em compensação, ela pode admirar outros cujo único talento é esse, mas acaba desprezando-os por outras razões. É o mesmo traço que sua própria mãe denunciava em seu pai: "não tinha a bossa dos negócios". Mas ela não o censurava, porque também não dava importância ao dinheiro. Essa mãe, com 80 anos agora, não cessa de repetir a Deborah, na menor oportunidade, que nunca quis saber dos homens, que lhe são repugnantes. Assim o pai de Deborah, embora homem de bem, e respeitado, não achou lugar no desejo da mãe, e esta não foi para Deborah "uma mãe tendo o desejo do desejo do pai... Uma mãe sabendo encontrar no marido o que este absolutamente não possui,"<sup>1</sup> caminho que por conseguinte Deborah tampouco pode encontrar facilmente. O pai é um pai idealizado, mas impotente, nesse lugar mesmo um homem o é, quando recusado por uma mulher. Então "a abertura ao dom paterno está excluída – para Deborah – desde que não há mãe para testemunhar essa doação".<sup>2</sup> Carência fálica, traço essencial, característica da estrutura histérica. A mãe de Deborah é uma camponesa enérgica, forte, independente e rude. Ela mu-

<sup>1</sup> F. Perrier, "Estructura histérica e diálogo analítico", in *Acto psicanalítico*, Nueva Vision, Buenos Aires, 1975.

<sup>2</sup> Houballah, *Lettres de l'École Freudienne de Paris*, n° 15, Paris, 1973.

tilou sua feminilidade. Deborah é bem o contrário, não suporta essa mãe pouco civilizada, da qual tem vergonha, e que a esmaga com seu vigor. Deborah revê a menina que ela foi, sob os traços de “uma criança enfezada, clorótica, desprovida de vida própria, sempre acompanhada de uma guarda-costas imponente”. Ela porém é a preferida, mais amada que o irmão, e tem certeza de que a mãe é capaz de tudo por ela (exceto suavizar suas maneiras).

Do pai, falecido há alguns anos, ela se lembra com amor. Diz ela: “Eu amava essa ternura surda, silenciosa, sem palavras, de meu pai... ninguém jamais poderá amar como ele me amou”. Sente ainda, posto sobre ela, “seu olhar de adoração”, para retomar suas próprias palavras. Ela não o quis ver morto. Era preciso manter aquele olhar. Deborah foi para seus adoradores a “princesinha”, expressão que talvez tenha sido assinalada no decurso de sua análise, e também, como diz ela: “a filha hiperprotegida de um pai fraco e de uma mãe forte”. A essas razões, acrescenta-se outra. Ela era, diz, “a flor do arrabalde”, “a moça mais bonita do bairro”. Ela volta quase sempre a esse ponto, ela é “a mulher evocada pelos homens por sua beleza, a inesquecível”. Mas, em contraponto, ouvi certas vezes referências à sua adolescência: nessa época ela era “franzina, um saquinho de ossos, coisa que não devia provocar grandes paixões nos homens”, diz ela. Ainda agora, e se bem que ela possa verificar que os homens a admiram, não tem certeza do que aconteceria “na cama”. Teria ela, ou teria tido, alguma atração sexual para eles? É evidente que adoração e sexo não andam mais juntos para Deborah. A certeza de uma não a livra do enigma do outro, mas Deborah instala-se nessa certeza, e permanece perdida no espelho. Diz então, aludindo às infidelidades do marido: “Como podia ele fazer isso comigo?” Parece-lhe inexplicável que sua beleza de estátua não constitua o chamariz absoluto. O fato é que Deborah nunca tomou a iniciativa com o marido. Não se aproxima dele nunca, e isso é para ser tomado ao pé da letra. Nem por isso se deve pensar que o sexo está banido da vida desse casal, ou que ela não sinta gozo. Nem uma coisa nem outra. O sexo continua jovem nesse duo sexagenário. E ela goza, se bem que esse gozo seja sempre um mistério para ela. Ou, antes, o enigmático impulsor do gozo: “Que é isso?, pergunta-se ela, e por que é assim? Serei diferente das outras?” (Ela porém nunca falou de sexo com mulher alguma.)

## *Uma seqüência de análise*

Proponho para vocês um fragmento bem recente de sua análise. É uma seqüência de quatro sessões, quatro momentos de sua análise. Essa etapa foi precedida por uma viagem ao exterior, de Deborah e do marido. Viagem de prazer, embora nem tanto para ela. No decorrer da viagem percebeu, pela primeira vez, o marido mais jovem do que ela. Durante a viagem, ele adquiriu um instrumento musical que era seu sonho há muito tempo. Esse instrumento e a música tornaram-se o centro de sua vida. Transposto o limiar da casa, nada mais lhe interessa. Mesmo os comentários acerbos da mulher não afetam seu entusiasmo. Impossível também conseguir que ele baixe o som, novo pomo de discórdia. Sobretudo, essa paixão musical do marido acaba por lhe ser intolerável, embora ele queira a participação dela, como aconteceu em outros domínios. Ela não pode. Um clima de guerra fria se estabelece durante algum tempo até o dia em que, após um comentário "inofensivo" de Deborah, a tempestade estourou. Furioso, o homem grita, espermeia, quebra, atira-lhe objetos (não muito contundentes), em suma, uma cena fora do comum. Deborah continua a tricotar: Ela sofre, pensa – mas não muito – em separação, considera sair de casa, mas ir para onde? Eles não se falam mais, não têm mais quarto comum, ele ameaça vender seu equipamento audiovisual.

### *1ª sessão*

Em soluções, Deborah conta o acontecido, e embora acuse o marido, admite por fim que esse episódio é o ponto culminante de uma série de agressões e críticas das quais reconhece ser a autora. Queixa-se, porém, amargamente da ofensa recebida, e aguarda, como de costume, uma resposta de minha parte. Parando a sessão, digo-lhe duramente: "Talvez, em um dado momento, você precisará escolher entre continuar a ser a princesinha e ser a mulher de seu marido".

### *2ª sessão*

No início da sessão seguinte, Deborah retoma minhas últimas palavras. Depois, num tom triste, desgostoso, conta uma briga com a mãe, no decurso da qual ela lhe diz: "Minha vida não é o que você pensa". Fala também das relações com o pai; em determinado mo-



mento, ela diz: “Quisera eu arrancar-me do amor do meu pai”. Isso, eu ouvia pela primeira vez na sua análise.

### 3ª sessão

Uma semana depois, ela conta que começou aplicações de depilação elétrica para eliminar uma penugenzinha que se transforma em “verdadeira barba” quando ela não se depila. É o que poderia acontecer se ela tivesse de ser hospitalizada para qualquer operação (nada disso está previsto). Nesse caso, ela não poderia fazer a depilação por seus próprios meios. Pensar que isso possa acontecer lhe causa horror. Fala-me do tratamento. Descreve uma cena: a sala de espera, na penumbra, como para velar os defeitos de cada uma, e a atmosfera quase forçada de confidências que se estabelece entre as clientes. Pergunto-lhe quando começou a aparecer essa penugem. A resposta: “Aos 17 anos, eu já tinha falado”. Eu não me lembrava disso. Insiste sobre o fato de ser uma barba dura. Depois ela se endireita, chega perto de mim (jamais fizera nada desse gênero), estende a mão para que eu lhe dê a minha, e a leva ao queixo onde a apóia dizendo-me: “Toque-me, Doutor... veja como pica”. Gesto que realizo, com a estranha sensação de participar de uma cerimônia, de algo que devia se realizar, e de que sou ao mesmo tempo testemunha e ator. Não sinto essa prevenção que geralmente acompanha todo gesto inesperado de um analisando. Tenho talvez uma breve impressão de despersonalização. Um instante depois, eu pensava que isso tinha que ver com a castração, que Deborah precisava fazer constatar que a princesinha não era assim, que a barba era real. Não falei. Eu tinha a convicção de ser decisivo o ato, e qualquer palavra minha, no melhor dos casos, seria banal.

### 4ª sessão

Dois dias depois, ela começa a sessão com estas palavras: “Preciso contar-lhe o sucedido ontem à noite, é importante”. E conta. Na hora em que iam se deitar, ela aproximou sua perna da perna dele dizendo: “Estou com frio”, e acrescentou: “isso bastou”. Durante a noite ele a despertou, fizeram amor: “Gozei muito, como quando era jovem”.

Insisto: foi, segundo ela, a primeira vez que ela ousou aproximar sua perna, simplesmente. Em seguida, conta que, na manhã daquele mesmo dia, tivera uma conversa com uma colega de trabalho,

uma mulher que ela praticamente não conhecia. Essa lhe confiou que se tinha separado do marido, mas que vivia de novo com um homem; em dado momento ela disse à Deborah: "Que boa coisa, trepar". Ainda uma primeira vez para Deborah, pois como vocês sabem, exceto na análise, ela jamais falara de sexualidade com outra mulher. Deborah prossegue: "Essa história de aproximar minha perna, eu, chamo isso, juntar a 'chata' ",<sup>3</sup> especificando que não está falando da bacia mas da expressão utilizada pelos camioneiros ao lançarem um cumprimento a uma mulher. Faço-lhe notar que, ao querer aproximar a perna, ela se sente homem. "Sim", responde-me, "pois penso que devo esperar que o homem se aproxime, como mulher honesta". Mais adiante, ela acrescenta: "A palavra que me vem à cabeça é: lésbica". "Porque", digo-lhe, "desde que você se aproxima de um homem e não de uma mulher – a menos que se aproximar de um homem seja uma questão de homens". "Sim", responde ela, "aproximar-se de um homem é problema de machos".

Dois meses depois, quando eu já estava redigindo este trabalho, ela explica que o médico encarregado da depilação lhe perguntou por que esperou tanto para recorrer a seus serviços. Ela dá explicações habituais, mas no decurso da sessão ela se recorda de ter conhecido, na ocasião do casamento, uma mulher com barba. Era uma mulher sefardim, "muito oriental", "que vivia prosternada aos pés do marido", um homem insaciável dela, a ponto de não lhe permitir mais que um filho, ela abortava para lhe ser agradável, e para lhe ser agradável, foi depilar o queixo. O médico ao qual ela recorreu era o mesmo da minha paciente atual, e foi essa mulher que então lhe falou dele.

### *Comédia humana*

Remetemos o relato da viagem: é possível que estejamos aí diante de uma inversão imaginária do olhar,<sup>4</sup> que poderia ter confrontado Deborah com a morte. Ela não era mais a menina acariciada pelo olhar de um pai: ela olhava no presente o marido e o via mais jovem.

<sup>3</sup> *Chata*: designa a bacia usada pelos doentes, e o reboque de caminhões. "Aproximar o reboque" é interpelar uma mulher na rua.

<sup>4</sup> Éric Laurent, comunicação pessoal.

Em seguida, o instrumento. Deborah substituída, não mais por outra mulher, lá onde a identificação está ao alcance da mão, mas por um objeto, um gozo além do fantasma no qual ela poderia achar lugar. Pode-se arriscar situar esses elementos no ponto de partida de uma comédia humana em quatro atos:

– *O primeiro*: a primeira sessão no decorrer da qual ela me conta a “briga”, pedindo minha compreensão. Teria bastado uma palavra, um gesto, um olhar de simpatia; mas a demanda de amor não obteve resposta. E talvez o meu “ser a mulher de seu marido” tenha tido uma ressonância. É o que parece se concluir do segundo ato.

– *Segundo momento*: afinal talvez Deborah queira arrancar-se do amor do pai e decepcionar a mãe, essa “mulher indomável”, junto da qual ela não tinha “vida própria”. Talvez a princesinha comece a desistir de ser objeto de adoração do pai, e de uma mãe que ela cativava e de quem era cativa. Matriz maternal-paternal.

– *Terceiro momento*: aparece no quadro perfeito que Deborah oferecia ao pai-mãe e ao marido-mãe, uma mancha que sempre fora ignorada, e era preciso que essa mancha, esse lugar de castração, permanecesse ignorado.

É então que Deborah insinua seu  $(-\phi)$ .<sup>5</sup> Na sua origem está um ato que ela levaria à conclusão em sessão. Deborah se decide a realizar o que vinha adiando há 30 anos. Essa depilação, a propósito da qual ela encontrara no caminho a mulher que amava se prosternar aos pés do marido.<sup>6</sup> Deborah, a única, a incomparável, inclui-se uma vez mais, já no fim da vida, mas não tarde demais, nessa misteriosa confraria de mulheres que aspiram a ser o falo; pode-se suportar não ser mais a princesinha, quando se passa a ser o falo, mesmo um falo algo depilado. Depois, de maneira espantosa: “Toque-me, Doutor...”: o que ela começara na sala de espera como rito de iniciação?<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Pode-se supor que está em jogo aqui a *falta-em-ser*: “Tu não és...” Uma das formas da castração. Isso seria coerente com o fato de se lançar Deborah na procura do falo.

<sup>6</sup> “Tratando-se de uma estrutura que comporta ao menos três termos, o sujeito, seu objeto e isso através do que se pode abordá-lo,  $S \leftarrow_{a} S_1$ ,  $S_1$  é aqui a mediação necessária à histórica entre ela e seu objeto. No sonho da “açougueira espirituosa”, o salmão defumado é o  $S_1$  retomado do discurso do Outro, significante do desejo de sua amiga, de onde ela interroga o desejo do marido” (Roland Chemana, “A propos du discours de l’histérique”, in *Letres de l’École Freudienne de Paris*, n° 21, Paris, 1975). Em nosso caso, a “barba para depilar” é igualmente um significante retomado do discurso de “a oriental submissa”, significante do desejo ao qual Deborah se identifica ( $S \leftarrow S_1$ ) e que implica a pergunta: que ama então esse homem insaciável nessa oriental submissa?

<sup>7</sup> Bruno Bettelheim, observando os efeitos da operação de cirurgia estética em certas moças, os achou semelhantes aos efeitos dos ritos de iniciação. Eles ajudariam o iniciado a “aceitar a função sexual madura” (B. Bettelheim, *Heridas simbólicas*, Barral, Barcelona,

culmina num gesto conclusivo. Qual foi, no caso, a função da analista? Representava ela alguma coisa? Ou simplesmente, ela figurava como pura presença? Foi ela um instrumento? Esse gesto foi a barra mesma? Lacan dizia que a barra que ele põe sobre o S é o próprio chicote do *Bate-se numa criança*.<sup>8</sup> Se é disso que se discute, o quarto momento o confirmaria.

– *Quarto momento*: Mostrando-me sua castração, assumindo-a, Deborah pôde aspirar ao desejo de outra mulher.<sup>9</sup>

O bloco de gelo, pretextando ter frio, aproxima sua perna; esse fato de aproximação da perna, metaforizado em “aproximação da bacia (ou do reboque) como dizem os camioneiros”, nos remete uma vez mais à questão da identificação masculina na histeria. O ego da histérica é um homem, e ela toma essa função sem poder dela gozar.<sup>10</sup>

Deborah parte em busca do desejo do Outro entendido como uma outra, desconhecida, e a aborda como se ela fosse um homem (e não uma moça comportada). De onde se segue a pergunta: “Sou lésbica?”. Entretanto, se a verdade da histérica é ser para a outra esse pequeno nada, vemos que Deborah se inscreve facilmente no quadro da sexualidade do lado “não-todo”.

Porque Deborah não pára aí. Ela acrescenta: “Issó basta”. É uma proclamação narcísica, a menos que haja outra coisa em jogo. Que é que basta? Lembremo-nos que é ela mesma quem explica – nenhum detalhe lhe escapa – que *chata* não remete à bacia para enfermos. Tal negação nos evita deixar passar a afirmação. Desde então, se é efetivamente questão de bacia, em que consiste? Talvez nesse pequeno nada que desperta o marido e que não foi sua perfeição, mas essa coisa evanescente da qual ela nada sabe ( $a \parallel S_2$ ) e que a intriga.

Na outra, segundo Lacan, a histérica encontra menos um objeto do desejo que “alguém que tem vontade desse pequeno nada que ela guarda em reserva”.

1974). Por outro lado, Lacan – em seu *Seminário*, “As formações do inconsciente” – considera que o essencial da castração deve ser procurado na relação do desejo com a marca: “... para que o desejo atravesse com felicidade certas fases, o falo deve ser marcado...”, “encontramos sua marca nos ritos de circuncisão, puberdade, tatuagem; a cada acesso do sujeito a certo nível do desejo, ele é marcado” (*les Formations de l'inconscient*, transcrição de J.-B. Pontalis, Nueva Vision, Buenos Aires, 1970).

<sup>8</sup> Citado por J.-A. Miller no *Seminário*, livro III, *Análítica* n.º 3-4, Ateneo, Caracas, 1980.

<sup>9</sup> É preciso sublinhar que, nesse caso, a identificação está em relação com uma desconhecida, pois que a indiferença do objeto caracteriza o terceiro modo de identificação que Freud distingue na *Psicologia das massas e Análise do eu*, e cuja função é sustentar o desejo.

<sup>10</sup> Lacan, *la Psychanalyse et son enseignement*, in *Écrits*, Siglo XXI, México, 1975.

Como aceitar ser reduzido para o outro a esse *a* insignificante? Como toda mulher... o problema de sua condição é no fundo de se aceitar como objeto do desejo do homem...<sup>11</sup>

E, nessa via, Deborah é recompensada pelo real do gozo: “Tive muito prazer”, diz ela, “como quando eu era jovem”, gozo que voltou uma vez mais ao mesmo lugar:  $\$ \rightarrow S_1$ .

$\swarrow$   
*a*

DIANA ETINGER DE ALVAREZ

<sup>11</sup> Cf. J. Lacan, “Intervention sur le transfert”, in *Lecture structuraliste de Freud*, Siglo XXI, México, 1971.

## A ANORÉXICA ENTRE DESEJO E GOZO

*Augustin Ménard*

*A fome não é a última instância para o homem. Houve até homens que dela zombaram, deliberadamente, para mostrar que a alma humana não poderia ser dirigida pela pressão das necessidades ou pela ameaça da dor.*

Rabindranâth Tagore,  
Sâdhanâ, 1940.

Que o alimento não seja somente objeto de uma necessidade, é o que há muito tempo manifestam os anoréxicos. A estranheza dessa conduta levou os médicos, seguindo Lasegue (1873), a erigir a anorexia mental como entidade clínica descritiva mais particularmente frequente nas moças. Com suas técnicas, indo dos medicamentos à nutrição intensiva, passando por dietéticos e reeducações alimentares diversas, eles prosseguem na engorda empreendida pela mãe.

A anoréxica, esta, insiste. Ela come *nada*, conforme a fórmula de Lacan, e faz ver, como um desafio ao discurso do mestre, seu corpo descarnado, indiferente às objurgatórias de seu círculo familiar como também às conseqüências fisiológicas de sua caquexia, tal como a amenorréia.

Descentrando a clínica do olhar para a escuta do dito das anoréxicas, passa-se com a psicanálise do “quadro clínico” para a estrutura significante do sintoma anoréxico. O acento se desloca da necessidade para o desejo. Como desejo nenhum pode se demarcar senão deslizando nas falhas da articulação significante, é através da formulação da demanda que ele será demarcado.

Que o sintoma anoréxico exprime um desejo que não se pode articular num discurso não deve fazer esquecer que todo sintoma é portador de gozo. Nesse aquém da articulação do desejo onde fica hirto o anoréxico, vamos reconhecer a fixidez do fantasma e esse gozo que, bem cedo em sua obra, Lacan situou como um *apetite* da morte.

*De um desejo que não pode dizer-se...*

Pascale, pouco tempo após o início das entrevistas, que ela aceitara com desdém e por pressão da família, nos refere este sonho: “Estava de boca cheia, eu queria gritar e não podia”. Pode-se ligar melhor a impotência de dizer à ceva alimentar? Não se fala de boca cheia: “A demanda da anoréxica, a mãe a esmagou pela ceva”, diz Lacan. A demanda da anoréxica existe, mas é muda. Isso não facilita sua entrada em análise. Se soubermos ouvir a demanda por trás do sofrimento que ela nos oferece, e entendemos que a anoréxica suplica o acesso à palavra, então abre-se uma possibilidade de análise.

O afincó dos familiares, singularmente da mãe mas também dos médicos, em rebater a demanda sobre a necessidade é um obstáculo que nem sempre é possível contornar. Anne: “Minha mãe estava sempre inquieta, tinha medo que eu não comesse bastante, ela me cevava sem cessar, eu não queria. Já em criancinha, parece que eu não mamava. À mesa, era um suplício, só se falava de alimento”. Françoise: “Quando saíamos, a atividade proposta era sempre alimentar; íamos ao restaurante, minha mãe controlava a refeição, íamos colher cogumelos ou pescar à linha. Os produtos deviam ser absorvidos, a indigestão não falhava”.

Cumulada no plano da alimentação, a anoréxica também foi cumulada em muitos outros domínios. “Nada lhe faltou”. Claro, nada lhe faltou, mas, então, de que ela sentia falta? Adiantamos: é a própria falta que lhe faz falta. Nessa relação fechada de alimentação entre mãe e filha, pergunta-se, e o pai, como fica? Françoise: “Na minha família ninguém estava em seu lugar, meu pai tinha sensibilidade de mulher, minha mãe a autoridade”. Anne: “Meu pai passava por depressões, não tinha autoridade, nunca intervinha. Às vezes ficava furioso, quando tinha medo de não ter bastante autoridade. Ele não me recusava quase nada”.

É nessa recusa de alimento, é nesse “nada que o anoréxico come” que já aflora seu desejo. É na dialética da troca e do dom que se encontra o fundamento teórico do que adiantamos, com a reserva de nos lembrarmos da distinção: *necessidade/demanda/desejo* – se a necessidade é necessidade de alguma coisa que um objeto pode preencher, o desejo, este, não é desejo de objeto algum e não poderia ser preenchido: é desejo de desejo. E esse desejo, sempre opaco, sempre a se reformular, se pode se dizer, é através da formulação de uma demanda. A frustração do objeto real que é o alimento é portanto um tempo lógico necessário para que se desenhe uma demanda (cf. *Relação do objeto*, seminário 1956/1957).

É justamente aqui, a partir da relação com esse objeto que é o alimento, que podemos adiantar que é a falta que faltou. Com efeito, a pergunta se impõe: como pode um objeto, além de seu valor de uso, preencher para a criança uma função simbólica, já inscrita no sistema cultural no qual está mergulhada? É preciso para isso que ele possa faltar, que a falta seja colocada em evidência, que o nada se oponha ao tudo, mas é preciso mais: é preciso que esse objeto se torne objeto de dom. Esse objeto, se eu o dou, é um objeto de necessidade, nada mais. Se eu o recuso, ele falta, é introduzida a falta, mas isso ainda não basta para revelar o desejo. É preciso mais um grau: com essa recusa, coloco-me como aquele que realmente pode dar, ou recusar dar; é pela recusa, não do objeto, mas do dom do objeto, e nesse circuito linguageiro entre mãe e filho, que esse dom pode se tornar sinal de amor. O dom surge se primeiro é anulado, se pode dar-se, ou não, ao apelo. Do que falta ao objeto é que nasce o desejo. Por trás do objeto desenha-se o lugar vazio, esse “nada” que faz do objeto a causa do desejo: *a*. É na “Subversão do sujeito e dialética do desejo” que Lacan acrescenta o “nada” à lista dos objetos isolados pela teoria analítica. (*Écrits*, p. 817.)

Esse apelo, sobre fundo de anulação do apelo, Freud o pôs em evidência no jogo do *fort/da*. Jogo a que se dedica Marie com o alimento: “brinco de gato e rato com o alimento, compro um pão doce, ponho um pedacinho dele na boca, depois mastigo, torno a mastigar, depois cuspo fora. Recomeço isso várias vezes, tenho vontade de comer tudo, mas não posso. Como um pouquinho dele, mas é preciso que minha fome não passe completamente, aí então cuspo fora, e começo de novo”.

Esse tempo lógico e inconsciente da primeira recusa, da primeira interdição, é necessário para que a demanda se rompa pela necessidade, e assim seja possível uma saída para a formulação do desejo; é esse nada que faz com que um objeto qualquer possa se tornar sinal de amor remetendo a um sistema significante para as duas partes. É mesmo esse nada, nesse lugar vazio, que permite que esse jogo de paciência funcione, é ele mesmo que o anoréxico designa como suscetível de causa sem desejo, e que devemos ouvir.

A frustração autêntica de que se trata aqui é uma falta imaginária, incidindo não sobre o objeto de necessidade que o oblitera, mas sobre o dom de amor de que ele é o possível sinal. Se a falta é pelo sujeito encontrada no Outro, é que o Outro é faltoso. Essa frustração se demarca no discurso do Outro, na demanda do filho confrontada à da mãe, do *Che vuoi?* É por aí que se insinua, além da demanda, o desejo do Outro, onde o sujeito tem de demarcar seu desejo próprio.

Supõe isso que se articula numa dialética a falta do tempo an-



tecedente: privação real de um objeto simbólico, com a falta do tempo seguinte (tempo lógico e não cronológico), falta simbólica da castração, cujo acesso será tornado possível pela metáfora paterna.

*... a um gozo ligado ao apetite da morte*

*Aprendi uma palavra que designa um estado do qual sofro faz alguns meses; uma palavra bela: anorexia. Que sofro de anorexia, é dizer demais: o pior é que quase não sofro disso, mas minha inapetência física e intelectual tornou-se tal que às vezes já não sei bem o que ainda me mantém vivo, senão o hábito de viver. Parece-me que eu não precisaria, para cessar de ser, senão abandonar-me. No que escrevo aqui, não se veja desespero: mas, antes, satisfação.*

A. Gide, Assim seja, jogo feito.

A indiferença com respeito à sua caquexia, o profundo desconhecimento de seu aspecto físico, sua passividade diante de um risco vital estão aí para indicar-nos que alguma coisa mais forte vem no anoréxico fazer contrapeso ao desejo. Só em alguns drogados se encontra uma inércia assim, que mesmo se não conduz à morte mantém num estado de morto-vivo próximo do *nirvana* evocado por François: “Observo que, quando decido uma coisa, que eu morra ou não,... fico calma, uma espécie de serenidade, de *nirvana*”. Mas prefiro retomar as palavras de Marie, porque, se o seu jogo com o alimento coloca o desejo, há outra vertente, essa, de gozo articulado no superego: “isto me dá prazer em alguma parte”, pois esse “nada” com o qual ela se contenta com “um prazer da boca”, e que ela torna a cuspir, ela retira daí um gozo certo. Ela chega, segundo a expressão de Jacques-Alain Miller, a “decantar o prazer do gozo”.

A insistência do anoréxico em voltar a esse tempo do *fort-da* da frustração remete a um corte radical ao qual ninguém escapa: o primeiro buraco da privação real. O destino do anoréxico é decidido no tempo mítico do desmame. Lacan anuncia que “no *fort-da* é o patético do desmame que se repete” (*Les Complexes familiaux*, Paris, Navarin). Esse tempo não corresponde ao dia em que se praticou o desmame, mas ao tempo, subtenso por razões culturais, em que o seio, a mamadeira, não responderam ao grito da criança. Desse primeiro corte real, a aceitação conduz à vida, à recusa, à morte. O corte agora operado é o primeiro em que, a uma tensão vital avivada, responde pela primeira vez uma intenção mental (rudimentar, claro), aceitação ou recusa, mais ou menos. A morte deve ser enten-

dida aqui como não-acesso ao simbólico, não-mentalização, retorno a esse nirvana anterior ao desmame. Por trás dessa articulação: comer ou cuspir, banal nos anoréxicos, projeta-se um fantasma de devoração (quem devora? quem é devorado?).

Marie tem sonhos de devoração. “Um menino caiu no barranco e é devorado por um homem”. Em suas associações, que revelam seus desejos de morte concernentes ao irmão e à mãe, ela acrescenta: “Quando como, tenho a impressão de comer um pedaço de minha mãe. Preciso vê-la inteira para estar certa de não ser alguma coisa dela que estou comendo”. Mas também: “E como se eu me tivesse dobrado sobre mim mesma, e que me empanturro por dentro. Estou farta, e me vomito. Durante muito tempo, eu receava ser comida”. Eis-nos ao nível da identificação primordial, dita canibalesca por Freud (devorar esse ou essa que se ama).

Nessa vertente do gozo é o superego que se manifesta. Na falta de colocação do significante do Nome-do-Pai, é a figura obscena e feroz do superego que surge correlata ao pai imaginário. O superego deve ser ouvido na ordem materna: “come e cala-te” que a mediação do pai não vem romper: “Ele nunca dizia não”. Mas é mais ainda nessa evocação que ele deve ser detectado: “É como uma voz me dizendo: ‘você não tem o direito de comer’”. “Eu empregava”, diz ela, “o *você* pelo *eu*, como um *eu* digo para qualquer um”. Mas não se poderá aproximar esse “*um menino é devorado por um homem*” do “*bate-se numa criança*” com a diferença da conotação oral? Retomando mais uma vez o seu fantasma, ela diz: “No fundo, essa bola de comida mascada e mastigada sou eu mesma escarrada”.

A reconstrução que Freud faz na segunda fase do fantasma *bate-se numa criança* nos é aqui presentificada no momento em que, como sujeito, ela se reduz a esse objeto *a* oral. Mas, ao formular assim o que de regra não é jamais lembrado, não se pode pôr a questão de uma outra estrutura, justificando a inércia dialética que se segue e que seria ligada ao fato de que esse *a* não conteria (– φ)? A questão da forclusão encontraria aí alguma pertinência. Na linguagem das pulsões orais, Freud não identifica o *Ausstossung* ao cuspir?

A angústia fica estranhamente ausente desse tempo de tratamento. Então se admitimos com Lacan (*A angústia*, seminário 1962-1963) que o tempo de reconstrução do fantasma *bate-se numa criança* corresponde ao tempo da angústia entre gozo e desejo, e que transposta a angústia o desejo se constitui, não poderemos adiantar que é lá que Marie recua? Ela se refugia no fantasma de sua própria morte “até onde eles me deixarão ir?” diante do enigma do desejo

do Outro e da dificuldade em se inscrever no Outro (cf. *les Quatre Concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Paris, Seuil, p. 196).

É preciso aqui acentuar o lado pacificante do fantasma, ligado ao fato de que ele oculta a divisão do sujeito. A imagem narcísica é mal constituída, por falta de marcos simbólicos. Marie “falta de si”, segundo a expressão de Lacan, e começa a acomodar essa imagem, e enfocá-la na constituição do fantasma: “Num relâmpago, eu me vejo como os outros me vêem, com os olhos deles, no *lugar deles*, enquanto no meu espelho não me vejo magra”.

Refugiada no gozo de seu fantasma, Marie fica num aquém de seu desejo.

### *Do gozo ao desejo*

*Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo.*

J. Lacan, *A angústia*, 13 de março de 1963

O que o gume da palavra não operou em seu tempo, a palavra pode operá-lo rompendo a relação dual mãe-filha, permitindo então a dialetização mais profunda, na ocasião de um tratamento analítico. Isso supõe que esteja no lugar o Nome-do-Pai, suporte da lei, que não haja forclusão.

Anne: “Não somente meu pai não me obrigava a nada, mas quando eu me opunha a ele para que ele tivesse de dizer não, ele se enfurecia, ele tinha aparência severa, mas era fraco demais para me dizer não. Só uma vez, ele me proibiu um livro”. Ela conta um sonho: “Eu estava grávida, meu pai, minha mãe, estavam lá, meu pai sabia, minha mãe não, eu não lhe tinha dito nada. Depois eu estava na maternidade. Havia um livro proibido”. Nas suas associações: “Era como se fosse um filho de meu pai. O livro proibido era: não devo pensar em meu pai. Não devo ser para meu pai como minha mãe. Eu queria que ele me proibisse de me confundir com minha mãe, que eu me sinta ser sua filha. Se meu pai tivesse sabido dizer não, o não queria dizer: você é minha filha, não é minha mulher. Eu o provocava para ele me remeter a meu lugar, e para saber qual era meu lugar”. Esse dizer deve ser situado na transferência; estamos na vertente criadora da palavra. O que bascula agora na direção do analista é o tempo da palavra, que não é senão o da transferência. O não do tempo da frustração permitiu a colocação da lei que se faz

no tempo da castração, e remete cada qual para seu lugar. Para encontrar seu lugar, é preciso chegar à lei.

O complexo de castração está no centro da estrutura edipiana: é por ela que o buraco real pode ser articulado como falta num sistema simbólico. Entre os dois, vimos a instauração do lugar vazio, mola da estrutura, ponto pivotal da frustração onde o anoréxico tropeça.

Entre a mostraçõ de um desejo que se não pode dizer, e o gozo ligado ao apetite da morte, a anoréxica não é somente esse sujeito designando num registro oral a falta que constitui o cerne de seu ser; ela encarna, em seu próprio ser, o gozo ligado a esse objeto oral.

AUGUSTIN MÉNARD

## Bibliografia

- 1) J. Lacan, *les Complexes familiaux*, Navarin, 1984. [Ed. bras.: *Os Complexos Familiares*. Rio, Jorge Zahar, 1987.]
- 2) J. Lacan, *Séminaire*: la relation d'object, 1956-1957 (inédito)
- 3) J. Lacan, *Séminaire*: l'Angoisse, 1962-1963 (inédito)
- 4) J. Lacan, *Séminaire*: Les non-dupes errent, 1973-1974 (inédito)
- 5) J. Lacan, "Subversion du sujet et dialectique du désir", in *Écrits*, Seuil, 1966, p. 817.
- 6) J. Lacan, *Séminaire*: les Quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, Seuil, 1973, p. 196. [Ed. bras.: *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio, Jorge Zahar, 1988, 3ª ed.]

## A PAIXÃO DA BEBIDA

*Bernard Lecoeur*

Propor-se a alguém a falar de alcoolismo, e mais particularmente do alcoolista, é assumir o risco de ver desfazer-se no fio do discurso o objeto do qual se fala. A solução imposta seria então a de proclamar logo que não existe o alcoolista?

Antes de transpor essa passagem, não posso desviar-me de um embaraço, afeto situado na dimensão da dificuldade, suscitado pela insistência das demandas daqueles e daquelas que me procuram a fim de que eu os ajude a “se livrar de seu problema com o álcool”. Esta maneira de dizer, com pequenas variantes, é a fórmula consagrada.

No que me concerne, como não havia nada a esperar desse embaraço, senão que ele se perpetue, eu quis ir mais adiante, isto é, falar, eventualmente, em pura perda.

### *Um doente do limite*

O próprio termo de alcoolista designa um personagem social ao qual nosso saber moderno está disposto a fazer a caridade de um estado: a doença. Flagelo nacional, o alcoolismo é motivo de cruzadas e campanhas de informação que não podem senão incitar o analista a tomar a via da santidade, dizendo de outro modo – levá-lo a descaridizar – a expressão é de Lacan – diante dessa busca coletiva do bem e da felicidade de outrem.

Partamos do que enuncia sobre a doença alcoólica esse saber partilhado pela maioria. Essencialmente, duas coisas. De uma parte, o alcoolista é um doente do limite; não sabe parar, ou, ainda, ultrapassa os limites; falta-lhe a medida, o que exige que ele seja assisti-

do. De outra parte, a embriaguez, nas formas paroxísticas ou ao contrário discretas, é considerada como um momento em que o sujeito não é mais ele mesmo, isto é, em que não é mais capaz de entreter uma relação aceitável com o que a imagem especular manda de procedimento, e o uso conveniente da palavra, de discrição. A embriaguez, como sinal de gozo, é referida ao campo da civilidade educada, e é ignorada como manifestação de uma relação particular do sujeito ao objeto de seu desejo.

Aproveito a ocasião oferecida pelo primeiro ponto, a perda da medida, para restaurar um termo antigo, o de intemperança, com o fito de qualificar o que prodigiosamente não aparece no alcoolista, conhecer o exagero ou o excesso. Nenhum vestígio, nesses de quem se pensa que bebem demais, do fato de poderem eles ter motivo para sofrer pela quantidade.

A intemperança define o defeito de medida, isto é, sublinha em contraponto a falta de unidade. Mas falta e defeito só têm sentido para o homem virtuoso. Aristóteles lembra que a falta, segundo os pitagóricos, se caracteriza pelo ilimitado, ao passo que o bem é antes de tudo o acabado. Com efeito, o alcoolista enuncia que, se a intemperança consiste mesmo em ultrapassar a medida, isso provém do fato que a dita medida passou além do sujeito, por outras palavras, o excedeu. O intemperante seria portanto alguém ultrapassado pela medida.

Chamo de intemperantes, pelo menos a título provisório, os sujeitos para quem a medida é, se não ignorada, pelo menos colocada à margem, particularmente a propósito de um ato, o de beber. Pois beber é para eles um ato, não visando satisfazer uma carência, mas devendo responder a uma necessidade, no sentido preciso de que no ponto do ato o sujeito é equivalente a um significante. A intemperança é uma impossível colocação em série do ato de beber.

Mas que diz o intemperante desse ato e de sua reiteração? Bem poucas coisas, senão que da última vez que lhe aconteceu, a única em sua lembrança, ele foi apanhado de surpresa. A dimensão da novidade, da *tuchè*,\* está quase sempre presente no que não se pode chamar repetição, mas uma contigüidade de atos. Ao contrário, a inscrição na rede de significantes parece problemática, e mais particularmente quanto ao objeto desse ato.

De um ponto de vista simbólico, beber, além de todas as referências orgânicas, é uma operação de partilha constituída por um

\* Destino, acaso, sorte, fado. (N. do T.) ·

corte em que nunca está ausente a unidade, por imprecisa que seja. “Beber um gole..., um copo,... um trago” são expressões que sublinham a condição do *um* como presidindo a dois tipos de efeitos. Primeiro, a fragmentação do mesmo, isto é, o que tende a escoar, a se estender: o líquido. Segundo: um efeito de retorno sobre o ato colocando-o numa perspectiva onde ele se torna distinguível.

A recordação da função do significante quanto a nossas atividades fisiológicas permite-me estabelecer que o emprego feito aqui do termo de significante se apóia antes de tudo no princípio de distinção comandado por este último. Em outras palavras, é mais ao referi-lo ao traço unário, ao que não é tanto a representação da diferença, mas o que a produz, que se pode perceber em que as mais banais atividades nossas ficam, a respeito da posição do sujeito, distinguíveis.

“Quando estou no botequim, isso não *falha* nunca; estou sempre com um copo cheio na minha frente. Parece até que não bebo.” Essa frase largada como uma evidência me é referida por um paciente que todas as vezes em que bebe me fala de uma “recaída” quando de fato nunca surgiu a questão de deixar de beber. A intemperança é o que condena o sujeito a nunca *falhar* o objeto, o que em contrapartida impõe a tarefa de beber sempre o *mesmo* copo.

Beber sempre o mesmo copo equivale a se oferecer um colóquio sem trégua, a empunhar sem descanso um objeto que, não estando mais sujeito ao processo metonímico, tornou-se objeto in-usável, em outras palavras, um objeto sem uso. Isso ordena uma extrema dificuldade para o sujeito, a de saber a quantas anda ele do ponto de vista quantitativo, isto é, bem simplesmente de não poder se reconhecer a respeito de um limite subjetivo que o representa para ele mesmo. A embriaguez vem depressa, sempre depressa demais. As contas são entregues de maneira formal ao Outro, ao dono do bar, ao cônjuge, ao botequineiro, que “põe na conta”. O outro, antes de qualquer operação de abatimento, tem função de fazer aparecer uma superfície, isto é, isolar uma função de suporte, pelo risco do lápis significando simplesmente que houve “um a mais”.

### *O fading do sujeito*

O outro ponto a abordar agora é o da embriaguez enquanto manifestação humana de modo algum esgotada no campo das explicações fisiológicas. Mencionada como um estado de alteração da consciên-

cia pela psiquiatria, a embriaguez nunca foi verdadeiramente comparada a fenômenos como adormecimento, sonho, delírio ou desmaio.

De minha parte, considero-a como *fading* do sujeito no sentido em que a embriaguez tem função de atar uma relação particular do sujeito ao Outro, e mais precisamente do sujeito ao significante da falta no Outro.

Uma de minhas pacientes, Élise, fala-me assim de sua relação com o álcool, e mais particularmente de sua última embriaguez, terminada por uma síncope, motivo de sua ausência a uma sessão:

“Eu tinha bebido”, disse-me ela na sessão seguinte. “Ao chegar à estação comprei uma garrafa. Fui ver uma companheira na faculdade. Antes de entrar, pus a garrafa numa caixa de papéis e fui dar bom-dia à companheira. Logo percebi que eu estava sobrando. Outra companheira fingiu não me reconhecer. Fui embora, e fui ver se a garrafa ainda estava na cesta de papéis. Estava. Peguei a garrafa. Saí andando. Passei diante de uma escola primária, sentei-me no banco do jardim. Bebi. Acordei na cama do hospital.”

O abandono da garrafa na cesta de papéis é o primeiro tempo do desfalecimento, em que o sujeito tenta assumir a ausência, pois que o objeto, em razão de sua impossível passagem à série, aí se esquivava.

“Esse gesto de jogar fora a garrafa”, diz-me mais tarde a minha paciente, “foi um momento de reflexão.” Momento imaginário em que, por não ter perdido o objeto, ela se expõe a ser perdida por ele. Ser perdida por ele, porém, não resolve nada, pois isso a levaria segundo o processo de reflexão, ou ainda de devolução da imagem, a ser, como o objeto, sempre a *mesma*.

Em presença do desejo do Outro, Élise se acha demais. Trata-se de outra forma de ausência, atingindo dessa vez o falo. Sentir-se demais equivale a ser tomado num desejo não considerando sua relação à falta, mesmo se ele o faz sentir. O que poderia faltar ao Outro é imediatamente convertido em um valor positivo, em um “demais” tornando-se o lugar que o sujeito ocupa. O falo, extraditado do campo do Outro, é condenado à errância.

Voltando à lixeira, Élise, antes de reencontrar o objeto, é de fato retomada sob sua égide. Tempo de repouso e fim da errância, mas também, e sobretudo, tempo de ameaça, em que a conjunção com o *mesmo* tira toda perspectiva de sair disso pela rejeição, até pela deposição no lixo, da garrafa.

A embriaguez passa a ser então a saída imposta ao que já constituía um processo de impossibilidade de distinção entre o sujeito \$ e o objeto *a*. Como desvanecimento *medido* do sujeito, a



embriaguez vem substituir a punção do fantasma e suspender por algum tempo a insuportável satisfação do Outro.

Desvanecimento medido, disse eu, pelo fato de que o *fading* do sujeito se apóia num termo. Precisamente, o do seu fim. No curso da embriaguez, o sujeito conserva essa certeza que, desvanecendo, assim mesmo sobra alguém para o Outro, ainda que sob a forma de resíduo.

“Quando toco em álcool, é um resultado. O resultado de uma batalha dentro de mim, que pode durar horas ou dias.” No ponto preciso do ato de beber, Élise decidiu, isto é, resulta de uma batalha onde se opõe a errância fálica à fixidez do fantasma.

Quanto ao momento pontual da realização do ato, momento cuja evocação é difícil, eis o que ela diz: “Bastam alguns minutos, e já não sou mais eu. Alguma coisa me força a beber. Não agüento mais. A realidade não pode mais ser garantida. Não há prazer algum. Só penso numa coisa: afundar, dormir, esperar não acordar.”

Nesse tempo segundo, o fantasma não é mais capaz de cumprir sua função, isto é, assegurar a realidade. Só a embriaguez, como prática e domesticação do *fading*, pode dar ao sujeito um descanso, uma suspensão, apoiando-se na certeza de um despertar.

Em incidência, direi que a repetição, impotente para marcar o ato de beber, com toda a probabilidade encontra sustentação numa colocação em série do *fading*, o que não deixa de supor algumas dificuldades, pois como fazer passar ao plano do significante o que é antes de tudo batimento, ou ainda eclipse? O buraco da memória, ou melhor, o palimpsesto encontrarão aí, talvez, sua função?

### *Qual gozo?*

Devo agora examinar a questão do gozo. Freud o avalia pela escala de satisfação masturbatória: “Fiquei convencido”, escreve ele a Fliess em 1897, “que a masturbação era o único grande hábito, a ‘necessidade primitiva’, e que os outros apetites, tais como a necessidade de álcool, de morfina, de fumo, não são senão substitutos, produtos para lhe fazerem as vezes.”

Acontece que, no decorrer de sua análise, minha paciente dá ênfase ao que para ela seria a descoberta da masturbação. “Pensei”, diz ela, “que, em vez de beber, eu devia praticar isso. Mas, nesses momentos, quando bebo, sou outra, não é mais meu corpo, quero me

destruir.” Ela acrescenta: “Da última vez recaí porque Georges – o homem com quem ela vive – me fez gozar.”

Como observa Freud, o ato de beber é efetivamente colocado numa relação de substituição à masturbação; mas, no caso de Élise, aquele vai bem mais longe que esta, porque a embriaguez depende de um gozo não sustentado exclusivamente pelo falo. Poder-se-ia até, a título de hipótese, afirmar como inaceitável para o sujeito o gozo fálico. Se por acaso este acontece, ocasiona a “recaída”. O que nesse gozo fálico vem marcar o golpe, fazer um traço, é imediatamente devolvido ao que esse traço supõe de eternização e de mesmice.

Em outros termos, o apagamento do traço unário que garante a identificação simbólica fica aí seriamente posto em perigo, e comporta muitos inconvenientes para o sujeito quanto ao laço estabelecido com seu nome, em outras palavras, com a propriedade de seu corpo.

BERNARD LECOEUR

## O SONHO DO SER ROUBADO

*Antonio Quinet de Andrade*

“*Der Traum ist eine Wunscherfüllung*” (aforismo freudiano habitualmente traduzido por “O sonho é uma realização de desejo”) é a tese central da *Interpretação dos sonhos* que inaugura a psicanálise como ciência do desejo. Mas como podemos situar o *Wunsch* do sonho? Em que consiste esse *Wunsch* freudiano?

Freud utiliza um termo ultrabanal e corrente em sua língua para elevá-lo à categoria de conceito fundamental, cerne da psicanálise. Seu emprego na *Traumdeutung*, no entanto, está longe de ser unívoco. Com efeito, Freud o aplica para designar as aspirações que dormem no espírito – pré-conscientes, portanto –, os votos ou pedidos que são formulados às fadas, o desejo de dormir (“*der Wunsch zu schlafen*”), assim como a demanda e o desejo inconsciente, tal como o ensino de Lacan nos permite distinguir.<sup>1</sup>

*O Wunsch entre demanda e desejo*

Encontramos na *Interpretação dos sonhos* o *Wunsch* designando uma demanda, podendo a *Wunscherfüllung* ser traduzida por “atendimento de uma demanda”. Nesse sentido, podemos apurar no sonho a demanda que o sujeito dirige ao Outro, sendo o próprio sonho uma resposta do Outro a essa demanda do sujeito. Daí o sonho aparecer como uma mensagem do Outro – antigamente mensagem dos deuses – apreendida como um sinal de amor. Essa demanda é aquela que os

<sup>1</sup> J. Lacan, “Ouverture de la section clinique”, *Ornicar?* n.º 9, p. 10, abril de 1977.

pensamentos oníricos desvelam. O *Wunsch* de Freud no sonho da injeção de Irma é o de ser desculpado pelo fato de essa paciente não estar passando bem: esse sonho é um pleito, diz ele. É essa demanda de perdão, de ser desresponsabilizado, que é revelada por suas associações. E o sonho lhe responde: a culpa é do Oto, não é sua.

Se o sonho é uma resposta à demanda do sujeito, por si só ele constitui uma demanda, na medida em que passa pelos desfiladeiros do significante. O sonho enquanto fenômeno não é a via régia do inconsciente: "*Die Traumdeutung aber ist die Via regia zur Kenntnis des Umbewussten im Seelenben*" – e sim a interpretação dos sonhos é que é a via régia do inconsciente.<sup>2</sup> A interpretação só é possível quando o sonho é enunciado, ou seja, quando toma emprestados os significantes da demanda, a qual é identificada por Lacan à própria cadeia de significantes. O relato do sonho é, portanto, uma demanda, por exemplo, de interpretação.

É nos intervalos da demanda, que é sempre demanda de receber o complemento do Outro, que o sujeito revela sua falta-a-ser. Levando-se isso em consideração, na expressão *Wunscherfüllung* o *Wunsch* está para o lado da falta, ou seja, ele é aquilo que parte de um vazio, e a *Füllung*, como indica literalmente esse termo em alemão, o preenchimento desse vazio. Nessa acepção, a "realização" só pode ser efetuada pelo significante. A solução é a própria palavra, diz Lacan em relação à fórmula da trimetilamina, termo que arremata de forma enigmática o sonho da injeção de Irma.<sup>3</sup>

Em diversos sonhos da *Interpretação dos sonhos*, Freud desvela habitualmente dois *Wünsche*: o primeiro é uma aspiração revelada pelos restos diurnos que, em última instância, se refere a uma demanda, e o segundo é o desejo inconsciente, que quase invariavelmente é atrelado a representações sexuais. É este *Wunsch*, o desejo enquanto tal, articulado ao significante, que é o motor do sonho.

O "*umbewusster Wunsch*", o desejo como indestrutível, é o que impele os significantes a figurá-lo no sonho. Essa figuração se dá segundo os avatares determinados pelo Nome-do-Pai, significante da lei no Outro que funda o desejo como insatisfeito para a histórica, como impossível para o obsessivo. Podemos então ler num outro sentido a *Wunscherfüllung*: o sonho efetua uma *encenação* do desejo inconsciente, tal como a figuração do sonho da bela açougueira o demonstra.

<sup>2</sup> S. Freud, *Die Traumdeutung*, Fischer Taschenbuch Verlag, p. 494, 1983.

<sup>3</sup> J. Lacan, *le Séminaire*, livre II, p. 190, Seuil, 1978. [Ed. bras.: Rio, Jorge Zahar, 1985.]

### *O desejo no campo escópico*

A descoberta de Freud de que a formação do sonho obedece às leis do significante não o impede, no entanto, de salientar o caráter alucinatório do desejo no sonho.

A forma visual do sonho é uma das duas características comuns a todos os sonhos, a outra residindo no fato de estarmos dormindo quando sonhamos. O desejo é esse movimento, diz Freud – pode-se dizer esse vetor de orientação –, que vai dar na formação de imagens no sonho segundo o modelo forjado da alucinação da experiência de satisfação primitiva quando a precisão de comer se apresenta.<sup>4</sup> Nesse sentido, todo sonho é realização de desejo no campo escópico, visto que em todo sonho *isso mostra*.<sup>5</sup>

Será o sonho um quadro? Freud considerava o trabalho do sonho análogo ao da pintura.<sup>6</sup> Podemos acentuar essa analogia do sonho-quadro ao levarmos em consideração que o sonho não se encontra no tempo, na aparente diacronia que seu relato lhe confere. “O sonho”, enuncia Freud, “é como o fogo de artifício, leva horas para ser preparado e se acende num instante.”<sup>7</sup> O sonho é essa olhadela que o sonhador lança na Outra cena – do lado do Outro *isso mostra*, havendo, no entanto, um caráter de artifício.

O sonho é o impostor e o sonhador, o rei que passa nu, em público, vestido com um traje invisível. Eis o que diz Freud dos sonhos de nudez, em que ele põe em evidência aquilo que faz o sonhador sentir-se embaraçado: é o olhar do Outro tal como se encontra nos paranóicos e nos exibicionistas.<sup>8</sup> Essa metáfora pode ilustrar o que nos indica Lacan: é para além do sonho que devemos procurar o real, naquilo que o sonho revestiu, envelopou.<sup>9</sup> O sonho, em sua função significante, é o traje que cobre e descobre a nudez do que é fora do significante – esse ponto de real que não se pode cernir senão pelo simbólico. Para demonstrá-lo, é preciso, contudo, alguém não tapeado, uma criança, como no conto de Andersen, para profetizar: “O rei está nu.”

<sup>4</sup> S. Freud, *l'Interpretation des rêves*, P.U.F., pp. 481-482.

<sup>5</sup> J. Lacan, *le Séminaire*, livre XI, p. 72, Seuil, 1973. [Ed. bras.: Rio, Jorge Zahar, 2ª ed., 1985.]

<sup>6</sup> S. Freud, *l'Interpretation des rêves*, P.U.F. p. 270.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 490.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 213.

<sup>9</sup> J. Lacan, *le Séminaire*, livre XI, p. 62, Seuil, 1973.

Pode-se encontrar também no sonho como quadro não apenas um *isso mostra*, mas um *isso olha*, tal como o olhar dos lobos no sonho do homem dos lobos, e o olhar do Outro nos sonhos de nudez. O *isso olha* do sonho é esse ponto de real, enquanto olhar mesmo, que contém o objeto *a* no campo escópico diante do qual o sujeito é aniquilado, como o olhar presente no crânio de caveira do quadro *Os embaixadores*, de Holbein. O real pode figurar-se também por uma “garganta de Irma hiante” olhando o sonhador medusado. É somente no sonho, relata Lacan, que se pode dar o encontro do sujeito com o real.<sup>10</sup> Notamos que lá onde o sonho se encontra apagado, pelo menos nos exemplos de Freud, os significantes utilizados pelo sonhador – “aqui há uma lacuna, falta alguma coisa” – remetem à *visão* da castração do Outro. O horror do real no campo escópico não pôde nem mesmo ser figurado. Trata-se do “momento obscuro” do relato do sonho.<sup>11</sup>

Se o sonho encena de forma privilegiada o desejo no campo escópico, a satisfação alucinatória dada pelo sonho é aquela que é própria ao *isso mostra* que corresponde, como na pintura, a uma pacificação, a um abandono do olhar. A essa satisfação do *isso mostra* vem juntar-se a satisfação própria ao campo da linguagem: o sonho como charada, jogo de palavras, seu aspecto espiritualizado.

O *isso olha* do sonho é o correlato daquilo que caracteriza o desejo no campo escópico. Trata-se, segundo Lacan, do desejo ao Outro, no fim do qual se encontra o dar-a-ver.<sup>12</sup>

### *O sonho do ser roubado*

Numa bela manhã ensolarada, um analisante obsessivo cruza fugitivamente seu analista na rua, e seu olhar cai nos óculos escuros de seu doutor. À tardinha, durante a sessão, ele me pergunta com insistência se eu o havia visto de manhã – a que respondo apenas por um “você diz que me viu”.

Nessa noite ele tem esse sonho, relatado na sessão seguinte: “Eu estava na casa de alguém, não sei de quem. Descubro uns dia-

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>11</sup> S. Freud, *l'Interpretation des rêves*, P.U.F., pp. 286-287.

<sup>12</sup> J. Lacan, *le Séminaire*, livre XI, p. 105, Seuil, 1973.

mantas num cinzeiro de pé, do tipo que se coloca no chão. Eu pego os diamantes na mão. O cara diz que os diamantes não lhe pertencem, e sim a uma instituição sem nome. Chega um grupo de homens para pedir os diamantes de volta. Guardo quatro ou cinco no meu bolso. Sei que eles vão me revistar. Deixo os diamantes no bolso e guardo um na minha mão. Eles pegam os diamantes do meu bolso e eu coloco o diamante que tinha na mão num vaso de flores à vista de todo mundo. Eles não o encontram e eu digo para mim mesmo: ‘Esse diamante é meu.’ ”

O analisante encontra-se muito impressionado pela visão fascinante, deslumbrante dos diamantes, aos quais ele atribui as seguintes qualidades: límpido, translúcido e também duro, sólido, inquebrável. Mas os diamantes que conseguiu guardar eram apenas migalhas. Ele comenta: “Eu me sentia muito perseguido no sonho. O diamante era aquilo a que eu não podia ter acesso. Era interditado.”

Os pensamentos oníricos referem-se à recordação do dia de sua partida da caserna no final de seu serviço militar. Ele queria levar para ele “uns badulaques, um cinto e outros troços, coisinhas de nada”. Quando estava prestes a partir, vieram revistá-lo. Apesar de ter retirado rapidamente os objetos roubados de sua sacola, *ele foi visto*. Em seguida, foi submetido a um interrogatório, espancado e levado para a prisão.

### *Para o lado do ter*

Até aqui podemos dizer que o sonho realiza a aspiração de que aquilo poderia ter acontecido de outra maneira. Em seu sonho, ele foi revistado, descobriram os objetos roubados e não houve punição. No que diz respeito ao analista, o sonho responde à pergunta do paciente “Você me viu?” com um “sim”. O analista, representado pelos homens que o revistaram, o viu roubar os objetos e não o puniu. Nesse nível, o sonho vem como um sinal de amor do Outro – o analista situado no ponto em que o sujeito se vê como perdoável, amável. A demanda de amor expressa-se pela demanda ao Outro de passar por aquele que nada vê, que se deixa tapear. Ele consegue guardar um diamante sem que ninguém saiba. Na caserna, o Outro não foi tapeado. O sonho atende à demanda do sujeito de que o Outro feche os olhos sobre a operação que ele estava realizando de lhe subtrair o objeto precioso. “Esse diamante é meu”, diz ele no final do sonho. O que ele furta é o olhar do Outro.

O olhar que emerge lá onde a visão faltou – nos óculos escuros do analista – é aquilo em torno do qual o sonho se organiza. O analista reduzido a esse objeto *a* é o que no sonho se apresenta como esse ponto brilhante, deslumbrante no ramo de flores sob a forma de *agalma*, o diamante. Devemos notar que, como nos indica Freud, no sonho, ali onde se reconhece um centro apresentando uma sensibilidade particular, é lá que o desejo se encontra.<sup>13</sup>

Nosso sonhador tapeia o Outro por intermédio de um artifício: ele reveste, envelopa esse objeto *a* com um significante do Outro – o diamante. Esse significante equívoco designa a relação do desejo ao sexo sustentado pela lei – ele é interdito. Outro equívoco que desvela o que não é nomeável: o objeto em questão pertence a uma instituição sem nome, ele é apenas interdito.

O diamante roubado não é, no entanto, acessível ao sujeito, que se encontra assim separado desse objeto subtraído do Outro. Ele está a vista de todo mundo, mas o analisante não pode pegá-lo. Se o pegar não poderá conservá-lo, pois o Outro perceberá sua manobra. Essa configuração, que é a mesma da carta roubada do conto de Poe, nos mostra a encenação pelo sonho do desejo caracterizado pela impossibilidade.

Se esse objeto é o falo, ele o rouba, não para tê-lo, mas para tê-lo. O sonho atende à demanda do sujeito ao Outro de que este se deixe ser despossuído de seu objeto, ou seja, que o Outro se deixe castrar.

### *Para o lado do ser*

A seqüência de suas associações nos mostra que a operação que o sonho consegue realizar tem como saldo um fracasso: ele não consegue furtar-se ao olhar do Outro. Para o lado do Outro *isso olha*, o que é representado no sonho pelo sentimento de perseguição.

As associações seguintes referem-se ao temor de que roubem suas idéias no trabalho. Ele evoca, então, um cara *brilhante* que sempre quer roubar suas idéias. Em seguida, fala daquele que lhe indicou meu nome para uma análise. Ele o encontrou na véspera dessa sessão e se deixou invadir por suas perguntas: “Eu me deixo sempre devorar cru”, diz ele. Fim da sessão.

<sup>13</sup> S. Freud, *l'Interpretation des rêves*, P.U.F., p. 284.



Essa frase dá o sentido do sonho: o *fazer-se devorar* dá o sentido ao *fazer-se ver* pelo Outro. No nível escópico, diz Lacan, não estamos mais no nível da demanda, mas no do desejo ao Outro.<sup>14</sup> O olhar do Outro que ele encontra nos óculos escuros do analista toma emprestado os significantes da demanda oral; *fazer-se ver*, *fazer-se roubar* – no sentido de *fazer-se chupar* as idéias – até o *fazer-se devorar*. No sonho, ele torna o Outro incompleto, mas, no final, é ele quem será mutilado – ele se faz devorar. O sonho encena uma necessidade do ter, mas suas associações desvelam que ele não consegue e que, para além do sonho, ele está para o lado do ser – ser esse complemento que ele oferece à demanda do Outro que é toda gozo. Deixar-se devorar cru é o preço a pagar pelo encontro com o real.

Na sessão seguinte, fala pela primeira vez em detalhes sobre o que havia apenas esboçado nas entrevistas preliminares como uma das razões pelas quais estava fazendo uma análise. Ele se sente impelido a ver filmes pornográficos – o que faz, obedecendo a um imperativo do supereu, “é preciso ver”, que emergiu pela primeira vez na cura.

Nesse só-depois, a pergunta do analisante “Você me viu?” toma o sentido de “você me viu vendo?” Ao que o sonho responde pelo atendimento da demanda ao Outro de fechar os olhos sobre o seu desejo. O “é preciso ver” designa um reviramento do olhar onividente do Outro – o empuxo-ao-gozo de um olhar que se torna voz, via do supereu que vê.

ANTONIO QUINET DE ANDRADE

<sup>14</sup> J. Lacan, *le Séminaire*, livre XI, p. 96.

## CRIA CORVOS. . .

*Provérbios em uma psicose*

*Carmen Gallano-Petit*

*Minha mãe, que é a vida de mulher casada?  
Minha filha, é fiar, parir, chorar.*

Os provérbios, esses ditados sentenciosos de uso comum – como os define o dicionário – abundam no castelhano falado, desde tempos imemoriais.

É vão remontar a sua origem, ou discorrer sobre a sentença que eles enunciam: os provérbios constituem a presença das leis da linguagem, da lógica do significante em *alingua*.

Se eles são tesouro da sabedoria, que saber fala neles? Um saber que é patrimônio de todos e por isso eles se apressam para levantar vôo dos lábios de Sancho Pança: mas não têm quase tempo para decolar. O provérbio, adágio popular, é uma marca privilegiada do saber inconsciente na palavra. O tom enfático, ou zombeteiro, do provérbio, sublinha a linguagem quotidiana com essa fulguração, essa fugacidade do efeito metafórico: a referência, entre riso e suspiro, à castração, ao falo.

“Cria corvos, e eles te arrancarão os olhos.” Tal é a lei, tu não escaparás ao destino de Édipo. Ser mãe é o porvir que Freud anuncia a toda mulher no fim do Édipo. Mas ser toda mãe é a imagem que conduz a ser mártir. Oblatividade amorosa sem ambivalência, sacrifício da castração que aproxima a maternidade da posição perversa.

Uma mulher, durante a gravidez, goza do privilégio de viver plenamente a ilusão da identificação narcísica; mas essa imagem gloriosa oculta a irredutível disjunção estrutural entre o significante do desejo, como promessa fálica, ( $- \phi$ ), e o objeto *a* como resto e causa do desejo.

Assim, é o significante que faz do filho, na ocasião do parto, um objeto separado do Outro, e que, nessa queda, cria um vazio na imagem, prova da negação, de divisão. A mulher *não é toda*.

Se o puerpério é um tempo tingido das cores do luto, é por causa dessa dupla perda. Esse bebê não é o que era esperado... Ao mesmo tempo, é por não ser o esperado, por não obturar a demanda da mãe, que ele se constitui em objeto de amor.

Do filho, o mais fácil é fazer um fetiche, a fim de negar essa impossibilidade, esse real, que impede a conjugação do significante e do objeto *a*.

A busca reiterada do gozo no filho, sobretudo quando é um menino, abre ao rebento as portas da neurose obsessiva...

Do filho – outra face da mesma moeda –, uma mulher pode fazer também um objeto fóbico. Os testemunhos clínicos, dos chamados acidentes puerperais, não faltam: manifestações de horror e angústia impedindo a amamentação, fobias de impulsão e muitas vezes de defenestração.

Os infortúnios do parto podem ser ainda mais graves, quando a chegada do filho provoca o estalo revelador da psicose.

Uma paciente espanhola, emigrada em Paris, traz em seu nome, Fortunata, a marca trágica dessa desventura.

Fortunata fica louca – e por isso é conduzida ao hospital psiquiátrico – poucos dias antes do parto.

De sua gravidez, ela fala como de uma época feliz. Ela queria um filho para não viver só – não compreendeu nunca porque homem algum a arrancou de seu celibato –, e para resolver o que havia se malogrado em sua existência nada melhor que imitar a irmã Dora com quem partilhara suas tristezas em Paris. Dora já voltou para a Espanha, casada e feliz em sua maternidade.

Com um filho, disse-me ela, sua vida tomava sentido, tinha razão de ser; ela poderia vingar-se do desprezo da velha mãe, que falava dela como ovelha sarnenta de sua numerosa prole, culpada de ser a única filha solteira.

Assim, aborrecida com essa idéia, não tardou a atrair os olhares vizinhos de um jovem vietnamita, vizinho que morava no mesmo pavimento, convidando-o a partilhar seu leito algumas noites.

Aqui interrompe-se o relato de Fortunata. “Deitar ou não com ele não tem importância”, diz-me com uma certa agressividade. “Como poderia ser o pai da menina – o que eu sugerira – se, quando veio amavelmente visitar o bebê com presentes, *nem sequer a olhou como sendo sua própria filha!*” E com vigor acrescenta esta enigmática frase: “Aliás, ele nunca comeu em minha casa!”

De seu parto, Fortunata guardou boa lembrança; ela se pergunta se a filha é parecida com ela, ela que era gorduchinha e bo-

nita ao nascer. “Meu pai tinha o costume de dizer que nasci engradinha como uma bezerrinha.”

Alguma coisa de bizarro, um medo esquisito, pior que um presságio, apoderou-se dela na maternidade, quando os médicos lhe disseram que, devido a um problema de peso, o bebê ficaria hospitalizado alguns dias, mas ela podia voltar para casa.

A reação rebentou imediatamente em seu espírito: iriam roubar-lhe a filha. Quando, ao cabo de alguns dias ela retomou a filha, ela a olhou atentamente, na convicção de não ser sua filha, substituída por outra criança. Como não estabelecer associação entre essa reação delirante e o refrão espanhol muito popular sublinhando a decepção irada: *Este não é o meu Juan/ Ele foi trocado/ O meu era louro/ Este é arruivado!\**

Um pouco mais tarde, ao falar de sua adolescência, Fortunata conta uma experiência trágica, que a privou em definitivo do amor da mãe. Esse relato vai insistir, no curso dos meses, sobre duas cenas que ela deseja enterrar no mais profundo de seu passado:

jogos sexuais com um colega de escola, Lúcio, num campo, sob o olhar do pai;

gravidez mantida em segredo pela mãe, para salvar a honra da família. Lúcio emigra com a família toda, ignorando ter feito filho em Fortunata. Cena do parto, em casa, com a ajuda da mãe e de algumas vizinhas. Ao “acordar”, vê mulheres levando a criança em um cesto. O silêncio entre Fortunata e a mãe encerra a cena. Ninguém jamais aludiu a esse desaparecimento.

Ela acha que se lembra de ter ficado bem doente após o parto, prostrada no leito, sem poder falar, sem poder comer. Diziam que era anemia...

Essas mulheres de preto que levaram a criança, ela não sabe quem eram, a mãe nunca poderia saber o que se passou, pois ela nunca diz nada... “Nas aldeias, há ciganos, bandidos, que entram nas casas e roubam.”

Mulheres de preto que a apontam com o dedo na rua quando ela sai com a filha, para indicar que ela não é a mãe.

Esses pontos essenciais que organizam essa dupla cena contada por Fortunata parecem-me fornecer a chave da constelação significante que precipita Fortunata na psicose.

Lembremos o ensinamento de Lacan na *Questão preliminar...*, a propósito da colocação da psicose: é preciso que o Nome-do-Pai, foracluso, não advindo no lugar do Outro, seja aí convocado, em

\* Este no es mi Juan/ Que me lo han cambia(d)o/ El mio era rubio/ Y este es colora(d)o!

oposição simbólica ao sujeito. Convocação do Nome-do-Pai por um pai real, por Um-pai. “É necessário Um-pai vir a este lugar, para o qual o sujeito não o pôde convocar previamente.” Um-pai em posição de terceiro, não importa em qual relação que tenha por base o par imaginário.

A primeira cena dá conta desse triângulo: Fortunata, Lúcio, sob o olhar do pai. Na segunda cena, o pai desapareceu: Lúcio, como pai da criança, ausência do pai de Fortunata. Sobra apenas o casal imaginário: Fortunata como mãe, Fortunata e o filho. O silêncio da mãe barra qualquer apelo possível ao Pai, e, em consequência, Fortunata não pode ser mãe. A prova da maternidade, a criança, desaparece por ação dessas mulheres: duplicação da figura da mãe.

Nessa construção aparece a falência do Édipo: não há pai-ver-são possível para Fortunata, que permanece capturada pela decepção amorosa com a mãe que não somente não lhe dá, mas ainda lhe toma o que poderia representar o falo.

Para vingar-se, para branquear sua imagem de ovelha sarnenta, ela busca o falo numa identificação imaginária com a irmã. Busca voltada ao fracasso, pois a significação fálica não se introduz no lugar do filho, o que impede sua separação como objeto *a*.

A identificação narcísica de Fortunata fica satisfeita durante a gravidez e após o parto; a filha não é senão o reflexo dessa imagem alienada de plenitude, a sua, na palavra amorosa do pai.

Essa identificação se sustenta unicamente pela presença real do bebê. A separação, ordenada pelos médicos, é a irrupção de um real, Um-pai, que destrói a unidade imaginária.

Dai o desastre imaginário. O mundo de Fortunata bascula. A ausência real do bebê não produz simbolização. Não há presença significativa do bebê, roubada pela figura materna do Outro.

Imaginarização, no delírio, do Outro, lugar do significante que, ao estalar, descobre a estrutura dual, mortífera, do espelho.

Estrutura do duplo: a imagem ideal, seu “verdadeiro” bebê, um menino que havia de chamar-se Fortunato, nas mãos de outra mãe, nunca mais ela o encontrará.

Ao aceitar, não sem queixa, seu destino, ela não recusa os cuidados necessários a esse outro bebê, essa menininha estranha com traços orientais, que lhe é estranha, que parece excluída de toda filiação: alguém a introduziu de mansinho, acolá; não se lhe conhece pai nem mãe. Em momento algum, ela admite reconhecer os traços raciais da menina como marca do homem a quem, em seu foro íntimo, ela pediu essa criança.

A presença enigmática dessa filha, em relação à qual ela não consegue situar-se como mãe, provoca esse questionamento funda-

mental que ela pode formular, e que terá resposta no delírio: de onde vêm as crianças? Ou, como Freud tão bem indica em seu artigo de 1908, “Teorias sexuais infantis”: “De onde veio então esta criança que pôs fim à sua situação privilegiada?”

Os ditos de Fortunata como tentativa de restabelecer a significação perdida derivam de um provérbio espanhol que ecoa em sua cabeça desde o tempo da vida na aldeia: “Só se cria do que se comeu.”

Mas este provérbio permanece em Fortunata desprovido de todo efeito metafórico. O provérbio exprime essa teoria infantil, negação da diferença sexual, ligada à experiência erótica oral e anal. O provérbio traduz a universalidade de um fantasma.

No mesmo tempo, poderíamos dizer que a mensagem metafórica do provérbio é uma mensagem sobre o significante, sobre a simbolização primordial. Mito freudiano de incorporação-expulsão que funda o julgamento de atribuição “na linguagem das pulsões orais mais primitivas”. Gênese mítica do significante, da exterioridade do significante, da interseção e separação do significante e do real.

Como se Fortunata utilizasse o provérbio para restabelecer a lógica da simbolização que lhe fazia falta, carência que não lhe permite atribuir uma filiação à filha, nem representar-se ela mesma como sujeito na cadeia significante.

Mas fiquemos com o tratamento que ela impõe aos significantes do provérbio, incorporando-os realmente como real do corpo. Se os termos do provérbio fazem referência a um fantasma que metaforiza a posição da filha como objeto *a*, quando sucede faltar a metáfora, a filha se reduz a ser no real o representante da pulsão oral.

Fortunata me diz, assustada: “Esta filha de onde saiu? eu a comi, ou não? Fiquei muito tempo sem comer, trouxeram-me ao hospital porque eu não comia – efetivamente ela chegou com desnutrição severa –, não se pode comer boi nem vitela. Às pessoas do açougue eu lhes joguei o berço vazio – episódio que provocou a internação –, eles estavam em via de transformar minha filha em boi, não é uma menina, é vitela ou boi.”

Sua anorexia, a interdição que ela se impôs de comer carne, o gesto de lançar o berço vazio são defesa ante o perigo da emergência da pulsão de devoração, cujo objeto se torna real: a filha se transforma em boi ou vitela, significante da palavra do pai que a designava, ela, como um belo bebê.

A luta desesperada de Fortunata contra o canibalismo traduz a ausência do interdito simbólico, interdito correlativo ao canibalismo e ao incesto, como pacificação introduzida pela ordem do simbólico, a castração.

O açougue é lugar de ameaça e horror, sede do despedaçamento da imagem, onde se arranca o envoltório narcísico do corpo para mostrar as entranhas do real.

A recusa de comer carne persiste no hospital. Ela me diz: “Querem me demolir neste hospital, eles metem cordeiro em meu prato, não quero me transformar em cordeiro, em ovelha sarnenta. Sabem vocês como se faz cordeiro na aldeia! São manequins que se enche de palha, de erva.”

Comer cordeiro equivale para ela a ser, no real, o produto da designação da mãe, uma ovelha sarnenta, uma mancha na honra da família, uma moça que não merece o amor.

Triste destino o de Fortunata, que a mãe privou de imagem condenando-a a ser um manequim sem vida, uma bolsa furada que o Outro enche de pasto.

Uma pequena dúvida aparece várias vezes, em suas palavras quanto à sua posição sexuada: cordeiro ou ovelha? Não como demanda histórica, mas como impossibilidade de distinção, como equivalência. Sua filha, boi ou vitela? É somente no desdobramento imaginário que ela designa seu verdadeiro bebê perdido como menino, duplo masculino de Fortunata, imagem fálica, e a filha “substituída” que não é sua filha, pois chama-se Françoise, nome estrangeiro do qual mais tarde ela se servirá para tentar dar identidade à pequena: “Ela é Françoise, ela é francesa, só aceito para ela uma ama francesa.”

Se podemos entrever para Fortunata uma luz de esperança é na insistência do sintoma anoréxico, na recusa de satisfazer o desejo do Outro. Pois esse sintoma exprime, como diz Lacan, a exigência que o Outro tenha um desejo exterior a ela, “porque ali se encontra o caminho que lhe falta para o desejo”.

CARMEN GALLANO-PETIT

## UM ENCONTRO COM O REAL

Susanne Hommel

Este trabalho<sup>1</sup> se apóia nos seguintes conceitos de Lacan: o necessário, o contingente, o impossível, o possível. Recordo suas definições: o necessário é o que não cessa de se escrever; o contingente, o que cessa de não se escrever; o impossível, o que não cessa de não se escrever; o possível, o que cessa de se escrever.

Trata-se de uma analisanda de origem judia, cujos pais vivem na Alemanha. Ela reside em Paris desde 1975 e bem depressa começou uma análise, feita unicamente em alemão – nenhuma palavra de francês é aí pronunciada durante seis anos. Que se passou na transferência para que essa exclusão de uma língua seja *necessária* para ela?

Os seis primeiros anos de análise foram uma queixa só: “Sou dependente, vítima, objeto dos homens.” Guardemos esses significantes.

Esbarrávamos num “Não quero saber nada disso.” No despertar de um coma que por pouco lhe custava a vida, e que é um momento crucial de sua análise, ela me diz: *Ich muss etwas wissen, was verboten ist zu wissen*, ou seja: “Preciso saber algo que é interdito saber”. E ainda: *Es gibt Dinge, die man wissen muss, von denen man nicht davon laufen kann*, isto é: “Há coisas que é preciso saber, das quais não se pode fugir”.

*Ich muss* pode igualmente traduzir-se: é preciso que eu saiba, é necessário que eu saiba algo que é proibido saber. Insisto sobre a *necessidade*, é *necessário* que eu saiba algo de que não possa escapar, que não posso nem evitar nem contornar. Acrescento uma ci-

<sup>1</sup> Este ensaio sobre “Um encontro com o real” liga-se a um outro encontro – com o trabalho de Anne-Lise Stern. A autora agradece a Elisabeth Doisneau, que releu este texto.



tação da sessão de 10 de junho de 1958 do seminário de Lacan sobre *As formações do inconsciente*: “O traumatismo – que é, senão essa vida que se apreende numa horrível apercepção dela mesma, em sua total estranheza, na sua brutalidade opaca como puro significante de uma existência intolerável para a própria vida? Um momento em que a vida se projeta como tendo chegado a seu termo, isto é, ao ponto onde ela volta para a morte.”

### *Significantes cruciais*

Após seis anos de análise, essa paciente sofre hemorragia grave, acarretando um coma de dez dias. Ao sair desse coma, sua história pôde se desdobrar e foi possível um início de simbolização, no sentido do “isso cessa de não se escrever” – é portanto uma *contingência* que produziu o “Tu deves saber”. Assinalamos que o despertar do coma foi acompanhado de parada das regras. Ora, ela havia tido, aos treze anos, icterícia que se transformou em hepatite crônica. No curso do primeiro segmento de sua análise, ela havia aliás falado dessa doença – contemporânea, deve-se notar, das primeiras regras – que exigia vigilância médica atenta. Nem os médicos nem o pai a informaram da gravidade de sua doença, a mãe também, no dizer do pai, não sendo informada – o pai sabia, porém guardou o segredo.

Nesse ponto, ela retoma por sua conta o desejo do pai, esse não-saber, então redobrando um outro: não querer saber nada do nazismo, nem na realidade histórica, nem no seu impacto sobre a família. Seu coma, o impossível, o real, “o que não cessa de não se escrever”, corresponde à denegação do pai: o horror não existe – ela se faz horror em seu corpo. Com efeito, antes do coma, ela afirmava que ninguém da família havia padecido perseguição. Das cifras, datas, fráguas, ela falava muito vagamente. Parece então que ela tenha vindo à análise para salvaguardar o segredo do pai, para obedecer a seu “Tu não deves saber”.

O coma se produziu no seguinte contexto: ela acabava de insular uma prática de psicoterapia de crianças, e falou em análise de seu trabalho, feito em francês. O fato de falar *comigo* a *língua* do pai mantinha o segredo, eliminava, em sua promessa, a distância entre ela e a analista. Mas, claro, o que ela pensava ser a mesma língua não o era. O fato de falar francês com as crianças em terapia constituiu tarefa muito penosa – fazer trabalho de análise em Outra língua precipitou o sintoma, tanto mais que as crianças das quais se

ocupava eram imigradas, portanto, vítimas também. Assinalemos que lhe era impossível ler Freud em alemão – a interdição incidia igualmente sobre esses textos. Essa impossibilidade parece fazer eco aos autos-de-fé praticados na Alemanha nazista a partir de 1933. Se faço essa observação é porque em sua interrogação sobre sua identidade de mulher judia, ela disse: “Ser judeu não é normal, é ser degenerado.” Ora, tudo o que foi queimado era considerado pelos nazistas como *degenerierte Kunst* – “arte degenerada”. Não esqueçamos a etimologia: *auto-de-fé* é um ato de fé, constituindo um ritual.

É depois do coma, irrupção do real, que ela diz: *ich muss etwas wissen, was verboten ist zu wissen* (“Devo saber algo que é proibido saber”). “Tu deves saber” – mandamento superegógico – é a inversão do mandamento paterno: é proibido saber. O coma se revela como uma intimação dirigida ao pai, de entregar os dois segredos. Esse momento crucial vai fazer emergir a palavra sangue, significante de sua feminidade – ela cospe sangue. Ora, lembramos que ela caiu doente na entrada da puberdade, e que as regras se romperam após o despertar do coma. Ela tem um sonho: seus pés sangram. Associa seu sonho com o Cristo. Ela em seu sonho é como Cristo: aquele que, articulação entre religião judaica e religião cristã, se *sacrificou* para salvar o mundo. Para quem, para que, ela se sacrificou? – Por outro lado, o significante sangue remete ao sangue puro, à pureza da raça.

Ao despertar do coma, ela se autoriza a fazer as perguntas que lhe permitem ter acesso ao segredo do pai, que responde à sua invocação, a seu sacrifício. Ela lhe dá os significantes de seu destino, que a inscrevem na história, revelando-lhe o que ele havia, seguindo seus próprios termos – *totgeschwiegen*, “calado até a morte”: muitas irmãs dele – tias de minha paciente – morreram em Auschwitz. As outras emigraram para os Estados Unidos. No exílio, ele encontrou sua futura mulher – a mãe – acompanhada da mãe – a avó materna. Ligado a esta avó, surgiu o significante *Geld*, “dinheiro”, próximo de *Gelb*, “amarelo” – sua doença, a icterícia, se diz *Gelbsucht*. No alemão que ela fala, cheio de expressões do iídiche, a *Gelbsucht*, a icterícia, a adição ao amarelo, a dependência do amarelo, desliza facilmente para *Geldsucht*, adição ao dinheiro, dependência do dinheiro. Ela identifica-se em seu sintoma com o discurso nazista: os judeus têm *Geldsucht*. O drama dessa paciente e de sua família reside nessa *identificação com um discurso que as persegue*. Essa dependência não cessa de insistir para ela. Em sua queixa, em seu sintoma, ela é dependente do silêncio do pai.

*Sem recurso*

Voltemos agora a alguns pontos da história familiar. Porque sua mulher não quer deixar a Alemanha, para não perder o que possui – fortuna e língua – o avô materno é detido pela Gestapo e batido (espancado); morre de seus ferimentos na Bélgica, país francófono. Doravante, a língua francesa se torna crucial. A partir do encontro dos pais no exílio, a avó materna fica encarregada da fortuna da família. Partem todos para Israel, onde nasceu minha paciente, depois da guerra. Quando está com quatro anos de idade, a avó decide repatriar a família para a Alemanha porque o genro não ganha suficientemente em Israel: a avó materna quer recuperar o que perdeu, mais que tudo, sua língua. A volta acontece portanto, o pai abre uma joalheria na Alemanha: o significante amarelo – *Geld, Gold*, ouro – retorna, o objeto como brilhantismo. O prenome da analisanda, é bom notar, também faz alusão a isso.

Num momento capital para a estrutura familiar, a mãe ameaça abandonar o pai porque ele não ganha bastante. Resultado: ele faz fortuna. O dinheiro, *Geld*, aparece em sonhos repetitivos concernentes à *Argentina* – significante crucial. Com efeito, é o primeiro vocábulo francês [*Argentine*] que ouvi de sua boca, e ele remete a *Geld* – *Geldsuch*, *Gelbsucht* – mas também aos nazistas ali refugiados depois da guerra.

Até aí tratava-se da linha materna, eis algumas observações sobre a linha paterna. Ela tem o mesmo prenome da avó paterna, falecida com câncer em Nova York. Quando chega aos treze anos – idade da puberdade – o avô pede-lhe que o venha visitar em Nova York, para onde ela vai em companhia do pai. Na volta da viagem, tem notícia da morte do avô e se culpa por isso. É preciso que ela se faça vítima para reatar com sua história. Que lhe transmitiu o avô? Um segredo que o pai guardou, um significante que ela não retomou? Ela lembra-se da extrema obediência do avô à religião, da qual praticava o ritual. Da geração dele à do pai, o simbolismo das práticas religiosas, como é freqüente, perdeu-se. Notemos a importância considerável, depois do coma, atribuída pelos pais ao ritual.

A irrupção do real é de fato o momento de articulação da análise: antes do coma, o quadro das significações era tal que o impacto da interpretação significante não podia ser operatório. Depois, ela percebe num relance a importância de sua história e do segredo mantido pelo pai. Sua demanda inicial tinha sido de ficar adulta, independente; agora lhe parece que a única independência consiste em

submeter-se ao significante. O fato de se livrar do corpo das significações a conduz a um discurso que a faz tornar compromisso.

Diz ela: “Que culpa devo pagar? Por que serei eu a pagar tão caro? O destino me faz muito medo. O medo é que não se pode alterá-lo.” Em outras palavras: no jogo só há uma carta – é a *necessidade*, o que não pode ser mudado.

Agora me apóio no vocábulo alemão *Hilflosigkeit*, geralmente traduzido por “infortúnio” ou “abandono” – para o qual proponho “sem recurso”. *Ich bin hilflos, ich brauche ihre Hilfe*, na primeira fase de sua análise: “Preciso de sua ajuda”, que passa a ser, após o coma, *Das gibt es keine Hilfe*, “Não há nenhum recurso”. “Sem ajuda” evoca uma demanda de ajuda, de reconhecimento, dirigida aos pais, à analista, necessariamente marcada da sigla da impotência do Outro. “Sem recurso” remete à impossibilidade, ao real, aos significantes que aí fazem buraco, à simbolização impossível.

Ela sustenta, portanto, primeiro o desejo do pai de não querer saber, de não querer admitir ter sido vítima das mulheres e dos nazistas. Para evitar ao pai a castração, ela o inscreve em seu próprio corpo por essa doença que demonstra de maneira particularmente dramática como “o que não é simbolizado volta para o real”. O coma permite-lhe fazer-se objeto do gozo do Outro, a saber, dos nazistas e do discurso da ciência. Constitui um apelo aos significantes: ela em seguida quer saber o que o pai lhe proíbe de saber, mas que ela sabe, sem ele saber.

### *O corpo marcado*

Depois do coma, ela tem sonhos repetitivos: a mãe a vê fazendo-se violar por um rapaz louro de olhos azuis. Portanto, ela é violada por um significante nazista sob o olhar da mãe. O que se pode também entender: os nazistas, isso tem que ver com os judeus, embora eles não queiram saber disso, e isso tem que ver com a analista: – *Ich muss etwas wissen, was verboten ist zu wissen*: “Devo saber algo que é proibido saber”.

Desde seu encontro com a morte impossível de imaginar, ela prendeu-se à ilusão do domínio de sua vida individual; escreve, significante por significante, a frase que a inscreve num além da morte, na cadeia simbólica “que fundou a linhagem antes que a história se horde aí”. Mas é marcante que ela tenha precisado passar pelo hor-

ror para ter acesso a esse clarão siderante: estou presa numa cadeia simbólica que me precede. É uma inversão.

Há outra: seu corpo cheio de feridas por ter sido objeto da medicina, da ciência, parece-lhe agora desejável. Ao passo que antes, em seu fantasma, só um corpo perfeito, sem cicatriz significante, podia ser objeto do desejo. Desde que ela diz desejável seu corpo ferido – ferido como o do avô paterno – ela se diz sujeito desejante, e não mais somente objeto no desejo do Outro. Esse corpo marcado, ferido, é marcado, batido pelo significante: o significante espancado até a morte, *zu Tode geschlagen*, calado até a morte, *totgeschwiegen*, inscrito sobre seu corpo, torna-o desejável – *Ich muss etwas wissen*, “É preciso que eu saiba alguma coisa”.

“O falo, tal como abordado pela análise como o ponto chave, o ponto extremo do que se enuncia como causa do desejo, a experiência analítica cessa de não o escrever. É nesse cessa de não se escrever que reside a ponta do que chamei a contingência” (Lacan, *Encore*, p. 86). A experiência analítica encontra aí seu termo. Para essa paciente, a produção do real, desse impossível, do que não cessa de não se escrever, constitui uma contingência corporal que convoca a dizer, a construir significantes que, até lá, não podiam se dizer.

Não é por isso que tudo se possa dizer; lá se opera a castração: renunciar a dizer toda a verdade. É o real que marca o analisando, como o analista – momento crucial do tratamento, ao qual faz eco esta frase de Lacan: “Facticidade real, real demais, bastante real para que o real seja mais falso em promovê-la do que a língua, é o que torna falável o termo de: campo de concentração.” (*Proposição de 9 de outubro de 1967.*)

SUSANNE HOMMEL

## A “TERCEIRA PESSOA”

*Claude Léger*

Uma das questões propostas pela loucura histérica ao analista é a de sua vagueação, ou melhor, de seu andamento, pois ela supõe um percurso combinado com o do próprio analista, e também da análise: o nome disso é transferência. E, quando a relação de caso chega a enfeixar “maneira da escuta, modo de clínica [e] espécie de verificação [controle]”, Lacan *scribit*, falta ainda acertar a questão da direção. Não há certeza de chegarem a Cracóvia todas as cartas para lá dirigidas.

O percurso tornou-se em nossos dias praticamente forçado. A psiquiatria é um sintoma para quem segue esse caminho, seguramente e seja qual for o modo. Para alguns, em todo caso, depende do mestre, de um mestre suscetível, pelas suas freqüentações, de regular um aspecto contemporâneo do gozo: a loucura. Principalmente no que esse gozo seria Outro. Isso vale ainda, enquanto a psiquiatria não for remodelada pela ateorização dos padrões internacionais.

Minha exposição se limitará à colocação em série de certo número de significantes que provocaram pelo efeito da transferência um desencadeamento interpretativo do imaginário numa mulher de quarenta e quatro anos, de quem eu cuidava num dispensário psiquiátrico desde meus tempos de residência. Eu tinha a minha vez numa lista conseqüente de psiquiatras e psicanalistas que a tratavam desde sua adolescência pelo que ela mesma chamava “uma esquizofrenia evoluindo de maneira intermitente”. Ela ensinava até o recém-vindo, recomendando a prudência no trato dela, para evitar-lhe uma recaída que entretanto lhe parecia quase inevitável.

Devo, antes de ir mais longe, levantar a delicada questão da identidade da paciente. Seu estado civil ajudou-me felizmente, pois seu patronímico tendo as mais estreitas relações com a ornitologia dele guardarei só a inicial L, que bastará para evocar, juntando-lhe

uma segunda\* – é aliás o que fez a paciente com a minha própria – o par de asas que fez voar o pássaro de seu delírio; quanto ao prenome, Geneviève, permito-me conservá-lo, na medida em que soou para mim como jovem-velha, a aparência exata da paciente, que acrescentava à sua vestimenta desengonçada as litanias da cronicidade asilar numa posição que a fazia exatamente simétrica por inversão comparando-a com a mãe, a qual por sua vitalidade, seu autoritarismo, sua agitação inquieta a respeito da filha, podia corresponder sem exagero, e a despeito de seus oitenta anos, ao qualificativo de velha-jovem.

### *Períodos fecundos*

Geneviève aceitou então rever-me regularmente e durante vários meses contentei-me em renovar um tratamento neuroléptico que de fato ela mesma sabia gerir muito bem, em razão de sua longa experiência na matéria. Com efeito, pela sua ficha, fiquei sabendo que ela havia passado cerca de vinte anos nos diversos serviços de psiquiatria por causa de episódios hebefrênicos em que dominavam habitualmente o maneirismo, a discordância mímica e que faziam alternar golfadas de agressividade clássica, principalmente dirigidas contra a mãe, ameaçada certa vez com faca, e também contra um psiquiatra que a interrogava, com episódios clinofílicos durante os quais ela ficava prostrada, inacessível à conversa. É sem dúvida uma das razões pelas quais não encontrei notas precisas sobre suas idéias delirantes nos certificados de hospitalização que pontuam os cinco primeiros anos de seus distúrbios, que começaram em 1950, aos dezessete anos, com uma fuga naquela época chamada “vagabundagem” pelos psiquiatras.

Em compensação, em 1955, quando é hospitalizada, grávida de dois meses, destaca-se no certificado um “delírio paranóide” referente à origem da concepção da criança: um homem, do meio onde convivia, a forçou num táxi com um instrumento esquisito; ela tem cenestopatias\*\* que lhe dão certeza de estar criando uma serpente em

\* A inicial L em francês (*éle*) é homófona de *aile* (asa), permitindo este jogo de palavras. (N. do T.)

\*\* Emprego este termo para evitar “sensações de cenestesia”; em francês está *sensations cénesthésiques*. (N. do T.)

seu ventre, e de estar ligada por fios elétricos a uma máquina que, supõe-se, teve uma função na fecundação. Só bem mais tarde, ela me confidenciara que um psicanalista, após examiná-la no hospital, tinha, segundo ela, aconselhado aos pais: "Ela precisa ter um filho para se acalmar." A isso acrescenta: "Deixaram-me engravidar três vezes, preparar o enxoval, escolher o nome, sabendo muito bem que não me deixariam ficar com nenhum."

Então ela dá à luz uma filha, e é de novo hospitalizada pouco depois. Por outro lado, entre o que está indicado como recaídas ou períodos fecundos (é bem o caso de dizer), nota-se que "sua adaptação é satisfatória". O diagnóstico não é posto em dúvida em nenhum momento, exceto uma vez, quando pendeu levemente para o vocábulo "esquizoneurose". Sua última hospitalização datava de 1971, e o psiquiatra de então concluía por "uma psicose antiga diagnosticada como hebidofrenia". Pela primeira vez, entretanto, encontram-se indicações concernentes à mãe de Geneviève, por lhe ter a paciente denunciado o caráter hiperprotetor e captador com acentos que levavam à conclusão de um "retardamento afetivo maior, ambivalência, dependência em relação à mãe".

É verdade que eu não teria grande coisa a objetar a esse quadro quando pela primeira vez encontrei Geneviève, mas aí seria preciso eu parar em frente do quadro; e eu ainda não o tinha visto. O quadro, ela o trouxe para mostrá-lo a mim, ao cabo de alguns meses, pois Geneviève tinha um certo gosto para guache, e com isso ocupava uma parte de seus dias de inválida: tal era com efeito a sua condição social.

Esse quadro representava a cabeça de uma mulher jovem cujos olhos arregalados surpreendiam como um olhar fixo e interrogante. Mostrou-me eventualmente uma peça do enxoval que ela tricotava para o futuro filho do irmão mais velho, que ia ser pai numa idade já avançada, e cuja mulher chamava-se, como a paciente, Geneviève L. Ela me entregava assim, com a necessidade de sustentá-los e com suas produções, um certo número de significantes, cuja articulação iria se ordenar progressivamente.

### *"Meu grande fibroma"*

A partir da idade do irmão, doze anos mais velho, eu soube que ela própria tinha sido para os pais um "acidente tardio", que a mãe não a havia desejado porque o nascimento de Geneviève iria interferir em



suas numerosas atividades: além das funções de atendente de enfermagem num pequeno hospital mantido por religiosas, ela militava ativamente numa associação de antigos resistentes, tendo participado sob a ocupação em uma rede, à qual aliás Geneviève levava sua ajuda infantil, transportando correio clandestino. “Minha mãe sempre me disse que não me tinha nunca digerido.” Essa gravidez anunciava-se por outro lado sob auspícios problemáticos, pois o médico consultado pela Senhora L. por amenorréia de vários meses e uma massa abdominal indolor lhe garantia ser isso um fibroma uterino, sendo conveniente providenciar em tempo a intervenção cirúrgica. A Senhora L. tinha então retornado ao médico no tempo previsto, com o seu fibroma, num carro conversível. A brincadeira ainda encantava a velha senhora quando ela própria me contou a história de seu tumor. Assim é que Geneviève recebeu seu primeiro apelido: meu grande fibroma. Ela quase morreu com cianose perinatal e foi portanto assistida de perto por um pediatra, tendo o médico da família afirmado para a mãe que Geneviève não deveria viver. O pediatra então a agraciou com um segundo apelido, que foi conservado até sua idade adulta: *Pépé*, pois “eu era, diz Geneviève, uma verdadeira bonequinha”. Nada de admirar que ela se tenha sentido sempre como um “objeto dos médicos”.

Depois, na mesma entrevista, com um efeito de contraste que ela sabia preparar, o assunto foi o pai: “Sua filha era tudo, para ele”, para esse homem que também fora herói, mas da guerra anterior, da qual saíra após trepanação, cego e epilético. Geneviève nunca esqueceria as noites junto do pai, tão calmo e tão bom, enquanto a mãe trabalhava à noite, nem essa maneira infável de deixar vir a noite, partilhando assim um momento a sua cegueira.

Apesar do interesse que me despertava essa revelação, não julguei útil modificar o ritmo das entrevistas, mensal há muito tempo já, o que não deixava de evocar suas regras, objeto de sua vigilante atenção, como tudo concernente a seu peso.

Ela precisou ainda de seis meses para que uma nova ocasião a fizesse sair dessa tolice que se diz esquizofrênica, e que, nela, podia perfeitamente corresponder ao vocábulo infantilismo. Dessa vez, ela me trouxe um lote de quadrinhos, todos representando mulheres ou meninas; havia bem mais segurança em sua execução, mas os olhos das personagens continuavam muito estranhos.

Havia, entre essas figuras, uma dançarina, o que levou Geneviève a falar-me do que fora a vocação de sua vida: com efeito, havia seguido cursos de dança clássica desde os quatro anos de idade, a conselho do pediatra que não achava correto o seu porte. Prometida ao corpo do baile da Ópera, parece que seus fracassos escolares

constituíram obstáculo; o certo é que iniciou sua vida profissional no teatro das Folies-Bergères, antes de se tornar, após rupturas intempestivas de contratos, *strip-teaser* aos vinte e um anos. Dessa época datam suas relações com o "milieu" [ambiente teatral], assinalado em seu delírio.

### *Olho sobre a filha*

Geneviève situa porém o prelúdio de sua tragédia mais cedo, quando aos dezesseis anos foi deflorada por um espéculo, quando de um exame ginecológico. "Eu não era mais virgem, e minha mãe querendo meu casamento de branco!"

Sua primeira gravidez vem algum tempo depois, e coincide com sua primeira hospitalização; a mãe de Geneviève tinha optado pela interrupção da gravidez para não entravar a carreira da filha; o aborto foi em casa, na cozinha. Vai ser igual para as duas seguintes; em cada gravidez Geneviève tem ponto de vista bem definido sobre os filhos: "Lamento tê-los posto no mundo." Decerto, ela teria gostado de fazer da filha uma estrela do bailado, mas a senhora L. tendo se oposto ao casamento de Geneviève, o pai reconheceu a criança e a levou consigo. Quanto aos dois filhos que nasceram em seguida, de encontros casuais, foram ambos colocados na Assistência Pública, vindo raramente ver a mãe, pois a avó não os suportava.

Aliás, como Geneviève poderia sentir-se mãe deles quando, já com mais de quarenta anos, suportava sem reação as bofetadas da própria mãe, que regia toda a sua vida? A mãe de Geneviève não deixou de me manifestar sua preocupação quando Geneviève pediu para ver-me mais vezes, o que coincidiu com as primeiras modificações notáveis de seu comportamento. A velha senhora já era escaumentada pelas outras vezes, e, apesar de sua cegueira crescente, estava de olho na filha e se sentia capaz de discernir em mudanças imperceptíveis os prenúncios de uma recaída.

Sua regra era simples: nada de homens para *Pépé*, e tudo iria bem; aliás, com essa finalidade ela dormia junto da filha no leito conjugal desde a morte do marido, a pretexto de que Geneviève, que portanto tomara o lugar do papai, lhe esquentava os pés. Docilmente, a filha repetia por sua conta o estribilho: "As gestações me fazem recair, os homens me desequilibram."

Mas ela também me informou que a mãe recusara todo coito ao pai desde 1945, em seguida a uma radioterapia por lesão cancerosa

do útero que a deixara “toda ressecada”. O pai de Geneviève tinha então procurado fora da casa suas compensações e até sua morte, em 1957, as disputas conjugais era quotidianas.

### *Um formulário administrativo*

Decidi então aumentar a frequência das consultas a Geneviève, prosseguindo no desbravamento anamnético, diminuindo as prescrições medicamentosas. Por seu lado, ela embelezava cada dia, à força de regimes para emagrecer, arranjava montes de atividades novas, retomava os cursos de dança, considerava voltar para sua cama de solteira depois de repintar o quarto; enfim, ela me anunciou, triunfante, a volta das regras. Eu assistia a uma espécie de maremoto que limpava os porões da família, onde mãe e filha viviam, há anos, encarceradas. Foi aí que comecei a questionar o diagnóstico de meus numerosos, alguns deles ilustres, predecessores: progressivamente foi aumentando minha convicção de ser Geneviève uma histérica.

Um dia, porém, Geneviève me trouxe um formulário para preenchimento. Devo dizer que eu não tinha ainda tomado a decisão de mandá-la a outro psiquiatra por tudo o que concernia à necessidade, cada vez menos evidente, de prosseguir um tratamento medicamentoso, e ela se dirigia sempre a mim na qualidade de médico. Ela me encarregava de fazer para ela, preenchendo o formulário administrativo, o pedido de renovação da “terceira pessoa”. Assim se denomina, no jargão da Assistência Social, um auxílio (pecuniário) que deve permitir a um inválido aposentado obter a ajuda de um terceiro nos atos da vida quotidiana.

Ora, descobri que não somente Geneviève percebia esse auxílio para sua própria manutenção, mas que a mãe se beneficiava também de um auxílio em razão de sua enfermidade. Questionei então o fundamento de tal assistência, na medida em que mãe e filha dispensavam efetivamente qualquer ajuda doméstica exterior, e perguntei-lhe então quem poderia ser a terceira pessoa nessa questão. A resposta não se fez esperar. Geneviève depressa voltou ao maneirismo pueril, ficou com insônia, fez-se acompanhar pela mãe em todos os seus deslocamentos.

Ela falou-me então de sua dificuldade em terminar uma pequena pintura representando uma ave noturna e em vão buscava o que poderia dar vida ao olhar do bicho. Pensei na queda do *Retrato oval* de Edgar Poe, e nas funestas conseqüências da última pincelada; eu

temia que ela liquidasse a velha coruja-mãe com um golpe fatal. Felizmente, esta era coriácea, e os golpes que Geneviève lhe aplicou um pouco mais tarde foram benignos.

*"Misturada com homens"*

O segundo elemento que participava da resposta de Geneviève à insuportável interpretação também concernia a um retrato: era a fotografia do casamento dos pais que encimava o leito onde dormiam juntas a mãe e a filha, e que foi despregado da parede e guardado num armário, a pedido de Geneviève. Ela tomou então a decisão de dormir na sua própria cama, sem todavia chegar a pôr em execução seu projeto, pois começava a recear as visitas, no entanto habituais, de um velho vizinho que, há anos, tomara o pretexto de uma comum filatelia para vir trocar selos e banalidades com as duas senhoras. Geneviève me participou, inquieta, que ele vinha quando ela já estava deitada, e exprimiu a certeza das intenções obscenas do visitante.

Faltava outro elemento, que me foi trazido pela senhora L. quando coberta de equimoses provocadas pela filha ao lhe "aplicar um corretivo" segundo os termos da própria Geneviève, que justamente acabara de relembrar da gíria. Sua súplica se resumia a isso, pouco mais ou menos: "Geneviève ri sem parar fazendo solilóquios; ela pensa estar grávida do senhor; ainda que ela não se comporte assim diante do senhor, tenha confiança em mim, o senhor não a conhece como eu. Ela precisa ser internada!"

É Geneviève quem me pede, pouco depois, sua hospitalização: com a condição de não ficar "misturada com homens". Ela antecipava assim o vencimento, de medo de precisar ser fisicamente contida: "Não sei se é por ser filha de cego, mas tenho uma sensação desagradável quando certas pessoas me tocam a pele, isso me arrebeta." E é então que ela traz um retoque decisivo ao quadro idílico que antes me apresentara da paz da tarde compartilhada com o pai: "No fim de sua vida, ele se tornara impossível, freqüentando mulheres, ameaçando-nos, minha mãe e eu, com uma faca", coisas todas muito extraordinárias para um cego moribundo. Mas Geneviève conjugava assim de maneira lapidar seu próprio transativismo à ameaça que eu doravante fazia pesar sobre ela.

### O lugar terceiro

Foi preciso aguardar três anos para que ela pudesse sair do hospital, não que seu estado o impedisse, mas ninguém parecia ter pressa de levá-la de volta à mãe, a começar pela própria Geneviève. O “delfrio” de Geneviève, como no passado, bem rapidamente ficou limitado a algumas idéias interpretativas, mas a melhora foi sobretudo a consequência de um golpe que lhe foi desferido, no sentido próprio do termo, por um jovem psicótico (não tinha sido possível evitar-lhe a promiscuidade no hospital) sobre o qual ela lançara as vistas e que ela tratava com a mesma exclusividade que a mãe exercia a seu respeito; o jovem não teve condição para suportá-la. Mais tarde, ela me confia, a propósito de seu filho caçula: “Ele me diz que não tem mais quatro anos. Sou com ele o que minha mãe é comigo. Caio na esparrela todas as vezes. Que é que o senhor quer, a gente não se emenda!”

Assim como ela havia decidido seu ingresso no hospital, resolveu sair dele, para servir de enfermeira à mãe, a qual no intervalo perdera os últimos vestígios de sua autonomia. Ela fez sua obrigação de maneira exemplar. Ela me procura regularmente e há algum tempo me entregou um formulário que eu conhecia bem: “a terceira pessoa”. Preenchi sem discutir, e no item de diagnóstico a ser respondido aí, escrevi: “esquizofrenia antiga estabilizada”.

Geneviève me anunciara, na véspera da hospitalização, após ter acabado o retrato da coruja: “Pronto, realizei.” Essa realização surgida no campo imaginário tinha tomado o jeito de uma relação sexual tornada possível. O apartamento da família tornava-se indissociável de sua própria imagem: tudo se desenrolava sob a ameaça iminente e verdadeiramente mortal da efração. A mãe, então, se inscrevia num espelho que para Geneviève era necessário quebrar.

O falo, relegado a um lugar de ponto cego pela mãe, permitia mais uma vez à filha essa realização pela sua irrupção no par: seu lugar terceiro o colocava em equilíbrio com o significativo “tumor”, estrela distante, ou detrito social, e, por esse fato, repellido pela mãe de Geneviève como portador dos maiores perigos.

Falta indicar de novo a importância que o olhar tomou nesse processo para repor a figura do pai cuja cegueira criava o próprio olhar, rede de fios excitadores que, pela fotografia pendurada acima de sua cabeça, a ligava *in fine* à máquina de fecundar os tumores e cujo manipulador podia tomar os traços tanto do médico prescrevedor de gravidez como do *gangster*: Mabuse, em suma.

## O LAPSO E O PSICÓTICO

Gérard Miller

Que tinha ele dito?

Sentado na sala de espera do serviço psiquiátrico, ou antes encolhido em seu banco, como se ainda estivesse enquadrado entre os dois policiais que o haviam trazido na véspera. O corpo tenso, uma mão enfiada no bolso, a outra, dedos afastados – triste pente, ele arrumava os cabelos com gesto impaciente.

Que tinha ele dito? Trajava desengonçadamente, com as surradas roupas “da casa”, miseráveis sobras da doença hospitalar, e já parecia eterno como essas revistas comuns em consultórios médicos ou dentários, tão conhecidas dos que sofrem quanto as receitas, e que estavam lá, dispostas diante dele, sobre a fórmica da mesa, todas desbeijadas, estragadas, folheadas por não sei quantas esperas.

Que tinha ele dito, esse recém-chegado – vamos dar-lhe o nome de François – quando fui vê-lo nessa sala, precedido pela sentença peremptória do residente que me pedira para examiná-lo: “Um grande psicótico, certamente?” Que tinha ele dito, que aliás se ouvia distintamente: “Me botaram no *braseiro*?” Detive sua atenção: “Você disse *no braseiro*...?” “– Pois então, não me *botaram no braseiro*?”

Como? Pensei ter captado um lapso. Mas ele? Ele tinha começado, corrigido, apagado. Olhava-me, aparentemente, com indiferença. Indiferente a essa brecha que constitui para os neuróticos um lapso, de modo nenhum perturbado por essa pequena escorregadela.

Quando na *Introdução à psicanálise*, Freud apresenta o fenômeno dos lapsos, ele distingue três categorias, que coparticipam da singularidade de se definir *a partir* da reação do sujeito. Há, diz Freud, “os casos em que a tendência perturbadora é conhecida por aquele que fala, e, além disso, revelou-se a ele antes do lapso”. Há também “os casos em que a pessoa que fala, embora reconheça na

tendência perturbadora uma tendência que lhe pertence, confessa não ter percebido que essa tendência estava ativa antes de cometer o lapso. Essa pessoa aceita nossa interpretação, mas não pode deixar de mostrar seu espanto com isso”. E, depois, há a terceira categoria, a mais interessante, a que mais importa a Freud: o caso das pessoas que protestam com energia, após cometerem um lapso, contra a interpretação que lhes é sugerida. Não só negam a existência da intenção perturbadora, revelada pelo lapso, como ainda afirmam que a intenção que lhes é atribuída lhes é totalmente estranha.

Por que Freud não falou de uma quarta categoria? Da indiferença. Nenhuma reação, nenhum protesto, nem aquiescência. É um fato: os psicóticos são estranhos ao lapso, por assim dizer, não o cometem, e quando *vocês*, vocês notarem – se for o caso – que algo esborrega em sua palavra, fica preso, procurem sempre provocar um sobressalto! Um lapso pode lançar um neurótico à conquista de seu inconsciente: mas o psicótico?

Daf, a indiferença de François. Que tinha ele dito, com *braseiro*? Isto poderia ser um neologismo, um termo inusitado, um dito espiritoso..., um lapso.

O impossível lapso. Eu teria podido chamar assim esta comunicação sobre a psicose. Que os neuróticos agradeçam ao céu por fazê-los... O impossível lapso: nada revela melhor a situação do psicótico na língua.

Fosse a linguagem um instrumento, se esse instrumento servisse para a comunicação, se a comunicação fosse a refração dos pensamentos, poder-se-ia deplorar a inadequação da linguagem, e sonhar com uma troca sem desperdício entre os sujeitos falantes, uma troca transparente, até mesmo não-linguagem: as pessoas se olhariam e viveriam o instante, o mundo, *juntas*... Essa ilusão é danada de tenaz: atrás se dissimula – e não somente no psicótico – a angústia. Para cada um de nós, a linguagem ora aparece singularmente pobre: como dizer tudo o que sinto, tudo o que sou, tudo o que és para mim... com palavras? Ora, ao contrário, a linguagem aparece singularmente rica: somos submergidos pela pleora dessa linguagem, a variedade de palavras, a multiplicidade das línguas. Sonho do esperanto, penhor de paz, de uma língua que a todos diria a mesma verdade, em que cada palavra teria a sua coisa, cada coisa a sua palavra. Língua de fato sem inconsciente, em que tudo seria perfeitamente congruente.

Mas os seres falantes são atravessados justamente por uma experiência estritamente contrária – e disso dá testemunho a psicose. Eles são atravessados por significantes que nada querem dizer, significantes soltos. Quanto mais falam, tanto mais eles espalham o

mal-entendido, sem nenhuma esperança de harmonia, sem nenhuma chance de que isso acabe por coincidir: as palavras sempre fogem pelo lado. A significação é imaginária, e por isso a compreensão é sempre louca. Dizer com Lacan que o homem é doente do signifiicante tem esta consequência: o significante é insuportável por estar sempre fora de nosso alcance, inacessível, impossível de reabsorver. Jacques-Alain Miller retoma isto um dia: a significação é a paixão. Elas têm a mesma instabilidade, os mesmos eclipses, os mesmos avatares.

De fato, não há senão um pequeno passo entre a vontade de supor as palavras adequadas às coisas, e a delirante crença de ser a significação coisa sólida. Quem não vê que na psicose as palavras são pesadas, pesadas como pedras grandes, intransportáveis, resistentes de fato como as próprias coisas? Muitas vezes, na nossa apresentação de casos no Hospital Esquirol de Saint-Maurice, no quadro da Seção Clínica, fomos tomados por uma ou duas palavras pronunciadas pelo paciente: por que ele as repete de maneira insistente? Porque ele parece dar-lhes *peso* bem diverso daquele que reconhecemos na linguagem. Em Caracas, em 1980, eu falava dos alucinados que têm a impressão de que a palavra se solidifica em sua boca, a ponto de parecer um caroço de cereja que em seguida eles tratam de cuspir. Hoje sublinho mais geralmente, a propósito do impossível lapso, a materialidade, a coisificação das palavras na psicose.

Claro, nada pode nos emancipar da língua. Mas é um fato que o salva – quero dizer, preserva o neurótico da loucura – são algumas espertezas, algumas infrações, alguns curtos-circuitos. O lapso é um deles. Tanto quanto o dito espiritualoso. Aliás que é o lapso, senão um dito espiritualoso do inconsciente?

Acompanhei, sempre no Esquirol, um paciente que apelidei, para mim mesmo, de gramático, e que, profissional de contabilidade, não ousava falar. Ele não dizia: com medo de fazer lapsos, mas “com medo de dar passos em falso”: “O senhor compreende, ele me explicava, com números, sabemos a quantas andamos. Quando cai certo – uma adição, uma multiplicação – está certo. Mas, quando se fala, como se pode estar seguro de não cometer enganos, erros de francês?” E esse homem vivia assim agarrado aos dicionários, e sobretudo às gramáticas. Finalmente, todo enunciado, mesmo o mais simples, o angustiava profundamente. Para ele, havia um sujeito suposto saber da língua. A língua está escrita – inscrita, hirta, imóvel.

Tudo o contradiz, claro, esse sujeito suposto saber – o menor efeito poético, o menor neologismo, o menor lapso. Dito uma vez, pode entrar na língua não importa o quê. Todas as palavras, de fato, são apenas lapsos, traços de um engano, de um esquecimento, de um



dito espirituoso. As línguas evoluem, as palavras mexem, os dicionários caducam. Nada falta jamais ao chamado, ao mesmo tempo, tudo se inventa. O lapso é uma invenção que se opõe à psicose.

Pensa-se que o psicótico é um poeta; talvez para nós, que as vezes nos pomos a admirar suas criações. Conheci, como vocês, pacientes que enchiam páginas e páginas de garatujas, e que vagueavam com pilhas de folhas de papel escurecidas com poemas, notícias, histórias de todo tipo. Mas esses papezinhos escuros vagavam com eles como outros tantos esquifes. De qualquer modo, não era para enganar seus olhos. Não se embalavam com ilusão nenhuma, não repetiam para si mesmos nenhuma história. O psicótico, mesmo quando nos deixa embasbacados com sua suposta atividade no linguajar, nunca aproveita os recursos da língua, ele os suporta sem contrapartida. Num sentido, ele toma a língua muito mais a sério do que os neuróticos. Talvez mesmo se diga que ele morre docemente, do sério. Que idéia estapafúrdia tiveram alguns terapeutas de acreditar que deviam trazer seriedade ao psicótico!

Se ao menos se comunicasse o gosto pelo lapso... Nas assembleias de neuróticos, isso acontece! Fazem eles laço social: um lapso convoca outro. Talvez seja por isso, em parte, que sou psicanalista: só amo os lugares onde se multiplicam os lapsos.

Para haver lapso, dizia Freud, é preciso que haja intenção, explicitemos: um querer dizer. De fato, são solidários, os pacientes a tudo indiferentes, e os que na outra ponta julgam que tudo significa, tudo se interpreta. Quando o mundo, a linguagem, parecem consistentes a ponto de todos os elementos se colocarem em relação de espelho, uns aos outros, quando tudo pode querer dizer alguma coisa, quando não há limites para a compreensão, então, não há verdadeiramente diferença: tudo parece com tudo, tudo é possível. Quando, numa interpretação delirante, se descobre entre dois elementos, por afastados que estejam, um ponto de analogia, e que nada impede então que um seja a causa do outro, que um seja tomado pelo outro, que se aja sobre um agindo sobre o outro: sim, tudo está em tudo. A indiferença se encontra na vertente de um grande Outro que não seja barrado. Compreender tudo ou nada, dá no mesmo.

O lapso, ao contrário, é uma história, a marca de uma diferença, de uma singularidade. Já por essa razão de ser o lapso relativo a um contexto, isto é, àquilo em que está tomado o sujeito. Ele é preso, claro, nos significantes, mas nos seus pequenos significantes *dele*, na maneira que lhe é própria de ser um significante entre outros. O significado e o significante não andam no mesmo passo.

Então – é uma questão de prática – pode-se fazer um psicótico compreender que a significação depende da constituição de um

contexto suficiente? Será possível – em uma ou mais entrevistas – deixar o maior tempo possível fazer-se essa correlação do significante ao significante, para que o significante, um pouco mais tarde, sempre um pouco mais tarde, tenha uma pequena chance de fisgar outra coisa? Em todo o caso, era essa, sem dúvida, a arte de Lacan em suas apresentações: diferir o momento da significação.

Se o lapso tem tanto sentido, é que ele é uma infração, um pequeno delito, uma incongruência. É isso que faz seu valor de sentido. Digo uma pequena infração, porque isso pode consistir numa letra só, uma letra por outra, só um sinalzinho que se mexe. E, entretanto, a psicanálise nos ensinou a ver no lapso, num pobre lapso, esta força capaz de ativar todo o universo significante.

Se o lapso permite dizer a verdade, é justamente porque atinge o lado. Meio dizer da verdade. Pode o psicótico ser sensível a essa “lição” do lapso? Quando se tenta dizer tudo com palavras, com todas as palavras, não se consegue. Precisa um, em cada dois, para isso passar.

Então, François, o François da sala de espera e das revistas desbeijadas? “Me botaram no *braseiro*?” Que tinha ele dito? Falava de não sei qual fogo de brasas, ou da sua Bretanha natal? Que havia ele dito?

Permitam-me não responder a esta pergunta. Eu o acompanhei algum tempo. Permitam-me não responder a esta pergunta porque justamente ele se apropriou dela, retomando-a por sua conta. Ele pôde, como eu, ser *surpreendido* pelo seu lapso. Sim, isso existe: um lapso só ao-depois.

GÉRARD MILLER

JCV:  
UMA PSICOSE SOB TRANSFERÊNCIA

*Roland Broca e  
Claude Duprat*

**I – A análise**

Para Jacques Lacan, é o conceito de gozo que permite fazer passar a navalha de Occam na pululação da clínica das psicoses, e mais precisamente aquela da qual padece o psicossado, objeto do gozo do Outro, tradução do termo de erotomania divina evocado a propósito de Schreber. A pergunta é então: como esse gozo do Outro se aplica ao psicossado?

Sustentarei minha demonstração com o caso de uma paciente, cuja particularidade, além do interesse de ser uma versão feminina do presidente Schreber, reside em que, desde o desencadeamento da psicose – que se produziu, sublinhemos, quando das primeiras entrevistas com um psicanalista, em 1972 – ela começou a escrever. Desde então não cessou esta atividade. Sua produção atualmente cobre cerca de dezesseis mil páginas, repartidas numa vintena de volumes cuidadosamente catalogados.

Ela é minha analisanda há seis anos. Nos três primeiros anos, eu a via à razão de uma, depois duas, entrevistas psicanalíticas hebdomadárias, face a face. No fim desses três anos, ela solicita que sua psicanálise se faça nos moldes protocolares, deitada no divã, três vezes por semana. Consinto nisso. Essa análise prossegue atualmente nessas mesmas condições.

### *Da mensagem ao depósito*

A atividade de escrever apresenta a particularidade de cobrir inteiramente o desenrolar do tratamento: relato autobiográfico, elaboração “científica”, construção do delírio, relação da instauração das transferências e de seus desenvolvimentos, esses diversos gêneros estão aí constantemente entremeados como se atam aí o imaginário da metáfora delirante, a simbólica da linguagem e o real de seu gozo. Além do testemunho, na mensagem à Humanidade, não falta aí a intenção de fazer progredir a compreensão da loucura, de lhe penetrar os segredos e de fazer assim avançar a teoria e o tratamento da psicose. Uma parte não-desprezível da mensagem é composta de cartas aos diferentes psicoterapeutas que dela cuidaram, no total de quatro. São, portanto, escritos tomados na transferência, escritos sob transferência. Um último tipo de mensagem é dirigida “ao leitor desconhecido” que vem aí no lugar do significante qualquer da transferência, *Sq*.

Uma boa parte dessa atividade de escrever se faz em segredo, pois é confiada à secretária (é o móvel destinado a recolher em depósito os papéis secretos). Com efeito, o marido, alertado pelos psiquiatras que dela se ocupam, encarregou-se de preveni-los ao menor sinal de graforréia, para que seja re-hospitalizada com urgência. O escrito, aqui, faz portanto sinal da loucura, torna-se o índice pejorativo por excelência, premonitório do estado crítico.

Seus escritos vão sair da clandestinidade quando ela vem consultar-me, cerca de sete anos após o desencadeamento de sua psicose. Com efeito, é numa relação de grande confiança que ela me participa seus temas delirantes e fala de seus escritos. Pede-me em seguida para ser o depositário deles, ou, melhor dizendo, o depósito. Não somente acolho com benevolência sua atividade de escrever, mas até a animo, com grande espanto seu, a prosseguir. Ela me apresenta seus escritos, primeiro pelo viés de sua tese sobre o tratamento da informação pelo cérebro. Convém, chegado a esse ponto, esclarecer que, quando do desencadeamento de sua psicose, ela terminava a redação de um doutorado em informática sobre o tratamento de texto, que ela sustentou com sucesso quando numa fase dita de “remissão” de sua atividade delirante. O trabalho sobre a letra precede portanto o que daí vai prosseguir na construção da metáfora delirante. Primeiro na formação matemática adiantada que é a sua e da qual se pode pensar que, pelo menos por algum tempo, ela contribui, entre outros fatores, para constituir um baluarte eficaz contra a eclosão da psicose, pela barragem oposta ao desencadeamento do gozo.

Com efeito, nada mais perto da letra do que a matemática, em que se lida com letrinhas fora de sentido. Esse jogo, que exclui o gozo, produz uma quadriculação do sujeito pelo significante e pela letra. Um código extremamente apertado se amarra aí, como nó.

Notemos de passagem que, para numerosos psicóticos matemáticos, essa formalização do real demonstra sua eficácia protésica. Entretanto – Cantor o demonstra de forma exemplar –, além de um ponto limite de encontro com o real, a irrupção do real do delírio pode se achar no ponto de encontro do discurso da ciência. Portanto, não há verdadeiramente solução de continuidade entre a função da formalização matemática durante os anos de formação e o trabalho sobre a letra que se prossegue aí na elaboração da construção do delírio.

Levei um certo tempo a notar que, além da expressão prática de seu sofrimento existencial, as elaborações delirantes que ela me entrega não são de fato senão retomadas das construções primeiro elaboradas em seus escritos. Conviria, portanto, situar o que traz a mais, na mensagem ao analista, a dimensão da palavra.

No começo seu escrito vem se substituir a uma mensagem falhada na transferência a respeito dos psiquiatras-psicanalistas que a escutam com o *a priori* de se tratar de uma psicose maníaco-depressiva de origem genética. E se, notadamente na fase erotomaníaca da transferência, ela manda aos diferentes psicoterapeutas cartas de amor que podem tomar expressão lírica comparável à do Cântico dos Cânticos, uma grande parte de seus escritos delirantes não encontram o endereço que lhes convém e ficam “cartas em espera” que exprimem o ser em sofrimento: “Escrevo unicamente em relação ao meu mal, como se arranca o doce fervente do tacho que acaba de virar no braço... depressa, escrever ou rebento!”

A situação se modifica a partir do momento em que consinto a servir de endereço para seus escritos, essa função indo se reduzir ao endereço postal, à caixa de cartas: depósito no Outro, que tem agora sua importância, mas também resíduo, refugio do gozo, como bem ilustra esse conselho que Lacan me deu, no decurso de um controle de um caso de psicose, em que eu indagava dele que destino dar aos escritos do delirante de quem eu lhe falava: “Jogue-os na lata de lixo!” Quanto à minha analisanda, que as suas remessas se amontoam num canto de minha biblioteca sem terem sido nem ao menos tiradas do envelope, nem por isso se perturba, e não interrompe de modo nenhum essa atividade.

### *Escrita da transferência*

Lacan sublinha que, para Joyce, a escrita visa especialmente fazer para si um nome para suprir a falta do Nome-do-Pai; essa preocupação não está ausente de minha paciente. Ela busca valorizar seu nome próprio, que é um equivalente de *minus*, por ser nome de mulher casada, sinônimo de falo. Por outro lado, seus escritos comportam, em sua face megalomaníaca, o objetivo confessado de penetrar os segredos da psicose, de trazer à humanidade uma teoria geral do funcionamento do aparelho psíquico, e a idéia da glória que viria assim ilustrar seu nome.

No trabalho delirante do texto, esse tema aparece explicitamente, de uma interrogação sobre as origens da denominação desde o Gênese – que para ela é somente a gênese da linguagem –, até uma série de modificações da significação de seu nome, e do meu, que chegarão afinal a uma denominação reduzida às iniciais, tentativa de criar, por simples letras desprovidas de significação, um significante assemântico que venha suprir a falta do Nome-do-Pai. O nome fica aí reduzido ao traçado de um grafo que de certo modo desenha o “matema” de sua transferência, que a partir de uma dada ocasião ela escreve no cabeçalho de cada remessa:

JCV-RB

Por que ela escreve? Para corrigir a falta de escrita inicial, falta que se articula com a não-inscrição da metáfora paterna no inconsciente do sujeito. Para escorar o imaginário, ela precisa realizar uma cunhagem do real e do simbólico, e o escrito tem justamente essa função dupla, de ser ao mesmo tempo simbólico e real. A verbalização pode ser uma palavra infinita, que nunca engate o objeto, mas cunhar a metáfora delirante faz ponto de *capitonê*, permite deter o desenrolar metonímico da cadeia significante. Portanto, é somente a partir desse momento da escrita que ela pode se expressar pela palavra, pelo encadeamento das significações. Ela não está mais no puro automatismo mental. Pois, contrariamente ao que imaginavam os surrealistas, não há escrita automática. A partir desse momento, realiza-se o sintoma, como quarto elemento que mantém ligado o conjunto. Graças ao prévio da escrita, ela vai poder realizar algo que o escrito, só, não poderia realizar.

Mas por que o psicótico fracassa aí onde Joyce triunfou? Minha paciente, a partir do momento em que constituiu pelo escrito es-

se objeto, atingiu o mesmo ponto de estabilização espontânea de Joyce. Então por que tem necessidade de vir representar esse escrito junto ao analista? O que ela vem aí depositar, Joyce o representa através da publicação – *publicação*, como diz Lacan – pela mensagem à comunidade dos letrados. Mas a diferença essencial é que minha analisanda não toca na estrutura da língua como tal. O que na realidade sua mensagem pede ao analista é que toda a comunidade dos psicanalistas se ponha a trabalhar sobre seu produto. Joyce alcançou esse objetivo entre os universitários chegando assim a se alojar num discurso, notadamente o universitário. Por isso ele não está mais no fora-do-discurso da psicose. O término da análise para um psicótico chegaria quando a comunidade dos sábios se encarregar efetivamente do que ele enuncia e o faça entrar no discurso da ciência? A análise seria então uma possível etapa para essa larga comunicação. Pois, de um certo modo, não é o que estou fazendo?

### *Tortura fetal*

No concernente à questão da transferência e da conduta do tratamento, um ponto de báscula produziu-se recentemente nessa paciente, no momento preciso em que o marido empreendeu as providências legais para a obtenção do divórcio. Ela toma então conhecimento do caráter irrevogável dessa decisão e de suas conseqüências previsíveis no seu futuro. Agora, ela precisa fazer o luto desse casal ideal, que consistia em fazer existir a relação sexual. “Não mais fazer um só corpo com meu marido”, diz ela, “Meu marido era minha carne. Em minha cabeça, continuávamos sendo uma só carne. Hoje meu corpo é como uma montanha que se parte em duas. Sinto meu corpo deslocado. É o equivalente da Tortura fetal.” O corpo é, portanto, o que vem representar o Outro. Notemos que a primeira – primeira mesmo – fase delirante, dez anos antes, se declarara no momento da partida da mãe; o marido, por conseguinte, vinha no lugar e em vez do Outro materno. Isso esclarece retrospectivamente sua noite de núpcias: em vez de consumir o ato sexual, ela propõe ao marido consagrar sua união ao Cristo e, para simbolizar essa união mística, formar uma cruz com os dois corpos e ficar assim a noite toda. Essa idéia lhe veio ao constatar que o leito tinha sido feito com velhos lençóis remendados. Daí deduziu que a mãe prevenira o hoteleiro de ser essa uma noite de núpcias, sugerindo-lhe não usar para os recém-casados uma roupa de cama bonita.

Já nas primeiras emoções amorosas da adolescência, ela se julgou amada por um jovem aristocrata pertencente a uma família prestigiosa, irmão de uma colega de escola. A estrela enamorada da minhoca. Assim já ela se sente: objeto, resíduo.

Sua grande tese delirante é a seguinte: a causalidade da loucura reside na tortura, sendo disso o protótipo a Tortura fetal exercida pelo Outro materno *in utero*, por supressão do líquido amniótico ou por meio do cordão umbilical. Essa tortura fetal é registrada no cérebro; inscreve-se aí de maneira indelével, e é periodicamente reatualizada, graças a estímulos provenientes de eventos significativos da existência entrando em ressonância com esse significante. O significante Tortura fetal é o neologismo que ela constrói para denominar o gozo do Outro, significante que tenta suprir a falta do Nome-do-Pai. Mas ele não produz significação fálica, apenas marca sua inteira submissão ao desejo do Outro. Ele é o cunho do desejo materno não barrado pelo Nome-do-Pai. Representa uma cena traumática originária cuja marca vem lembrar a permanência da inclusão no Outro. É a contribuição de JCV à teoria do trauma real. No decorrer do desenvolvimento da metáfora delirante, essa cena se transformará em cena primitiva por uma reconstrução tipicamente schreberiana, a saber, a Eva futura em potência para gerar uma nova humanidade.

O tema da Tortura fetal pode igualmente ser correlato a um episódio que remonta a alguns anos, e que ela conta em seus escritos. Ela descobre, nas prateleiras de uma livraria, um exemplar da *História de O*, de Pauline Reage. Fascinada pelo texto fica uma tarde inteira lendo-o de uma assentada, tetanizada, literalmente sacudida com espasmos de repetição. Identifica-se totalmente com essa mulher, brinquedo do capricho de todos os homens. Se, para o neurótico, ser batido remete ao cunho significante do Nome-do-Pai, no caso dela isso remete antes à questão do masoquismo feminino. Mas, no seu caso, trata-se de se transformar em brinquedo do capricho do Outro. Assim ela dá testemunho de ter sido mais submissa ao capricho do Outro materno do que à Lei dos homens. Verdadeira figura de Jano, o pai gozador da *História de O* vem assumir as funções da Mãe caprichosa. Com efeito, por trás de todos esses homens ajudados com mulheres-auxiliares, desenha-se a figura do Outro materno: são mulheres que de fato reinam sobre este universo, no modelo bem conhecido das subamantes de bordel, ordenadoras do prazer dos homens. E esse gozo de repetição a invade, atravessa, embaraça: o texto está aí como palavras impostas. Não podendo construir nenhum fantasma, JCV está completamente entregue às fantasias imaginativas do autor.



### *Manter a transferência*

Mas, a partir do momento em que essa paciente está no dispositivo analítico, o que ela analisa? Ela continua a delirar, se bem que de modo calmo e pacificado. Se ela constrói qualquer coisa, não é um fantasma, como faria um neurótico, mas um delírio, até um Édipo de suplência, que dá consistência à relação sexual; ela elabora uma concepção do mundo que pode não ser mais “delirante” que a nossa – se todavia ela fizesse laço social, o que evidentemente não é o caso. Por mais elaborado que seja, um delírio jamais conseguiu, salvo caso excepcional, fazer laço social, pela mesma razão, por exemplo, que uma religião. Pois só os discursos, diz Lacan, fazem laço social, e o delírio é fora do discurso. JCV de fato constrói um delírio, ao que eu consinto, por ser um psicanalista, e que incide sobre computadores, o espírito, o corpo, a linguagem – que está potencialmente em toda parte. Mas, até aí, ela não encontrara, na atitude dos psiquiatras-psicanalistas, senão um certo “horror” marcando seu esforço de construção delirante com um índice pejorativo, justificando intervenções psiquiátricas repetidas. Aqui, ela encontra uma direção, entretanto com um limite, inerente à estrutura: ela não constrói fantasma, nunca terá relações com o mundo do Outro. Seu sintoma é o equivalente de seu delírio. Ela não se desloca na estrutura, está sempre no mesmo ponto.

Penso que é essencial o psicótico poder encontrar na pessoa do analista alguém disposto a encarnar esse lugar de comunicação. Mas não basta ser analista para encarná-lo da boa maneira. Como prova o fracasso dos três psiquiatras-psicanalistas encontrados por JCV: “Eles estragaram minhas transferências”, dirá ela. O importante é pois a manutenção da transferência. Mas esse modo particular de laço social continuando uma relação estritamente imaginária, o real da transferência, o imaginário da relação e a elaboração delirante fazem as vezes de simbolização da relação do Outro, sem que jamais seja delimitada a demanda do Outro, ou que seja feita uma remarcação precisa em relação ao parentesco.

Como se pode, com os matemas lacanianos, formalizar a natureza do laço transferencial particular ao tratamento do psicótico em geral?

### *Destravamento da transferência*

Destaquemos primeiro de tudo este fato maciço: até um período recente – em todo caso na França e mais precisamente no dispositivo analítico padrão – era desaconselhado tomar psicóticos em análise. Evidentemente, assistimos a tentativas de tratamento por técnicas de psicoterapia ditas de inspiração psicanalítica (na França, Racamier, Katan e Gisela Pankow são exemplos representativos). Essas práticas recobrem um dispositivo de tratamento, e teorizações, variando consideravelmente de um praticante a outro. Força é reconhecer que só a escola inglesa, no prolongamento das teses de Melanie Klein, soube dar um quadro teórico mais ou menos homogêneo, e um protocolo técnico padrão à teoria do tratamento do psicótico. Nos meios lacanianos, o tratamento analítico psicótico parecia francamente desaconselhado. Lacan, com efeito, disse em 1956, que botar no divã um pré-psicótico era o mesmo que fazer dele um psicótico. Esse juízo seria entretanto matizado com o que, na época, fazia o seu conceito implícito, a saber, a crítica de um certo manejo da relação de objeto. Pois, tomado à letra, esse juízo contradiz o essencial do ensinamento de Lacan sobre as psicoses. Se da psicose se faz uma questão de estrutura, se ela é mesmo a estrutura por excelência, na medida em que dá conta da estrutura do significante, não cabe mais falar de pré-psicose, mas de psicose latente, não-declarada, não-desencadeada.

Assim mesmo permanece a questão de saber se a acolhida por um analista, da demanda de análise de um psicótico não-demonstrado, pode ser uma ocasião do desencadeamento da psicose. De fato, esse desencadeamento parece inevitável se a análise se realiza. Confunde-se mesmo com o que se pode chamar desencadeamento da transferência. Vai ser necessário portanto substituir por um desencadeamento “selvagem”, crítico, até cataclísmico, um desencadeamento controlado pelo dispositivo analítico: a saber, o que chamo de psicose sob transferência. Daí a importância da verificação pontual, prévia, no curso das entrevistas preliminares, da estrutura psicótica. Lacan insiste muito particularmente na necessidade dessas entrevistas, que não servem somente para confirmar a indicação de análise – indicação geralmente fundada, na prática padrão, sobre critérios restritivos, especialmente em relação à psicose – mas bem mais ainda para preparar cuidadosamente o emprego e a modalidade da transferência, fazendo-se um certo número de perguntas, previamente à instauração do tratamento.

Quanto ao diagnóstico de psicose, ele pode aliás estabelecer-se

na ausência de sinais evidentes, em negativo, isto é, *a mínima*, pela ausência de estrutura neurótica ou perversa caracterizada. De fato, é o enunciado do famoso adágio lacaniano: “O sujeito completamente normal é o psicótico por excelência.”

Uma instauração certa da transferência com o psicótico supõe igualmente que o encontro com o analista não se situe em caso algum numa relação dual, o que implica passar af pelo lugar do Outro. O *esquema Z* já o ilustra de maneira extremamente simplificada:

$$S \text{ — } a'$$

$$a \text{ — } A$$

Mas a prudência recomendada para o psicótico não é menos válida, evidentemente, para o neurótico, com a diferença de ser um erro de manobra, nesse caso, menos pesado de conseqüências. Deve-se desde então operar em Nome-do-Pai? Nada é menos seguro, pois é precisamente no encontro de Um Pai que o desencadeamento da psicose, classicamente, sobrevém. Lembremos que o Nome-do-Pai é o significante que nomeia o Outro como lugar da Lei, que se distingue do Outro como lugar do significante, que existe realmente para o psicótico, por isso mesmo que ele fala – o que implica, não é inútil recordá-lo, a existência de um sujeito na psicose. O Outro do psicótico é portanto um lugar sem Lei, o que mostra a desligação significativa da metáfora delirante, até e inclusive na conseqüência extrema da emancipação alucinatória.

Quanto à transferência, tantas vezes contestada, tudo atesta que existe mesmo na psicose. Mas em vez de, e no lugar da, neurose de transferência, desenvolve-se uma psicose passional, que chamarei erotomania de transferência, a erotomania sendo propriamente falando a modalidade do amor de transferência na psicose.

### *Temperar o gozo*

Nesse tipo bem particular de transferência o psicanalista entra, num primeiro tempo, incluindo-se no sintoma sob a forma de \$, o psicótico estando, ele, em posição de objeto vocal enunciando um saber (notemos de passagem que é a fórmula mesma do automatismo mental). Desse lugar, ele se dirige ao analista. Num segundo tempo, o psicanalista fica em posição de objeto *a*, o que destrava a enamo-

ração, ou erotomania de transferência, que na psicose constitui de fato um certo modo de laço social – ou, antes, vem suprir a dificuldade do psicótico em estabelecer o laço social. O psicanalista vem assim ocupar para o psicótico, como foi o caso de Flechsig para Schreber, o lugar do objeto *a*, objeto da erotomania. A dificuldade é então de fazer de modo que essa erotomania não se torne uma psicose passional clínica, cuja saída só poderia ser a passagem ao ato.

Portanto, num primeiro tempo o psicanalista aceita ficar como lugar de mensagem, em  $\$$ , sabendo que vai se produzir um momento de balança em que o psicótico virá na posição de sujeito alienado, e o psicanalista em posição do objeto. O importante é que este último aceite ficar colocado nessa posição, e isso, certamente, na aparência. Operar essa mudança de posição é possível, na condição de chamar o paciente à verbalização, muito particularmente nos momentos em que se manifeste uma certa iminência da passagem ao ato. Com efeito, “o gozo é proibido a quem fala como tal”. Assim se poderá constituir, aos poucos, uma inter-dição que venha fazer barreira ao gozo, o que permitirá a moderação desse gozo.

Desde o instante em que o psicótico se engaja na alienação da metonímia significante – no sentido da definição de Lacan – efetua-se um viramento no inconsciente pelo que o sujeito psicótico retira de seu gozo-em-caixa. Em outros termos, a parte de gozo que aí se empresta simboliza-se, produzindo um deslocamento do real do gozo no simbólico. A psicanálise atua desde então com o simbólico da palavra, sobre o real do gozo. Por esse processo do significante mordente sobre o organismo, opera-se um esvaziamento do gozo nesse organismo, para dele fazer um corpo enquanto superfície de inscrição, lugar do Outro. “O primeiro corpo (do simbólico) faz o segundo por se incorporar aí.”

A interpretação psicanalítica clássica visa o sujeito do significante, a função fálica, a metáfora paterna normalizando o efeito de significação do significante. Na psicose, não se trata de modo algum de uma interpretação significante – que traria o risco de produzir um delírio de interpretação, até um delírio a dois – mas, antes, de uma manobra da transferência visando a moderação do gozo. Depurar a metáfora delirante para reduzi-la a uma simples convicção delirante parece em si um fator de estabilização. Alguns psicóticos obtiveram tal estabilização, ao menos por algum tempo, fora de análise (por exemplo, Schreber, ou o matemático Cantor). Em que portanto a análise permite ao psicótico uma melhora em relação a essa estabilização espontânea? A questão permanece aberta.

## II – O diário

A partir do diário mantido por JCV, tentaremos destacar as manifestações de transferência quando das primeiras sessões sobre o divã, e sublinhar-lhe os elementos estruturais.

A 16 de abril de 1981 essa mulher jovem, inteligente e culta, casada, mãe de três filhos, exercendo uma profissão altamente qualificada, acompanhada desde dezembro de 1977 num cara a cara pelo Dr. Broca, formula pela primeira vez uma demanda de análise.

Ela começou a redigir seu diário em novembro de 1972, ou seja, quatro meses após sua primeira hospitalização em ambiente psiquiátrico e três meses depois do início de uma psicoterapia com o Dr. L., psicanalista. Prosseguido sem interrupção notável até hoje, conta este trabalho atualmente mais de quatorze mil páginas...

### *Tortura e redenção*

Em 26 de janeiro de 1980, ou seja, treze meses antes do início de sua análise, JCV a evocava nesses termos: “Sou quanto a mim também uma graduada em informática que enfrentou uma dezena de psicanalistas e psiquiatras, que supostamente cuidaram de mim, que escreveu *às escondidas*, dia pós dia, o desenrolar de sua psicose. Assim fui conduzida a elaborar as premissas de um modelo de processamento da informação pelo cérebro, para descodificar meu próprio delírio. Estou certa de que isso nunca foi feito. Enlaçadas nos meus próprios exemplos, minhas hipóteses científicas aparecem no curso das duas mil primeiras páginas.” Notemos as particularidades da sintaxe: ausência de *je*, acento sobre *moi*, emprego da terceira pessoa (que raramente sobrevém no diário de JCV) e observemos que, nessa passagem, a referência ao delírio é explícita.

No mesmo tempo em que JCV reconhece ter delirado, é evidente que ela desenvolve uma idéia delirante do tema científico que pretende ser teoria explicando o enigma da psicose. A leitura do conjunto do diário confirma a existência de um sistema delirante de tipo paranóico cujos significantes maiores são o cérebro, a informática, a loucura, a regeneração da humanidade. Essa mulher jovem dedica-se à pesquisa do segredo da psicose, e inventa o neologismo “a psicamática” para denominar sua teoria marcada do selo da certe-

za. O núcleo de seu delírio consiste na crença de que a tortura fetal – a que lhe foi infligida por sua mãe *in utero* – está na origem de sua psicose. Esclareçamos que desde sua adolescência JCV experimentava fascinação mórbida pelos relatos de torturas. Entrada na psicose, ela sente-se doravante destinada a salvar o mundo pela mediação da tortura incessante que ela sofre, cujo símbolo, a seu ver, é o círculo ou ainda o *singleton*, esse ponto solitário que só tem relação com ele mesmo (8-12-72). JCV dedica-se, portanto, ao gozo do outro, do carrasco, e se situa em posição de objeto *a*, de puro resíduo, em sua relação com o Outro. Por outro lado, para ela, há relação sexual: *ela é A mulher*; acredita na harmonia dos sexos. Oferecendo seu sofrimento, pensa dar ao mundo paz e felicidade. Acede assim à função de redentora: seu sacrifício permitirá o advento de uma nova Eva. Salvador, ela se tornará mãe de uma humanidade regenerada. Mas, se o diário de JCV confirma um delírio de estilo paranóico, ele em compensação não permite evidenciar a presença de alucinações auditivas nem tampouco qualquer outra forma de alucinação. Que estatuto se deve dar a esse escrito monumental do qual acreditamos, Roland Broca e eu, poder colher ensinamento?

### *Um escrito sob transferência*

Apoiando-se na leitura das *Memórias de um neuropata* do presidente Schreber, para definir uma clínica da psicose, Freud elaborou uma clínica da psicose que não era uma clínica sob transferência. É igualmente pelo viés do escrito que o Doutor Lacan abordou a questão da psicose quando de seus primeiros trabalhos, entre eles a célebre *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. E vinte anos mais tarde, em 1955, no *Seminário III*, retomando a decifração a modo de Champollion das *Memórias* de Schreber inaugurada por Freud, ele vai trazer uma contribuição decisiva à teoria psicanalítica das psicoses.

O diário de JCV, esse escrito de quatorze mil páginas, tem um extraordinário interesse, em particular porque dá testemunho da utilização de uma transferência verificada, primeiro nas entrevistas cara a cara com três analistas sucessivos, e depois, a partir de 21 de abril de 1981, no quadro de um dispositivo analítico clássico: duas e, desde 1 de dezembro de 1981, três sessões hebdomadárias sobre o divã.

Na véspera da formulação de sua demanda de análise, é total sua solidão, não pode mais falar com ninguém, não tem mais seu lu-

gar na sociedade, sente-se odienta, é rejeitada. Sua psicose foi provocada pela morte do pai. Sente-se quebrada em pedaços. Ela reprova o Dr. Broca não lhe dizer nada, quando sua cabeça está zumbindo de vazia. Seus sentimentos hostis a seu respeito renascem.

No dia seguinte, 16 de abril, ela dá conta, em seu diário, do momento em que demanda uma análise: “Fico petrificada com a decisão que tomei; pedi ao Dr. Broca duas sessões por semana no divã. Estou muito comovida com minha decisão. Ela me foi obrigada pelo bloqueio de meu tratamento e também porque não quero mais ver o Dr. Broca. Disse ao Dr. Broca que ele conhece a causa de minha perturbação, e não eu. Ele concordou. E disse-lhe que não conheceria a causa de minha perturbação no quadro do tratamento atual.”

Desde o instante em que JCV formula sua demanda de análise, já há presença de uma transferência positiva.  $S_2$ , o saber, está situado do lado do analista, e JCV exprime espantosamente bem a função causal do sujeito suposto saber. Jacques-Alain Miller recordou que Lacan tinha definido a estrutura da transferência somente a partir do saber, por aí mesmo relegando a segundo plano a repetição e o amor. Na transferência, com efeito, o amor se dirige ao saber, e é pela relação ao saber que ele é amor.

Notemos o efeito de surpresa resultante para JCV de sua demanda e do ato que ela pratica ao formulá-la. Observemos também com JCV, pelo seu “não quero mais ver o Dr. Broca”, exprime, ao mesmo tempo que uma ambivalência que se faz ouvir sem ela saber, uma recusa da situação cara a cara, do afrontamento imaginário, da prevalência do especular e do escópico.

Poucas horas antes de sua primeira sessão no divã, JCV escreve ainda estas linhas: “Esta tarde começa esta aventura no divã, dela espero muito, muito. É outra técnica, o cara a cara não dava mais nada. Meu objetivo é recuperar o uso de minhas possibilidades intelectuais. Perdi todo o contato com o saber, e isso se produziu num momento bem determinado.”

### *Seis sessões*

Realizada a primeira sessão, a analisanda dá informação disso, na mesma tarde, no diário: “Estou louca de alegria com minha primeira sessão no divã. Louca de alegria. O Dr. Broca primeiro fez uma recomendação em voz baixa: dizer tudo o que passar pela cabeça, associação livre, nada de censura. O que eu disse, mal sei. Fiquei ad-

mirada de liberar boas lembranças, coisas muito positivas. Também fiquei muito admirada da descontração à qual de repente meu corpo cedeu. Eu precisava desse divã. Pouco importa se dele eu disse o pior possível. Certamente era por inveja, despeito. É uma técnica insubstituível.”

Entrada no dispositivo analítico, JCV verifica de imediato que a tomada de palavra segundo a regra da associação livre lhe permite produzir um saber que não lhe era ignorado, e que ela está desapossada desse saber,  $S_2$  vindo desde então alojar-se do lado do analista. Ela faz a experiência da refenda devida aos efeitos do significante, a experiência da despossessão de si, da falta-em-ser. Observemos também como desde essa sessão inaugural a analisanda sente uma grande paz corporal, sente-se pacificada pelo fim do cara a cara, a parada do corpo a corpo imaginário.

Depois JCV faz um breve comentário da segunda sessão: “Chego a me perguntar o que me aconteceu ontem no divã. O divã teve para mim um efeito relaxante. Com o Dr. X. eu tinha ficado duas vezes no divã mas ele não quis que eu continuasse. Já faz disso nove anos. Se agora sou capaz de suportar o divã como mostrei ontem é que houve de fato um caminho”. Ela volta ao efeito de surpresa e de calma provocado por sua entrada no processo analítico. Ela levanta também uma pergunta crucial: depois de qual trabalho preliminar e sob quais condições uma psicanálise podia ser legitimamente considerada com tal paciente?

Falta-nos dar ainda alguns extratos do diário em relação com umas poucas sessões ulteriores.

*Sessão de 6 de maio de 1981*

“Ontem durante a sessão cometi um lapso. A frase era: ‘Michel tinha dito à sua mãe que eu estava apaixonada por mim.’ Eu devia ter dito: ‘apaixonada por ele’. Foi meu inconsciente que falou. Seria meu desejo estar apaixonada por mim, de ver-me sob um aspecto favorável.

Eu pensava que o Dr. Broca declarava psicose = divã não, que era hostil a isso. Em verdade, ele não era hostil mas cético, ele achava que eu não iria agüentá-lo.”

*Sessão de 11 de maio de 1981*

“Sábado tive uma espécie de raiva contra o Dr. Broca. Ele não quis me dizer se no sonho do outro dia o reverbero era um símbolo fálico.”



*Sessão de 15 de maio de 1981*

“Que palavra no divã me libertará? Onde está a origem do mal? Como fazê-lo chegar à palavra? Não escrevi tudo? O Dr. Broca sabe. Em poucas palavras sábias, ele poderia explicar meu mal e não quer fazer isso. Devo achar sozinha.”

*Sessão de 2 de junho de 1981*

“Eu disse ao Dr. Broca: ‘Detesto o senhor porque o senhor fica aí’. E então percebi que era a presença de meu pai tão difícil de suportar. Como era pesada a presença de meu pai! Detesto o Dr. Broca. Detesto a psicanálise. Eu me detesto. Que faço no divã? eu me odeio.”

*A função do psicanalista*

Primeiro observamos que JCV faz referência a um lapso e a um sonho, isto é, duas formações do inconsciente que ela reconhece como tais. Notemos que ela interpreta seu lapso de maneira até pertinente, distinguindo aí seu narcisismo. Observemos que ela se esforça para decifrar o sonho e que não aceita muito mal o silêncio do Dr. Broca, essa recusa de interpretar é aliás particularmente justificada com uma análise de estrutura psicótica, e muito especialmente no momento de surgir o significante fálico.

A equação  $\text{psicose} = \text{divã}$  não e a idéia de que o Dr. Broca pudesse estar cético sobre a aptidão da paciente a se engajar num processo analítico representam uma pergunta fundamental, dirigida não só ao Dr. Broca mas também a todos os analistas. De minha parte, penso que a resposta só pode ser particular e que, ainda hoje, o problema apresentado está longe de ser resolvido.

Evocando a sessão de 15 de maio, JCV opõe o escrito e o falado. Pois não escreveu ela tudo? Se escreveu tudo, o que falta escrever? Qual pode ser a virtude de sua palavra no divã? Tudo o que ela teria de saber já teria articulado totalmente nos escritos? Oposição entre o saber depositado em seu diário e o saber imputado ao seu analista. O Dr. Broca sabe. Ele sabe a causa de seu mal, oscilação entre um saber situado de seu lado e um saber alojado do lado do seu analista, que ela coloca em posição de Mestre da cura, de tau-maturgo.

A 2 de junho, JCV faz a pergunta da presença do analista e, implicitamente, a pergunta da função dessa presença, para ela, no dispositivo analítico. Nesse dia, ela detesta o Dr. Broca pelo único fato de sua presença. Ela associa a presença de seu analista à do pai, no passado; presença pesada, sublinha ela. Ora, Lacan nos ensinou que o único modo de presença é o do objeto *a*. O objeto *a* não representa nada, ele está presente, é mesmo o único sentido possível da presença. O analista encarna a comunicação pelo modo de estar lá. Para o neurótico, ele vem fingir de objeto *a*. Mas para o psicótico? Na psicose, o objeto *a* não inclui o  $-\varphi$  da castração. Como pode o analista, desde então, desempenhar a função de *agalma* como no tratamento do neurótico?

No número 28 de *Ornicar?*, Jacques-Alain Miller interrogando-se sobre o automatismo mental, indaga-se se não se trata do sujeito suposto saber, do “sujeito suposto saber tudo o que penso”. O automatismo mental pode ter por matema  $a/S_2$ , tomando-se o cuidado de precisar que o *a* é a voz e que ele contém  $S_2$ , o saber. Que estatuto tem para JCV o sujeito suposto saber? Parece muito que ela oscila entre duas posições: ou seja, ela sabe tudo sobre a psicose, ou seja, imputa ao analista esse mesmo saber. Nas fases delirantes, a transferência assumia nela a forma da erotomania, de maneira bem maciça. Mas, desde que ela entrou no dispositivo analítico, a erotomania que caracterizava sua transferência pacificou-se, e os fenômenos persecutórios, ligados à situação de cara a cara, hoje desapareceram totalmente. Com seu engajamento na análise, seus ditos tomaram um novo estilo, e a muitos respeitos se aproximaram dos de uma neurótica. O processo de tratamento permitiu a JCV levar uma vida quase normal, e construir barreiras para protegê-la da invasão do gozo resultante da foraclusão do significante do Nome-do-Pai, e da falta de significação fálica. Talvez tenha ela assim estabelecido as condições preliminares para sua entrada num laço social, e sua saída do fora-do-discurso da psicose.

CLAUDE DUPRAT

## Bibliografía Abreviada

Ball, C., *la Folie érotique*, Paris, 1883.

Clérambault, G. de, "Les délires passionnés: Erotomanie pure", *Soc. Cl. Ment.*, 1921.

Dide, M., *les Idéalistes passionnés*, Alcan, Paris, 1913.

Ferdière, G., *l'Érotomanie*, G. Doinet et Cie., Paris, 1937.

Fretet, G., *les Causes affectives de l'Érotomanie*, Alcan, Paris, 1937.

Kestemberg, J., "A propos de la relation érotomaniaque", *Rev. Franç. de Psych.*, 5, 1962.

Lagache, D., "Érotomanie et Jalousie". *J. Psych. Norm. et Path.*, 1938.

Sérieux, P., e Capgras, J., *les Folies raisonnantes*, Alcan, Paris, 1909.

## PIERRE SEM O NOME-DO-PAI

*Joseph Attié*

No decurso desse mesmo ano de 1958, Jacques Lacan produziu a “Questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”; depois, “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. O primeiro escrito levanta, no final, a questão da manobra da transferência com o psicótico. No segundo, Lacan dá os princípios de uma direção do tratamento que “consiste antes de tudo em fazer aplicar pelo sujeito a regra analítica”. Veremos que esse prévio não é evidente com um psicótico, cujo discurso se distingue por apresentar uma inércia não-dialetizável.

*Colocação da transferência*

Aquele que me procurou no outono de 1977 acabava de ter alta do hospital psiquiátrico. Não era sua primeira hospitalização, mas a última de uma série começada em 1962. Nessa época, ele tinha passado quinze dias num estado de “grande aflição” porque queria e não queria fazer amor com uma mulher. Uma amiga da “cidade” universitária onde ele residia lhe propusera um encontro para almoçar, e isso bastara para desencadear, naquela mesma noite, as primeiras alucinações, logo seguidas de todo um cortejo de fenômenos ditos elementares por Lacan – automatismo mental, comentário dos atos, transmissão de pensamento, etc. Desde então, cada dois anos ele era retomado por seu delírio, que muitas vezes necessitava de hospitalização, até 1977, quando começa sua análise. Durante esses quinze anos, ele não deixara, entretanto, de encontrar a análise, mas nenhuma tentativa de tratamento chegara ao fim, embora a mais notável tivesse durado um ano.

Para dar conta desta análise, distinguirei três tempos. No decurso do primeiro, que chamarei tempo de colocação da transferência e de estabilização do delírio, ele evidentemente precisou começar contando sobre si próprio. Aqui, como em toda análise, desdobra-se uma biografia, feita mais para suprir e atravancar a memória, e na qual o analisando busca um sentido em todos os cantos e recantos de sua vida. Não é o que importa – não se faz uma análise contando lembranças, por distantes e precoces que possam ser. O primeiro ponto a destacar é que, de todos os fenômenos elementares que assaltaram Pierre, ele só retém, e relata, uma alucinação visual: dois extraterrestres apareceram em seu quarto, em duas noites consecutivas. Ficou apavorado, pensando que vinham para matá-lo. Mais tarde, o delírio elaborado fará desses homens os mensageiros do espaço, vindos para lhe prestar homenagem. Esse delírio, do qual só marco agora o ponto focal, apóia sua demonstração do nome próprio, que será, por uma parte, fundado na filiação remontando ao rei Davi. Por outra parte, as iniciais servirão para um jogo de retorno entre letras e cifras, segundo as regras da Cabala, o que vai permitir destacar a significação escondida nesse nome: o verbo eterno. Esses elementos constituem o núcleo do delírio de Pierre, e fundamentam sua certeza de ser imortal. Entretanto, se ele não os descobriu no decurso da análise – estavam lá há muito tempo – a análise lhe permitiu, em compensação, afirmar sua elaboração e tomar alguém como testemunha de sua certeza.

O próprio quadro da transferência está, assim, colocado. O analisando, como se vê, não vem interrogar um sujeito suposto saber sobre o que ele carrega em seu inconsciente. Chega com um saber constituído, e apresenta o paradoxo de precisar de uma testemunha de sua certeza, que, embora inabalável, não se sustenta sem referência a um outro. A publicação das *Memórias* do presidente Schreber tinha também essa função de apelo dirigido a qualquer autoridade competente, para vir verificar em seu corpo a verdade da mensagem que ele entrega à humanidade: na ocorrência, sua transformação em mulher e seus futuros sponsais com Deus.

Eis outra indicação sobre a questão transferencial. Recebo Pierre em um centro de saúde pública, onde os serviços médicos e terapêuticos estão a cargo da Previdência Social. Em outras palavras, a gratuidade é obrigatória. Apesar desse contexto, tomo às vezes a liberdade, quando o julgo necessário, de pedir a tal ou qual analisando o pagamento de uma soma simbólica. Assim é que a atenção de Pierre foi despertada pela presença de dinheiro sobre minha mesa. Ele precisou de algum tempo para me declarar que, em todo caso, se recusaria a pagar fosse o que fosse, pois são as prostitu-

tas que recebem paga. Evidentemente, eu nada lhe reclamara. E dois meses mais tarde ele mesmo tomará a iniciativa de pagar uma pequena soma de dinheiro.

Esse primeiro tempo de análise, então, levou Pierre a um estado de equilíbrio que o fazia dizer, quase todas as semanas, que estava feliz por viver, e nunca antes tinha sentido isso. Sobre o fundo de estabilização de seu delírio – que Lacan chama a estabilização da metáfora delirante, que substitui o Nome-do-Pai – eis algumas coordenadas da vida que ele segue: tem um emprego estável há vários anos, que ele cumpre com satisfação de seus superiores; é, na sua empresa, delegado sindical; escreve poesia, e seus poemas são de vez em quando premiados e publicados em folheto por uma academia de poesia; as recaídas das crises, aguardadas e apreendidas, não se produziram em 1978, nem em 1980, nem em 1982.

E pela primeira vez ele fez amor com uma mulher. Desse evento maior, a conclusão que mais lhe importa é ter provado ser capaz de fazer amor. Mas as mulheres, em sua vida, não têm outra função a não ser a de objetos sexuais. Nem se discute, não compartilhará sua vida com nenhuma delas. Também não há discussão sobre se ele ama, pois “o amor é um luxo de pessoas com boa saúde”. Ele se sabe doente e não vai se incomodar com outros problemas. Quanto a ter filhos, está absolutamente excluído, pois “todo filho nasce para matar o pai. Que dizer quando o pai é famoso?”

Sabendo-se pois doente, e já tendo sofrido o bastante durante quinze anos, ele pôde medir a importância e o peso dos medicamentos. Por isso tomava os que lhe eram prescritos com extrema atenção, ao ponto de que, no estado de equilíbrio aonde chegou, os medicamentos constituírem uma peça bem central, mas que causam alguns paradoxos. Assim, Pierre não deixa de reparar que seu estado de felicidade, sinal mesmo de seu destino excepcional, fica dependendo de algumas gotas de neurolépticos. Por outro lado, desde que frequenta as mulheres, verificou que sua potência sexual não estava à altura do esperado. Desse fato, logo culpou os medicamentos e tomou sua decisão. Esclareçamos que Pierre estabeleceu uma separação nítida entre médico e analista. Ele consulta o primeiro num centro de saúde perto de seu domicílio, e atravessa Paris para consultar o segundo.

### *Vacilação da certeza*

Este estado de graça todavia ficou progressivamente perturbado por uma série de fenômenos, o mais notável sendo o fato de começar a sonhar. No primeiro tempo, os sonhos o confortaram no seu sentimento de bem-estar – com efeito, ele antes se queixava de que os medicamentos o impediam de sonhar. Ora, ei-lo agora trazendo sonhos todas as semanas, interpretando-os sempre em termos edipianos. Mas, com o tempo, eles vão se tornando perturbadores e angustiantes. Um dia, ele diz até: “Curioso, repito sempre que estou vivendo feliz, e depois tenho esse tipo de sonho.” No decorrer desse período, cada vez mais perturbado, ele volta às suas primeiras alucinações, com explicações que não dera antes. Outras várias seqüências de ordem especular me permitem situar o que Lacan chama regressão tópica ao estádio do espelho. É a imagem do outro, isto é, a sua própria, que se espedaça, antes de cair, como veremos.

Assim, no curso do segundo tempo de análise de Pierre, tudo se passa como se a certeza que lhe serviu de sustentação durante muitos anos, não lhe traz agora um grande auxílio. Ele é alcançado por um movimento que o faz bascular do lado do delírio e da perseguição e que se conclui com este sonho: “Jogavam-me numa lixeira”. Não compareceu na sessão seguinte. Só o revi cinco meses depois.

Desse período, direi somente que começou por um mês de extrema agitação, que necessitou nova hospitalização, depois de uma intervenção policial, por ter atirado pela janela sua lata de lixo. Passou dois meses no hospital, depois um mês em casa, sem dar sinal de vida.

### *Báscula do gozo*

Quando volta a ver-me, é, diz ele, para uma confissão. Três meses antes da interrupção de sua análise, tinha cessado de tomar seus medicamentos. Ele indica ao mesmo tempo a razão dessa iniciativa: não suportava mais a limitação de sua sexualidade. O mais inaudito é que em seguida à sua saída do hospital, de novo ele parou o tratamento. Daí o seu retorno, inquieto justamente pelo que lhe possa ainda acontecer, para fazer sua confissão, dobrada de uma pergunta: deve ou não voltar a tomar seus medicamentos? Minha resposta é

imediate e afirmativa. Tanto mais facilmente eu podia dar essa resposta quanto sua pergunta era tributária de uma condição: que eu mesmo o recomendasse a um médico que pudesse ouvi-lo e cuidar de sua problemática sexual. O que fiz. Depois, declara-se encantado, com o médico e a prescrição. Quanto à sua análise, ele a prossegue, mas só tem um motivo de preocupação: mulher. Em toda sessão, ele conta seus esforços, aventuras e desventuras para achar uma mulher com quem possa viver. O aparecimento desse objeto novo na sua existência vem acompanhado de duas outras modificações; pelo lado sexual, ele se proibiu doravante, rigorosamente, a masturbação; do lado de sua escrita, desde sua saída do hospital, ele se empenha na redação de um poema de amor cortês, já comportando atualmente setecentos versos. Paralelamente, e pela primeira vez, começou a escrever um romance de ficção científica “porque, diz ele, isso me permite não dizer eu”. Tem intenção de relatar nessa história o que lhe aconteceu, e suas certezas sobre o futuro.

Para concluir, no ponto onde está sua análise, farei apenas algumas observações sobre o caso de Pierre:

1. Ele não vem à análise falar do que deseja, mas pelo viés de seu delírio, só se trata do seu gozo. Indico, entretanto, que ele evocou, uma vez só, o termo de desejo, recorrendo a um neologismo: *esdesejo*, para dizer, no terceiro tempo de sua análise, que ele agora deseja mulher, mas esse é um fora-de-desejo.

2. A paranóia, segundo a formulação de Lacan, “identifica o gozo em lugar do Outro, como tal”. Schreber tinha Deus por parceiro. Não é o caso de Pierre, que recebeu dos extraterrestres sinais que lhe bastam: o Outro lhe falou, e ele passou sua vida confirmando a mensagem assim enviada. Quando outros sinais vieram confirmar seu destino, ele encontrou também sua parte do gozo. O lugar de sua imortalidade é o espaço. Essa imortalidade não vai impedi-lo de morrer na Terra, mas será para viver em pleno gozo no além.

3. Schreber foi tratado por Deus como carcaça podre. Pierre se achou objeto resíduo. Esse fato está longe de ser excepcional nos psicóticos. Mas a especificidade desse caso reside em que, esse objeto, Pierre o atirou pela janela. Nesse ponto, abrem-se perguntas e hipóteses.

4. Por que ele próprio não se jogou pela janela? É provável que sua própria certeza, isto é, sua ancoragem no gozo, o protegeu disso. Agora, é preciso acentuar essa estabilização da metáfora deli-



rante. Com efeito, no lugar da significação fálica onde todo ser está suspenso, Pierre pôde se assegurar de uma nova significação, a de sua imortalidade.

5. Com efeito, a rejeição pela janela desse objeto resíduo ao qual ele se encontrou reduzido, objeto *a*, teve esse efeito de fazê-lo procurar uma mulher para gozar na Terra, porque, como ele diz, “em minha idade não tenho mais muito tempo de vida”.

Pode-se dizer que, nesse caso, há mudança na economia, e portanto no objeto do gozo? Não decidirei, primeiro porque é evidente que sua certeza delirante continua inabalável, que permanece o essencial de sua vida; em seguida, é preciso esperar a resposta que ele mesmo dará. Essa mulher que ele procura poderá suprir o Nome-do-Pai foracluso?

Uma última pergunta, que Pierre formula com pertinência: até onde esta análise vai conduzi-lo?

JOSEPH ATTIE

## O PROFETA DANADO

*Didier Crenniter*

A partir da observação de um paciente psicótico, tentaremos representar pelo menos duas vertentes do objeto *a*, graças à presença de duas pessoas de seu ambiente familiar que o colocam respectivamente em posição de objeto de gozo, para uma, e de objeto resíduo, para outra. O momento de báscula entre as duas posições é o resultado de um deslocamento do gozo que, inicialmente acumulado sobre a pessoa da amiga do paciente, vai, num segundo tempo, invadir o corpo do sujeito, ao cabo de um trabalho delirante que se havia iniciado após o falecimento do pai.

### *Dois personagens femininas*

Ao termo de um período místico que já dura dois anos, a família do paciente, profundamente inquieta com suas atitudes, verifica sua rejeição agressiva de seus próximos, e especialmente da mulher com quem ele vive há dez anos, e da qual agora quer separar-se, por razões obscuras. Nas semanas precedentes, ele viveu sucessivamente momentos de iluminação profética e outros de prostração, em que se sente abandonado pela fé, destituído. Finalmente, é num clima de aguda tensão que a mãe vem, diz ela, “depositá-lo por alguns dias, precisamente o tempo de uma ausência, para vir buscá-lo logo depois”, como um objeto deixado em depósito. Desde o primeiro contato travado entre a mãe, o paciente, e eu, aparece pois essa demanda crua e despojada, de tal modo maciça em seu imediatismo. A mãe ocupa o proscênio; tudo concorre, em seu discurso, para afastar o filho de uma posição de sujeito representado numa articulação simbó-

lica. Ele deve contentar-se em permanecer no horror de sua prostração atual. A inclinação sobre a qual se demarca o desejo dessa mãe quanto ao filho parece bem ser um efeito de estrutura, pois toda tentativa para abrir, engatar uma dimensão significativa, ainda que restituindo-o a sua história, provoca nela uma hostilidade feroz. Mais ainda, enunciando “é uma planta”, ela o imobiliza literalmente no real de seu patronímico, cuja primeira parte traz precisamente o nome de uma planta. Assim, não existe em suas declarações nenhuma figuração imaginária, nem sombra de dialética simbólica, mas antes um demasiado sentido identificando realmente o paciente com o significativo de seu patronímico. Assim, ele aparece como resíduo dessa relação com a mãe. Ela detém sobre ele um saber absoluto, que se exprime por uma verdade crua onde não mais existe margem entre saber e verdade.

Um último traço dessa personagem materna nos fornece uma indicação sobre seu desejo, que não parece barrado por uma falta sugerindo o lugar da metáfora paterna. Bem mais ele (o desejo) é preenchido por sua profissão em que ela se realiza plenamente, numa atividade mundana de que uma das mais significativas características é utilizar o corpo da mulher como objeto oferecido ao olhar dos outros, espécie de “força-para-mulher” tanto mais operante por ser o gozo aí suscitado pela imagem, embora não se diga isso.

Se pois esse paciente é para a mãe apenas objeto resíduo, uma segunda posição aparece através da relação que tem sido a sua com sua amiga. Essa segunda personagem feminina da história se impõe de outra maneira, em particular pelo empenho de domínio absoluto que a caracteriza. Nada escapa a seu olhar, que diz muito sobre sua determinação de não deixar a menor falha, a menor dilaceração, cortar seu desejo ou pôr em perigo o seu gozo. Em seu discurso, o movimento de enunciação não deixa transparecer nenhuma modulação afetiva, mas a expressão fria de um desejo sem limite, correlato ao gozo. Malgrado o clima de preocupação dramática a envolver nossos primeiros contatos, ela põe de imediato, na frente, o prazer sexual que durante anos caracterizou sua união, até a fusão num corpo só, o que não deixa de evocar a existência de uma relação sexual como sustentáculo desse laço. Esse paciente é sua única razão de ser, literalmente causa de seu desejo e, sobretudo, objeto de seu gozo.

Assim, essas duas mulheres vêm trazer a bandeira da demanda, aparentemente solidárias e aliadas à causa do paciente. Quanto a ele, deve dividir-se entre essas diferentes posições, como objeto de gozo para a amiga e objeto resíduo para a mãe.

### *Deslocalização do gozo*

A história clínica começou dez anos antes, por um acesso psicótico – de que os prontuários da hospitalização da época referem como “esquizofrenia paranóide com episódio delirante interpretativo, bargagens, despersonalização” – surgido após uma ligação afetiva, cuja evolução se prolongou vários meses, até o seu encontro com a atual amiga. Foi graças a ela, frisa ele, que sobreveio a cura. O período de união começou então e entre eles vai durar até essas últimas semanas. Exceto a subversão recente, eles vivem juntos essa ligação intensa numa aparente estabilidade.

A morte do pai, ocorrida há um ano, constitui um momento chave de sua história. Nosso sujeito surpreende então seus familiares por sua reação hiperadaptada, traduzindo-se por se encarregar de todas as providências e detalhes dos funerais, agindo verdadeiramente como pai de família responsável, como num “sentido exagerado” da função paterna. Esse despertar da função simbólica paterna iria efetivamente solicitar a presença do significante do Nome-do-Pai, num lugar em que ele não estava inscrito na estrutura. O período místico então encetado realiza uma profunda subversão, no decorrer da qual ele deve dar um sentido novo à sua vida, conformar-se a um ideal cujo modelo é a vida do Cristo. Essa transformação, que mobiliza todo o seu ser, segue-se a uma revelação. Ele consagra toda sua energia à leitura e comentário da Escritura Sagrada, que começa a fazer sentido para ele. Procura pregar e evangelizar, na rua e no ambiente de trabalho, ao qual continua comparecendo. No discurso que mantém sobre a religião, ele de algum modo é “fora-do-discurso”: faz figura de excluído, de marginal, recusando a prática do culto, e qualquer conversa sobre o comentário dos Evangelhos com outros homens de fé. Assim, nesse período, ele se torna sujeito delirante, empenhando-se de corpo inteiro nessa certeza absoluta sobre esse novo sentido a dar à sua vida, sustentado por essa iluminação profética que figura um retorno no real de significantes familiares (há vários eclesiais na família) que ficam foracluídos no simbólico.

Na lógica de seu delírio, aponta outro movimento bem essencial: deve, para se conformar ao ideal de pureza mística que fixou para si mesmo, “viver como eunuco”, tal é sua fala. Sem ir até o real da castração, institui uma espécie de construção da não-existência de relação sexual. É então um caminhar difícil, em que o propósito é, no decurso de cenas de grande violência, extirpar e apagar o prazer da carne que podia se exprimir precedentemente nas relações sexuais. Um enunciado, destacado do Evangelho de São

Mateus, lhe serve para formular o que ele sente: “Esse olho, arranca-o e joga-o longe de ti.” O olho representa sua amiga que o persegue, identificada por ele com uma feiticeira. Essa frase, isolando de maneira exemplar o objeto olhar, ilustra bem essa idéia de extração do objeto, enquanto instituição de um limite, ou de uma falta em relação ao saber absoluto de sua amiga sobre o gozo, colocando-a verdadeiramente na posição de grande Outro não barrado.

É então que ele vai se sentir abandonado pelo seu ideal místico: ele é um danado. Nos momentos anteriores à demanda de consulta, não encontra mais nenhum ponto comum com a família. Ele cospe nela, urrando: “cago em Deus, ponho no cu de Deus”. É pois no movimento em que ele se extrai dessa posição de objeto do gozo do Outro que sobrevém sua queda. O gozo parece se ter deslocizado, e, apesar dos esboços delirantes representativos de uma tentativa de situá-lo em Deus, ele finalmente invade o sujeito para precipitá-lo no que constitui sua queda atual. Há portanto uma ruptura em que o sujeito se realiza com hiância, falta-em-ser, no estado puro. Ele se sente banido, abandonado por suas demarcações místicas e, por isso, desvitalizado, desencarnado, como um puro resíduo. Despojado de sua carapaça imaginária, ele exprime esse ser penetrante sobre o real por essas palavras: “há dois meses morri, como uma chama apagada”. Nesse quadro, todo esboço de relação especular se desvanece, para não deixar senão uma sombra a custo perceptível, numa báscula do espelho onde só se reflete o resíduo da relação do sujeito ao Outro, para retomar uma das fórmulas em que Lacan indica o lugar do objeto *a*.

### *Báscula do objeto*

Isolemos esse momento de báscula que se opera quando ele tenta simbolizar a função paterna, momento crucial em que a morte do pai solicita o pai simbólico a um lugar em que ele não está inscrito na estrutura. Trata-se, como vimos, da passagem de uma posição onde o sujeito está relativamente estabilizado durante quase dez anos, a uma posição em que, conformando-se realmente ao discurso da mãe, ele se torna objeto *a*, resíduo puro, despojo esvaziado da imagem especular, “resto da relação do sujeito ao grande Outro e à cadeia significante”, diz Lacan.<sup>1</sup> Essa queda é o resultado de uma tentativa

<sup>1</sup> Seminário sobre a angústia, 1960, inédito.

de acesso à metáfora paterna, de que dá testemunho o trabalho delirante, com a certeza da revelação mística, a necessidade de ter vida de eunuco indicando o acionamento de uma construção transexual. A lógica de seu delfrio o obriga a extrair-se de sua posição inicial, instituindo um limite para o gozo do qual ele é o objeto para sua amiga. Mas, não dispondo da significação fálica para localizá-la, ele será invadido pelo gozo do corpo próprio no quadro da danação. Notemos que, enquanto dura a ligação com a amiga, ele está como protegido da destituição que aparece como desejo destruidor da mãe. E, quando rompe as cadeias de submissão ao gozo da amiga, ele está como diretamente confrontado ao desejo materno. É interessante verificar que ele pôde opor à amiga uma rejeição violenta, servindo-se dela para extrair-se dessa posição de objeto, embora preservando sua sujeição ao desejo da mãe, cego, face ao que poderia parecer como o insustentável da posição desta última.

A particularidade deste caso é, portanto, isolar dois lugares do objeto *a*. Mas essa construção bipolar deve ser graduada, pois nosso sujeito, se é essencialmente objeto de gozo para a amiga, ocupa, do mesmo lance, em sua submissão total, uma posição de resíduo. Igualmente, se constituímos nosso sujeito como objeto resíduo para a mãe, esta afirmação também precisa ser moderada. Parece especialmente difícil dividir o que pode se estabelecer como posição estrutural inicial, da complexidade inerente à instauração da relação transferencial, em que a angústia maciça dessa mãe pode ser dialetizada por um modo metonímico, e em que outras facetas da posição do filho apareceram para ela, mostrando a que ponto este funcionava também como causa de seu desejo.

Dois elementos podem ser agora indicados do trabalho efetuado em correlação com o estabelecimento da relação transferencial – de uma parte interpretar a violência inicial da mãe, que impedia qualquer abertura a um terceiro dessa relação imobilizada com o filho, descolando seu discurso do emplacamento caricatural, e introduzindo uma dialética que permite representar sua angústia maciça; uma dimensão de sujeito se instaurava, no mesmo lance, para o paciente; – de outra parte, me demarcar constantemente do lugar onde eu estava investido de um saber absoluto instituindo uma dimensão de falta que vem barrar as afirmações de domínio absoluto que a mãe me atribuía.

**A MULHER SOB TRANSFERÊNCIA**

*Esthela Solano Suarez*

Rosa vem me ver porque seu lar está em perigo. Demanda minha ajuda, pois não quer perder esse dom precioso do céu: uma vida de mulher sujeita ao ambiente familiar, mãe de um filho e esposa irrepreensível. Por essa razão, deseja “submeter-se ao procedimento analítico”, segundo sua própria expressão. Se seu casamento desabar, é, diz ela, por culpa do marido. Ele é, portanto, o verdadeiro doente, mas, como ele não se interroga a esse respeito, ela própria toma a iniciativa de ir ver uma psicanalista.

*O fenômeno no exterior*

Rosa me diz que sofre por não ser ingênua. Ela sabe. Que sabe então? Enumera uma longa série de fatos, onde os prós e os contras, arrumados por classe, estão cuidadosamente datados, e convergem para um ponto indubitável, sobre o qual Rosa é categórica: o marido a engana, ele tem o que ela denomina “um fenômeno no exterior”. Ela sabe.

Esse saber, e seu correlato de certeza, ela diz que o obteve pelo conhecimento que tem de seu companheiro. Só olhando para ele, ela pode saber o que ele pensa. Assim o menor dos gestos ou dos estados de alma do marido é transparente para ela.

Esse conhecimento mútuo sempre foi sua divisa, cultivada e amadurecida durante dez anos de amor e de comunhão. Oito anos de noivado foram coroados num casamento, que, união de sorte, cummulou os votos dos pais.

Há dois anos, diz ela, são um só corpo, um só coração. Sua

união perfeita está simbolizada no gesto quotidiano de beberem na mesma taça. Mas essa felicidade maravilhosa acabou. Ele não é mais o mesmo. O apaixonado sincero transformou-se num mentiroso perfeito, num “hipócrita do inferno”. Ele pretende fazê-la crer, comportando-se com ela antes, que não se passa nada. Ela sabe porém que não é assim.

Ela sabe. Mas todo o seu esforço consiste em não deixá-lo saber que ela sabe. Portanto, ele não sabe que ela sabe.

Rosa fala com o marido. Também, um dia, após ter evocado o que ela chama sua “política” a respeito do marido, ela me conta a seguinte passagem: Rosa, o marido e o bebê de seis meses estão na sala de descanso da casa. Por um motivo qualquer, Rosa sai da sala, e na volta, ouve o marido dizer ao bebê: “Olha aonde chegou o teu líder”. Essa frase tão enigmática, que Rosa atribui ao marido, a deixou logo perplexa. Daí, mais tarde ela conclui que, sem nenhuma dúvida, isso quer dizer que ele se propõe humilhar a esposa, porque isso atinge seu ser como um insulto. É preciso dizer que Rosa, em nenhum momento, teve a idéia de verificar sua interpretação por uma troca de palavras com o marido. Ela compreendeu, e preferiu calar.

Assim, a vida quotidiana de Rosa virou um verdadeiro inferno. Ela interpreta os comportamentos e os gestos mais anódinos do marido. Entretanto, não vai falar nada disso a ninguém, embora seu silêncio seja de vez em quando traído por um grito. Ela explode e grita: “Pare de fingir, ouviu?” Mas ela se domina imediatamente, e faz um grande esforço para esconder seu ódio, a fim de não contribuir para a ruína do casamento.

A hipocrisia do marido consiste, segundo Rosa, em que ele finge. O quê? Ele mascara suas intenções e finge mostrar-lhe que ela é a única para ele, e ela não cai nessa. É falso. Ela sabe, pois ele tem “o fenômeno no exterior”.

Este último se especifica primeiro num ponto exterior, fora de casa, um algures que escapa ao espaço fechado de seu gozo conjugal. A função do “fenômeno no exterior” é explicar as ausências do marido, pois se ele não está aí, junto dela – que ele esteja num lugar de trabalho torna-se contingente – é que tem seu fenômeno fora de casa. Assim Rosa encontra uma maneira de denominar o algures do desejo do Outro, nesse lugar primeiramente simbolizado pela operação de sua ausência.

O fenômeno no exterior é um ponto *extime*, que por um movimento centrífugo conduz o gozo de seus corpos, unificados numa só carne, em direção a esse exterior, além de sua intimidade. Rosa sabe



que esse gozo *extime* divide o Outro, pois, abandonado o corpo, instala-se uma deriva onde navegam perda e divisão.

Como esposa perfeita, sempre lhe concedeu tudo o que ele pedia no leito nupcial. Ora, a contabilidade minuciosa que ela estabelece das perdas e ganhos de seus orgasmos vem dar-lhe o indício da mentira do Outro. Ela sabe que ele mente porque, na cama, ele a toma como outra.

### *Um Pai*

Rosa possui um saber sobre a verdade, é nisso que é psicótica. Foi por causa desse sintoma que ela veio me ver, sintoma que se faz equivalente da estrutura.

Em que momento se produziu o desencadeamento da psicose?

Suas primeiras tentativas de reconstrução dos fatos fazem pensar que isso começou no primeiro mês de gravidez, quando encontrou os primeiros sinais do desacordo entre sua vida de casada e sua realidade.

Posteriormente, no decurso do tratamento, foi possível reconstruir a constelação significante no momento do desencadeamento de sua psicose. Com efeito, no decurso da gravidez, Rosa encontrou os meios de construir as primeiras interpretações delirantes, entretanto a catástrofe imaginária enquanto efeito da passagem para a psicose era prévia.

Mais tarde encontramos isto: no começo há um encontro. Rosa veio, acompanhada do marido, passar uma temporada em Paris: ambos querem ter seu diploma de estudos superiores. Ela apresenta um projeto de tese a um professor que lhe dá nota de não-aceitável, desqualificando o trabalho que Rosa lhe submeteu. Ela desaba. Abatida e perplexa, não consegue mais dormir de noite, desconjugada pelo que chama humilhação.

É o brutal despertar no real, o mundo de Rosa cai em ruínas, o sentido de sua vida se desvanece com seu correlato de perda de realidade. Ela fica sem recurso, e não encontra meios de fazer da resposta do professor uma pergunta articulada, pertinente ao Outro sobre o que ele quer dela. É o aniquilamento de toda possibilidade. A porta que acaba de se fechar diante dela envia Rosa para o lugar do impossível.

Qual é o lugar desse professor? A de Um Pai. Representante do saber universitário, ele vem em posição terceira na díade que Ro-

sa constitui com o marido. Encontramos, pois, a conjuntura dramática de todo início de psicose, evidenciada por Lacan.

Rosa certamente encontrou, em sua vida de estudante, outros professores. Por que então este, precisamente, vem operar com-essa eficácia como agente revelador?

Poder-se-ia dizer que ele lhe retirou o Um. Rosa sempre tinha sido a primeira, a melhor aluna de sua classe. É por esse traço que a identificação pela qual ela assumia o desejo do Outro encontrava satisfação. O Um Pai diz: não é verdade que exista uma que seja idêntica a tal elemento. Esse elemento portanto não é mais o significante que representa o sujeito por outro significante. O elemento não faz mais função de outra coisa, não permite mais o estabelecimento de uma equivalência a respeito de uma função.

Se o Um Pai nega o traço em que ela se apoiava, a identificação fundamental fica abalada por falta de garantia no Outro. O sujeito se vê brutalmente confrontado com esse “não há traço” que deixa a descoberto a falta de um significante no Outro, verdadeiro buraco do simbólico. A anulação do traço vem dar o impulso ao ponto Ideal, coordenada simbólica do eu. Este último fica doravante aberto ao infinito da metonímia por falta de escansão.

O esforço de Rosa na tarefa analisante consistirá na busca desse ponto de escansão para alfinetar uma significação em que ela possa encontrar a resposta ao que se presentifica para ela como enigma concernente ao desejo do Outro. As respostas que ela encontra para o *Che vuoi?* São interpretações delirantes.

### *R: A Mulher*

Assim, um dia ela me diz que achou uma das “chaves do enigma”. Encontrou a agenda onde haviam inscrito a data na qual deviam se conjugar sexualmente para conceber um filho – o que foi feito. Hoje o filho está com seis meses, e Rosa observa na agenda, aqui e ali, a inscrição de uma letra, R.

Esta letra é a inicial do nome da criança, mas essa coincidência não importa para Rosa. O que é fundamental é que essa letra quer dizer alguma coisa. De repente, ela diz ter compreendido tudo, porque R quer dizer relação sexual. Estão portanto anotados na agenda os dias em que houve relação do marido com A Mulher.

É nesse momento, e sob transferência, que Rosa nomeará A Mulher no lugar do que era antes o “fenômeno no exterior”. Ela

constrói a existência de A Mulher com a letra R da relação sexual. A Mulher torna possível a relação impossível, a partir de uma escrita.

Agora ela pode designar a razão do desejo do Outro: é A Mulher, perfeita, possuindo tudo o que falta intelectualmente a Rosa. Ela fala várias línguas, tem sucesso profissional – ela é sujeito suposto saber. Rosa não lhe tem ódio nem amor, é o marido que ama A Mulher, porque é a melhor.

Rosa constrói portanto a existência de A Mulher servindo-se do traço que lhe foi retirado.

Uma das características surpreendentes desse tratamento era a necessidade que esse A Mulher não cesse de se escrever, pois essa existência era pacificante para Rosa: ela vinha lhe significar que o marido não era todo para ela, e assim restituir os limites de seu universo.

Foi a partir do encontro de um segundo sujeito suposto saber, a analista, encontro que ela qualificou “tão eficaz quanto ter encontrado o próprio Deus”, que ela colocou A Mulher, a que não existe e pode ser dita, segundo Lacan, um dos nomes de Deus.

Nossa maneira de responder nesse tratamento desde logo consistiu em suspender as certezas sobre o tudo saber sobre uma verdade toda. Por isso, pelas pontuações e cortes operados no enunciado, fazemos limite, barreira, ao gozo e provocamos remanejamento da economia de seus ditos. Para Rosa doravante era possível construir um enunciado em que se articula que não se pode dizer tudo. E por aí ela articulou uma modalidade de argumento como sujeito vindo se inscrever como variável da função fálica.

Ela encontrou portanto o que se formula como: “nem todo  $x$  se inscreve em  $\Phi x$ ”. Por intermédio dessa escrita, uma equivalência se estabelece entre o exceto e o não-todo, equivalência só possível no caso em que lidamos com conjuntos finitos. Por essa via, é concebível a construção de A Mulher como existência que vem dizer não à castração, inscrevendo-se como exceção. Esse exceto faz limite e confirma o Todo do Universo do fantasma assim como uma aparência do Não-Todo, isto é, uma transformação do universal em particular pela aplicação da contradição.

Trata-se aí, claro, de uma construção lógica de suplência que está longe de ser uma verdadeira inscrição do Não-Todo onde o hetero mergulha suas raízes no que é falha da estrutura, pois que não há Outro do Outro. Essa falha, por ser falta, é uma falta que faz do Outro um deserto de gozo inaugurando a discórdia na relação ao sexo e consignando ao exílio, para o *parlêtre* (loquente), da relação sexual, o Outro sexo sendo atingido só por via do fantasma. O gozo

subtraído ao corpo não é senão a deriva fora-do-corpo, materializado pelo objeto  $a$  e aparelhado por uma função cujo significante é  $\Phi$ .

Essa deriva é vagância no psicótico para quem a irrupção de Um Pai que nega o traço ao qual se atava uma identificação faz surgir o vazio desse lugar, o “não há traço”, formulação inicial que se completa assim: “(Não há traço) que possa negar a função, colocá-la em suspenso”. Para o psicótico, o abalo de uma identificação que se suportava no traço unário vem no mesmo golpe revelar o nada da identificação primordial ao Pai. É o surgimento desse lugar vazio do  $\exists \times \Phi \times a$  que em lógica laciana permite supor que “tudo pode se dizer aqui”. É esse lugar vazio que empurra o sujeito psicótico para A Mulher, enquanto existência que viria fazer limite e trazer de novo o Todo para o Univeso no que A Mulher é um dos Nomes-do-Pai.

Chegada a esse ponto, Rosa resolveu retomar seu projeto de tese, que submeteu a outro professor. Encorajamos sua iniciativa. Nessa vocação universitária, ela pôs todo o seu entusiasmo. Fez a prova da reconstrução de seu ego em torno dessa tarefa. Rosa veio assim alajar-se no discurso universitário. Por isso, a posição do saber foi modificada passando do lugar da verdade à do agente. O significante mestre veio ocupar o lugar do saber, tornando possível a ilusão de um domínio da verdade. Quanto ao sujeito dividido, ele se presentificou como produto da operação.

Resta o quarto lugar, o do objeto  $a$  no trabalho, onde permanece provavelmente a analista para essa analisanda.

O marido tendo decidido voltar a seu país de origem, Rosa resolveu acompanhá-lo. Passava um ano desde nosso primeiro encontro. Sei por uma carta sua que ela ocupa uma função muito importante tanto na Universidade como na administração, e que ela se dedica ao filho e ao lar, o que a obriga a trabalhar sem descanso. Ela se diz satisfeita de sua situação, e resignada a viver com um homem que lhe é estranho, persuadida de que A Mulher está em Paris. Ela ignora que está exposta ao acaso de um novo encontro.

ESTHELA SOLANO SUAREZ

## CONSTRUÇÃO DE UM FANTASMA NO TRATAMENTO DE UM PSICÓTICO

*Marie-Laure Susini*

Esse jovem paciente psicótico havia construído um delírio dos masturbadores de um tipo algo especial. Em torno do tema da masturbação, forjara um automatismo mental: “botaram um vibrador na minha cabeça”. O vibrador era alguém, ou uma máquina de masturbar, que os psiquiatras lhe tinham colocado na cabeça, e que o obrigava a masturbar-se automaticamente.

Por outro lado, estava ameaçado de morte, porque “a masturbação estraga a saúde”, e ele exigia, para não morrer, a ablação de seu sexo. Resumirei pesadamente a primeira parte do trabalho: ao Outro perseguidor, lugar do gozo, psiquiatra que gozava com a masturbação imposta, o silêncio e as perguntas do analista tiveram por efeito substituir progressivamente um Outro do saber e lugar dos significantes, o dos dicionários. Esse paciente, à medida que recriava sua história familiar, foi buscar nas enciclopédias médicas os significantes com os quais construiu para si uma tentativa de metáfora:

“Meu pai é uma necrose”

“Sou lésbico”

Esses dois enunciados tendem muito precisamente a se substituírem à falta do significante do Nome-do-Pai e à impossibilidade que se lhe segue de inscrever-se na função fálica. “Meu pai é uma necrose”, “sou lésbico” são tentativas de metáfora bem-sucedida, trabalho de simbolização, tornando inútil a metáfora delirante que procede de uma cascata de remanejamentos imaginários.

O significante necrose, se bem que tirado das enciclopédias de medicina,<sup>1</sup> reúne em criação feliz as significações de um pai mortífe-

<sup>1</sup> Necrose: alteração de um tecido consecutiva à morte de suas células, o paciente associando-a ao câncer, necrose cancerosa.

ro e de um pai morto. Concebe-se então que disso se tenha seguido o desaparecimento do delírio, primeiro, depois das idéias de morte, pois não se situando nem sob o significante homem nem sob o significante mulher, ele considerava suicidar-se. Poderíamos resumir esta primeira parte do tratamento como sendo aquela em que o analista, esforçando-se de rebaixá-las sobre o grande Outro não barrado que ele pode encarnar, permite e encoraja as associações livres que desembocam sobre criações significantes e uma coleta de significações.

Dessa coleta, vai entretanto surgir, muito mais tarde, do lugar da Outra cena, algo do fora-de-sentido, num sonho, o sonho do lince, ele está no quarto, um leão e um lince tentam entrar pela janela e conseguem. Ele empurra a porta e pede ao pai que o ajude. O pai está atrás dele, imóvel – impotente. Sobre esse sonho, poucas associações: o leão é o pai, nascido no signo de Leão; o lince, ele não sabe, nem sabe o que é um lince, não sabe nem com que isso parece, nada pode dizer.

Se esse sonho põe em cena os três significantes do Nome-do-Pai, o não-senso irredutível do lince, de que o sujeito permanece atrapalhado, vai se acentuar mais ainda, até a sessão seguinte. Tendo procurado durante dois dias o que poderia ser um lince, ele me diz: “achei, não é um lince, mas um finge”.

O analista não pode fazer de outro modo: acrescenta o “s” que para ele faz significações com sfinx, esfinge. Mas essa esfinge continua para ele fora-de-sentido. Do lado do paciente, um significante S<sub>1</sub> fora-de-sentido, um dos significantes do Nome-do-Pai, vindo do lugar do Outro, permanece enigma. Para o analista, a esfinge duplica, em sua própria significação, a figura do pesadelo, a figura do enigma,<sup>2</sup> a questão da pergunta... feita a Édipo.

Outro sonho vai pôr em cena o paciente trepado num telhado para escapar dos loucos que o cercam, e o analista ajudando-o a decifrar um plano ou mapa ao mesmo tempo em que o pega pela mão. Uma etapa ulterior da produção onírica vai mostrar mais precisamente a presença real do analista. Voltaremos ao assunto.

### *Cicatriz*

Paralelamente, e pela primeira vez em sua vida, apaixonou-se por uma mulher jovem que tem a particularidade de estar recoberta de

<sup>2</sup> Jacques Lacan, *L'Angoisse*, seminário inédito, 1962-1963.

cicatrizes. Essa mulher, como testemunham diversos sonhos, representa seu *eu* ideal *i(a)*: para grande surpresa sua, ele sonha que está com brincos, como ela, e as roupas de couro que ela desejaria ter, como aliás sua analista, que bem poderia usar brincos ou roupas de couro. Ela é a mulher que ele desejaria ser. Suas cicatrizes o remetem à sua própria cicatriz abdominal, consecutiva à ablação do baço, intervenção correlativa ao desencadeamento da sua psicose, que o tinha levado a ~~pedir~~ a ablação do seu sexo. Essa cicatriz é a marca de lhe terem tirado alguma coisa.

Tinham-lhe retirado o baço, que ele pensava ser um carburador necessário à sexualidade, e colocado uma “máquina de vibrar”. Quando se masturbava, ele era apenas o instrumento e o lugar do gozo do Outro. Ele pedia ablação do sexo, ao mesmo tempo para fazer barragem ao gozo e para rematar a realização da imagem ideal fálica, a da Mulher, aquela que não tem mais o falo para sê-lo. É essa mesma que é realizada pela mulher da qual está enamorado. A cicatriz é a marca de alguma coisa retirada, ou colocada, portanto alguma coisa a mais. Essa mulher é objeto do desejo, pela primeira vez em sua vida, ele quer tocar uma mulher, beijá-la. Enquanto *i(a)*, ela veste um objeto *a*, causa do desejo.

A analista igualmente. (O segundo efeito da identificação ao eu ideal sendo agora a identificação bem nítida com a função de dar atendimento.)

A presença real da analista aparece primeiro no desejo de acertar seus problemas sexuais, e, nessa necessidade, de ir ver uma psico-prostituída, lapso logo esquecido.

Um sonho vai nos esclarecer mais precisamente: “sonhei que a senhora tinha sido violada, a senhora dava à luz um transexual; a senhora se suicidava; eu chorava”.

Esse sonho, não acompanhado de nenhuma associação, emerge num período em que era considerada a separação da analista, por motivo da partida desse paciente da instituição onde até então tinha sido conduzida a análise. Vamos nos permitir, no ao-depois, nos determos aí. Esse paciente se lembra de, bem pequeno, ter procurado com um bastão crianças no ventre da irmã. Isso fazia sangrar. Recordação remanejada, *écran*? No ventre da mulher, há crianças. Transexuais. No ventre da mulher está o objeto causa do desejo, o objeto *a*, que encarnaria o transexual? A lembrança *écran* evoca efetivamente a passagem ao ato perverso que realiza a busca do objeto *a* fetiche até no interior do ventre (cf. Jack o Estripador e análogos).

## Prótese

Continuemos porém, no ao-depois, a nos esclarecer a propósito desse sonho, com outro sonho, trazido bem mais tarde: uma mãe põe uma prótese sexual. Ele tenta impedir Beatriz (a moça de quem ele está enamorado) de vê-la. Ele acorda. Está angustiado.

Das associações e do longo trabalho que seguiram, vamos extrair o essencial, o que ele chama seu lesbianismo. Ser uma mulher que tem uma prótese para ter relações com outra mulher? Ou ser uma mulher e ter relações com uma mulher com prótese? A prótese será para ele ou para Beatriz? Adolescente, ele se masturbava diante do espelho, vestido com roupas da irmã.

A angústia assinala o aparecimento do objeto *a*, causa do desejo. O objeto *a* é a prótese sexual, o que ele indica, “é o aparelho urogenital masculino”, e também o que metem as lésbicas para terem relações com as homossexuais. Do sexo da mulher, ele afirma: “isso não me repugna muito, mas...” e seus sonhos marcam o horror e o nojo diante do sexo sangrante, aliás recoberto com um enxerto, uma cicatriz ou uma bolsinha. É enquanto portadora de uma cicatriz que uma mulher é causa de desejo, mas a cicatriz mesma é insuficiente: “Se ela me pedisse para ter relações sexuais, será que eu poderia?” Só enquanto mulher ele pode considerar ter relações sexuais, enquanto mulher portadora do objeto, ou com um indivíduo, homem ou mulher pouco importa, portador do objeto. Beatriz ou ele podem portar a prótese ou ter relações com a mãe portadora de prótese: para quem a prótese, Beatriz ou ele? Beatriz ou ele, é o transexual, *i(a)* enquanto é ele o suporte de uma prótese. É o que ele realiza quando se masturba diante do espelho, vestido de mulher. Ele é então o transexual que goza da prótese e da imagem feminina que veste.

O objeto causa do desejo para a mãe é esse objeto-prótese, enquanto vem aí tampar o que lhe poderia faltar. E, justamente o que falta à mãe, é uma perna – uma prótese metálica veio substituí-la de modo muito evidente. O que poderia faltar à mãe é um falo: depois que lhe retiraram o útero, o pai não quer mais ter relações com ela, e ela perguntou ao irmão do paciente, “por que você não faz isso comigo?” É a prótese que vem tapar o que poderia faltar-lhe, a prótese-filho. Prótese da mãe, ele é o transexual, o que realiza o falo enquanto ele é, e não tem, o falo. Ele se dedica a realizar o falo da mãe, pois o significante do Nome-do-Pai faltou, na substituição (re-encontramos aí o sonho do lince).

O objeto causa do desejo é esse objeto-filho que ele vai procurar no ventre da irmã, esse falo – objetizado – em prótese que arma a



mãe. Que quer a mãe? Uma prótese-falo-filho: o que realiza o transexual, aquele mesmo que está no ventre da analista. A analista tomou nele, à maneira de um corpo estranho, um  $i(a)$  transexual, que veste o objeto  $a$ , a prótese.

Esse  $i(a)$  é o objeto  $a$ ,<sup>3</sup> mas que lhe é totalmente estranho, enquanto está em lugar do Outro.

O fantasma seria: sou a prótese do Outro. (Concebe-se então a masturbação imposta.)

O manejo da relação transferencial conduz o sujeito psicótico, em consequência mesmo do fantasma, a interiorizar esse objeto  $a$  estrangeiro, tomado no corpo de  $i(a)$ , a tomar nele, à maneira de um corpo estranho, uma incorporação de que ele é o paciente.<sup>4</sup> Para o neurótico,  $a$  não poderá aparecer senão como fingimento.

### Separação

Em seguimento do sonho da prótese, esse paciente vai considerar o pagamento de suas sessões. Talvez seja o esboço de que o Outro não se basta com a prótese que dele faz um Outro não barrado. Até então, com efeito, ele adiava a liquidação do saldo, porque os analistas se aproveitam dos pacientes que precisam deles. Se o analista, com efeito, tendo incorporado o objeto  $a$ , é levado a encarnar a prótese do sujeito (aquele de quem ele precisa, que o pega pela mão, que não o deixa cair do telhado), por que, sendo ele a prótese do Outro, iria pagar as sessões? Ele que até então, tendo relatado os sonhos, indagava: “que é que a senhora vê nesses sonhos?”, dirá desta vez: “talvez eu não queira ver tudo, talvez haja alguma coisa que não quero ver”.

Voltemos rapidamente ao desencadeamento da descompensação delirante. Em seguida à descoberta de uma anemia hemolítica, uma injunção médica – “é preciso proceder à retirada do baço” (ou morrer) – tinha sido retomada pelo sujeito como “é preciso proceder à ablação de meu sexo” (ou morrer) dirigida ao médico que dele estava tratando. O paciente atirou contra o médico, pensando em matar-se depois. A passagem ao ato, o abandono do objeto  $a$  para advir um sujeito, numa tentativa de separação, realiza-se agora a partir do

<sup>3</sup> Jacques Lacan, *l'Angoisse*, sessão de 28 de novembro de 1962.

<sup>4</sup> Jacques Lacan, *l'Angoisse*, sessão de 30 de janeiro de 1963.

enunciado: “é preciso proceder à ablação do meu sexo ou morrer”. É preciso abandonar o objeto *a*, prótese, imaginarizado por “aparelho urogenital masculino”, que não é senão o objeto *a* em lugar do Outro, separar-se dele para existir, exigência dirigida ao Outro, ao médico-assistente, injunção e retorno no real do que não foi simbolizado pela Lei da palavra. Diante da não-resposta do Outro, surge a necessidade de matá-lo, ou de matar o sujeito. Na mesma tentativa de separação, abandonar o objeto *a* equivale então a abandonar ao mesmo tempo o Outro ou o sujeito, ou os dois.

Isso pode inspirar algumas inquietações quanto às conseqüências da transferência. Aliás, foi após efração que no sonho o transexual tinha dado à luz, e depois do suicídio da analista que se efetua uma separação.

Diremos simplesmente das conseqüências do tratamento que o paciente sonha que a analista, tendo ficado velha, não se interessava mais por seus problemas.

Tentamos salientar que um trabalho, antes centrado sobre a função paterna, conduz, não durante a manutenção da situação analítica, mas no processo da transferência, à reconstrução do fantasma à qual o analista empresta não a permanência de um círculo ambiente habitual, mas sua presença. A articulação do fantasma deixa à analista o encargo do objeto *a*, fardo do qual se concebe que ele tenha podido deslizar num imaginário materno e reparador.

MARIE-LAURE SUSINI

**“NUNCA SE PENSA EM TUDO”**

*Alain Grosrichard*

Vocês conhecem essa carta, escrita em 1936 a Romain Rolland, em que Freud relata e analisa o estranho “distúrbio de memória” (*Erinnerungsstörung*) que o acometeu, trinta anos antes, na Acrópole de Atenas.

No livro VI de suas *Confissões*, redigida em 1767, Jean-Jacques Rousseau conta ter sido acometido de um distúrbio bastante comparável, trinta anos antes, por ocasião de uma viagem que o conduziu não à Acrópole de Atenas, mas diante de Pont-du-Gard, monumento romano situado do lado de Nîmes, no Sul da França, e ainda hoje perfeitamente conservado.

É desse distúrbio que pretendo falar a vocês. Com efeito, acredito que ele merece o interesse de clínicos lacanianos, atentos, como tais, a tudo o que – sonho, lapso, ato falho, sintoma – revela a determinação do sujeito pelo significante.

Jean-Jacques (chamo assim o sujeito do enunciado, para distingui-lo do sujeito da enunciação, confundidos, no discurso das *Confissões*, em um mesmo *eu*), repito, Jean-Jacques, pois, tem então vinte e cinco anos de idade. Há mais de dez anos, vive com uma mulher à qual é profundamente ligado: essa Mme. de Warens que o chama de “Petit” e que ele chama de “Mamãe”. Uma verdadeira mãe, se bem que incestuosa. Mas, na cama para onde ela acabou por arrastá-lo contra a vontade dele, ele não encontrou gozo. À função de amante, que ele se sente incapaz de sustentar, ele prefere a de filho, até o de criança de peito.

“Petit”, assim ela o chama, jamais teria deixado “Mamãe” se não tivesse caído doente, brutalmente, em plena beatitude, com uma estranha doença, sobre a qual não lhes direi nada – senão que se

manifestou pelo desencadeamento de um violento ruído interior, uma espécie de *batimento* infernal, cuja significação enigmática o deixa angustiado. Até o momento em que, após se ter mergulhado em livros de medicina, ele encontra o meio de reduzir essa voz interior a um sintoma desprovido de sentido, puro efeito de uma causa somática que ele diagnostica como "pólipo no coração", produzindo assim, sem o saber, uma esplêndida metáfora do mal de que em verdade sofre, abafado como ele é pelo adorável polvo que chama de Mamãe.

Ora, esse "pólipo no coração" cura-se, vem ele a saber, em Montpellier. Decide portanto ir lá, arrancando-se por uns momentos de Mamãe, para lhe voltar curado; deixa Chambéry, onde mora com ela. A viagem é bastante demorada. Suficientemente, em todo caso, para que ele encontre, na diligência que o leva, uma certa Mme. de Larnage – uma mulher entre cujos braços ele vai conhecer, pela primeira e única vez de sua vida, um verdadeiro gozo de homem.

Para dizer a verdade, Jean-Jacques o teria descoberto, esse gozo de homem, se ele não se tivesse tomado, e feito passar, por outro? Se não se tivesse, como confessa o narrador, apresentado a essa dama sob o falso nome e a máscara de um aventureiro inglês, saído diretamente de um romance de Hamilton?

A verdade é que "orgulhoso de ser homem e de parecê-lo", louco de amor e de desejo, ele esquece assim "pólipo" e "Mamãe". Encontrou, enfim, seu objeto. Infelizmente, Mme. de Larnage não vai até Montpellier. Jean-Jacques tem de separar-se dela, numa bifurcação da estrada real que percorreram juntos algumas horas. Não sem se prometer, e prometer-lhe, juntar-se de novo a ela o mais depressa possível, uma vez terminado o tratamento.

Bem, as coisas vão se passar de maneira muito diferente. Por quê?

Do lado de Nîmes, a estrada de Montpellier passa próximo de Pont-du-Gard. A visita merece um desvio, sobretudo para Jean-Jacques, que já na infância se identificara com os viris heróis da Antiguidade, ao ler Plutarco com o pai – esse outro herói.

Chegado diante da famosa Pont, ele ficou pasmo de surpresa: "Desta vez o objeto excedeu minha expectativa, e foi a única vez em minha vida. Não cabia senão aos romanos produzir tal efeito."

Em suma, em presença desse *real*, ele nem acredita nos olhos, como Freud na Acrópole. Logo esse assombro se transforma em intimidação mesclada de angústia, que o contém, não lhe permitindo pisar essa encarnação petrificada de seu Ideal de menino. Por fim,

convocando sua coragem, ele ousa aventurar-se, e caminha: “A ressonância de meus passos sob essas imensas abóbadas fazia-me crer que eu ouvia a forte voz dos que as haviam edificado.”

E que lhe significam elas, essas vozes de além-túmulo, de repente despertadas pelo martelamento de seus passos, e cujo fragor em seus ouvidos faz eco ao do seu “pólipo no coração?” Isto: que ele não é nada, ele que julgava ter se tornado homem digno desse nome. Que ele é apenas um herói de fancaria: “E eu me dizia, suspirando: porque não nasci romano!”

Eis porém o mais estranho: terminada a visita, “voltei distraído, perdido em devaneios, e essa divagação não foi favorável a Mme. de Larnge. Bem tivera ela o cuidado de prevenir-me sobre as moças de Montpellier, mas não sobre Pont-du-Gard. Nunca se pensa em tudo”.

Como, com efeito, a amante, que acabava de conhecer a virilidade desse Don Juan, poderia ter previsto que, longe de se atirar em outras conquistas, ele voltaria a ser menino pequeno, sem outro desejo (a continuação do texto prova isso) senão voltar aos braços de sua “Mamãe”, o único objeto que ele não poderia largar?

E tudo isso – tal regressão seguida de um tal retorno – por causa de uma ponte romana. Ou, mais exatamente, por causa de um *aqueduto*. Pois, o texto é bem preciso, como se o autor das *Confissões* só agora tivesse reparado: “essa suposta ponte não é senão um aqueduto”.

Ponte ou aqueduto, que importância tem? Vocês dirão, é quase a mesma coisa. Ora, o enigmático efeito da coisa se esclarece, justamente, quando se nota esse ínfimo deslizamento sinonímico, essa substituição de um significante por outro. Pois vou mostrar-lhes que, por pouco que esteja atento o nosso ouvido, esse “aqueduto”, esse significante *aqueduto* nos permite uma ponte para a narração de outra recordação referida no livro I onde lhes proponho ir procurar a chave de nosso enigma.

Desta vez o caso é uma recordação de infância. Essa recordação remonta à época paradisíaca em que Jean-Jacques, entre dez e doze anos de idade, viveu em Bossey, não longe de Genebra, na casa do pastor Lambercier e sua irmã, que lhe fizeram as vezes de pai e mãe. Foi, lembro-lhes, essa mesma Srta. Lambercier que, usurpando uma função normalmente reservada ao irmão, administrou um dia ao menino as deliciosas palmadas nas nádegas que vocês sabem.

Mas, ao lado desse bem conhecido episódio, as páginas consagradas a Bossey contêm a narrativa de outras recordações, aparen-

temente sem importância. Bem sei, declara o narrador para justificar-se de af se demorar, que o leitor pouca necessidade tem de saber tudo isso; mas tenho necessidade em dizer-lhe: "Quisera eu ter a ousadia de narrar-lhe do mesmo modo todos os pequenos casos dessa idade feliz, que ainda me fazem vibrar de contente, quando me vêm à lembrança..."

Há um em particular, que ele implora ao leitor que o deixe contar devagar, para o prazer dele, narrador: claro, reconhece ele antes de dar a si mesmo esse prazer, se eu não procurasse senão o prazer do leitor eu poderia escolher outra história. Por exemplo, "a do traseiro da Srta. Lambercier, que por uma desastrada cambalhota numa valeta foi ostentado em cheio diante do rei da Sardenha", que passava por ali. E, na mesma hora, "diante de meus próprios olhos de menino". Muito engraçado, podem dizer. Será mesmo? Pois, quanto a mim, "confesso que não achei graça nenhuma nesse acidente, se bem que cômico por si mesmo, alarmado como fiquei, por uma pessoa que eu amava como mãe, talvez mais até".

Mas essa história tão divertida para você, leitor, e tão desagradável para mim, não quero saber dela, e não a repetirei, declara o autor das *Confissões*, numa flagrante preterição, já que ele a conta assim mesmo em três linhas...

E se apressa em passar à outra história, aquela que lhe dá prazer, anunciando-a como uma "horrível tragédia", com um humor talvez insistente demais, para não despertar nossa atenção.

Essa história, ei-la, resumida em poucas palavras: o Sr. Lambercier decide um dia plantar, no gramado diante da casa, uma noqueira. A plantação dessa noqueira, já bem desenvolvida, se fez com solenidade que impressiona fortemente Jean-Jacques. A tal ponto que decide, ele também, plantar sua árvore.

Vai então cortar um rebento de salgueiro, e o põe na terra não longe da noqueira, em nível um pouco inferior. Sem nada falar ao Sr. Lambercier. Mas o problema é achar um jeito discreto para regar esse arbusto, para criar raízes e crescer. Que fazer? Jean-Jacques, ajudado pelo priminho, descobre afinal a solução: é desviar sub-repticiamente a água que o Sr. Lambercier fornece todos os dias à sua grande noqueira, graças a uma canaleta disfarçada por tábuas e erva, e conduzir assim a água até o rebento. Em suma, construir um pequeno aqueduto. Isso é demorado e custoso, pois o pequeno arquiteto deve trabalhar sem ser visto. E um dia, no momento em que o Sr. Lambercier procede à cerimônia da rega de sua noqueira, Jean-Jacques tem a alegria de ver a água desaparecer aqui, para reaparecer lá, ao pé de seu rebento.

Mas, catástrofe! O Sr. Lambercier descobre o estratagema, que

significa a morte a breve prazo de sua majestosa noqueira, sacrificada pelo ridículo rebento desse atrevido Jean-Jacques! É terrível, violenta, sua cólera: ele arranca o rebento, despedaça o aqueduto. Sem que durante essa expedição terrível fosse outra palavra pronunciada senão a exclamação que ele repetia sem cessar: “*Um aqueduto!*”, gritava, “*um aqueduto, um aqueduto!*”

De fato, a tragédia termina bem; passada sua cólera, o pai Lambercier age como se tivesse esquecido tudo. Jean-Jacques, devidamente autorizado dessa vez, planta em outro lugar outra árvore. Mas não esqueceu a primeira. E se esse arbusto, ao qual ele se apegara mais que à vida, diz o autor das *Confissões*, como se falasse da parte mais preciosa de seu corpo – se esse arbusto desapareceu, sua imagem não fica menos presente em sua cabeça, associada à palavra *aqueduto*, beirada pelo pai encolerizado, mas que o menino agora retoma com ênfase: “*Um aqueduto, um aqueduto!*, repete para si mesmo. Até então eu tivera acessos de orgulho por intervalos, quando eu era Aristides ou Bruto. Esse foi meu primeiro movimento de vaidade bem marcante. Ter podido construir um aqueduto com minhas mãos, ter colocado um rebento em concorrência com uma árvore grande me parecia o supremo degrau da glória.”

*Um aqueduto, um aqueduto!* O que o menino repete assim para si mesmo é o significante comemorativo de uma derrota transformada em vitória, de uma perda real transformada em ganho simbólico. O acesso, além do afrontamento parricida (ele soube ser Bruto atacando César), a uma virilidade romana, que o eleva à altura dos heróis de Plutarco.

Rebento mal enraizado, e substituído por outro com a bênção de um pai magnânimo, aqueduto transformado em significante: inútil, penso, traduzir para vocês a alegria quase mítica, a meu ver, dessa história, em que se diz em linguagem de jardinagem o que o pequeno Hans formulará em termos de encanado~~r~~ para explicar os avatares de seu “faz-pipi”. Assinalo simplesmente que – confissão mesmo de Rousseau – o prazer que ele em toda a sua vida sente ao estar sozinho, em bosques, deriva em grande parte de poder aí satisfazer sem vexame as urgências urinárias sempre prementes, e regar assim as árvores em sua volta.

Mas o que eu pretendia fazer vocês notarem é que a história de noqueira no gramado em que, manifestamente, o autor das *Confissões* se dá um prazer, satisfaz seu desejo, parece ter sido demoradamente narrada, só para desfazer o efeito desagradável da história precedente, a do traseiro da Srta. Lambercier.

Ora, essas duas histórias de desigual comprimento e aparentemente sem conexão, vocês compreenderam que tomam sentido, de repente, uma vez colocadas uma junto da outra. Como dois sonhos – um bem curto, o outro bem comprido – que se sucedem na mesma noite, ou duas partes desiguais do mesmo sonho. Freud nos ensina que é preciso interpretá-los conjuntamente, e tomar tento, pois frequentemente o que se manifesta como mais importante parece tal, por causa de um *deslocamento* de afeto. O que nos autorizaria a concluir que a “horrível tragédia” da qual fala, com talvez demasiada insistência o autor das *Confissões* ao apresentar a sua *segunda* história, já se desenrolou na *primeira* sobre a qual ele teve pressa de jogar um véu, despachando-a em três linhas.

Essa tragédia que faz estremecer qualquer criança resume-se assim: ninguém tem acesso à posição de homem sem afrontar um pai castrador (tema da segunda história), mas essa castração que faz o homem não é adquirida, estruturante, senão quando reconhecida a da mãe, ou da mulher que lhe faz as vezes. Reconhecimento doloroso, com maior razão quando, como a Srta. Lambercier a chicoteadora, essa mulher investida das prerrogativas de um homem ostenta em cheio sua nudez alarmante diante dos olhos de um menino de dez anos, que, o narrador mesmo confessa, ignora tudo ainda sobre o fundamento da diferença dos sexos, e nunca saberá nada disso – no sentido da *Verwerfung*.

Ora, tudo indica – e até o conteúdo do delírio paranóico onde em breve ele irá se abismar – que, assim como Jean-Jacques, o autor das *Confissões* não atingiu senão na aparência essa posição viril da qual o pequeno êmulo de Bruto se vangloria imprudentemente em Bossey. Romano, ele será. Mas como se desempenha um papel no teatro. Imaginariamente. E é esse papel viril, tomado dessa vez ao repertório romanesco, que ele vai desempenhar algumas horas, junto de Mme. Larnage. Entre seus braços, ele não goza como homem, goza por ver-se, pelos olhos dela, portanto em posição feminina, gozar como homem: “Eu estava bastante consciente para contemplar, com tanta vaidade quanto volúpia, meu triunfo daí tirando com que duplicá-lo.”

Vitória não à moda de Bruto, mas de Pirro. É em vão que ao possuir Mme. de Larnage ele tenha a ilusão de ter criado raízes o seu rebento, alimentadas por um aqueduto à prova do tempo: Pont-du-Gard o aguarda, na virada da estrada real na qual ele acreditou estar definitivamente encaminhado, com o fragor das vozes romanas, que duplicando do exterior o seu ruído interior, lhe tornam sua significação angustiante, e voltam a seus ouvidos como a brutal evoca-



ção da terrível voz do Sr. Lambercier gritando, ao arrancar o rebento: “*Um aqueduto, um aqueduto!*”

Um aqueduto decididamente frágil, e que voa em estilhaços quando seu suposto detentor ousa compará-lo ao monumento sublime (coisa sólida, esse vestígio, prova de serem homens autênticos os que o construíram) – e repara no verdadeiro nome “dessa suposta ponte”.

Em verdade, é o autor das *Confissões*, contando trinta anos depois a visita, que repara nisso. Ou, antes, é sua pena obediente às sugestões do saber inconsciente, que repara, por ele: porque “nunca se repara em tudo” mesmo, e sobretudo, quando se é tido, como ele, como soberano mestre da língua, e quando se compromete, nessa língua, a dizer a verdade, toda a verdade.

Essa verdade, a sua, que necessariamente ele perde enquanto pretende escrevê-la toda, é a nós, leitores, que compete evidenciar a sua irredutível singularidade.

Sem querer compreender depressa demais. Prestando atenção aos significantes, mais que ao sentido. Ao real da escrita mais que ao imaginário que ela evoca. Às articulações do discurso, mais que às suas referências. Em suma, praticando com o texto o que ousarei denominar uma clínica da letra.

ALAIN GROSRIEARD

## O HOMEM DA CANETA BIC

*Paul Lemoine*

Há cerca de duas décadas, um homem de vinte e oito anos veio procurar-me porque desejava livrar-se de um sintoma incômodo: não conseguia fazer amor se não desenhasse no peito da mulher uns traços com uma caneta Bic. Esses traços, ele os chamava de tatuagens. Não eram desenhos realmente, mas traços quaisquer. Por esse meio, a ereção que sumia assim que ele a penetrava podia se manter. Essas “tatuagens” tinham valor de fetiche.

Se ele desejava se libertar de seu sintoma, era em grande parte por causa das reações da mulher que não cedia sem mal-estar a essas práticas extravagantes, e que temia que elas pudessem atingi-la profundamente.

“Faz meia hora, decidimos nos separar”, começou o paciente no momento da primeira consulta. A esposa o acompanhava. A separação realiza-se só alguns anos depois.

### *Carimbos e carrinhos elétricos*

Bem depressa fica claro que essa necessidade de tatuagem tem sua origem numa fala da mãe. “Se eu perdesse um de meus filhos na multidão eu o reconheceria pelo sinal no braço”. Isso se referia ao mais velho e ao caçula, porque o paciente, ele, estava desprovido de sinal (na pele). Todos os quatro estavam então numa feira, e ele se tinha visto perdido entre os carrinhos elétricos que se entrecrocavam.

A primeira vez que ele aplicou “tatuagens” no corpo, estava sentado junto de uma escrivaniha onde tinha diante de si, jovem

colegial então, um carimbo da fábrica do pai. Ele o aplica no peito e nas coxas (zona de seu corpo mais erógena que o braço) e vai ao pátio, e aí se mete a subir numa árvore, como Tarzan. Temia, e desejava, ser visto pelos operários do pai. Depois volta para a sala e masturba-se. Não cessará essa prática. Em outro dia, adulto, ele se aplicou no escritório um carimbo de um chefe que lhe fazia medo e que tem a inscrição: “Para classificar”, depois vai ao banheiro e masturba-se. Pode-se perguntar se não se tratava, para ele, considerando sua sensibilidade aos deslizamentos significantes, de se preservar dos carrinhos elétricos de sua infância.

Ele gozava não só dos carimbos cinzentos, mas coloria também seu corpo com pintura a óleo e aí traçava também desenhos. Um dos operários do pai, tatuado desde o serviço militar, tinha com ele uma relação particular: iam urinar juntos num muro da fábrica. Era uma maneira, pensava, de se virilizar, e conservou dessas práticas um forte erotismo uretral. Essas voltarão quando, tendo percebido operários tatuados, nosso paciente, já adulto, vai urinar num mictório e depois volta para olhá-los com admiração. Mas a recordação de infância que evoca quase sempre é de uma cena em que, tendo ele ficado no leito até tarde, sua empregada, que arrumava a cama do irmão caçula, lhe diz: “Se você borrar na cama, vou lambuzar você.” E o caçula acrescentou: “Eu vou pintar você com minhas tintas.”

A consistência das tatuagens varia ao sabor dos eventos, e se atenua, já vimos, quando marca a mulher com a caneta Bic. Mas não se pode deixar de reparar seu caráter francamente anal. Quando ele próprio imprime os textos literários que escreve, chama os tipos de “incunábulo”. Ou quando fala de tatuar, trata-se de “inculcar” um desenho embaixo da pele. Os lábios da pele se entreabrem sob o es-  
quilete como um sexo feminino, para deixar passar o pigmento.

### *O amor da mãe*

Tatuando-se, ele se identifica com a mulher, com a sua submissão no ato sexual e finalmente com a mãe de quem ele assim obtém o amor, por estar marcado como os irmãos. Tatuar-se, segundo ele, é aviltar-se para ser amado: “Aviltar-me no amor é submeter-me e tentar reviver... Sou castrado e tenho tatuagens, o que me assimila às mulheres.”

A tatuagem para ele tem a mesma necessidade que qualquer outro objeto no fetichista. É sua necessidade que lhe faz temer a cu-

ra. “Se elimino as tatuagens, tenho medo de não ter mais sexo. Por isso é que procuro um sexo não importa onde, até na máquina fotográfica, por exemplo. Como compreender que o primeiro sexo que eu recuso é o que tenho verdadeiramente? Se me amarro na tatuagem é para procurar o gozo. Ele não é coisa de homem, pois que minha mãe me fez compreender que eu não podia ter gozo com o meu sexo masculino, era proibido.”

De outra feita, ele acrescenta: “A tatuagem significa fazer amor, ter gozo. A mulher tem com ela o que é preciso para fazê-lo, eu não tenho, minha mãe me proibiu.” A marca da mãe é mais importante do que é, mais importante do que o real: “A tatuagem é um símbolo lógico de uma coisa que eu precisava – simbólico da inexistência do sexo da mulher, dirá ele por outro lado – um símbolo histórico de uma coisa já passada. É na aurora de minha vida sexual que se coloca o meu desvio. O operário de meu pai intervém apenas como secundário.”

A marca com a qual ele se enfarpela tem efeito apenas temporário. Fica com nojo dela logo que ejacula; então precisa apagar tudo rapidamente. Também os traços no peito da mulher não são permanentes. Sua função erótica corresponde às oscilações de seu apetite sexual.

Seu caráter temporário tem também como resultado preservá-lo da castração definitiva. “Se eu fosse amputado seria uma transformação irrevogável, eu nunca poderia voltar a ser o que sou. É a mesma impressão que a tatuagem me dá.” E, em outras palavras: “Invento uma forma para poder realizar, sem realizá-la, essa sexualidade.”

É também essa proteção que ele procura na psicanálise: “Entre a verdadeira tatuagem que seria o fracasso da minha vida – eu não poderia fazer análise se fosse tatuado, seria a submissão total à minha mãe – e a imitação de tatuagem que me fazia atingir o orgasmo, e era uma espécie de liberação, há uma diferença fundamental: a tatuagem é, de um lado, a submissão à minha mãe; de outro lado, é a renúncia temporária.” Ele se preserva assim de uma transposição definitiva. Não naufraga na loucura. Tampouco cai na homossexualidade, apesar de uma amizade de quatro anos com um antiquário homossexual, quando era estudante.

### *Reação terapêutica negativa*

Mas também se protege da psicanálise. Revolta-se contra toda intervenção de minha parte, se bem que fique em Paris por minha causa. Também teme ficar marcado por mim, e entretanto vai conhecer um bastante longo período de acalmia, durante o qual sua sexualidade volta ao normal, com outra mulher que não a sua. Não precisa tatuá-la para fazer amor. Essa mulher se amarra nele e gostaria de casar com ele. Então ele rompe e se encontra de novo sozinho no arrabalde distante onde foi se entocar depois do fracasso de seu casamento. Continua portanto a recusar toda saída feliz para seu tratamento, e nesse sentido essa aventura é apenas um *acting out* de seu tratamento.

Sua mulher finalmente partiu com seu antigo amante: um homem que ela encontrara em Paris enquanto o paciente fazia o serviço militar. Sua ligação à sua família era tanta que ele preferia passar as licenças na cidade vizinha, onde residiam os seus, a ir para junto da mulher.

Ainda não falei do pai. Ele descreve de maneira grotesca as relações dele com a mãe, mas ele é entretanto personagem importante nem que fosse só pela identificação do paciente: “Minha mãe ficava por baixo, ar pouco contente, e meu pai se esforçava por cima. Eu o julgava pouco forte sexualmente, certamente porque estou nesse caso, talvez também devido às detestáveis alusões de minha mãe. Era um goza-pouco.”

Sem dúvida alguma ele me põe no mesmo plano que ele quando me denigre: “O senhor certamente não é o analista que eu precisava, sua voz, seu físico...” Ele me desafia de poder fazer seja o que for para ele. E fico impotente diante de sua reação terapêutica negativa, reação que mantém senão seu conforto pelo menos sua segurança.

Seu caso não cessa de me encucar desde que ele me deixou, há mais de dez anos. O acaso fez que seu irmão caçula viesse me consultar também, por impotência sexual. Não ousei insistir para ter notícias do outro. Só sei que está vivo. A impotência parece ser o caso dos homens dessa família. Não foi suficiente a esse irmão estar marcado no braço para escapar dos problemas sexuais de seu irmão segundo.

Que teria sido necessário para ter bom êxito? Restaurar sem contestação o lugar do pai, isto é, que eu me tornasse na análise a mãe autenticando o Nome-do-Pai. Mas isso é apenas suposição de

escola, pois o paciente preferia gozar da castração da mulher, graças à tatuagem-fetichê, a afrontar a angústia da castração masculina.

A prática da tatuagem era um verdadeiro rito para evitar o confronto com a angústia. Rito esconjuratório que lembra muito os ritos da neurose obsessiva, da qual se aproxima o fetichismo, como se sabe.

Em seu texto de 1956 sobre o fetichismo, Lacan e Granoff insistem no caráter artificial do fetichê e no malogro do Édipo. A imagem que nessa observação simboliza a castração feminina em nada se aparenta a um descanso natural (pé, perna, roupa) no caminho do sexo da mãe. Ela é sem dúvida artificial: é uma palavra que garante a escrita que a transcreve, e que transforma essa escrita em símbolo erótico.

Quanto ao malogro do Édipo, é do tipo encontrado no malogro homossexual. Os pais conservaram toda a sua importância e a triangulação edípica se faz, exceto que é na palavra prevalente da mãe, e não na do pai, que vai se fundamentar a segurança do sujeito. Todas as condições estavam reunidas, para fazer desse paciente um homossexual. Mas o fetichismo interveio para impedir essa evolução e esconjurá-la.

### *A palavra e a escrita*

Resta que este caso nos interroga sobre as relações da palavra e da escrita. A escrita dá à palavra sua transcrição simbólica. Mas essa transcrição toma no paciente outro rosto, faz dele um símbolo erótico. É a originalidade desta história.

Não se deve confundir porém os traços de tatuagem-fetichê tendo valor pessoal com os sinais da escrita que têm valor universal. O paciente faz unicamente uso da escrita para dobrá-la por decreto para seus fins particulares. É bem nisso que sua escrita permanece fetichista.

PAUL LEMOINE

## UM OLHO MUITO PARTICULAR

*Roberto Harari*

Este resumo tem como centro a passagem ao ato de um perverso, Carlos, cuja análise eu controlava havia um ano, até a sua súbita parada, faz alguns meses.

Ele foi enviado em análise em 1976, por iniciativa da mãe, devido a um problema diagnosticado pelo neurologista como “arritmia com incidências psicológicas”. Uma indicação de psicanálise fora formulada, com, ao mesmo tempo, medicação “específica”. O paciente contava então dezenove anos, e a mãe imaginava, entre outras coisas, a idéia de que o filho era homossexual, pois ela o achava “bem afeminado”. Ela se separara do pai de Carlos quando este tinha sete anos, e a família aumentara com dois irmãos menores. A mãe tem incessantes disputas quanto ao montante de pensão mensal a receber do pai para os três filhos. Apesar dessas dificuldades financeiras, ela toma a si o pagamento dos honorários relativos à análise de Carlos.

Seu analista me entrega o caso com explícitos sentimentos de culpabilidade: seu trabalho foi ruim, pois alguns dias antes o analisando conheceu seus primeiros contatos homossexuais. Estes tinham sido precedidos de tentativas heterossexuais, que haviam se malogrado, em geral após ejaculação precoce; por outro lado, durante as sessões, ele era invadido – desde o início – por fortes ondas de angústia, no decurso das quais ele se dizia “frio e assexuado”, alternando com ciclos de masturbação compulsiva, peniana e anal. Enfiava no ânus, com precauções extremas, pentes, escovas de dente; durante essas operações, ele era presa de uma ordem que lhe dizia “você tem de ser pederasta”. Ele se recordava de um avô paralítico, deslocando-se em cadeira de rodas, que o masturbara, quando era pequeno. Nos acessos de angústia apareciam também idéias de suicídio, a propósito das quais ele dizia não ter coragem bastante para pôr fim a seus dias.

Entre os diferentes sonhos que mais marcaram seu analista, um deles se destaca, no qual Carlos se imaginava possuído por um homem importante; por exemplo, ele era o filho preferido de um xeque, e estando deitado no chão, um escravo ungia seu corpo com óleos, em seguida o sodomizava, estripava e mordida.

Por vezes, em atmosfera de exaltação ele conta que, dada sua inteligência, sabe que vai acabar sendo ministro da Economia ou presidente da República, e critica seu analista porque é um burguês, contrariamente a ele, que é “materialista”. Sendo de alto nível intelectual, ele de fato se preocupa com problemas sociais; assim, empreende estudos de história na Universidade, assinalando-se como elemento inquieto, aplicado e dotado de excelentes aptidões. Carlos censura o pai por não ser capaz de “tirar da terra nenhum rendimento”, malgrado sua cultura.

Seu analista relata que a consumação do ato homossexual foi um golpe para ele, pois havia nutrido a esperança de que seu analisando se situaria do lado da virilidade; ao mesmo tempo, sua auto-crítica sublinhava a eventualidade de ter ele podido “precipitar” seu paciente na homossexualidade. Em suma, queria saber como ele tinha trabalhado. Desejo de saber causado pelo grande saber sobre o desejo que Carlos começava a demonstrar-lhe em atos; ele pôs a nu o desejo de um analista testemunha da falência do discurso analítico com a localização do \$ no lugar do agente. Isto é, da passagem ao discurso histórico. Assim se pôde concluir que aquilo de que o analista dava conta era concernente a um despertar: o da objetividade do analisando, através do corte progressivo dos objetos *a* que fizeram recuar seus acessos de angústia. A esse respeito, e em pouco tempo, Carlos começou a entregar-se a uma série de “variações sexuais” – assim as chamava – até chegar àquela que vai nos ocupar: ele fica no chão, sobre o dorso, nu, e pede ao parceiro que defeque sobre seu peito, porque sente imenso prazer em olhar “como o olho se abre e se fecha, dando saída à merda”. Acabada a coisa, permanece alguns minutos em atitude estática; depois, limpa-se com folhas de papel arancadas de algum livro de história (esses livros, afirma, “são merda”). Em outras ocasiões, no decurso das quais ele se entende com o companheiro para realizar uma “variação” do mesmo gênero, este não consegue defecar; isso não perturba Carlos, contanto que ele possa contemplar, de todos os modos, o movimento do ânus abrindo e fechando com o esforço.

A psicanálise circunscreveu já há muito tempo a estreita conexão existente entre pulsão escópica e pulsão oral e mesmo se isso constitui um ponto de partida, não exclui a necessidade de uma descrição geral. Mas como captar a singularidade de Carlos? Um signi-



ficante retornando sistematicamente nas suas proposições parece emergir: *ojete* (vocábulo espanhol), *olhete*, por ânus. Vocábulo tradicional da gíria de Buenos Aires (*lunfardo*), esta palavra, empregada em francês no mesmo sentido, perde a coloração regionalista desde que situada na diacronia da língua espanhola.

Com efeito, o “olhete” típico de Buenos Aires encontra seu título de nobreza no século de ouro hispânico, em uma obra agradável e com um tanto de licenciosa de Francisco de Quevedo, intitulada *Bons e maus fados do buraco do cu*,<sup>1</sup> publicada em 1526, e onde os achados andam de par com as insolências. É aí desenhado em filigrana o conceptismo barroco no qual o autor é mestre consumado, e que consiste em sustentar a aliança recíproca de duas idéias engenhosamente aproximadas e comparadas. Desse jeito, ele estabelece relações prevalecendo-se de antíteses e de trocadilhos, de transições bruscas e contrastes violentos. Outro traço de seu estilo, a concisão: ele pratica um laconismo premeditado que acentua o valor desses contrastes.

Assim, esse pequeno texto joga com a comparação e o contraste entre olho e olhete. Convém refletir se é esse laço inconsciente que gerou toda aquela produção de imagens em torno do terceiro olho. Imagens que, remontando à mais antiga tradição místico-religiosa, encontram uma espécie de efeito de localização em Descartes, quando ele postula que sua mãe é a epífise.<sup>2</sup> Quevedo sustenta que, pelo fato de possuir esse olho único, o ânus é dito vesgo, merecedor por isso dos mais altos louvores visto que ele o aproxima dos ciclopes, descendentes dos deuses da Vista.<sup>3</sup>

Notável captação, que nos fala do plano do olho e do olhar:<sup>4</sup> esse olho tão particular não participa senão da condição de um mundo onividente, ante o qual submete-se o próprio olhar lançado por esse deus invisível – real – cuja captura significativa fica impossível, por ser irredutível. O olhete é um olho que é olhar e não visão; isto é, doravante, uma espécie de alimento para o olho de Carlos. Zona erógena que devido a seu caráter comum de corte favorecido por sua função anatômica de margem, de borda, acaba sendo um objeto *a*, abre-se e fecha-se como uma janela separando a cena e o mundo.

<sup>1</sup> Cf. F. de Quevedo y Villegas, *Heurs et Malheurs du oeil du cul*, in *Oeuvres complètes*, t. 1, Aguilar, Madrid, 1966, pp. 95-100.

<sup>2</sup> J. Lacan, *le Séminaire*, livre X, *l'Angoisse* (1962-1963), inédito.

<sup>3</sup> F. de Quevedo y Villegas, *op. cit.*, p. 95.

<sup>4</sup> J. Lacan, *le Séminaire*, livre XI, *les Quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Paris, Seuil, 1973, pp. 65-74.

Enquanto olhete, ele bate, obediente a um ritmo de vibração palpebral, graças ao qual o olhar como objeto se separa e cai; Carlos ergue uma barreira contra a angústia experimentada quando sobrevém a passagem ao ato de um aparecimento-desaparecimento sincopado do olhar ambiceptor. Tudo isso vai ao encontro da homogeneidade imaginária do espaço sensível na medida em que o olhete de seu amigo é o ponto luminoso que escapa à fascinação dual do *i(a)*.

Além do mais, essa passagem ao ato não cessa de manter um laço estreito com suas masturbações, no decurso das quais ele ouvia a ordem superegógica: “Você tem de ser pederasta”. Do gozo fático, peniano, ao mais-de-gozar<sup>5</sup> fetichizado, inerente à sua higiene quotidiana – escova de dente e pente por ele introduzidos em seu ânus – produz-se a rotação de um eixo em função da demanda feita a seu amigo. Eixo que combina nun plano o que claramente deveria corresponder a dois: o primeiro, vertical, compreende entrada e saída; o segundo, horizontal, abertura e fechamento. Na dimensão própria de um espaço topológico, na masturbação anal, o que entra, abre, e o que sai, fecha; no olhete, o que sai abre, e o que entra – porque não sai – fecha.

E se cássemos na tentação de crer – ainda que de um ponto de vista imaginário – que Carlos emporcalhava de maneira chocante objetos destinados à *toilette*, para se lavar e ficar bem-cheiroso, bastaria, para refutar tal opinião, invocar a observação de Freud segundo a qual “os cuidados corporais de limpeza têm mais a ver com o pecado do que com a virtude”.<sup>6</sup> Doravante fica em articulação com uma classificação virtuosa da limpeza e da sujidade, sob a égide de uma ordem simbólica que entroniza o valor crucial do cfbalo.

Carlos era sempre acossado pela mãe, em particular por uma precoce, insistente e exigente educação esfinteriana. Identificado imaginariamente com a demanda do Outro, arrebatado do cfbalo como era a mãe, ele restitui ao mesmo tempo a função paterna; o analisando, nessa conexão, afirmou que o pai é assinante do fracasso (vive na estrumeira).<sup>7</sup> Espalhando estrume sobre a terra da qual o pai – lembram-se – não sabia tirar nenhum rendimento, ele se oferece lealmente como instrumento de gozo do Outro, num fantasma de fecundação, de revivescimento, no qual ele se identifica com o objeto *a* enquanto se apaga ao máximo a barra do sujeito.

<sup>5</sup> J. Lacan, *le Séminaire*, livre XX, *Encore*, Paris, Seuil, 1975, p. 21.

<sup>6</sup> S. Freud, *Préface à Scatological Rites of All Nations*, de John G. Bourke, in *Analytica*, nº 11, Paris, Navarin Ed., 1978.

<sup>7</sup> Jogo de palavras entre *abono* e *estrume*, em espanhol.

Por outro lado, pode-se sustentar com Freud que “quem não pode mais copular – afirma o povo com esse amor indomável pela verdade que o caracteriza – sempre tem a satisfação de defecar”, concepção que lhe permite mostrar que os sonhos terminados por uma defecação efetiva do sonhador são sonhos de impotência.<sup>8</sup> A esse respeito, Carlos afirma a impotência do pai – e do avô – relativamente ao coito heterossexual, restituindo-lhe entretanto um gozo alternativo; e se considerarmos como Lacan escreve “impotência” no discurso histórico, podemos verificar essa articulação particular ao pai, àquele que – como o avô – “cura” de sua doença, acalma por causa de sua impotência.

Sem dúvida, Carlos pede que “o transformem em merda” – assim como aparece em suas idéias de suicídio – e serve de cortina por procuração aos efeitos da invocação do Nome-do-Pai para respeitar, com uma encenação, a dívida regulada pela Lei. Para isso é necessário que ele se deixe cair – por terra, no chão – mas sem bascular para fora da cena: ele aguarda que um outro *a* caia, sob forma de cíbalo, do olhete. Partindo do óleo líquido que o tornava, no seu sonho, escravo de um escravo – isso implicaria tornar-se ele mestre por tão pouco? – seu corpo agora deseja um objeto *a* “materialista” como sua concepção da História.

O objeto cessível por antonomásia, como diz Lacan do cíbalo,<sup>9</sup> faz as vezes de causa do desejo, interpondo este ao pleno gozo do Outro, de ser gozado pelo outro. Nem de um nem do outro, essa pontual delimitação extraterritorial tenta fazer-se capturar pela cadeia significante no momento em que as letras do livro de História – um livro que é uma merda – entram em contato com o objeto excremental real. Propósito impossível, ainda que a certeza imaginária assimile os significantes do livro ao cíbalo, interpelando-os da mesma maneira.

Carlos cai por terra: acontece que os animais cuja locomoção não é ereta têm o olfato muito desenvolvido, olfato esse desempenhando função adjuvante no acasalamento. Sabendo-se isso, convém recordar como Freud responsabilizava a cultura – o significante – pela perda desse privilégio no *homo sapiens*. Mais ainda, ele observa que, quanto mais seu nariz se eleva acima do solo, tanto mais ele quer atribuir a esse traço um caráter de nobreza, condensado tudo isso numa expressão banal: “Tem um narizinho arrebitado”.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> S. Freud e D. Oppenheim, *les Rêves dans le folklore*, S.E., t. XII, p. 202.

<sup>9</sup> Lacan, *le Séminaire*, livre X, *l'Angoisse*, op. cit.

<sup>10</sup> S. Freud, *Lettre à Flëuss*, n° 75, 14-11-1897, in *la Naissance de la psychanalyse*, Paris, P.U.F., 1973.

Mas o mesmo Freud insiste no fato de não ter sido sempre assim para a criança; é a ação do significante, em suma, que materializa a síncope das narinas, que também se abrem e se fecham, cortando um odor que entra, odor cujo paradigma é nesse ponto o odor dos excrementos afetado de um caráter repugnante. Para Carlos, o odor dos excrementos do amigo não tomaria a forma de um objeto *a*? Será preciso introduzir um *a* apoiado num receptor, nem distante nem próximo, mas a meio caminho entre os dois? E, se fosse assim, não será ele também tão evanescente, ou mais, que o olhar?

A deposição do desejo de Carlos sobre a necessidade excremental do outro, em que a possibilidade de sua ausência representa a segurança de sua presença, revela também que a problemática falo-castração é encenada duas vezes alternadamente sem perspectiva de solução. Se *a* se empenha, destacando-se e caindo, ele reaparece: novo encontro com a perda, e descoberta de um impossível, que seria – segundo suas palavras – “que seu cagalhão fique pendente, como um segundo pênis”. Vã tentativa para impedir a queixa, desejada por ele entretanto, este duplo veículo da imaginarização do falo (–  $\phi$ ) que aparece lá onde falta o *a*.

Desde então, ele evoca a equação freudiana pênis = excrementos. Mas, também, dinheiro. Com efeito, quando Lacan diz que o cíbalo é na origem um objeto de compra,<sup>11</sup> basta, para ter a confirmação, ler Quevedo: “Dói-me a barriga que nos leilões se diga: ‘Ninguém empurra?’ (Ninguém faz um lance? Quem dá mais?) porque não sei se nos convidam a cagar (mais exatamente a fazer força para empurrar) ou a comprar; donde, é evidente que (o buraco do cu) possui grandes preeminências quando se aplicam as palavras que concernem a outras matérias.”<sup>12</sup> Carlos, com sua sensibilidade ao dom – que é anal –, faz do dinheiro um campo propício a suas reivindicações em favor de uma ordem distributiva assim como de justiça e igualitarismo. Paralelamente a essa “ideologia”, traços de megalomania disfarçados surgem quando ele é capturado pela imagem narcísica *i(a)*, a partir da qual torna-se quase gritante o seu futuro de ministro da Economia ou de Presidente:  $S_1$ , no lugar do agente no discurso do mestre, significando que um pai proprietário de bens imóveis – ministro ou Secretário de Estado de Finanças<sup>13</sup> – não morreu e por conseguinte Carlos não parece poder conceber um usufruto

<sup>11</sup> J. Lacan, *le Séminaire*, livre X, *l'Angoisse*, op. cit.

<sup>12</sup> F. de Quevedo y Villegas, op. cit., p. 97.

<sup>13</sup> Jogo de palavras entre as palavras espanholas *haciendado* (proprietário de terras) e *secretário de Hacienda* (secretário de Estado de Finanças).

da herança, procurando, antes, constituir-se em senhor onipotente, com o caráter discricionário do desejo da mãe onipotente à qual se identifica como regente da lei de regulamentação dos bens. É precisamente num rapto de querelância ante um “injusto” reajustamento de honorários que Carlos bascula fora da cena, numa passagem ao ato, dando por terminada sua análise. Ele sai. Mas isso fazendo, ele abre ou fecha?

ROBERTO HARARI

## O ENIGMA DE "BOWIN"

*Gerardo Maeso*

Esta é a história de um praticante da psicanálise que conduziu durante treze anos numerosos tratamentos sem dar explicações suficientes sobre o lugar que ocupava. Posso dizer, baseado em testemunhos que recolhi por acaso, que ele não fazia muito mal as coisas, e que ninguém nunca colocou sua atividade em questão.

Esse analista tinha sido meu paciente; conhecia bem a obra de Freud e respeitava em sua prática todas as condições que se tem direito de esperar daqueles que interrogam seus atos, quando ocupam o lugar do sujeito suposto saber. Expôs publicamente alguns de seus casos, e fez várias experiências de controle individual e coletivo.

Entretanto, durante anos me interroguei sobre as razões que o impeliam a se manter no campo da prática analítica. Enquanto psicólogo, ele pôde ensinar na Argentina, no quadro da universidade, e foi solicitado diversas vezes no domínio da psicologia dita do trabalho. Além disso, recebeu propostas importantes nos Estados Unidos e no México para efetuar pesquisas em psicologia, numa época em que a emigração de meu país era facilitada, pela demanda no estrangeiro, de um saber qualificado.

D., filho único, empreendeu tratamento quando um fracasso como empregado de escritório fez nascer nele um estado de angústia. O desemprego o colocou na situação de pedir dinheiro ao pai, odiado por ele desde a infância em razão da violência com que ele tratava sua mãe. Ele se preocupava com o progressivo afastamento dos amigos, e sentia dificuldades nos seus estudos de psicologia por falta de concentração intelectual.

Após dois anos de comparecimento regular às sessões, ele acabou dizendo-me, depois de ter sido aprovado num de seus últimos exames, que estava desconcertado, pois, embora continuasse sempre mal, as coisas iam bem para ele. "A análise deve me ajudar, mas à

sua custa, já que o senhor deve suportar meu silêncio.” Três meses depois, no decurso dos quais apenas trocamos palavras de polidez, ele me anuncia que ia abandonar seu tratamento.

### *O cognome*

Três anos depois, ele solicita consulta, pois não sabe se deve ou não aceitar uma posição da psicologia adiantada em uma universidade do México. Ele conta que, depois de abandonar sua análise, foi contratado por uma instituição hospitalar do Sul, onde trabalhou como psicólogo clínico. Ao mesmo tempo, instalado na cidade, recebia pacientes em análise. À minha pergunta sobre os motivos que o levaram a renunciar a essa situação aparentemente confortável, respondeu que, na verdade, tinha voltado para analisar sua sexualidade, pois tinha ouvido pessoas pôr em dúvida seu caráter viril.

No decurso dos três meses que se seguiram a esse encontro, ele contou que em seu tratamento precedente, ele se inquietara por não poder dizer seu cognome, “Bowin”: “Foi meu pai que me deu este cognome. Eu não quis dizer-lhe que ele não era aposentado, mas *bookmaker*. Quando nasci, ele tinha enormes dúvidas de jogo, e alegrou-se pensando em mim como num *bowing* que iria salvá-lo. Minha mãe partilhou essa concepção equívoca de minha pessoa e ela me considerava como um nobre potrinho.”

A partir dessa verdadeira confissão, ele me informou que desde a idade de quinze anos atingia o orgasmo graças a atividades perversas, assustando as moças nas ruas escuras, exibindo seu pênis. Além disso, rondava à tarde perto dos colégios de moças onde ele atraía a atenção das menores para o que ele chamava sua “armação”.

Era também um usuário entusiasta do ônibus nas horas em que a densidade da lotação dissimula o contato entre os corpos. “É preciso saber se colocar de modo a ler o desejo, assim não se comete engano.” Gabava-se de nunca ter tido problemas com as escolhidas por ele, mas tão-somente com as excluídas, que se indignavam ao verem seus manejos. As relações sexuais mencionadas no decurso de seu primeiro tratamento efetuavam-se com prostitutas ou mulheres de má reputação. “Sou talvez simples demais, mas a mulher procura no homem qualquer coisa bem específica, pênis ou dinheiro, por isso ninguém me tapeia com história de amor.” Durante minhas férias, ele desapareceu sem explicações.

Dois anos depois, ele faz uma análise de um ano e meio para tentar livrar-se de sua instabilidade emocional com as mulheres que ele se esforça para amar, pois já começa a se ver sob o aspecto de um solteirão, cujo destino seria tomar conta dos pais idosos e sem recursos. Observando que não obtém da análise forças suficientes para operar o que ele chama de "morte simbólica" dos pais, decide interromper o tratamento. Lembro-lhe que seu projeto de liberação seria irrealizável enquanto deixasse de lado sua sexualidade, motivo de seu retorno a Buenos Aires. Alegando que o número de seus pacientes não lhe permitia viver na opulência, partiu de novo para o Sul.

No fim de 1980, ele pede para prosseguir a análise como o fazem os provincianos (pois residia a 1.400 quilômetros de Buenos Aires), por se sentir angustiado e indignado diante de alguns de seus pacientes que interpretam suas maneiras, e seu jeito de penteado, como coisa de homossexual. Insiste em ter minha opinião, digo-lhe então que sua atividade de analista não lhe permite esconder-se, e que isso complica seu trabalho na medida em que pretende ser modelo para seus pacientes. Certamente aliviado com essa explicação, ele compareceu às sessões durante alguns meses, até o dia em que um acidente o matou.

### *O horror da castração*

Foi surpresa para mim, quando após a primeira interrupção, D. voltou, decidido a analisar sua vida sexual, que ele tinha escondido tão cuidadosamente. Eu me fazia certas perguntas sobre a maneira pela qual ele se tornara psicanalista. De fato, estava habilitado, por sua licença em psicologia, e sem a menor dúvida era um bom conhecedor dos problemas do desejo. Mas, como psicólogo, ele havia abordado outros domínios, e um bom conhecedor nem por isso se converte tão facilmente em analista. O analista deve possuir um saber, submetido à palavra, tal que a existência fique comprometida com isso.

Com efeito, ele tinha calado seu sobrenome que recordava uma certa ocasião – resposta, sem dúvida, ao ato sexual. Ele brincava de psicanalista com seus pacientes que, como as mulheres, se interessavam com a tensão desejante. Também encontrou em Freud um argumento para interpretar a angústia como o sinal prometendo uma nova articulação do desejo. Com seus analisandos, como na sua análise,



ele ocupava o lugar do enigma reservatório de um dizer. Depois da falta onde esbarra, não podendo realizar os desejos do pai em vista de suas dificuldades de empregado e de estudante, percebe que suas aspirações a recuperar não coincidem com o dispositivo analítico.

Parte então para o Sul, a fim de ocupar o lugar do analisando em que, repetido nos seus pacientes, está protegido de seu próprio dizer. Ele se autentifica recusando, por atos, sua inconsistência, e colocando-se no lugar de uma suposta consistência. Ele ocupa muito bem o lugar oracular onde se espera ver todo analista nos primeiros tempos do tratamento. Seu saber daria conta da castração como de um medo passageiro semelhante aos que provocava por seus atos perversos em que tudo se reduz à atitude.

Ser analista era, portanto, ter a possibilidade de suportar o fantasma através da palavra iluminadora.

Seu ser é subitamente questionado quando seus pacientes interrogam seu lugar. Ele se pega no argumento segundo o qual, ao questionarem sua posição viril por lhe acharem jeito de homossexual, o tratam como castrado.

Então, recorre à análise na esperança de acertar pela palavra o desconcerto que a palavra lhe causa. Seu desejo portanto encontra limites imprecisos: por um lado, abandonar-se a seu fantasma, procurar uma solução que o mantenha na posição de um analista que “está na corrida” como seus pais esperavam; por outro lado, operar a destituição subjetiva, caindo como objeto *a*, enquanto abrindo uma hiância no Outro. Ele pode transgredir, mas não suporta as transgressões de seus analisandos que daí tiravam um certo gozo. Não pode admitir que seu lugar seja rejeitado. Assim se situava seu “não quero mais saber de nada” que constituía o limite de suas análises e da sua análise.

Sabemos que a recomendação freudiana de fazer uma análise pessoal não é respeitada por todos os que se autorizam a ser analistas. Entretanto, isso não significa que a concepção laciana de “autorizar-se por si mesmo” dê lugar à anarquia da prática. Lacan formulou o que de fato se passava nos praticantes da análise, mas ele também revelou uma concepção diferente do saber inconsciente ao dizer que aquele que pode articular esse  $S(\mathcal{A})$  não precisa seguir curso nem com os Bem-Necessários nem com as Suficiências para ser digno da Beatitude dos Grandes Ineptos da técnica reinante. Freud concebeu a psicanálise como uma ciência nova, reduzindo assim a psicanálise didática à apreensão de um saber que se torna pesquisa diagnóstica dos candidatos.

A experiência entretida com esse paciente conduziu-me a me interrogar sobre o destino de sua clientela no caso de ele ter podido

liberar o desejo que tinha feito sua análise parar lá onde Freud o indicava: no horror da castração. Sua paixão pela análise o conduziu a fazer sintoma quando a palavra traía o sentido de seu fantasma. Destacar o limite da experiência freudiana é talvez o que Lacan se propôs como tarefa ao fazer de sua obra o testemunho de uma prática.

É por isso que a clínica psicanalítica espera ser interrogada desde o passe.

GERARDO MAESO



Impresso por  
Tavares & Tristão — Gráfica e Editora de Livros Ltda.  
Rua Francisco Manuel, n.º 51 — Rio de Janeiro — RJ

# O Campo Freudiano no Brasil

Colção dirigida por Jacques-Alain e Judith Miller

Jacques Lacan, **O seminário**

**Livro 1:** Os escritos técnicos de Freud

**Livro 2:** O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise

**Livro 3:** As psicoses

**Livro 7:** A ética da psicanálise

**Livro 8:** A transferência

**Livro 11:** Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise

**Livro 17:** O avesso da psicanálise

**Livro 20:** Mais, ainda

Jacques Lacan  
**Os complexos familiares na formação do indivíduo**

Jacques Lacan  
**Televisão**

Jacques Lacan e outros  
**A querela dos diagnósticos**

Jacques-Alain Miller  
**Percurso de Lacan - uma introdução**

Catherine Millot  
**Freud antipedagogo**

Alain Juranville  
**Lacan e a filosofia**

Serge André  
**O que quer uma mulher?**

Stuart Schneiderman  
**Jacques Lacan - a morte de um herói intelectual**

Serge Cottet  
**Freud e o desejo do psicanalista**

IRMA (Fundação Do Campo Freudiano)

**Clínica lacaniana - texto da revista Ornicar?**

Gérard Miller (org.)  
**Lacan**

Paul Bercherie  
**Os fundamentos da clínica**

Roger Wartel e outros  
**Psicossomática e psicanálise**

Patrick Valas  
**Freud e a perversão**

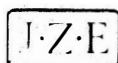
Michel Silvestre  
**Amanhã, a psicanálise**

Judith Miller (org.)  
**A criança no discurso analítico**

Antonio Quinet  
**As 4+1 condições da análise**

Serge Leclair  
**O país do outro**

Dominique e Gérard Miller  
**Psicanálise às 18:15h**



Jorge Zahar Editor